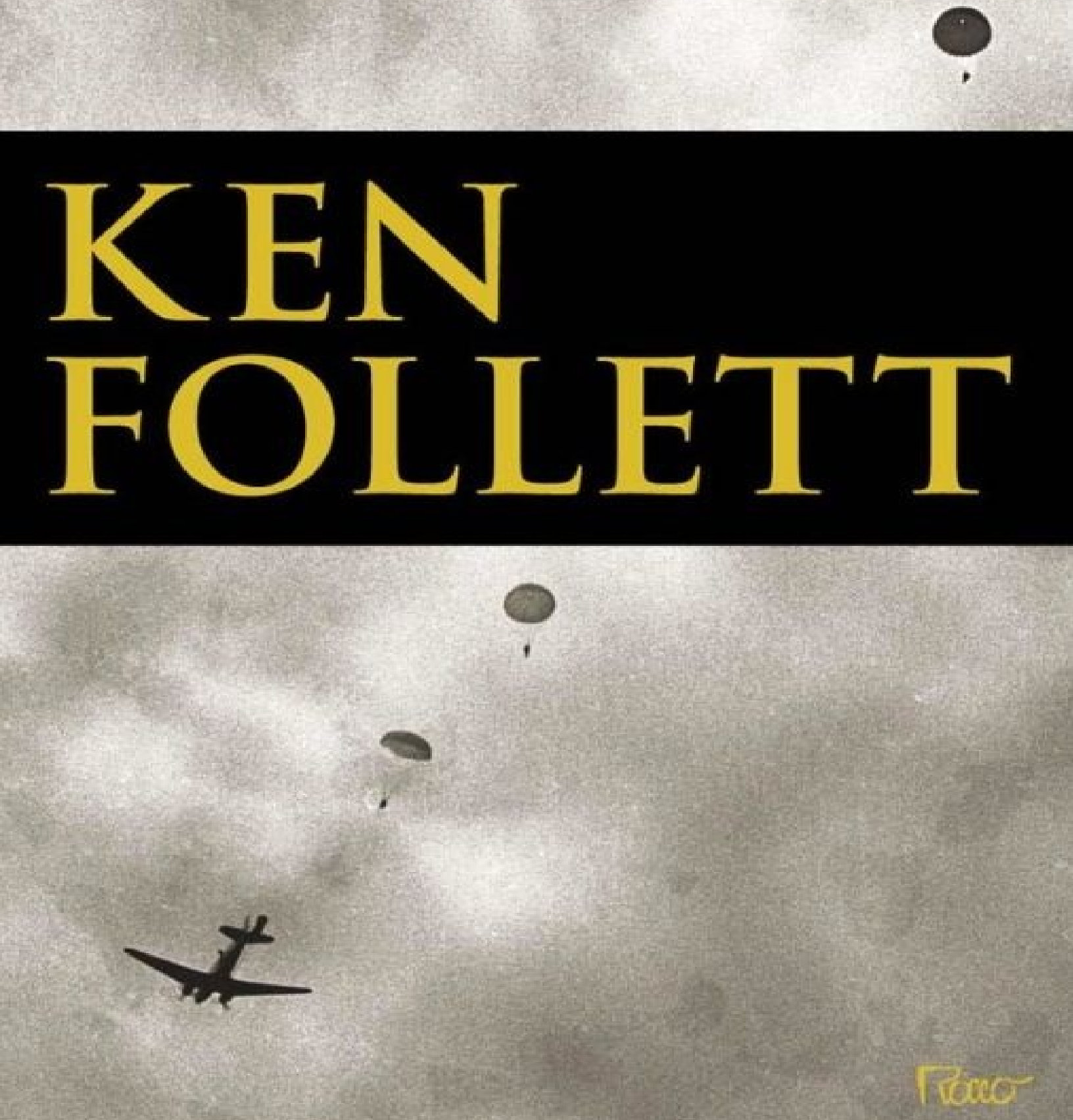
JACKDAWS

AGENTES ESPECIAIS



KEN FOLLETT

KEN FOLLET

JACKDAWS
AGENTES ESPECIAIS

TÍTULO ORIGINAL INGLÊS
JACKDAWS
2001

TRADUÇÃO
AULYDE SOARES RODRIGUES

ROCCO 2002

Exatamente cinquenta mulheres foram mandadas para a França, como agentes secretos, pelo Executivo de Operações Especiais (SOE), durante a Segunda Guerra Mundial. Dessas cinquenta, trinta e seis sobreviveram à guerra. As outras catorze deram suas vidas.

Este livro é dedicado a todas elas.



O PRIMEIRO DIA
Domingo, 28 de maio de 1944

CAPÍTULO I

UM MINUTO ANTES DA EXPLOSÃO, a praça em Santa Cecília estava em paz. A noite chegou quente e uma camada de ar parado cobria a cidade como um cobertor. O sino da igreja tocou preguiçosamente, com pouco entusiasmo, chamando os fiéis. Para Felicity Clairet soava como uma contagem regressiva.

A praça era dominada por um castelo do século XVII. Uma versão bem menor de Versalhes, tinha uma imponente entrada que se projetava para a frente e alas dos dois lados que viravam para trás em ângulo reto. Havia um subsolo e dois andares principais, encimados pelo telhado alto com sótãos arqueados.

Felicity, sempre chamada Flick, amava a França. Gostava dos prédios graciosos, da temperatura amena, dos almoços demorados, do povo culto. Gostava da pintura francesa, da literatura e das roupas elegantes. Os visitantes geralmente achavam o povo francês pouco amistoso, mas Flick falava o francês desde os seis anos de idade e ninguém podia dizer que ela era estrangeira.

Sentia-se revoltada por ver que o povo francês que ela amava não existia mais, Não havia comida suficiente para os almoços demorados, todos os quadros tinham sido roubados pelos nazistas e só as prostitutas tinham boas roupas. Como a maioria das mulheres, Flick vestia roupas disformes de cores neutras, há muito tempo desbotadas.

Seu desejo mais ardente era que a França verdadeira voltasse. Voltaria em breve, se ela e pessoas iguais a ela fizessem o que deviam fazer.

Ela podia não viver para ver a mudança – na verdade, podia não sobreviver nos próximos minutos. Flick não era fatalista, queria viver. Tinha uma centena de planos para depois da guerra. Terminar o doutorado, ter um filho, ver Nova York, ter um carro esporte, tomar champanhe na praia, em Cannes. Mas se estivesse para morrer, ficaria satisfeita por passar seus últimos momentos numa praça ensolarada, olhando para a bela casa antiga, com os sons harmoniosos da

língua francesa nos ouvidos.

O castelo fora construído para residência da aristocracia local, mas o último conde de Santa Cecília perdera a cabeça na guilhotina, em 1793. Os jardins ornamentais há muito tempo tinham se transformado em parreirais, pois ali era a terra do vinho, o coração do distrito de Champanhe. Os prédios abrigavam agora uma importante central telefônica, e o local foi escolhido porque o ministro do governo responsável tinha nascido em Santa Cecília.

Quando os alemães chegaram, aumentaram a central instalando conexões entre o sistema francês e o novo sistema de cabo de comunicação com a Alemanha. Instalaram também um quartel regional da Gestapo no prédio, com escritórios nos andares superiores e celas no subsolo.

Quatro semanas atrás, o castelo fora bombardeado pelos aliados. Um bombardeio tão preciso era uma novidade. Os pesados Lancasters de quatro motores e as Fortalezas Voadoras, que roncavam sobre a Europa todas as noites, não tinham tanta precisão – às vezes erravam uma cidade inteira, mas a última geração de caças-bombardeiros, os Lightnings e os Thunderbolts, podia chegar sorrateiramente durante o dia e acertar um alvo pequeno, uma ponte ou uma estação ferroviária. Grande parte da ala oeste do castelo era agora uma pilha de escombros de tijolos vermelhos do século XVII e de pedras brancas quadradas.

Mas o ataque aéreo falhou. Os reparos foram feitos rapidamente e o serviço telefônico só foi interrompido durante o tempo necessário para que os alemães instalassem novos painéis de controle. Todo o equipamento telefônico automático e os amplificadores vitais para as linhas de longa distância ficavam no subsolo, e não foram seriamente danificados.

Por isso Flick estava ali.

O castelo ficava no lado norte da praça, circundado por um muro alto de pilares de pedras e grades de ferro, guardado por sentinelas uniformizadas. A leste ficava a pequena igreja medieval, as portas antigas de madeira completamente abertas para o ar de verão e a chegada dos fiéis.

Na frente da igreja, no lado oeste da praça, ficava a prefeitura, ocupada por um prefeito ultraconservador, que pouco discordava dos dirigentes da ocupação nazista.

No lado sul ficava uma fileira de lojas e um bar chamado Café dos Esportes. Flick, sentada no lado de fora do bar, esperava que o sino da igreja parasse de tocar.

Na mesa à sua frente estava um copo de vinho branco, fino e suave. Flick não tinha tomado nem um gole.

Ela era uma oficial britânica com patente de major. Oficialmente, pertencia ao Primeiro Serviço de Enfermagem, a instituição só de mulheres chamada FANY (First Aid Nursing Yeomanry). Mas era um disfarce. Na verdade, Flick trabalhava para uma organização secreta, Executivo de Operações Especiais (SOE – Special Operations Executive), responsável pela sabotagem atrás das linhas inimigas. com vinte e oito anos, era um dos agentes mais graduados da organização. Essa não era a primeira vez que se sentia perto da morte. Aprendera a viver com a ameaça e a controlar o medo, mas assim mesmo sentiu a mão gelada no coração quando olhou para os capacetes de aço e os rifles potentes dos guardas do castelo.

Há três anos, sua maior ambição era ser professora de literatura francesa numa universidade britânica, ensinando aos alunos o vigor de Hugo, o senso de humor de Flaubert, a paixão de Zola. Trabalhava no Ministério da Guerra, traduzindo documentos em francês, quando foi chamada para uma entrevista misteriosa num quarto de hotel e indagada sobre estar disposta a fazer algo perigoso.

Flick disse sim sem pensar muito. Estavam em guerra e seus conhecidos de Oxford arriscavam a vida todos os dias, portanto, por que ela não podia fazer o mesmo? Dois dias depois do Natal de 1941, ela começou o treinamento no SOE (Executivo de Operações Especiais).

Seis meses depois, era mensageira, levando mensagens do SOE, na rua Baker, 64, em Londres, para os grupos de Resistência na França ocupada, nos dias quando os telégrafos sem fio eram escassos e operadores treinados mais escassos ainda. Ela saltava de paraquedas, movimentava-se com identidade falsa, entrava em contato com a Resistência, entregava ao dirigente as ordens e anotava as respostas, queixas e pedidos de armas e munição. Para a viagem de volta, era apanhada por um avião, Westlander Lysander, geralmente de três lugares, de tamanho apropriado para pousar em seiscentos metros de relva.

Do trabalho de mensageira foi promovida à organização de sabotagem. A maioria dos agentes do SOE era de oficiais; teoricamente, sendo que seus "homens" eram da Resistência local. Na prática, a Resistência não era subordinada à disciplina militar, e um agente para conseguir sua cooperação devia ser decidido, conhecer o trabalho e ter autoridade.

O trabalho era perigoso. Seis homens e três mulheres tinham terminado o curso de treinamento com Flick, e ela era a única ainda em operação dois meses depois. Dois estavam mortos, um pela Milícia, a odiada polícia de segurança francesa, e o segundo, quando seu paraquedas não abriu. Os outros seis foram

capturados, interrogados e torturados, e desapareceram nos campos de prisioneiros da Alemanha. Flick sobreviveu porque era impiedosa, tinha reações rápidas e seu cuidado com segurança chegava às raias da paranoia.

Ao seu lado estava o marido, Michel, líder do circuito da Resistência, de codinome Bollinger, baseado na cidade da catedral de Reims, a dezesseis quilômetros de onde estavam. Embora prestes a arriscar a vida, Michel estava recostado na cadeira, o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, segurando um copo alto de cerveja pálida e aguada do tempo de guerra. Seu sorriso descuidado conquistara o coração de Flick, quando ela estudava ainda na Sorbonne, escrevendo uma tese sobre a ética de Molière, que abandonou no começo da guerra. Ele era um jovem professor de filosofia, despenteado, com uma legião de alunas que o adoravam.

Era ainda o homem mais sexy que ela conhecia. Michel era alto, e usava com elegância descuidada ternos amarrotados e camisas azuis desbotadas. O cabelo estava sempre um pouco comprido demais. Tinha uma voz de "vamos para a cama" e olhos azuis intensos que faziam qualquer mulher se sentir a única mulher do mundo.

Essa missão deu a Flick a oportunidade bem-vinda de passar alguns dias com o marido. Mas não foram momentos felizes. Não tinham brigado, exatamente, mas a afeição de Michel parecia amortecida, como se ele se esforçasse para demonstrá-la. Flick ficou magoada. Seu instinto dizia que ele estava interessado em outra pessoa. Michel tinha trinta e cinco anos, e seu encanto natural ainda funcionava com as jovens. Não ajudava o fato de passarem mais tempo separados que juntos, desde o casamento, por causa da guerra. E havia muitas mulheres francesas disponíveis, ela pensou amargamente, na Resistência e fora dela.

Flick ainda o amava. Não do mesmo modo. Não o adorava como na lua de mel, não desejava mais devotar a vida em fazê-lo feliz. O orvalho matinal do amor romântico tinha desaparecido, e à luz clara da vida de casado ela via que Michel era vaidoso, egocêntrico e não confiável. Mas quando ele resolvia focalizar toda a sua atenção nela ainda a fazia se sentir única, bela e querida.

O charme de Michel funcionava com homens também, e ele era um grande líder, corajoso e carismático. Ele e Flick tinham feito juntos o plano de batalha. Atacariam o castelo em dois lugares, dividindo os defensores, depois se reagrupariam dentro, para formar uma força única, penetrar no subsolo, encontrar e explodir a sala do equipamento principal.

Tinham uma planta do andar térreo do prédio fornecida por Antoinette

Dupert, supervisora do grupo de mulheres locais que limpavam o castelo todas as manhãs. Ela era também tia de Michel. As faxineiras começavam a trabalhar às sete horas, a hora das vésperas, e Flick via algumas delas agora, apresentando os passes especiais ao guarda no portão de ferro batido. O desenho de Antoinette mostrava a entrada, mas nenhum outro detalhe, porque era uma área restrita, aberta somente aos alemães, e eram os soldados que faziam a limpeza.

O plano de Michel baseava-se nos relatórios do MI6, o serviço de inteligência britânico, segundo o qual o castelo era guardado por um destacamento de Waffen SS que funcionava em três turnos, cada um com doze homens. O pessoal da Gestapo no prédio não era de combatentes, e a maioria nem portava armas. O circuito Bollinger conseguiu reunir quinze combatentes para o ataque e estavam todos agora posicionados entre os fiéis da igreja ou como pessoas que passeavam na praça com as armas escondidas debaixo da roupa ou nas mochilas. Se o MI6 estava certo, a Resistência teria um número maior de atacantes que os guardas do castelo.

Mas algo preocupava Flick e ela sentia o coração pesado. Quando contou para Antoinette a estimativa do MI6, Antoinette franziu a testa e disse: "Para mim parece que eles têm mais gente que isso." Antoinette não era tola – fora secretária de Joseph Laperrière, chefe de uma casa de champanhe, até a ocupação reduzir seus lucros e sua mulher passar a ser a secretária – e talvez estivesse certa.

Michel não conseguiu resolver a contradição entre a estimativa do MI6 e a suposição de Antoinette. Morava em Reims, e nem ele nem ninguém do seu grupo conheciam bem Santa Cecília. Não tiveram tempo para maior reconhecimento. Se os alemães fossem em maior número que os membros da Resistência, Flick pensou com medo, certamente eles não dominariam a disciplina dos soldados alemães.

Ela olhou para a praça, procurando as pessoas que conhecia, que pareciam passear inocentemente, mas que na verdade esperavam para matar ou serem mortas. Do lado de fora da loja de artigos masculinos, estava Geneviève, uma jovem alta de vinte anos com uma Sten debaixo do casaco leve de verão. A Sten era a metralhadora preferida pela Resistência, porque podia ser desmontada e levada numa pequena bolsa. Geneviève podia muito bem ser a jovem pela qual Michel estava interessado, mas mesmo assim Flick sentiu um arrepio de horror à ideia de que ela podia ser exterminada em poucos segundos, num tiroteio. Atravessando a praça calçada com lajes de pedra, caminhando para a igreja, estava Bertrand, mais jovem ainda, com dezessete anos, um garoto louro com

rosto intenso e um Colt automático calibre .45, dentro de um jornal dobrado debaixo do braço. Os aliados tinham enviado milhares de Colts por paraquedas. No começo, Flick proibiu Bertrand de fazer parte da equipe por causa da idade, mas ele implorou para ser incluído, e ela ia precisar de cada homem disponível, por isso acabou permitindo. Esperava que sua ousadia juvenil pudesse sobreviver quando começassem os tiros. Parado na frente da igreja, aparentemente acabando o cigarro antes de entrar, estava Albert. Sua mulher acabava de dar à luz uma menina, seu terceiro filho, naquela manhã. Albert tinha um motivo extra para ficar vivo. Ele carregava uma bolsa de pano que parecia cheia de batatas, mas eram granadas N° 36 Mark I Mills.

A cena na praça parecia normal, a não ser por um elemento. Ao lado da igreja estava estacionado um enorme e potente carro esporte. Era um Hispano-Suiza, fabricado na França, tipo 68-bis, com motor aéreo V12, um dos carros mais velozes do mundo. Tinha um radiador alto e arrogante, encimado pelo mascote da cegonha em voo, e era pintado de azul-celeste.

O carro tinha chegado há uma hora. O motorista, um belo homem de uns quarenta anos, vestia um terno elegante civil, mas tinha de ser um oficial alemão – ninguém mais podia ter a coragem de exibir um carro daqueles com tanta ostentação. Sua companheira, uma belíssima ruiva alta, com um vestido de seda verde e sapatos de camurça de saltos altos, era muito chique para não ser francesa. O homem tinha instalado uma câmera num tripé e tirava fotos do castelo. A mulher tinha um olhar desafiador, como se soubesse que o povo malvestido a caminho da igreja, que olhava acusadoramente para ela, mentalmente a chamava de prostituta.

Alguns minutos antes, o homem tinha assustado Flick, pedindo a ela para tirar uma foto ao lado da mulher, na frente do castelo. Ele falou cortesmente, com um sorriso encantador e só um leve traço de sotaque alemão. A distração no momento crucial era absolutamente inoportuna, mas Flick achou que podia criar problemas se recusasse o pedido, especialmente porque estava se fazendo passar por residente local, sem nada melhor para fazer que sentar à mesa na calçada de um café. Por isso, ela respondeu como a maioria dos franceses responderia naquela circunstância. com um ar de fria indiferença, atendeu o pedido do alemão.

Foi um momento grotesco e assustador. A agente secreta britânica de pé atrás da câmera, o oficial alemão e sua rameira sorrindo para ela e o sino da igreja badalando os segundos antes da explosão. Então o oficial agradeceu e ofereceu um drinque. Ela recusou com firmeza. Nenhuma mulher francesa podia

beber com um alemão, a não ser que estivesse preparada para ser chamada de prostituta. Ele balançou a cabeça compreendendo, e ela voltou para o marido.

O oficial, evidentemente de folga, não parecia estar armado, portanto não constituía nenhum perigo, mas mesmo assim preocupava Flick. Ela pensou nessa preocupação nos últimos poucos segundos de calma e, finalmente, concluiu que o oficial na verdade não acreditava que ela fosse uma turista. Havia nele uma insinuação de alerta e de vigilância que não combinava com alguém se deliciando com a beleza da antiga arquitetura. A mulher podia ser exatamente o que parecia, mas ele era alguma coisa mais.

Antes que Flick pudesse descobrir o que era, o sino parou de tocar.

Michel esvaziou o copo, passou as costas da mão nos lábios. Flick e Michel se levantaram. Tentando olhar casualmente, se dirigiram para a entrada do café e pararam na porta, discretamente se protegendo.

CAPÍTULO 2

DIETER FRANCK NOTOU A JOVEM À MESA do café assim que entrou na praça. Ele sempre notava mulheres bonitas. Essa parecia um pequeno pacote de sex appeal. Tinha cabelos louro-claros e olhos verdes, e provavelmente sangue alemão – era comum ali no Nordeste da França, tão perto da fronteira. O corpo pequeno e esbelto estava coberto por um vestido que parecia um saco, mas ela acrescentara uma echarpe barata de algodão amarelo vivo, com a ousadia que para ele pareceu deliciosamente francesa.

Quando falou com ela, ele observou a reação inicial de medo, comum a qualquer francês ao ser abordado por um dos alemães do contingente de ocupação, mas então, imediatamente, viu no rosto bonito um ar de desafio mal disfarçado que despertou seu interesse.

Ela estava com um homem atraente não muito interessado nela – provavelmente o marido. Dieter pediu para Flick tirar a foto só porque queria falar com ela. Ele era casado e tinha dois belos filhos em Colônia, e partilhava o apartamento em Paris com Stephanie, mas isso não impedia que procurasse outra namorada. Mulheres bonitas eram como os maravilhosos quadros dos impressionistas franceses que ele colecionava: ter um não impedia que quisesse ter outro.

As mulheres francesas eram as mais bonitas do mundo. Mas tudo na

França era bonito: as pontes, as avenidas, os móveis, até a louça. Dieter amava as casas noturnas francesas, champanhe, patê de fígado e pãezinhos quentes. Gostava de comprar camisas e gravatas no Charvet, o lendário chemisier, na frente do hotel Ritz. Ele podia viver em Paris feliz e para sempre.

Não sabia onde tinha adquirido esse gosto. Seu pai era professor de música – a única arte na qual os alemães, não os franceses, eram os mestres absolutos. Mas para Dieter a aridez da vida acadêmica do pai parecia insuportavelmente tediosa, e ele horrorizou os pais, tornando-se policial, um dos primeiros universitários formados a seguir essa profissão na Alemanha. Em 1939, ele era o chefe do departamento de inteligência da polícia de Colônia. Em maio de 1940, quando os tanques blindados do general Heinz Guderian atravessaram o rio Meuse, em Sedan, e marcharam triunfantes pela França, para o canal da Mancha, em uma semana apenas, Dieter impulsivamente se candidatou a um posto no Exército.

Por causa da sua experiência de policial, recebeu imediatamente um posto na inteligência. Falava francês fluentemente, e inglês adequadamente, por isso foi encarregado de interrogar prisioneiros capturados. Dieter tinha talento para o trabalho e era com profunda satisfação que conseguia informações que podiam ajudar seu lado a vencer batalhas. No Norte da África, seus resultados foram notados pelo próprio Rommel.

Dieter estava sempre disposto a usar a tortura quando necessário, mas gostava de persuadir os prisioneiros com sutileza. Foi assim que conseguiu Stephanie. Elegante, sensual e astuta, ela era dona de uma loja de chapéus femininos, extremamente chiques e obscenamente caros, em Paris. Mas tinha uma avó judia. Perdeu a loja, passou seis meses numa prisão francesa, e estava a caminho de um campo de concentração alemão quando Dieter a salvou.

Ele podia ter tomado Stephanie à força. Certamente era o que ela esperava. Ninguém protestaria, muito menos o puniria por isso. Mas Dieter a alimentou, deu a ela roupas novas, a instalou no quarto vago do seu apartamento, e a tratou com afeição e gentileza até uma noite, depois de um jantar de *foie de veau* e uma garrafa de La Tache, quando a seduziu deliciosamente no sofá, na frente do fogo de carvão na lareira.

Mas, atualmente, ela era parte da sua camuflagem. Ele trabalhava outra vez com Rommel. O marechal de campo Erwin Rommel, a "Raposa do Deserto", era agora comandante do Grupo B do Exército, que defendia o Norte da França. A inteligência alemã esperava uma invasão aliada naquele verão.

Rommel não tinha homens suficientes para guardar as centenas de

quilômetros vulneráveis da costa, por isso adotou uma estratégia ousada de resposta flexível: seus batalhões ficavam a quilômetros da costa, prontos para se movimentar rapidamente quando fosse preciso.

Os britânicos sabiam disso – eles também tinham sua inteligência. O plano deles era retardar a reação de Rommel, destruindo seus meios de comunicação. Noite e dia, bombardeiros britânicos e americanos atacavam estradas e vias férreas, pontes e túneis, estações e pátios de manobras. E a Resistência explodia estações de força e fábricas, descarrilava trens, cortava fios telefônicos e mandava meninas adolescentes pôr areia nos reservatórios de óleo de caminhões e tanques.

A tarefa de Dieter era identificar alvos importantes de comunicação e avaliar a capacidade da Resistência de atacá-los. Nos últimos meses ele tinha percorrido todo o Norte da França, esbravejando contra sentinelas adormecidas e fazendo morrer de medo os capitães preguiçosos, reforçando a segurança nos sinaleiros das ferrovias, nas garagens de trens, parques de veículos e torres de controle aéreo. Hoje ele ia visitar uma central telefônica de enorme importância estratégica. Por esse prédio passava todo o tráfego telefônico do Alto Comando de Berlim para as forças alemãs do Norte da França. Isso incluía mensagens enviadas por telégrafo, o meio pelo qual as ordens eram enviadas. Se o centro telefônico fosse destruído, as comunicações alemãs seriam seriamente prejudicadas.

Os aliados evidentemente sabiam disso e tinham tentado bombardear o lugar com sucesso limitado. O castelo era o perfeito candidato para um ataque da Resistência.

Contudo, a segurança era incrivelmente fraca, segundo os padrões de Dieter. Isso era provavelmente devido à influência da Gestapo, que tinha um posto no mesmo prédio.

A Geheime Staatspolizei era o serviço de segurança, e os homens eram sempre promovidos por lealdade a Hitler e lealdade ao fascismo, mais que por inteligência ou capacidade. Dieter estava na praça há meia hora, tirando fotos, sua ira crescendo ao ver que os homens da guarda o ignoravam.

Porém, quando o sino da igreja parou de tocar, um oficial da Gestapo com uniforme de major saiu dos portões altos do castelo e caminhou diretamente para Dieter.

Em francês mal falado ele gritou: – Dê-me essa câmera! Dieter deu as costas a ele, fingindo não ter ouvido.

– É proibido tirar fotografias do castelo, imbecil! – o homem gritou: –

Não vê que é uma instalação militar? Dieter virou para ele e disse com voz calma, em alemão: – Você levou um bocado de tempo para me ver.

O homem se assustou. Pessoas em trajes civis geralmente tinham medo da Gestapo.

– Do que está falando? – ele disse, menos agressivo. Dieter consultou o relógio.

– Estou aqui há trinta e dois minutos. Podia ter tirado dezenas de fotos e ido embora há muito tempo. Você é o encarregado da segurança? – Quem é você? – Major Dieter Franck, do Estado-Maior do marechal de campo Rommel.

– Franck! – o homem disse. – Lembro de você. Dieter olhou furioso para ele. – Meu Deus – ele disse, reconhecendo o homem. – Willi Weber.

– Sturmbannfuhrer Weber, às suas ordens. – Como muitos homens do escalão superior da Gestapo, ele tinha o posto de SS que considerava mais prestigioso que o posto de policial comum.

– Ora, veja só – Dieter disse. – Não é de admirar que a segurança fosse falha.

Weber e Dieter tinham sido jovens policiais juntos em Colônia, nos anos 20. Dieter era um oficial bem-sucedido, Weber, um fracasso. Weber se ressentia do sucesso de Dieter, atribuindo-o ao fato de ter uma família privilegiada. (A família de Dieter não era tão privilegiada assim, mas para Weber, filho de um estivador, parecia.) No fim, Weber fora despedido. Dieter começou a lembrar dos detalhes. Houve um acidente grave na estrada, uma multidão se formou. Weber entrou em pânico e disparou sua arma, matando um dos curiosos. Há quinze anos Dieter não via Weber, mas podia adivinhar o curso da carreira dele. Entrou para o partido nazista como organizador voluntário, inscreveu-se para um trabalho na Gestapo citando seu treinamento policial e subiu rapidamente naquela comunidade de medíocres descontentes.

– O que está fazendo aqui? – Weber perguntou.

– Verificando sua segurança, ordens do marechal de campo. Weber ficou irritado.

– Nossa segurança é boa.

– Boa para uma fábrica de salsichas. Olhe em volta. Dieter sacudiu a mão, indicando a praça. – E se essa gente fosse da Resistência? Podiam dominar seus guardas em poucos segundos. – Apontou para uma mulher alta com um casaco leve de verão sobre o vestido. – E se ela tivesse uma arma debaixo do casaco? E se...

Ele parou.

Percebeu que não se tratava apenas de uma fantasia para ilustrar sua opinião. Seu inconsciente viu as pessoas na praça dispostas em formação de batalha. A loura pequenina e o marido tinham se refugiado no bar. Os dois homens na porta da igreja esconderam-se atrás das colunas. A jovem alta com o casaco de verão, que olhava a vitrine um momento antes, estava agora de pé atrás do carro de Dieter. Quando Dieter olhou para ela, o casaco se abriu e atônito ele viu que sua imaginação fora profética. Debaixo do casaco estava uma metralhadora portátil desmontável, exatamente do tipo fornecido pela Resistência.

– Meu Deus! – ele disse.

Levou a mão ao paletó e lembrou que estava desarmado.

Onde estava Stephanie? Olhou em volta, chocado por um momento, quase em pânico, mas ela estava de pé atrás dele, esperando pacientemente que terminasse a conversa com Weber.

– Para o chão! – ele gritou. Então ouviram a explosão.

CAPÍTULO 3

FLICK ESTAVA NA porta do Café dos Esportes, atrás de Michel, na ponta dos pés, tentando ver por cima do ombro dele. Estava alerta, o coração disparado, os músculos tensos para a ação, mas no cérebro o sangue fluía como água gelada, e ela olhava e calculava friamente.

Havia oito guardas à vista: dois no portão, verificando os passes, dois dentro do portão, dois patrulhando o terreno atrás da grade de ferro e dois no topo da pequena escada que levava à entrada do castelo. Mas a força principal de Michel ia passar pelo portão.

O longo lado norte da igreja fazia parte do muro que circundava o castelo. O transepto ao norte projetava-se um pouco para dentro do estacionamento, que antes era parte do jardim ornamental. No tempo do ancien régime, o conde tinha uma entrada particular para a igreja, uma pequena porta na parede do transepto. A porta fora fechada com tábuas e estuque havia mais de cem anos, e continuava assim.

Há uma hora, um pedreiro aposentado, chamado Gaston, havia posto cuidadosamente meio quilo de explosivo plástico junto à porta fechada. Inseriu detonadores, ligou-os para que explodissem ao mesmo tempo e acrescentou um

fusível aceso por meio de um embolo manual. Então jogou cinza do fogo da sua cozinha em cima de tudo e levou um velho banco de madeira para a frente da porta, a fim de esconder melhor. Satisfeito com seu trabalho, ele ajoelhou para rezar.

Quando o sino da igreja parou de tocar há alguns segundos, Gaston levantou do banco da igreja, deu alguns passos da nave para o transepto, apertou o embolo e agachou rapidamente atrás do muro. A explosão devia levantar séculos de poeira dos arcos góticos. Mas o transepto não era ocupado durante o serviço religioso, de modo que ninguém ficaria ferido.

Depois do ruído da explosão, houve um longo momento de silêncio na praça. Todos ficaram imóveis, os guardas no portão do castelo, as sentinelas que patrulhavam a cerca, o major da Gestapo e o alemão bem-vestido com a encantadora amante. Flick, tensa e apreensiva, olhou para o outro lado da praça, além da cerca de ferro, para o terreno do castelo. No estacionamento havia uma relíquia do jardim do século XVII, uma fonte de pedra com três querubins cobertos de musgo, dos quais saíam jatos de água quando a fonte ainda funcionava. Em volta da bacia seca de mármore estavam estacionados um caminhão, um carro blindado, um seda Mercedes pintado com o verde-cinzento do Exército alemão e dois Citroën pretos do tipo tração dianteira, usados pela Gestapo na França. Um soldado enchia o tanque de um dos Citroëns, numa bomba de gasolina que ficava incongruentemente debaixo de uma das janelas altas do castelo. Por poucos segundos, nada se moveu. Flick esperou, prendendo a respiração.

Entre os fiéis na igreja havia dez homens armados. O padre, que não simpatizava com a Resistência, e portanto não fora avisado, devia estar satisfeito vendo tanta gente no serviço religioso da noite, que normalmente não era muito popular. Devia ter estranhado o fato de alguns dos fiéis estarem de casaco com aquele tempo quente, mas depois de quatro anos de austeridade, muita gente usava roupas estranhas, e um homem podia usar uma capa de chuva porque não tinha paletó. A essa altura, Flick esperava, o padre devia ter compreendido. Os dez homens estariam saltando dos bancos, empunhando as armas e correndo para o buraco aberto na parede por Gaston.

Finalmente, apareceram na extremidade da igreja. O coração de Flick saltou de orgulho e medo quando os viu, um exército heterogêneo, com bonés velhos e sapatos cambaios, correndo no estacionamento na direção da entrada do castelo, os pés batendo no solo de terra seca, empunhando vários tipos de armas – pistolas, revólveres, rifles e uma metralhadora. Não tinham começado a atirar

ainda, tentando chegar o mais perto possível do prédio antes do tiroteio.

Michel os viu ao mesmo tempo. Ouvindo o suspiro quase rosnado do marido, Flick teve certeza de que ele sentia a mesma combinação de orgulho com a bravura deles e medo por suas vidas. Agora era o momento de distrair os guardas. Michel levantou o rifle, um Lee-Enfield N° 4 Mark I, do tipo que a Resistência chamava de rifle canadense, porque muitos deles eram fabricados no Canadá. Ele fez pontaria, levantou a trava do gatilho de dois tempos e atirou. Girou o tambor com um movimento rápido para que a arma estivesse imediatamente preparada para o segundo tiro.

O estampido do rifle quebrou o momento de silêncio de choque da praça. No portão, um dos guardas gritou e caiu, e Flick sentiu uma satisfação selvagem. Um a menos para atirar nos seus companheiros. O tiro de Michel foi o sinal para abrir fogo. Na entrada da igreja, o jovem Bertrand disparou dois tiros que pareciam fogos de artifício. Ele estava muito longe dos guardas para atingi-los com uma pistola e não feriu ninguém. Ao lado dele, Albert puxou o anel de uma granada e a atirou para o alto, por cima da grade. A granada caiu dentro do terreno do castelo e explodiu na parreira, apenas espalhando vegetação no ar. Flick teve vontade de gritar para eles: "Não atirem só para fazer barulho, assim tudo o que fazem é revelar suas posições." Mas só soldados muito bem treinados podem se conter quando começa o tiroteio.

Atrás do carro esporte parado, Geneviève abriu fogo, e o barulho ensurdecedor da sua metralhadora Sten encheu os ouvidos de Flick. Os tiros dela foram mais eficientes e outro guarda caiu.

Finalmente os alemães entraram em ação. Os guardas se protegeram atrás das colunas de pedra ou deitaram no chão e começaram a atirar. O major da Gestapo tirou a pistola do coldre. A ruiva virou e correu, mas os sapatos finos escorregaram no chão de pedra e ela caiu. Seu homem deitou em cima dela, protegendo-a com o corpo, e Flick chegou à conclusão que estava certa quando supôs que ele era um soldado, pois um civil não saberia que é mais seguro deitar no chão que correr.

As sentinelas abriram fogo. Albert foi ferido quase imediatamente. Flick o viu cambalear com a mão no pescoço. Uma granada de mão que ele se preparava para jogar caiu. Então um segundo tiro o atingiu, dessa vez na testa. Albert caiu como uma pedra, e Flick pensou com tristeza na menina nascida naquela manhã que agora não tinha pai. Ao lado de Albert, Bertrand viu a granada rolar no chão antigo de pedra até a entrada da igreja. Ele correu para a porta quando a granada explodiu. Flick esperou em vão que ele reaparecesse, e

pensou com angustiada incerteza que ele podia estar morto, ferido ou apenas atordoado.

No estacionamento, a equipe da igreja parou de correr, virou para as seis sentinelas remanescentes e abriu fogo. Os quatro guardas perto do portão foram apanhados num fogo cruzado entre os que estavam dentro do terreno e os que estavam na praça, e em segundos foram mortos, deixando apenas dois nos degraus do castelo. O plano de Michel estava funcionando, Flick pensou com uma ponta de esperança.

Mas os soldados inimigos dentro do prédio tiveram tempo para se armar e correr para as portas e janelas, e começaram a atirar, outra vez mudando o cenário. Tudo dependia de quantos eles eram.

Por alguns momentos as balas caíram como chuva, e Flick parou de contar. Então viu desanimada que havia mais armas no castelo do que eles esperavam. O fogo parecia vir de pelo menos doze portas e janelas. Os homens da igreja, que agora deviam estar dentro do prédio, recuaram e procuraram abrigo atrás dos veículos do estacionamento.

Antoinette estava certa, e o MI6 errado sobre o número de homens estacionados no castelo. Doze era a estimativa do MI6, mas a Resistência eliminara seis com certeza e havia pelo menos catorze ainda atirando.

Flick praguejou calorosamente. Numa luta como aquela, a Resistência só podia vencer com um ato de violência imprevista e arrasadora. Se eles não derrotassem o inimigo imediatamente, teriam problemas. À medida que os segundos passavam, o treinamento militar e a disciplina começaram a fazer efeito. No fim, soldados treinados sempre prevaleciam num conflito improvisado.

No andar superior do castelo, uma janela alta do século XVII foi quebrada e uma metralhadora começou a atirar para fora. Devido à sua alta posição, provocou uma verdadeira carnificina entre a Resistência, no estacionamento. Flick, horrorizada, viu um homem depois do outro cair sangrando ao lado da fonte seca, até só restar dois ou três de pé, atirando.

Era o fim, Flick compreendeu, com desespero. Eram minoria e tinham falhado. Sentia na boca o gosto amargo da derrota.

Michel atirava na direção da metralhadora.

– Não podemos inutilizar aquela metralhadora! – ele disse. Olhou para a praça, para o alto dos prédios, para a torre do sino da igreja e para o último andar da prefeitura.

– Se eu pudesse entrar no gabinete do prefeito, teria melhor alcance de

mira.

– Espere – Flick disse, com a boca seca. Por mais que quisesse, não podia evitar que ele arriscasse a vida. Mas podia melhorar as possibilidades de sucesso. – Geneviève! Geneviève virou e olhou para ela.

– Dê cobertura para Michel! Geneviève assentiu balançando a cabeça vigorosamente e saiu correndo de trás do carro esporte, atirando nas janelas do castelo.

– Obrigado – Michel disse para Flick. Então, ele saiu do abrigo da porta do café e correu pela praça, na direção da prefeitura.

Geneviève continuou correndo para a frente da igreja. Seus tiros distraíram os homens do castelo, permitindo que Michel atravessasse a praça ileso. Mas Flick percebeu um clarão rápido à sua esquerda. Olhou e viu o major da Gestapo, encostado na parede da prefeitura, com a arma apontada para Michel.

Era difícil aceitar um alvo em movimento com um revólver, a não ser a pouca distância – mas o major podia ter sorte, Flick pensou, com medo. Suas ordens eram para observar e depois informar o resultado do ataque e não tomar parte nele em nenhuma circunstância, mas agora ela pensou: Para o diabo com isso.

Sua arma estava na mochila, uma Browning automática nove milímetros que ela preferia ao Colt padrão do SOE, porque tinha treze tiros em lugar dos sete do Colt e porque podia ser carregada com a mesma munição Parabellum usada na metralhadora Sten. Ela tirou a arma da mochila. Soltou a trava, engatilhou, estendeu o braço e atirou duas vezes no major.

Flick não acertou, mas o tiro fez com que fragmentos de pedra voassem da parede, ao lado do rosto dele, e o major se abaixou.

Michel continuou a correr.

O major se refez rapidamente e levantou a arma outra vez.

Quando Michel estava quase chegando à prefeitura, ficou também mais perto do major, diminuindo a distância entre ele e a arma. Michel disparou o rifle na direção do major, mas não acertou, e o major, sem perder a calma, retribuiu os tiros. Dessa vez Michel foi atingido, e Flick deu um grito de medo.

Michel caiu no chão, tentou levantar, mas desmoronou. Flick procurou se acalmar e pensar depressa. Michel ainda estava vivo. Geneviève tinha alcançado a porta da igreja e sua metralhadora continuava a captar a atenção do inimigo dentro do castelo. Flick tinha uma chance de chegar até Michel. Era contra suas ordens, mas nenhuma ordem podia fazer com que deixasse o marido sangrando

no chão. Além disso, se ela o deixasse, ele seria capturado e interrogado. Como líder do circuito Bellinger, Michel sabia cada nome, cada endereço, cada palavra de código. Sua captura seria uma catástrofe.

Flick não tinha escolha.

Ela atirou outra vez no major. Outra vez errou, mas apertou o gatilho várias vezes seguidas e o fogo contínuo o obrigou a recuar, sempre encostado na parede, procurando se proteger.

Ela correu do bar para a praça. com o canto dos olhos viu o dono do carro esporte, ainda protegendo a namorada, deitado em cima dela. Flick tinha esquecido dele, percebeu de repente com uma ponta de medo. Ele estaria armado? Se estivesse, podia acertá-la facilmente. Mas nenhum tiro foi disparado.

Ela alcançou Michel, que estava imóvel, e ajoelhou ao lado dele. Virou para a prefeitura e deu dois tiros a esmo para manter o major ocupado. Então olhou para o marido.

com alívio viu que ele respirava e estava com os olhos abertos. Parecia estar sangrando da nádega esquerda. Seu medo diminuiu um pouco.

– Você tem uma bala no bumbum – ela disse, em inglês.

– Dói como o diabo – ele respondeu em francês.

Flick olhou outra vez para a prefeitura. O major tinha recuado vinte passos e atravessou a rua estreita para a porta de uma loja. Dessa vez Flick levou alguns segundos acertando a mira com cuidado. Disparou quatro tiros, e o major cambaleou e caiu.

– Tente levantar – Flick disse em francês para Michel. Ele virou o corpo gemendo de dor, apoiado num joelho, mas não conseguiu mover a perna ferida. – Vamos – ela disse, decidida.

– Se ficar aqui, vai ser morto. – Agarrou a frente da camisa dele, e com grande esforço o fez ficar de pé. Michel não conseguia manter o peso do corpo só com a perna boa e se apoiou pesadamente nela. Sentindo que não poderia andar com o peso dele, Flick gemeu desesperada.

Ela olhou para o lado do prédio da prefeitura. O major estava levantando. Tinha sangue no rosto, mas não parecia gravemente ferido. Flick imaginou que tinha sido superficialmente cortado por vidro quebrado, mas ainda podia continuar atirando.

Só havia uma coisa a fazer. Tinha de carregar Michel para um lugar seguro.

Ela se inclinou na frente dele, passou os braços em volta das coxas dele e o pôs no ombro, como fazem os bombeiros. Michel era alto e magro – a maioria

do povo francês era magro agora. Mesmo assim, Flick pensou que ia desmoronar sob o peso dele. Cambaleando, por um segundo atordoada, Flick continuou de pé.

Depois de um momento, deu um passo para a frente.

Começou a andar pesada e desajeitadamente sobre as pedras arredondadas do chão. Pensou que o major estivesse atirando nela, mas não tinha certeza, porque era cerrado o tiroteio entre o castelo, Geneviève e os membros da Resistência ainda vivos no estacionamento. O medo de ser atingida deu-lhe forças, e Flick começou a correr. Chegou à rua que levava para fora da praça, ao sul, a saída mais próxima. Passou pelo alemão deitado em cima da namorada e viu admiração e surpresa nos olhos dele. Então colidiu com uma mesa de um café, que a jogou longe, e quase caiu, mas conseguiu manter o equilíbrio e continuou correndo. Uma bala acertou a janela do bar, e ela viu o vidro se transformar numa teia. Logo depois, virou a esquina e saiu da linha de tiro do major – pelo menos por alguns minutos.

Até aquele momento Flick não tinha pensado para onde ia quando saísse do campo de batalha. Dois veículos de fuga esperavam duas ruas adiante, mas não podia carregar Michel até lá. Porém, Antoinette Dupert morava logo adiante, naquela rua. Antoinette não fazia parte da Resistência, mas simpatizava com o movimento o bastante para dar a Michel a planta do castelo. E Michel era sobrinho dela; portanto, certamente não recusaria ajuda.

De qualquer modo, Flick não tinha alternativa.

Antoinette morava num apartamento térreo, num prédio com um pátio. Flick chegou ao portão aberto, a poucos metros da rua que saía da praça, e chegou cambaleando à entrada. Empurrou uma porta e deitou Michel no piso.

Ofegante, bateu com força na porta de Antoinette. Ouviu a voz assustada perguntar: – Quem é? – Antoinette, apavorada com o tiroteio, não queria abrir a porta.

– Depressa, depressa! – Flick disse tentando manter a voz baixa. Algum vizinho podia ser simpatizante dos nazistas.

A porta não se abriu, mas a voz de Antoinette chegou mais perto.

– Quem está aí? Instintivamente, Flick evitou dizer seu nome em voz alta.

– Seu sobrinho está ferido – ela disse.

A porta se abriu. Antoinette era uma mulher de corpo ereto, de cinquenta anos, com um vestido de algodão outrora elegante, agora desbotado mas perfeitamente passado. Estava branca de medo.

– Michel! – ela disse. Ajoelhou ao lado dele. – É grave? – Dói bastante,

mas não estou morrendo – Michel disse com os dentes cerrados.

– Pobrezinho. – Afastou o cabelo dele da testa coberta de suor com um gesto que era uma carícia.

Flick disse impaciente: – Vamos entrar.

Segurou os braços de Michel, e Antoinette o levantou pelos joelhos. Ele rosnou de dor. Juntas, o carregaram para a sala e o deitaram num sofá de veludo desbotado.

– Cuide dele enquanto Vou buscar o carro – Flick disse e saiu correndo para a rua.

O tiroteio estava quase no fim. Ela não tinha muito tempo. Correu pela rua e virou duas esquinas.

No lado de fora de uma padaria fechada, dois veículos estavam estacionados com os motores ligados, um Renault enferrujado e uma van com letras quase apagadas num dos lados que diziam Blanchisserie Bisset – Lavanderia Bisset. A van fora emprestada pelo pai de Bertrand, que conseguia gasolina porque lavava os lençóis de um hotel ocupado pelos alemães. O Renault fora roubado naquela manhã, em Châlons, e Michel tinha mudado as placas. Flick resolveu pegar o carro, deixando a van para os sobreviventes que pudessem escapar da carnificina no castelo.

Falou brevemente com o motorista da van: – Espere aqui por cinco minutos, depois vá embora. Correu para o carro, saltou para o banco do passageiro e disse: – Vamos embora, rápido! Na direção do Renault estava Gilberte, uma jovem de dezenove anos com cabelo longo e escuro, bonitinha mas pouco inteligente. Flick não sabia por que ela estava na Resistência, ela não era o tipo comum. Em vez de sair com o carro, Gilberte perguntou: – Para onde? – Eu vou dizendo... Pelo amor de Cristo, anda! Gilberte engatou a marcha e saiu.

– Esquerda, depois direita – Flick disse.

Nos minutos de inação que se seguiram, Flick sentiu completamente a extensão do fracasso. A maioria do circuito Bollinger foi dizimada. Albert e os outros estavam mortos. Geneviève, Bertrand e qualquer outro, se tivessem sobrevivido, provavelmente seriam torturados.

E foi tudo por nada. A central telefônica estava intacta, bem como as comunicações dos alemães. Flick sentiu-se inútil. Tentou pensar o que tinha feito errado. Teria sido um erro tentar um ataque frontal numa instalação guardada por militares? Não necessariamente – o plano podia ter dado certo se não fosse a informação imprecisa dada pelo MI6. Porém, ela pensou, teria sido mais seguro entrar clandestinamente no prédio. Isso daria à Resistência mais oportunidade de

chegar ao equipamento essencial.

Gilberte parou na entrada do pátio.

– Faça a volta – Flick disse, e saltou do carro.

Michel estava deitado de bruços no sofá de Antoinette, a calça abaixada, numa posição ridícula. Antoinette, ajoelhada ao lado do sofá, com uma toalha ensanguentada na mão, os óculos na ponta do nariz, examinava o traseiro dele.

– O sangue quase parou, mas a bala continua lá – ela disse. No chão, ao lado do sofá, estava a bolsa dela, o conteúdo esparramado numa mesa, talvez deixado assim quando procurou apressadamente os óculos. Uma folha de papel chamou a atenção de Flick, datilografada e selada, com a foto de Antoinette num lado, tudo dentro de uma pequena pasta de papelão. Era o passe para entrar no castelo. Naquele momento, Flick teve uma ideia: – Tenho um carro aí fora – ela disse. Antoinette continuou a examinar o ferimento.

– Ele não deve ser removido.

– Se ficar aqui, os boches o matam. – Flick casualmente apanhou o passe de Antoinette e perguntou para Michel: – Como você está? – Acho que agora posso andar – ele disse. – A dor está diminuindo.

Flick pôs o passe na sua bolsa a tiracolo. Antoinette não viu.

– Ajude-me a levantá-lo – Flick disse para Antoinette.

As duas mulheres fizeram Michel levantar. Antoinette suspendeu a calça de lona e afivelou o cinto velho de couro.

– Fique aqui dentro – Flick disse para Antoinette. – Não quero que ninguém a veja conosco. – Ainda não tinha começado a pôr em prática sua ideia, mas já sabia que seu plano seria prejudicado se suspeitassem de Antoinette e da sua equipe de faxineiras.

Michel passou o braço pelos ombros de Flick e se apoiou pesadamente nela. Flick suportou o peso, e ele saiu do prédio com passo incerto. Quando chegaram ao carro, ele estava branco de dor. Gilberte olhou apavorada para os dois, através do para-brisa. Flick sibilou para ela: – Saia do carro e abra a maldita porta, sua idiota! – Gilberte saiu rapidamente do carro e abriu a porta de trás. com a ajuda dela, Flick pôs Michel no banco traseiro.

As duas mulheres sentaram na frente.

– Vamos sair daqui! – Flick disse.

CAPÍTULO 4

DIETER ESTAVA CONSTERNADO e horrorizado. Quando o tiroteio começou a diminuir e as batidas do seu coração voltaram ao normal, começou a refletir sobre o que acabava de ver. Não imaginou que a Resistência fosse capaz de um ataque tão bem planejado e executado. Por tudo que tinha aprendido nos últimos meses, acreditava que suas investidas eram normalmente do tipo atacar e fugir. Mas aquela foi a primeira vez que os tinha visto em ação. Eles estavam muito bem armados, e obviamente tinham muita munição – ao contrário do Exército alemão! Pior ainda, eram extremamente corajosos. Dieter ficou impressionado com o homem que correu pela praça, armado com um rifle, e mais ainda com a pequena loura que correu para apanhar o homem ferido e o carregou – um homem quinze centímetros mais alto que ela – para fora da praça, para a segurança. Aquela gente era, sem dúvida, uma grande ameaça para a força militar de ocupação. Não eram criminosos, como os que Dieter lidava quando era policial em Colônia, antes da guerra. Criminosos eram burros, preguiçosos, covardes e brutos. Aquelas pessoas da Resistência francesa eram soldados.

Mas a derrota dava a ele uma oportunidade rara.

Quando teve certeza que o tiroteio tinha acabado, levantou e ajudou Stephanie a levantar. Ela estava corada e respirando com dificuldade. Segurou o rosto dele com as duas mãos e olhou nos seus olhos.

– Você fez do seu corpo um escudo para mim.

Ele limpou a terra do lado do corpo dela, surpreso com o próprio cavalheirismo. Foi instintivo. Pensando no que tinha feito, Dieter não tinha certeza de que estivesse realmente disposto a dar a vida para salvar Stephanie. Tentou minimizar a coisa.

– Nada de mal deve acontecer a este corpo perfeito – ele disse.

Stephanie começou a chorar.

Dieter segurou a mão dela e a levou para o outro lado da praça, e atravessaram os portões.

– Vamos entrar – ele disse. – Você pode sentar por algum tempo. – Entraram no terreno da central telefônica. Dieter viu o buraco na parede da igreja. Isso explicava como a força principal tinha entrado.

Os homens da Waffen SS tinham saído do prédio e estavam desarmando os atacantes. A maior parte estava morta, mas alguns apenas feridos e um ou dois pareciam ter sido capturados sem nenhum ferimento. Devia haver muitos para serem interrogados.

Até aquele momento, seu trabalho fora defensivo. O máximo que conseguiu fazer foi fortificar as instalações principais contra a Resistência,

aumentando a segurança.

O prisioneiro ocasional dava pouca informação. Mas vários prisioneiros, todos de um circuito grande e evidentemente bem organizado, era outra coisa. Podia ser sua chance de passar para o ataque, ele pensou, esperançoso.

Gritou para um sargento.

– Você... traga um médico para esses prisioneiros. Quero interrogá-los. Não deixe ninguém morrer.

Embora Dieter não estivesse de uniforme, por seus modos, o sargento supôs que ele devia ser um oficial de alta patente.

– Muito bem, senhor.

Dieter conduziu Stephanie pela escada e entraram no grande salão. Era um espetáculo de tirar o fôlego. Chão de mármore rosado, janelas altas com belas cortinas, paredes com desenhos etruscos em gesso, em tons de rosa e verde, e o teto pintado com querubins desbotados. Dieter supunha que o salão antigamente estivesse cheio de móveis maravilhosos: aparadores debaixo de grandes espelhos, armários de canto com altos-relevos de bronze dourado, cadeiras delicadas com pés dourados, quadros a óleo, vasos enormes, pequenas estatuetas de mármore. Tudo isso desaparecido agora, é claro. O que viam eram fileiras de mesas telefônicas, cada uma com sua cadeira, e um verdadeiro ninho de cobras de cabos no chão.

Aparentemente as operadoras tinham se jogado no chão na parte de trás da sala, mas agora que o tiroteio tinha acabado, algumas delas estavam de pé nas portas, ainda com os fones de ouvido e os microfones na altura do peito, imaginando se era seguro voltar para dentro. Dieter fez Stephanie sentar na cadeira de uma das mesas telefônicas e chamou uma telefonista de meia-idade.

– Madame – ele disse, em francês, em tom delicado, mas autoritário. – Por favor, traga uma xícara de café quente para esta senhora.

A mulher se adiantou, olhando com ódio para Stephanie.

– Muito bem, monsieur.

– E um conhaque. Ela sofreu um choque.

– Não temos conhaque.

Tinham conhaque, mas ela não queria dá-lo para a amante de um alemão. Dieter não discutiu.

– Então, só o café, mas seja rápida, ou teremos problemas.

Bateu de leve no ombro de Stephanie e saiu para a ala oeste, pelas portas duplas da sala. O castelo era constituído por uma série de salas de recepção, uma depois da outra, no padrão de Versalhes. As salas estavam cheias de mesas

telefônicas, mas essas com uma aparência mais permanente, os cabos estavam enrolados em conduítes de madeira que desapareciam no subsolo. Dieter achou que o vestíbulo parecia em desordem por ter sido instalado como medida de emergência depois que a ala oeste foi bombardeada. Algumas janelas eram permanentemente fechadas, sem dúvida uma precaução contra ataques aéreos, mas outras tinham cortinas pesadas abertas e Dieter supôs que as mulheres não gostavam de trabalhar num ambiente permanentemente noturno.

Na extremidade da ala leste havia uma escada por onde Dieter desceu. No final da escada passou por uma porta de aço. Viu uma mesa com cadeira e imaginou que um guarda devia ficar ali. O homem supostamente tinha deixado o posto para ajudar a combater a Resistência. Dieter entrou sem ser detido por ninguém e anotou mentalmente a quebra de segurança.

O ambiente ali era diferente dos outros andares. Construído para servir de cozinha, despensa e acomodações para as dezenas de empregados que o castelo devia ter há trezentos anos, tinha teto baixo, paredes nuas e o chão de terra batida. Dieter seguiu por um largo corredor. Cada porta era marcada claramente com placas, mas mesmo assim Dieter abriu todas e olhou para dentro. À esquerda, na frente do prédio, estava o equipamento completo de uma grande central telefônica, um gerador, baterias enormes e salas cheias de cabos entrelaçados. À direita, dando para os fundos do prédio, estavam as instalações da Gestapo, um laboratório de fotografia, uma sala grande de rádio para interceptar as comunicações da Resistência e celas com portinholas de observação. O subsolo era agora à prova de bombas, todas as janelas bloqueadas, as paredes protegidas por sacos de areia, e o teto reforçado com vigas de concreto.

No final do corredor há uma porta indicando o Centro de Interrogatório. Ele entrou. A primeira sala tinha paredes nuas brancas, luzes brilhantes e móveis simples de uma sala de entrevistas comum: uma mesa barata, cadeiras duras e um cinzeiro. Dieter passou para a próxima sala. Aqui as luzes eram mais fracas e as paredes de tijolos, vazias. Havia uma coluna manchada de sangue para amarrar as pessoas, um porta guarda-chuvas com uma coleção de tacos de madeira e barras de aço, uma mesa cirúrgica de hospital com um imobilizador de cabeça, e correias para os pulsos e os tornozelos, uma máquina de choque elétrico e um gabinete fechado que provavelmente continha drogas e seringas hipodérmicas. Era uma câmara de tortura. Dieter já estivera em muitas parecidas, mas aquilo ainda o fazia se sentir mal. Tinha de lembrar que a informação conseguida naqueles lugares ajudava a salvar vidas de soldados alemães jovens e

decentes, permitindo que voltassem para casa, para suas mulheres e filhos, em vez de morrer nos campos de batalha. Mesmo assim, o lugar dava arrepios.

Um barulho atrás dele o sobressaltou. Virou rapidamente. Quando viu o que estava na porta, recuou.

– Cristo! – ele disse. Estava olhando para uma figura atarracada, o rosto na sombra lançada pela luz forte da sala ao lado. – Quem é você? – Dieter perguntou, ouvindo o medo na própria voz.

O vulto passou para a luz e se transformou em um homem com a camisa de sargento da Gestapo. Era baixo e atarracado, rosto gorducho e cabelo louro-claro tão curto que parecia calvo.

– O que está fazendo aqui? – ele perguntou com sotaque de Frankfurt. " Dieter se refez do susto. A câmara de tortura o tinha deixado nervoso, mas retomando seu tom habitual de autoridade, disse: – Sou o major Franck. Seu nome? O sargento, imediatamente deferente, respondeu: – Becker, senhor, às suas ordens.

– Traga os prisioneiros para baixo o mais depressa possível, Becker – disse Dieter. – Os que podem andar devem ser trazidos imediatamente, os outros depois de examinados e tratados pelo médico.

– Muito bem, major.

Becker foi embora. Dieter voltou à sala de entrevistas e sentou na cadeira dura. Imaginou quanta informação ia conseguir dos prisioneiros. O conhecimento deles podia ser limitado à sua cidade natal. Se não tivesse sorte e a segurança deles fosse boa, cada indivíduo devia saber só o que acontecia no próprio circuito. Por outro lado, não existia essa coisa de segurança perfeita. Alguns indivíduos inevitavelmente tinham um vasto conhecimento dos seus circuitos e de outros da Resistência.

Seu sonho era que um circuito pudesse levá-lo a outro em cadeia, e ele pudesse assim infligir danos enormes na Resistência nas semanas que faltavam para a invasão aliada.

Ouviu passos na outra extremidade do corredor e olhou para fora da sala. Os prisioneiros começavam a chegar. A primeira era a mulher com a Sten escondida debaixo do casaco leve de verão. Dieter ficou satisfeito. Era muito útil ter uma mulher entre os prisioneiros. As mulheres podiam ser tão resistentes ao interrogatório quanto os homens, mas geralmente um meio de fazer com que um homem falasse era espancar uma mulher na frente dele. Ela era alta e atraente, o que era muito melhor. Parecia não estar ferida. Dieter ergueu a mão para o soldado que a escoltava e falou com a mulher em francês: – Como se chama? –

ele disse em tom amistoso. Ela olhou para ele com ar de superioridade.

– Por que devo dizer? Dieter deu de ombros. Era fácil suplantar esse nível de oposição. Usou uma resposta que usara centenas de vezes com sucesso.

– Seus parentes podem querer saber se você está presa. Se soubermos seu nome, podemos dizer a eles.

– Sou Geneviève Delys.

– Um belo nome para uma bela mulher – fez sinal para ela entrar.

O seguinte era um homem de uns sessenta anos, sangrando de um ferimento na cabeça e mancando.

– Você é um pouco velho demais para esse tipo de coisa, não é? – Dieter disse.

O homem olhou para ele com orgulho.

– Eu instalo as bombas – disse, desafiadoramente.

– Nome? – Gaston Lefèvre.

– Apenas lembre de uma coisa, Gaston – Dieter disse em tom agradável. – A dor dura o tempo que você quiser. Quando resolver acabar com ela, ela acaba.

O medo apareceu nos olhos do homem imaginando o que o esperava.

Dieter balançou a cabeça assentindo, satisfeito.

– O seguinte.

O terceiro era um jovem bonito, com não mais de dezessete anos, Dieter calculou, completamente apavorado.

– Nome? Ele hesitou, aparentemente atordoado pelo choque. Depois de pensar por um momento, disse: – Bertrand Bisset.

– Boa-noite, Bertrand – Dieter disse amistosamente. Bem-vindo ao inferno.

O garoto recuou como se tivesse sido esbofeteado. Dieter o empurrou para dentro da sala. Willi Weber apareceu com Becker atrás, como um cão perigoso numa corrente.

– Como você entrou aqui? – Weber perguntou asperamente para Dieter.

– Eu simplesmente entrei – Dieter disse. – Sua segurança não presta.

– Ridículo! Você acaba de ver o sério ataque que sofremos.

– Por uma dúzia de homens e algumas mulheres! – Nós os derrotamos, isso é o que conta.

– Pense bem, Willi – Dieter disse, razoavelmente. – Eles conseguiram se posicionar muito perto, sem que vocês notassem, depois forçaram a entrada no terreno interno e mataram pelo menos seis bons soldados alemães. Suspeito que

vocês só os derrotaram porque eles não sabiam quantos homens teriam de enfrentar. E eu entrei neste porão sem ser identificado porque o guarda abandonou seu posto.

– Ele é um bravo alemão, e queria tomar parte no tiroteio.

– Pelo amor de Deus – Dieter disse, em desespero. – Um soldado durante a batalha não abandona seu posto para se juntar aos outros, ele obedece a ordens.

– Não preciso que você me faça um sermão sobre disciplina militar.

Dieter preferiu desistir, no momento.

– E eu não quero fazer nenhum sermão.

– O que você quer? – Vou entrevistar os prisioneiros.

– Isso é tarefa da Gestapo.

– Não seja idiota. O marechal de campo Rommel me pediu, não à Gestapo, que limitasse a capacidade da Resistência para danificar suas comunicações, no caso de uma invasão. Esses prisioneiros podem me dar informação preciosa. Pretendo interrogá-los.

– Não, enquanto estiverem sob minha custódia – Weber disse obstinadamente. – Eu mesmo os interrogarei e mandarei o resultado para o marechal de campo.

– Os aliados provavelmente invadirão neste verão... não está na hora de parar com essas guerras internas no nosso campo? – Nunca é hora para abandonar uma organização eficiente. Dieter teve vontade de gritar. Desesperado, conteve o orgulho e tentou um acordo.

– Vamos interrogá-los juntos. Weber sorriu, sentindo a vitória. – De modo algum.

– Isso quer dizer que tenho de passar por cima da sua autoridade.

– Se puder.

– É claro que posso. Tudo que vai conseguir é um adiamento.

– É o que você pensa.

– Seu cretino – Dieter disse, irritado. – Deus guarde nossa pátria de patriotas como você. – Fez meia-volta e saiu da sala.

CAPÍTULO 5

GILBERTE E FLICK deixaram a cidade de Santa Cecília para trás e seguiram para Reims por uma estrada secundária. Gilberte dirigia com a maior velocidade

possível no caminho estreito. Os olhos de Flick, apreensivos, estavam fixos na frente. A estrada subia e descia colinas baixas, e serpenteava entre vinhedos, atravessando vagarosamente povoado depois de povoado. Os vários cruzamentos atrasavam a viagem, mas os muitos entroncamentos dificultavam à Gestapo o bloqueio de todos os caminhos que saíam de Santa Cecília. Mesmo assim, Flick mordia o lábio, preocupada com a possibilidade de ser parada por acaso por alguma patrulha. Não ia poder explicar um homem ferido a bala no banco traseiro do carro.

Pensando melhor, concluiu que não podia levar Michel para a casa dele. Depois da capitulação da França, em 1940, e da desmobilização de Michel, ele não voltou a lecionar na Sorbonne, mas voltou à sua cidade natal, para ser assistente do diretor de um colégio e – o motivo verdadeiro – organizar um circuito da Resistência.

Passou a morar na casa dos pais falecidos, uma casa encantadora, na cidade, perto da catedral. Mas Flick resolveu, ele não podia ir para lá agora. Muita gente sabia onde ele morava. Embora os membros da Resistência geralmente não conhecessem os endereços uns dos outros – por segurança, eles só revelavam quando necessário para entregas ou para reuniões, Michel era líder, e muita gente sabia onde ficava sua casa.

Em Santa Cecília alguns da equipe deviam ter sido apanhados vivos. Logo seriam interrogados. Ao contrário dos agentes britânicos, os membros da Resistência não tinham comprimidos suicidas. A única regra confiável do interrogatório era que todos acabavam falando depois de um tempo. Às vezes a Gestapo perdia a paciência e matava os prisioneiros por excesso de entusiasmo, mas, se fossem cuidadosos e determinados, podiam fazer a personalidade mais forte trair seus companheiros. Ninguém pode suportar uma agonia para sempre.

Por isso Flick tinha de considerar a casa de Michel como local conhecido do inimigo. Então, para onde podia levá-lo? – Como ele está? – Gilberte perguntou, ansiosa.

Flick olhou para trás. Michel estava com os olhos fechados, mas respirava normalmente. O sono era a melhor coisa para ele. Flick olhou carinhosamente para o marido.

Michel precisava que alguém tomasse conta dele, pelo menos por um ou dois dias. Ela olhou para Gilberte. Jovem e solteira, provavelmente morava ainda com os pais.

– Onde você mora? – Flick perguntou.

– Na periferia da cidade, na Route de Cernay.

– Mora sozinha? Por algum motivo, Gilberte se assustou.

– Sim, é claro, sozinha.

– Casa, apartamento, um quarto? – Apartamento, quarto e sala.

– Vamos para lá. – Não! – Por que não? Está com medo? Ela se ofendeu. – Não, não com medo.

– Então, o que é? – Não confio nos vizinhos.

– Tem uma entrada nos fundos? – Tem – Gilberte disse relutantemente – uma viela ao lado de uma pequena fábrica.

– Parece ideal.

– Tudo bem, você tem razão, devemos ir para minha casa. É que eu... Você me pegou de surpresa, só isso.

– Desculpe.

Flick devia voltar para Londres naquela noite. Ia tomar avião num campo perto da cidadezinha de Chatelle, oito quilômetros ao norte de Reims. Imaginou se o avião conseguiria chegar lá.

Navegando pelas estrelas era extremamente difícil encontrar um determinado campo numa cidade pequena. Os pilotos muitas vezes erram o caminho – na verdade era um milagre quando chegavam ao lugar determinado. Ela olhou para cima. O céu claro começava a escurecer com o azul carregado do começo da noite. Teriam a luz da lua, desde que o tempo não mudasse.

Se não for esta noite, será amanhã, ela pensou, como sempre. Lembrou então dos companheiros deixados para trás. O jovem Bertrand estaria vivo ou morto? E Geneviève? Talvez fosse melhor que estivessem mortos. Vivos, enfrentariam as agonias da tortura. O coração de Flick apertou de dor, outra vez pensando que os tinha levado à derrota. Tinha a impressão de que Bertrand estava caído por ela. Ele era bastante jovem para se sentir culpado por amar em segredo a mulher do seu comandante. Flick desejou ter dado ordem para ele ficar em casa. Não teria feito diferença no resultado do ataque, e ele continuaria a ser um jovem brilhante e amável por mais algum tempo, e não um cadáver, ou coisa pior.

Ninguém pode ter sucesso sempre, e a guerra significava que quando o líder falhava pessoas morriam. Era um fato real, mas mesmo assim ela procurava um consolo. Desejava ter certeza de que o sofrimento deles não seria em vão. Talvez pudesse construir sobre o sacrifício e tirar uma espécie de vitória dele, afinal.

Pensou no passe roubado de Antoinette e na possibilidade de entrar clandestinamente no castelo. Uma equipe podia entrar disfarçada de empregados

civis. Descartou rapidamente a ideia de fazê-los passar por operadores das mesas telefônicas. Era um trabalho especializado que precisava de tempo para ser aprendido. Mas qualquer pessoa sabe usar uma vassoura.

Será que os alemães notariam se mudassem as faxineiras? Provavelmente não davam nenhuma atenção às mulheres que esfregavam o chão. E que tal telefonistas francesas – será que seriam descobertas? Talvez valesse a pena arriscar.

O SOE tinha um departamento de falsificações notável, que podia copiar qualquer tipo de documento, às vezes até fazendo o próprio papel igual ao original, em um ou dois dias. Podiam produzir imitações do passe.

Flick sentiu uma ponta de culpa por ter roubado o passe de Antoinette. Naquele momento, ela devia estar procurando-o freneticamente, debaixo do sofá e em todos os bolsos, saindo para o pátio com uma lanterna. Quando dissesse para a Gestapo que tinha perdido o passe, teria problemas. Mas, no fim, eles simplesmente dariam outro a ela. E assim ela não seria acusada de ajudar a Resistência. Se fosse interrogada, podia afirmar com sinceridade que tinha perdido, pois era o que pensava ser a verdade. Além disso, Flick pensou, se tivesse pedido a Antoinette para emprestar o passe, certamente ela teria negado.

Claro, havia um obstáculo ao plano. Todas as faxineiras eram mulheres. A equipe da Resistência que as substituísse teria de ser toda de mulheres.

Mas, afinal, Flick pensou, por que não? Entravam nos subúrbios de Reims. Estava escuro quando Gilberte parou perto do prédio de uma fábrica baixa, circundada por uma cerca alta de arame. Desligou o motor.

Flick virou para Michel e disse com voz autoritária: – Acorde! Temos de levar você para dentro. – Ele gemeu.

– Tem de ser depressa – ela acrescentou. – Estamos violando o toque de recolher.

As duas mulheres o tiraram do carro. Gilberte apontou para a viela estreita atrás da fábrica. Michel passou os braços pelos ombros delas, e as duas o ajudaram a andar. Gilberte abriu uma porta que dava para os fundos de um pequeno prédio de apartamentos. Atravessaram o pátio e entraram por uma porta nos fundos.

Era um bloco de apartamentos baratos de cinco andares sem elevador. Infelizmente, o apartamento de Gilberte era no sótão. Flick mostrou a Gilberte como fazer uma cadeirinha. Cruzando os braços, juntaram as mãos debaixo de Michel, suportando todo o peso. Ele passou um braço em volta dos ombros de cada uma para se firmar. Assim elas o carregaram pelos quatro andares. Por sorte

não encontraram ninguém na escada.

Ofegantes, chegaram à porta de Gilberte. Puseram Michel de pé, e ele conseguiu entrar mancando no apartamento, depois desabou numa poltrona.

Flick olhou em volta. Era uma casa feminina, bonitinha, arrumada e limpa. Mais importante, não era vista de nenhum lugar. Essa era a vantagem do último andar, ninguém podia ver lá dentro. Michel estaria seguro.

Gilberte tentava fazer com que ele se sentisse confortável com almofadas, enxugando o rosto dele delicadamente com uma toalha, oferecendo aspirina. Ela era terna, mas pouco prática, como Antoinette. Michel despertava aquilo na mulheres, mas não em Flick – o que foi um dos motivos pelos quais ele se apaixonou por ela. Michel não podia resistir a um desafio.

– Você precisa de um médico – Flick disse bruscamente. Que tal Claude Bouler? Claude costumava nos ajudar, mas na última vez que nos falamos ele agiu como se não me conhecesse. Pensei que ia fugir de mim, de tão nervoso que estava.

– Ele ficou assustado desde que casou – Michel disse. Mas para mim ele virá.

Flick assentiu com a cabeça. Muita gente fazia exceções para Michel.

– Gilberte, vá buscar o Dr. Bouler.

– Prefiro ficar com Michel.

Flick gemeu mentalmente. Uma pessoa como Gilberte só servia para levar mensagens, mas até para isso podia criar dificuldades.

– Por favor, faça o que estou dizendo – Flick disse com firmeza. – Preciso de um tempo a sós com Michel antes de voltar para Londres.

– E o toque de recolher? – Se alguém a fizer parar, diga que vai chamar um médico. É uma desculpa aceitável. Eles podem acompanhá-la até a casa de Claude para terem certeza de que você está dizendo a verdade. Mas não virão até aqui.

Gilberte, parecendo preocupada, vestiu um cardigã e saiu. Flick sentou no braço da poltrona de Michel e o beijou.

– Foi uma catástrofe – ela disse.

– Eu sei – ele rosnou zangado, é o que dá acreditar no MI6. Devia haver o dobro de homens do que nos disseram.

– Nunca mais Vou confiar naqueles palhaços.

– Perdemos Albert. Tenho de contar para a mulher dele.

– Volto para Londres hoje à noite. Farei com que eles mandem outro operador.

– Obrigado.

– Você tem de descobrir quem mais está morto e quem está vivo.

– Se eu puder – ele suspirou. Flick segurou a mão dele.

– Como está se sentindo? – Como um tolo. É um lugar indigno para ser ferido a bala.

– Mas fisicamente? – Um pouco atordoado.

– Precisa tomar alguma coisa. Vou ver o que ela tem.

– Scotch seria ótimo. – Os amigos de Flick, em Londres, tinham ensinado Michel a gostar de uísque, antes da guerra.

– Scotch é um pouco forte demais. – A cozinha ficava num canto da sala de estar. Flick abriu um armário. Surpresa, viu uma garrafa de Dewar's White Label. Agentes britânicos geralmente tinham uísque, para seu uso próprio e para seus companheiros, mas parecia uma bebida pouco provável para uma jovem francesa. Havia também uma garrafa aberta de vinho tinto, muito mais apropriado para um homem ferido. Ela serviu meio copo de vinho e completou com água da torneira. Michel bebeu avidamente.

Estava sedento por causa da perda de sangue. Esvaziou o copo, encostou a cabeça no espaldar da cadeira e fechou os olhos.

Flick gostaria de tomar um pouco de scotch, mas parecia injusto depois de ter negado a bebida a Michel. Além disso, ainda precisava estar completamente alerta. Tomaria um drinque quando chegasse ao solo britânico.

Olhou em volta. Alguns quadros sentimentais nas paredes, uma pilha de velhas revistas de moda, nenhum livro. Espiou o quarto. Michel disse, bruscamente: – Aonde você vai? – Só estou olhando.

– Não acha que é uma indelicadeza examinar o apartamento quando ela não está aqui? Flick deu de ombros.

– Na verdade, não. De qualquer modo, preciso ir ao banheiro.

– Fica lá fora. Descendo a escada, no fim do corredor. Se estou bem lembrado.

Ela seguiu as instruções. No banheiro, percebeu que alguma coisa a incomodava, alguma coisa sobre o apartamento de Gilberte. Pensou por algum tempo. Flick nunca ignorava o próprio instinto, tinha salvo sua vida mais de uma vez. Quando voltou disse para Michel.

– Há alguma coisa errada aqui. O que é? Ele deu de ombros, embaraçado.

– Eu não sei.

– Você parece inquieto.

– Talvez porque acabo de ser ferido num tiroteio.

– Não, não é isso. É o apartamento. – Tinha algo a ver com a inquietação de Gilberte, algo a ver com Michel saber onde ficava o banheiro, algo a ver com o uísque.

Ela entrou no quarto. Dessa vez Michel não disse nada. Flick olhou em volta. Na mesa de cabeceira estava a foto de um homem com os olhos grandes e as sobrancelhas escuras de Gilberte, talvez o pai dela. Em cima da colcha, uma boneca. No canto, uma pia com um armário e espelho na parede. Flick abriu a porta do armário. Uma navalha de homem e um pincel de barba. Gilberte não era tão inocente. Algum homem dormia ali vezes suficientes para deixar os apetrechos de barba no armário.

Flick olhou mais de perto. A navalha e o pincel faziam parte de um conjunto com cabos de osso polido. Ela os reconheceu. Tinha dado o conjunto de presente para Michel quando ele fez trinta e dois anos.

Então era isso.

Flick ficou chocada, paralisada por um momento.

Suspeitava que Michel estava interessado em outra mulher, mas nunca imaginou que a coisa tinha ido tão longe. Mas ali estava a prova, na frente dos seus olhos.

O choque se transformou em mágoa. Como ele podia dormir com outra mulher, quando Flick dormia sozinha em Londres? Virou e olhou para a cama. Tinham dormido juntos bem ali, naquele quarto. Era insuportável.

Então ela ficou zangada. Fora leal e fiel, tinha suportado a solidão – mas Michel não. Ele a enganou. De tão furiosa, Flick pensou que ia explodir.

Foi para a sala e ficou na frente dele.

– Seu filho da mãe – ela disse em inglês. – Seu filho da mãe desprezível e nojento.

Michel respondeu na mesma língua.

– Não zangue comigo.

Sabia que seu inglês hesitante despertava o afeto de Flick. Mas dessa vez não ia funcionar. Ela passou para o francês.

– Como pode me trair com uma retardada de dezenove anos? – Não quer dizer nada, ela é só uma menina bonita.

– Acha que isso faz com que tudo pareça melhor? – Flick sabia que começara a chamar a atenção de Michel, no passado, quando ela era aluna e ele professor, desafiando-o na classe. Os alunos franceses eram respeitosos, comparados com os ingleses, e ainda por cima Flick por natureza desrespeitava a autoridade de um modo geral. Se alguém parecido com ela tivesse seduzido

Michel – talvez Geneviève, uma mulher que podia ser igual a ele, ela talvez suportasse melhor. Era mais doloroso o fato de ele ter escolhido Gilberte, uma jovem que não tinha nada de mais interessante na cabeça que esmalte de unhas.

– Eu estava muito sozinho – Michel disse, pateticamente.

– Poupe-me sua história triste. Você não estava sozinho... você foi fraco, desonesto e infiel.

– Flick, minha querida, não vamos brigar. Metade dos nossos amigos acaba de morrer. Você vai voltar para a Inglaterra. Nós dois podemos morrer em breve. Não vá embora zangada.

– Como posso não ficar zangada? Estou deixando você nos braços da sua vadia.

– Ela não é uma vadia...

– Pode esquecer as definições técnicas. Eu sou sua mulher, mas você dorme com ela.

Michel mudou de posição na poltrona, com uma careta de dor, e olhou para Flick com seus intensos olhos azuis.

– Eu me declaro culpado – ele disse. – Sou um verme. Mas sou um verme que a ama, e estou pedindo que me perdoe desta vez, para o caso de nunca mais nos vermos.

Era difícil resistir. Flick pesou cinco anos de casamento contra uma fugida com uma garota insignificante e cedeu. Deu um passo para ele. Michel abraçou as pernas dela e apertou o rosto contra o algodão do vestido muito usado. Flick acariciou a cabeça dele.

– Tudo bem – ela disse. – Tudo bem.

– Eu sinto tanto – Michel disse. – Eu me sinto horrível. Você é a mulher mais maravilhosa que já conheci ou de que ouvi falar. Não Vou mais fazer isso, prometo.

A porta se abriu e Gilberte entrou com Claude. Flick, com uma pontada de culpa, soltou a cabeça de Michel. Então se sentiu como uma idiota. Ele era seu marido, não de Gilberte. Por que ia se sentir culpada por abraçá-lo, mesmo no apartamento dela? Ficou furiosa com aquela reação.

Gilberte pareceu chocada vendo o amante abraçar a mulher ali, mas se refez rapidamente e assumiu uma expressão dê gelada indiferença.

Claude, um belo e jovem médico, entrou atrás dela, parecendo ansioso.

Flick foi para ele e o beijou nos dois lados do rosto.

– Muito obrigada por ter vindo – ela disse. – Agradecemos de verdade.

Claude olhou para Michel.

– Como se sente, amigo velho? – Tenho uma bala no traseiro.

– Então acho melhor tirar. – O ar preocupado foi substituído por uma atitude puramente profissional. Voltando-se para Flick, ele disse: – Ponha algumas toalhas na cama para absorver o sangue, tire a calça dele e o faça deitar de bruços. Vou lavar as mãos.

Gilberte forrou a cama com revistas velhas e toalhas, enquanto Flick fazia Michel levantar e o ajudava a chegar até a cama. Quando ele estava deitado, ela não pôde deixar de pensar quantas outras vezes seu marido tinha dormido naquela cama.

Claude inseriu um instrumento de metal no ferimento e começou a procurar a bala. Michel gritou de dor.

– Desculpe, velho amigo – Claude disse, solícito.

Flick quase sentiu prazer vendo Michel naquela agonia na cama onde ele outrora gritara de prazer culpado. Ela esperava que ele sempre lembrasse assim daquele quarto.

– Vê se acaba logo com isso – Michel disse.

O sentimento de vingança de Flick passou rapidamente, e ela sentiu pena de Michel. Aproximou mais o travesseiro do rosto dele e disse: – Morda isto, vai ajudar.

Michel enfiou a ponta do travesseiro na boca.

Claude procurou mais um pouco e conseguiu retirar a bala. O sangue saiu abundantemente por alguns segundos, depois diminuiu e Claude aplicou um curativo.

– Procure ficar o mais imóvel possível durante alguns dias – ele recomendou. Isso queria dizer que Michel tinha de ficar no apartamento de Gilberte. Porém, tão cedo ele não estaria disposto a fazer sexo, Flick pensou, com maldosa satisfação.

– Muito obrigada, Claude – ela disse.

– Satisfeito por poder ajudar.

– Tenho outro pedido. Claude se assustou.

– O que é? – Vou tomar um avião às quinze para a meia-noite. Preciso que você me leve até Chatelle.

– Por que Gilberte não pode levar você no carro que usou para ir à minha casa? – Por causa do toque de recolher. Mas estaremos a salvo com você, você é médico.

– Por que eu levaria duas pessoas comigo? – Três. Precisamos de Michel para segurar uma lanterna. O processo para apanhar passageiros era sempre o

mesmo.

Quatro membros da Resistência seguravam lanternas formando a letra L, indicando a direção do vento e onde o avião devia pousar. As lanternas pequenas com baterias deviam estar voltadas para o avião, para ter certeza de que o piloto podia vê-las. Podiam simplesmente ser colocadas na posição, no solo, mas não era tão seguro, e se o piloto não visse o que esperava ver, podia suspeitar de uma armadilha e resolver não pousar. Era melhor ter quatro pessoas sempre que possível.

– Como Vou explicar vocês três para a polícia? – Claude perguntou. – Um médico num chamado de emergência não viaja com três pessoas no carro.

– Muito bem, pense numa boa história.

– É muito perigoso! – Serão só alguns minutos, a esta hora.

– Marie-Jeanne vai me matar. Ela diz que eu tenho de pensar nas crianças.

– Vocês não têm nenhuma.

– Ela está grávida.

Flick balançou a cabeça assentindo. Isso explicava por que Claude andava tão nervoso.

Michel virou e sentou na cama. Estendeu a mão e segurou o braço de Claude.

– Claude, eu estou pedindo, isso é realmente importante. Faça por mim, está bem? Era difícil dizer não a Michel. Claude suspirou.

– Quando? Flick olhou para o relógio. Eram quase onze horas.

– Agora.

Claude olhou para Michel.

– O ferimento pode reabrir.

– Eu sei – Flick disse. – Deixe sangrar.

A CIDADEZINHA DE Chatelle consistia em alguns prédios em volta do cruzamento de duas estradas, três fazendas, uma faixa de casas de trabalhadores e uma padaria que servia às fazendas próximas e aos pequenos povoados. Flick estava num pasto a dois quilômetros do cruzamento, segurando uma lanterna do tamanho de um maço de cigarros.

Tinha feito um curso de uma semana, dado pelos pilotos do Esquadrão 161, que ensinava como guiar um avião para o pouso. Aquele local preenchia as especificações dadas pelos pilotos. O campo tinha quase um quilômetro de comprimento – um Lysander precisava de seiscentos metros para pousar e decolar. O solo debaixo dos seus pés era firme e não tinha saliências. Um lago

próximo era claramente visível do ar à luz da lua, um marco útil para os pilotos.

Michel e Gilberte estavam contra o vento na frente de Flick, formando uma linha reta, também com lanternas, e Claude estava alguns metros ao lado de Gilberte, formando um L de cabeça para baixo para guiar o piloto. Em áreas mais isoladas podiam usar fogueiras em vez de lanternas, mas ali, perto de uma cidade, era muito perigoso deixar as marcas de fogo no chão.

Os quatro formavam o que os agentes chamavam de comitê de recepção. Os de Flick eram sempre silenciosos e disciplinados, mas os grupos menos organizados às vezes transformavam o pouso do avião numa festa, com os homens gritando gracejos, fumando, assistidos por curiosos das cidades próximas. Isso era perigoso. Se o piloto desconfiasse que o pouso fora denunciado aos alemães e pensasse que a Gestapo podia estar à sua espera, tinha de reagir rapidamente. As instruções para o comitê de recepção avisavam que o piloto podia atirar em qualquer pessoa que se aproximasse do avião do lado errado. Isso nunca tinha acontecido, mas certa vez um espectador foi atropelado e morto por um bombardeiro Hudson.

Esperar o avião era sempre um inferno. Se não chegasse, Flick enfrentaria outras vinte e quatro horas de extrema tensão e de perigo antes da próxima oportunidade.

Mas um agente nunca sabia se o avião ia aparecer ou não. Não porque a RAF não fosse confiável. Mas porque, como os pilotos do Esquadrão 161 tinham explicado para Flick, a tarefa de pilotar um avião à luz da lua por centenas de quilômetros era monumentalmente difícil. O piloto usava o método de estimativa – o cálculo da posição pela direção, velocidade e tempo transcorrido – e tentava verificar o resultado pelos marcos de terra, como cidades, rios, estradas de ferro e florestas. O problema com o método de estimativa é que era impossível ajustar corretamente o impulso provocado pelo vento. E o problema com os marcos de terra era que um rio era igual a outro ao luar. Chegar próximo à área determinada era difícil, mas aqueles pilotos tinham de encontrar um campo específico.

Se as nuvens escondessem a lua, seria impossível, e o avião nem saía do chão.

Porém, aquela noite estava ótima, e Flick esperava que desse certo. E tinha razão. Alguns minutos antes da meia-noite, ela ouviu o barulho inconfundível do monomotor, distante a princípio, depois cada vez mais forte até parecer uma explosão de aplausos, e ela sentiu o frêmito agradável de voltar para casa. Começou a fazer com a lanterna a letra X do código Morse. Se ela fizesse a letra errada, o piloto suspeitaria de uma armadilha e iria embora sem pousar.

O avião sobrevoou uma vez, depois desceu rapidamente. Pousou à direita de Flick, freou, fez a volta entre Michel e Claude, taxiou de volta para Flick e virou para o vento outra vez, completando um oval longo e terminando pronto para decolar.

Era um Westland Lysander, um monoplano pequeno de asas altas, pintado de preto fosco. A tripulação consistia num único homem. Tinha dois lugares para passageiros, mas Flick sabia que o "Lizzie" podia transportar quatro, um no chão e um no bagageiro, acima das cadeiras.

O piloto não desligou o motor. Não pretendia ficar no solo mais de alguns segundos.

Flick queria abraçar Michel e desejar melhoras, mas queria também esbofetear seu rosto e dizer para ele manter as mãos longe de outras mulheres. Talvez fosse bom ela não ter tempo nem para uma coisa nem outra.

com um aceno breve, Flick subiu a escada de metal, abriu a portinhola e subiu a bordo. Fechou a cúpula de vidro sobre a cabeça.

O piloto olhou para trás e Flick levantou o polegar. O pequeno avião saltou para a frente, tomou velocidade, ergueu-se no ar e subiu quase reto.

Flick via uma ou duas luzes da cidadezinha. A gente do campo não tinha muito cuidado com o blackout. Se Flick estivesse voando perigosamente mais tarde, às quatro horas da manhã, teria sido capaz de ver do ar o clarão vermelho do forno da padaria, e ao passar pela cidade, sentiria o cheiro do pão fresco, a essência da França.

O avião se inclinou para fazer a volta e Flick viu os rostos de Michel, Gilberte e Claude iluminados pela lua com três manchas sobre o fundo preto do pasto. Quando o avião se estabilizou e seguiu para a Inglaterra, ela sentiu de repente uma sensação de angústia, que talvez nunca mais os visse.



O SEGUNDO DIA
Segunda-feira, 29 de maio de 1944

CAPÍTULO 6

DIETER FRANCK SAIU à noite, no seu grande Hispano-Suiza, acompanhado por seu jovem assistente, tenente Hans Hesse. O carro tinha vinte anos, mas o motor maciço de onze litros era incansável. Na véspera, ao cair da noite, Dieter tinha encontrado uma fileira de orifícios de balas na curva elegante do lado direito do seu para-choque, uma lembrança da escaramuça na praça de Santa Cecília, mas sem nenhum dano no motor, e ele sentiu que as marcas das balas aumentavam o encanto do carro, como a cicatriz de duelo no rosto de um oficial prussiano.

O tenente Hesse encobriu os faróis para atravessar as ruas escuras de Paris, e removeu as cobertas quando chegaram à estrada para a Normandia. Revezavam-se na direção, duas horas cada um, embora Hesse, que adorava o carro e venerava o dono, pudesse alegremente dirigir o tempo todo.

Quase dormindo no banco do passageiro, mesmerizado pelas curvas da estrada iluminadas pelos faróis, Dieter tentava imaginar seu futuro. Os aliados reconquistariam a França, expulsando as forças de ocupação? A ideia da derrota alemã era desoladora. Talvez houvesse alguma espécie de acordo de paz, com a Alemanha entregando a França e a Polônia, mas ficando com a Áustria e a Checoslováquia. Isso não parecia muito melhor. Para Dieter era difícil imaginar sua vida outra vez em Colônia, com a mulher e os filhos, depois da excitação e da indulgência sensual de Paris e Stephanie. O único final feliz, para Dieter e para a Alemanha, seria a expulsão dos invasores para o mar, pelo exército de Rommel.

Antes do amanhecer de uma manhã úmida, Hesse entrou na pequena cidade medieval de La Roche-Guvon, no rio Sena, entre Paris e Rouen. Parou no posto de controle na entrada da cidade, mas eles eram esperados e logo tiveram permissão para seguir em frente. Passaram por casas silenciosas e fechadas até

outro posto de controle nos portões de um antigo castelo. Finalmente, estacionaram no grande pátio calçado de lajes de pedra. Dieter deixou Hesse no carro e entrou no castelo.

O comandante-em-chefe alemão [West] era o marechal de campo Gerd von Runstedt, um general da velha classe de oficiais. Sob suas ordens, encarregado da defesa da costa francesa, estava o marechal de campo Erwin Rommel. O castelo de La Roche-Guyon era o quartel-general de Rommel.

Dieter Franck sentia uma grande afinidade com Rommel. Ambos eram filhos de professores – o pai de Rommel fora diretor de escola – e, consequentemente, tinham sentido o hálito gelado do esnobismo militar da Alemanha em homens como Von Runstedt. Mas em todo o resto eram diferentes. Dieter era um sibarita e aproveitava todos os prazeres sensuais que a França oferecia. Rommel era obcecado pelo trabalho, não fumava nem bebia, e muitas vezes esquecia de comer. Era casado com a única namorada de toda a vida e escrevia para ela três vezes por dia.

No vestíbulo, Dieter encontrou o ajudante de ordens de Rommel, major Walter Goedel, uma personalidade fria, com um cérebro formidável. Dieter o respeitava, mas não gostava dele. Haviam falado ao telefone naquela noite. Dieter descreveu o problema que estava tendo com a Gestapo e disse que queria ver Rommel o mais depressa possível.

– Esteja aqui às quatro horas da manhã – Goedel disse. Rommel estava sempre à sua mesa de trabalho às quatro horas.

Agora Dieter se perguntava se tinha feito a coisa certa. Rommel podia dizer: "Como se atreve a me importunar com detalhes tão triviais?" Dieter achava que ele não diria isso. Os comandantes gostavam de sentir que controlavam todos os detalhes. Rommel certamente daria a Dieter o apoio que ele pedia. Mas nunca se podia ter certeza, especialmente quando o comandante estava sob pressão.

Goedel o cumprimentou brevemente com uma inclinação de cabeça, e disse: – Ele quer ver você agora. Venha comigo.

No corredor, Dieter disse: – Quais as notícias da Itália? – Só más notícias – Goedel disse. – Estamos nos retirando de Arce.

Dieter assentiu balançando a cabeça resignadamente. Os alemães lutavam ferozmente, mas não tinham conseguido deter o avanço do inimigo para o Norte.

Um momento depois, Dieter entrou no escritório de Rommel. Era uma sala grande no térreo. Dieter notou, com inveja, uma tapeçaria Gobelin do século XVII, na parede.

Os móveis eram poucos, algumas cadeiras e uma mesa enorme e antiga, que para Dieter parecia ser da mesma época que a tapeçaria. Sobre a mesa uma única lâmpada. Atrás de Rommel estava sentado um homenzinho com cabelo ralo cor de areia.

– Major Franck, marechal de campo – Goedel disse. Dieter esperou nervoso. Rommel continuou a ler por alguns segundos, depois fez uma marca no papel. Parecia um gerente de banco revendo as contas dos clientes mais importantes – até erguer os olhos. Dieter já tinha visto aquele rosto antes, mas nunca deixava de se sentir ameaçado. Era o rosto de um boxeador, com nariz achatado, queixo largo e olhos muito juntos, repletos da agressão evidente que tinha feito de Rommel um comandante lendário. Dieter lembrou a história da primeira missão militar de Rommel na Primeira Guerra Mundial. Liderando uma guarda avançada de três homens, Rommel encontrou um grupo de vinte soldados franceses, abriu fogo e se lançou contra o inimigo. Por sorte ele saiu vivo – mas Dieter lembrou da máxima de Napoleão: "Me deem generais com sorte." Desde então, Rommel sempre preferia o ataque súbito e ousado ao avanço cautelosamente planejado.

Nisso ele era o oposto do seu oponente no deserto, Montgomery, cuja filosofia era nunca atacar, a não ser quando se está certo da vitória.

– Sente-se, Franck – Rommel disse, bruscamente. – Qual é o problema? Dieter tinha ensaiado.

– Seguindo suas instruções, estive visitando as instalações importantes que podem ser vulneráveis a um ataque da Resistência e reforcei sua segurança.

– Ótimo.

– Também tentei avaliar o potencial da Resistência para infligir danos sérios. Poderão realmente impedir nossa resposta a uma invasão? – E sua conclusão? – A situação é pior do que eu imaginava.

Rommel rosnou com desgosto, como se acabasse de confirmar uma suspeita desagradável.

– Razões? Rommel não ia censurá-lo. Dieter relaxou um pouco. Contou o ataque da véspera em Santa Cecília. O planejamento criativo, a abundância de armas, e acima de tudo a bravura dos combatentes. O único detalhe que não citou foi a beleza da mulher loura.

Rommel levantou e foi até a tapeçaria. Olhou para ela, mas Dieter tinha certeza de que não a estava vendo.

– Eu temia isso – Rommel disse em voz baixa, quase para si mesmo. – Posso dominar uma invasão mesmo com os poucos homens que tenho se puder

me manter o tempo todo móvel e flexível... mas se o sistema de comunicação falhar, estou perdido.

Goedel balançou a cabeça, concordando.

– Acredito que podemos transformar o ataque à central telefônica em uma oportunidade a nosso favor – Dieter disse.

Rommel virou para ele com um sorriso cansado.

– Por Deus, eu queria que todos os oficiais fossem como você. Continue, como faria isso? Dieter começou a sentir que o encontro estava sendo favorável a ele.

– Se eu interrogar os prisioneiros capturados, eles podem me levar a outros grupos. com sorte, podemos infligir uma grande derrota na Resistência antes da invasão.

Rommel parecia cético.

– Isso parece fanfarronada. – O coração de Dieter apertou. Rommel continuou: – Se outra pessoa dissesse isso, eu a descartaria. Mas lembro do seu trabalho no deserto.

Você conseguiu que os homens contassem coisas que nem eles mesmos desconfiavam que sabiam.

Dieter ficou satisfeito. Aproveitando a vantagem, disse: – Infelizmente, a Gestapo me recusa acesso aos prisioneiros.

– Eles são uns imbecis.

– Preciso da sua intervenção.

– É claro. – Rommel olhou para Goedel. – Telefone para a avenida Foch. – A sede da Gestapo na França ficava no número 84 da avenida Foch, em Paris. – Diga que o major Franck vai interrogar os prisioneiros hoje, do contrário o próximo telefonema que vão receber será de Berchtesgaden. – Referia-se à fortaleza de Hitler na Bavária. Rommel nunca hesitava em usar o privilégio do marechal de campo de acesso direto a Hitler.

– Muito bem – Goedel disse.

Rommel deu a volta na sua mesa do século XVII e sentou outra vez.

– Por favor, mantenha-me informado, Franck – ele disse voltando a atenção aos papéis.

Dieter e Goedel saíram da sala.

Goedel levou Dieter até a porta principal do castelo.

Lá fora ainda estava escuro.

CAPÍTULO 7

O AVIÃO DE FLICK POUSOU no Tempsford da RAF (Força Aérea Real), uma pista a oitenta quilômetros de Londres, perto do vilarejo de Sandy, em Bedfordshire. Bastava o gosto do ar da noite frio e úmido na boca para saber que estava de volta à Inglaterra. Flick amava a França, mas aqui era seu lar.

Atravessando o campo, ela lembrou de quando voltava das férias, na infância. Sua mãe dizia sempre a mesma coisa quando avistavam a casa: "É bom ir embora, mas é muito bom voltar para casa." As coisas que sua mãe dizia voltavam à sua lembrança nos momentos mais estranhos.

Uma jovem com o uniforme de cabo do FANY esperava, com um potente Jaguar, para levá-la a Londres.

– Isto é um luxo – Flick disse quando sentou no banco de couro.

– Devo levá-la diretamente a Orchard Court – a motorista disse. – Estão esperando para ouvir seu relatório.

Flick esfregou os olhos.

– Cristo – ela disse enfaticamente. – Eles pensam que não preciso dormir? A motorista não respondeu. Apenas disse: – Espero que tenha tido sucesso na sua missão, major.

– Foi um caos.

– Como disse? – Um caos – Flick repetiu. – Ou seja, situação normal completamente fodida.

A mulher ficou calada. Flick achou que ela estava embaraçada. Era bom ver que existiam ainda mulheres para quem a linguagem dos quartéis era chocante.

O dia nasceu enquanto o carro veloz atravessava os vilarejos de Stevenage e Knebworth, em Hertfordshire. Flick olhou para as casas modestas com vegetais plantados no jardim da frente, os correios rurais onde funcionárias rabugentas e ressentidas forneciam de graça selos de um penny, os vários bares típicos com a cerveja quente e pianos velhos, e se sentiu profundamente grata pelo fato de os nazistas não terem chegado ainda até ali.

Esse sentimento a fez mais determinada a voltar para a França. Queria outra oportunidade de atacar o castelo. Pensou nas pessoas que tinha deixado em Santa Cecília: Albert, o jovem Bertrand, a bela Geneviève e os outros, mortos ou capturados. Pensou nas famílias deles, mortalmente preocupadas ou abatidas pela dor da perda. Resolveu que esse sacrifício não seria em vão.

Tinha de começar imediatamente. Ainda bem que já ia fazer o relatório. Teria oportunidade de propor seu novo plano hoje mesmo. Os homens que dirigiam o SOE a princípio ficariam cautelosos, pois ninguém jamais tinha enviado um grupo só de mulheres para uma missão. Havia muitos obstáculos. Mas sempre havia obstáculos.

Quando chegaram aos subúrbios do norte de Londres, era dia claro e as pessoas especiais do começo da manhã já estavam na rua. Carteiros, entregadores de leite, maquinistas de trem e motoristas de ônibus, todos indo para o trabalho. Os sinais da guerra estavam por toda a parte. Um pôster avisando contra o desperdício, um aviso no açougue dizendo: Não Tem Carne Hoje, uma mulher dirigindo um carro de lixo, uma fila inteira de escombros de pequenas casas bombardeadas. Mas ninguém ia deter Flick e pedir para ver seus papéis, levá-la para uma cela, torturá-la para obter informação, depois mandá-la num vagão de gado para um campo aonde ia morrer de fome. Sentia que aos poucos desaparecia a alta voltagem da tensão de viver escondida. Recostou-se no banco do carro e fechou os olhos.

Acordou quando o carro entrou na rua Baker. Passou pelo número 64: agentes eram mantidos fora do prédio do quartel-general para evitar que revelassem segredos quando interrogados. Na verdade, muitos agentes não sabiam o endereço da sede. O carro entrou na praça Portman e parou na frente da Orchard Court, um prédio de apartamentos. A motorista desceu e abriu a porta para ela.

Flick entrou e foi direto para o apartamento do SOE. Animou-se quando viu Percy Thwaite. Um homem calvo de cinquenta anos, com um bigode que parecia uma escova de dentes, ele gostava paternalmente de Flick. Estava em trajes civis e nenhum dos dois fez continência, pois o SOE não tinha paciência com as formalidades militares.

– Pela sua cara, sei que deu tudo errado – Percy disse.

O tom de simpatia na voz dele foi demais para Flick. A tragédia que tinha acontecido de repente a dominou e ela começou a chorar. Percy a abraçou, batendo de leve nas costas dela. Flick escondeu o rosto no velho paletó de tweed.

– Tudo bem – ele disse. – Eu sei que você fez o melhor possível.

– Meu Deus, desculpe por ser tão mulher.

– Eu gostaria que todos os meus homens fossem tão mulheres quanto você – Percy disse, comovido.

Ela se afastou e enxugou os olhos com a manga.

– Finja que não aconteceu.

Ela virou de lado e assoou o nariz num lenço enorme.

– Chá ou uísque? – Chá, eu acho. – Olhou em volta. A sala era cheia de móveis velhos, apressadamente instalados em 1940 e nunca substituídos. Uma mesa comum, um tapete puído, cadeiras desaparelhadas. Ela sentou pesadamente numa poltrona amarrotada. – Vou dormir se tomar álcool.

Viu Percy preparar o chá. Ele podia ser tão duro quanto compassivo. Muito condecorado na Primeira Guerra Mundial, foi organizador de manifestações trabalhistas nos anos 20 e veterano da batalha de 1936 da rua Cable, quando os cockneys atacaram os fascistas que tentavam marchar contra um bairro judeu do East End de Londres.

Ele faria perguntas minuciosas sobre o plano dela, mas sempre com a mente aberta.

Deu a ela uma xícara de chá com leite e açúcar.

– Vai haver uma reunião mais tarde, esta manhã – ele disse. – Preciso de um relatório breve para o chefe, às nove em ponto. Por isso a pressa.

Ela tomou o chá doce e sentiu um agradável fluxo de energia. Contou o que tinha acontecido na praça de Santa Cecília. Sentado à mesa, ele tomava notas com um lápis de ponta fina.

– Eu devia ter desistido – ela terminou. – Depois dos receios de Antoinette sobre a informação que tínhamos, eu devia ter adiado o ataque e enviado um rádio para cá dizendo que eles eram muito mais numerosos que nós.

Percy balançou a cabeça tristemente.

– Não é hora de adiamentos. A invasão não deve demorar mais de alguns dias. Se você nos tivesse consultado, duvido que teria feito alguma diferença. O que poderíamos fazer? Não era possível mandar mais homens. Acho que teríamos dado ordens para você seguir o plano, apesar de tudo. Tinha de ser tentado. A central telefônica é muito importante.

– Bem, isso é um consolo. – Flick ficou satisfeita por não ter de acreditar que Albert tinha morrido por causa de um erro tático da sua parte. Mas isso não o trazia de volta.

– E Michel está bem? – Percy perguntou.

– com o orgulho ferido, mas se recuperando. – Quando o SOE recrutou Flick, ela não contou que seu marido era da Resistência. Se eles soubessem, podiam ter dado outro trabalho para ela. Mas, na verdade, ela não tinha certeza disso, embora desconfiasse. Em maio de 1940, ela estava na Inglaterra, visitando a mãe, e Michel estava no Exército, como quase todos os jovens franceses. Quando Flick voltou como agente secreto e teve certeza do papel que seu marido

desempenhava, já tivera muito treinamento e era agora muito útil para o SOE, e não iam demiti-la por causa de hipotéticas distrações emocionais.

– Todo mundo odeia uma bala no traseiro – Percy disse. Todos vão pensar que o cara estava fugindo. – Levantou. Muito bem, acho melhor você ir para casa e procurar dormir um pouco.

– Ainda não – Flick disse. – Primeiro quero saber o que vamos fazer agora.

– Vou escrever um relatório...

– Não, estou dizendo sobre a central telefônica. Se é importante, temos de acabar com ela.

Percy sentou outra vez e olhou atento para ela.

– O que você tem em mente? Ela tirou o passe de Antoinette da bolsa e jogou-o na mesa dele.

– Aqui está um meio melhor de entrar no castelo. Isso é usado pelas faxineiras que entram todas as noites às sete horas.

Percy pegou o passe e examinou.

– Garota esperta – ele disse com admiração. – Continue.

– Eu quero voltar.

Uma expressão de dor passou brevemente pelo rosto de Percy, e Flick sabia que ele temia que ela arriscasse a vida outra vez. Mas não disse nada.

– Desta vez, levo comigo uma equipe completa – ela continuou. – Cada uma com um passe igual a esse. Nós substituiremos as faxineiras para entrar no castelo.

– Suponho que as faxineiras são todas mulheres? – Sim. Preciso de uma equipe só de mulheres. Ele balançou a cabeça, assentindo.

– Não muita gente por aqui vai se opor a isso... Vocês, mulheres, provaram que são boas. Mas onde vai encontrá-las? Praticamente todo o nosso pessoal treinado já está lá.

– Consiga a aprovação do meu plano que eu encontro as mulheres. Levarei as que foram rejeitadas pelo SOE, as que fracassaram no curso, qualquer uma. Precisamos de um arquivo de pessoas que não foram aceitas por um ou outro motivo.

– Sim... por não servir fisicamente, ou por não saber ficar de boca fechada, ou por gostar demais de violência, ou que não teve coragem de saltar de paraquedas e se recusou a sair do avião.

– Não importa que sejam fracassadas – Flick disse com decisão. – Posso lidar com isso. – No fundo de sua mente uma voz perguntava: Pode mesmo?

Mas ela ignorou.

– Se a invasão falhar, perderemos a Europa e não poderemos tentar outra vez, antes de muitos anos.

Este é um ponto de não retorno, temos de jogar tudo contra o inimigo.

– Não pode usar mulheres francesas que já estão lá, membros da Resistência? Flick tinha pensado e rejeitado a ideia.

– Se eu tivesse algumas semanas, podia criar uma equipe de mulheres em meia dúzia de distritos diferentes da Resistência, mas levaria muito tempo para encontrá-las e levá-las para Reims.

– Talvez ainda seja possível.

– E também precisamos de um passe falso com foto para cada uma. Isso é difícil de conseguir na França. Aqui, podemos fazer em um ou dois dias.

– Não é tão fácil assim – Percy segurou o passe de Antoinette contra a luz de uma lâmpada descoberta que pendia do teto. – Mas você tem razão, nossa gente faz milagres nesse departamento. – Pôs o passe na mesa. – Tudo bem. Então usaremos as rejeitadas pelo SOE.

Flick sentiu uma ponta de triunfo. Ele estava aceitando a ideia.

Percy continuou: – Mas supondo que você encontre um número suficiente de mulheres que falam francês, será que vai dar certo? E os guardas alemães? Eles não conhecem as faxineiras? – Provavelmente não é o mesmo grupo todas as noites... elas devem ter dias de folga. E os homens nunca notam quem limpa sua sujeira.

– Não tenho tanta certeza. Os soldados geralmente são jovens ávidos por sexo, que prestam atenção a todas as mulheres com quem têm contato. Imagino que os homens nesse castelo pelo menos assediam as mais jovens.

– Eu vi essas mulheres entrando no castelo à noite passada e não observei nenhum sinal de tentativa de namoro.

– Mesmo assim você não pode ter certeza de que os homens não vão notar a aparência de uma equipe completamente estranha.

– Não posso ter certeza, mas tenho confiança suficiente para arriscar.

– Tudo bem, o pessoal francês dentro do castelo? As operadoras de telefone são todas mulheres, não são? – Algumas são da cidade, mas a maior parte é levada de Reims, de ônibus.

– Nem todos os franceses gostam da Resistência, nós dois sabemos disso. Alguns aprovam as ideias nazistas. Deus sabe que na Grã-Bretanha muitos tolos acham que Hitler oferece o tipo de governo moderno que precisamos... embora você não ouça muita coisa dessas pessoas hoje em dia.

Flick balançou a cabeça. Percy nunca tinha estado na França ocupada.

– Os franceses tiveram quatro anos de domínio nazista, não esqueça. Todos esperam ansiosamente a invasão. As telefonistas ficarão de boca fechada.

– Mesmo com a RAF bombardeando a França? Flick deu de ombros.

– Pode haver alguns hostis, mas a maioria se encarrega de mantê-los sob controle.

– É o que você espera.

– Repito, acho que vale a pena arriscar.

– Você ainda não sabe a força da guarda do subsolo.

– Isso não nos impediu de tentar ontem.

– Ontem vocês tinham quinze combatentes da Resistência, alguns deles experientes. Da próxima vez terá um punhado de fracassadas e rejeitadas.

Flick jogou a carta de trunfo.

– Escute, todas as coisas podem sair erradas, mas e daí? A operação custa pouco, e de qualquer modo estaremos arriscando a vida de pessoas que não estão contribuindo para o esforço de guerra. O que temos a perder? – Eu ia chegar lá. Olhe, eu gosto desse plano. Vou apresentá-lo ao chefe. Mas acho que ele vai rejeitá-lo, por uma razão sobre a qual não falamos ainda.

– Qual? – Ninguém, a não ser você, pode liderar essa equipe. Mas esta viagem pode ser sua última. Você sabe demais. Há dois anos está nesse vaivém. Já teve contato com a maioria dos circuitos da Resistência no Norte da França. Não podemos mandar você de volta. Se for capturada, pode dar a eles todas as informações importantes.

– Eu sei – Flick disse tristemente. – Por isso tenho um comprimido suicida.

CAPÍTULO 8

O GENERAL SIR BERNARD MONTGOMERY, comandante do 21° Grupo do Exército que ia invadir a França, instalara seu quartel-general provisório a oeste de Londres, numa escola cujos alunos tinham sido evacuados para acomodações mais seguras, no campo. Por coincidência, era a escola onde Monty havia estudado quando pequeno. As reuniões eram feitas na sala-modelo e todos sentavam nos bancos duros dos alunos, generais e políticos, e, numa ocasião famosa, o próprio rei.

Os britânicos achavam isso engraçado. Paul Chancellor, de Boston, Massachusetts, achava que era bobagem. O que custaria arranjar algumas cadeiras? Ele gostava dos britânicos de modo geral, mas não quando queriam mostrar o quanto eram excêntricos.

Paul era parte do grupo de assistentes pessoais de Monty. Muitos pensavam que era porque seu pai era general, mas não era uma suposição justa. Paul se sentia à vontade com oficiais do alto escalão, em parte por causa do seu pai, e em parte porque antes da guerra o Exército dos Estados Unidos era o maior cliente dos seus negócios, que consistia na fabricação de discos educacionais, especialmente de cursos de línguas. Ele gostava das virtudes militares da obediência, pontualidade e precisão, mas era também capaz de pensar, e cada vez mais Monty dependia dele.

Sua área de responsabilidade era a inteligência. Paul era um organizador. Providenciava para que os relatórios que Monty usava estivessem na mesa do general quando ele precisava, apressava os que se atrasavam, marcava as reuniões e fazia inquéritos suplementares para seu chefe.

Ele tinha experiência de trabalho clandestino. Trabalhara no Departamento de Serviço Estratégico, a agência secreta dos americanos, e serviu como agente secreto na França e na parte do Norte da África de língua francesa. (Quando pequeno, tinha morado em Paris, onde o pai era adido militar na embaixada dos Estados Unidos.) Há seis meses, Paul fora ferido num tiroteio com a Gestapo, em Marselha. Uma bala tirou grande parte da sua orelha esquerda, mas só danificou sua aparência. Outra bala fez em pedaços sua rótula, que nunca mais seria a mesma, e por isso ele tinha uma função burocrática.

O trabalho era fácil, comparado com a fuga constante em território ocupado, mas nunca tedioso. Estavam planejando a Operação Overlord, a invasão que ia pôr um fim à guerra. Paul era uma das poucas centenas de pessoas no mundo que sabia a data, embora muitos outros pudessem ter uma ideia. Na verdade, havia três datas possíveis, baseadas nas marés, nas correntes, na lua e na duração da luz do dia. A invasão precisava de uma lua que demorasse a levantar, de modo que os movimentos iniciais do Exército fossem realizados no escuro, mas devia ter luar mais tarde, quando os primeiros paraquedistas saltassem dos seus aviões e planadores. Uma maré baixa de madrugada era necessária para expor os obstáculos espalhados por Rommel na praia. E outra maré baixa antes do anoitecer era necessária para o pouso das forças de apoio. Esses requisitos deixavam uma abertura muito estreita: a frota podia zarpar na próxima segunda-feira, 5 de junho, na terça ou na quarta. A decisão final seria

tomada no último minuto, dependendo do tempo, pelo comandante supremo dos aliados, o general Eisenhower.

Há três anos, Paul estaria desesperado, procurando um lugar nas forças de invasão. Ele estaria ansioso por ação e embaraçado por estar em casa. Agora estava mais velho e mais sensato. Para começar, tinha pago sua dívida. No colégio, foi capitão do time que venceu o campeonato de Massachusetts, mas nunca mais chutaria uma bola com o pé direito. O mais importante, ele sabia que seus talentos de organizador podiam fazer mais para vencer a guerra que sua capacidade de dar um bom tiro. Estava entusiasmado por ser parte da equipe que planejava a maior invasão de todos os tempos. com o entusiasmo vinha a ansiedade, é claro. Batalhas nunca saíam de acordo com os planos (embora uma das fraquezas de Monty fosse fingir que saíam). Paul sabia que qualquer erro que cometesse – um deslize da caneta, um detalhe esquecido, uma informação não verificada duas vezes – podia matar soldados aliados. A despeito da enorme quantidade de homens das forças aliadas, a batalha ainda podia ser ganha ou perdida, e o menor erro podia pesar na balança.

Nesse dia, às dez horas da manhã, Paul tinha reservado quinze minutos para a Resistência francesa. Era ideia de Monty. Ele era, sem dúvida, um homem de detalhes.

O modo de vencer batalhas, ele acreditava, era não começar a lutar enquanto todos os preparativos não estivessem terminados.

Às cinco para as dez, Simon Fortescue entrou na sala modelo. Era um dos homens mais graduados do MI6, o Departamento de Inteligência Secreta. Um homem alto, com terno risca de giz, ele tinha um modo suavemente autoritário, mas Paul duvidava que ele entendesse muito de trabalho clandestino no mundo real. Estava acompanhado por John Graves, um nervoso funcionário público do Ministério de Economia da Guerra, o departamento do governo que supervisionava o SOE. Graves vestia o uniforme de Whitehall, paletó preto e calça cinzenta listrada. Paul estranhou sua presença. Não tinha convidado Graves.

– Senhor Graves! – ele disse bruscamente. – Não estou certo que tenha sido convidado para esta reunião.

– Explico num segundo – Graves disse, sentou num banco escolar, parecendo inquieto, e abriu uma pasta.

Paul ficou irritado. Monty detestava surpresas. Mas Paul não podia expulsar Graves da sala.

Um momento depois, Monty chegou. Era um homem pequeno, com nariz

pontudo e cabelo ralo. Suas faces eram marcadas por rugas profundas nos dois lados do bigode bem aparado. Tinha cinquenta e seis anos e parecia mais velho. Paul gostava dele. Monty era tão meticuloso que muita gente se impacientava com ele e o chamava de mulher velha. Paul acreditava que a preocupação exagerada de Monty salvava a vida dos seus homens. Com Monty estava um americano que Paul não conhecia. Monty o apresentou como general Pickford.

– Onde está o homem do SOE? – Monty perguntou, olhando para Paul.

Graves respondeu.

– Ele foi chamado pelo primeiro-ministro e envia suas profundas desculpas. Espero que eu possa ajudar...

– Duvido – Montgomery disse secamente.

Paul gemeu por dentro. Era uma confusão, e ele seria culpado. Mas alguma coisa mais estava acontecendo ali. Os britânicos estavam fazendo algum jogo e ele não sabia qual era. Olhou para eles atentamente, à procura de pistas.

Simon Fortescue disse suavemente: – Tenho certeza de que posso preencher os claros. Montgomery ficou irritado. Tinha prometido ao general Pickford um relatório, e a pessoa-chave não estava presente. Mas não perdeu tempo com recriminações.

– Na próxima batalha – ele disse sem mais preâmbulos, os momentos mais perigosos serão os primeiros. – Não era comum Montgomery falar em momentos perigosos, Paul pensou. O jeito dele era falar como se tudo fosse funcionar como um mecanismo de relógio. – Estaremos pendurados pelas pontas dos dedos na beirada de um penhasco por um dia inteiro. Ou dois dias, Paul pensou, ou uma semana ou mais. – Essa será a melhor oportunidade do inimigo. Tudo que ele tem a fazer é pisar nos nossos dedos com o salto das suas botas de combate.

Tão fácil, Paul pensou. Overlord era a maior operação militar da história humana. Milhares de barcos, centenas de milhares de homens, milhões de dólares, dezenas de milhões de balas. O futuro do mundo dependia do resultado dessa operação. Contudo, essa vasta força podia ser repelida tão facilmente se as coisas saíssem erradas nas primeiras horas.

– Qualquer coisa que possamos fazer para deter a reação do inimigo será de importância crucial – Monty terminou e olhou para Graves.

– Bem, a seção F do SOE tem mais de cem agentes na França... na verdade, praticamente toda a nossa gente está lá Graves começou. – E sob as ordens deles, é claro, milhares de combatentes da Resistência francesa. Nas últimas semanas jogamos de paraquedas centenas de toneladas de armas,

munição e explosivos.

Era uma resposta burocrática, Paul pensou. Dizia tudo e nada. Graves teria continuado, mas Monty interrompeu com uma pergunta-chave: – Qual a eficiência dessa força? O funcionário público hesitou e Fortescue correu em seu auxílio.

Minhas expectativas são modestas – ele disse. – O desempenho do SOE sempre foi instável.

Havia um subtexto nessa resposta, Paul sabia. Os antigos espiões profissionais do MI6 detestavam os novatos do SOE com seu estilo de espadachins fanfarrões. Quando a Resistência atacava instalações alemãs, provocava investigações da Gestapo, que às vezes apanhava gente do MI6. Paul era favorável ao SOE. Atacar o inimigo era a finalidade principal de uma guerra.

Seria esse o jogo que eles estavam fazendo? Uma rivalidade burocrática entre o MI6 e o SOE? – Alguma razão especial para seu pessimismo? – Monty perguntou para Fortescue.

– Veja o fiasco da noite passada – Fortescue respondeu prontamente. – Um grupo da Resistência sob o comando de um SOE atacou uma central telefônica perto de Reims.

O general Pickford falou pela primeira vez: – Pensei que nosso plano de ação não incluísse ataques a centrais telefônicas... vamos precisar delas se a invasão for bem-sucedida.

– Tem toda razão – Monty disse. – Mas Santa Cecília foi considerada uma exceção. É um acesso para a nova comunicação para a Alemanha. A maior parte do tráfego de telefones e de telex entre o Alto Comando, em Berlim, e as forças alemãs na França passa por aquele prédio. Destruir essa via de comunicação não nos prejudicará muito, não vamos mesmo telefonar para a Alemanha, mas criará o caos nas comunicações do inimigo.

– Eles passarão para a comunicação por rádio – Pickford disse.

– Exatamente – disse Monty. – Então poderemos ler os sinais.

– Graças aos nossos decifradores de códigos em Bletchley – Fortescue acrescentou.

Paul sabia, embora poucas outras pessoas soubessem, que a inteligência britânica tinha decifrado os códigos usados pelos alemães e, portanto, podia ler grande parte das comunicações de rádio do inimigo. O MI6 se orgulhava disso, embora na verdade merecesse pouco crédito. O trabalho fora feito não pelo pessoal da inteligência, mas por um grupo irregular de matemáticos e entusiastas de palavras cruzadas, muitos dos quais seriam presos se tivessem entrado num

escritório do MI6, em tempos normais. Sir Stewart Menzies, o caçador de raposas, chefe do MI6, detestava intelectuais, comunistas e homossexuais, mas Alan Turing, o gênio matemático que conduziu os decifradores dos códigos, era estas três coisas.

Porém, Pickford tinha razão: se os alemães não pudessem usar as linhas telefônicas, teriam de usar o rádio, e então os aliados iam saber o que eles estavam dizendo.

Destruir a central telefônica em Santa Cecília daria aos aliados uma vantagem crucial.

Mas a missão fracassou.

– Quem era o encarregado? – Monty perguntou. Graves disse: – Eu não vi o relatório completo...

– Eu posso dizer – Fortescue interrompeu. – Major Clairet.

– Fez uma pausa e disse: – Uma mulher.

Paul tinha ouvido falar em Felicity Clairet. Era uma lenda entre o pequeno grupo que conhecia o segredo da guerra clandestina dos aliados. Sobrevivera escondida na França mais tempo que qualquer outro agente. Seu nome de código era Leopardo, e diziam que ela se movimentava nas ruas da França ocupada com os passos silenciosos de um felino perigoso. Diziam também que era uma mulher bonita com um coração de pedra. Já matara inimigos mais de uma vez. – E o que aconteceu? – Monty perguntou.

– Planejamento falho, um comandante inexperiente e falta de disciplina entre os homens – Fortescue respondeu. – O prédio não estava fortemente guardado, mas os alemães são soldados treinados e simplesmente dizimaram a força da Resistência.

Monty parecia furioso. Pickford disse: – Parece que não devemos contar tanto com a Resistência francesa para destruir as linhas de abastecimento de Rommel.

Fortescue concordou.

– O bombardeio é o meio mais confiável para isso.

– Não tenho certeza de que isso seja justo – Graves protestou sem muita convicção. – Os comandos dos bombardeiros têm tido sucessos e fracassos também. E o SOE é muito mais barato.

– Não estamos aqui para ser justos, pelo amor de Deus Monty rosnou. – Só queremos ganhar a guerra. – Ele levantou.

– Acho que já ouvimos bastante – disse para o general Pickford.

– Mas – disse Graves – o que faremos com a central telefônica? O SOE

apresentou um novo plano...

– bom Deus – Fortescue interrompeu. – Não queremos outro fracasso, queremos? – Usem os bombardeiros – disse Monty.

– Tentamos isso – Graves disse. – Eles atingem o prédio, mas o dano não é suficiente, e a central fica impedida de funcionar apenas por algumas horas.

– Então, bombardeiem outra vez – Monty disse, saindo da sala.

Graves olhou com fúria petulante para o homem do MI6.

– Realmente, Fortescue – ele disse. – Quero dizer... realmente.

Fortescue não respondeu.

Todos saíram da sala. No corredor, duas pessoas esperavam. Um homem de uns cinquenta anos com paletó de tweed e uma mulher pequena e loura com uma malha azul sobre um vestido de algodão desbotado. Na frente de uma vitrina com troféus de esportes, eles pareciam um diretor de escola falando com uma aluna, só que a aluna usava uma echarpe amarelo vivo com um toque de estilo que pareceu, para Paul, definitivamente francês. Fortescue passou rapidamente por eles, mas Graves parou.

– Eles negaram – ele disse. – Vão bombardear outra vez. Paul calculou que a mulher era a Leopardo e olhou para ela com interesse. Ela era pequena e magra, com o cabelo louro ondulado muito curto e – Paul notou – belos olhos verdes. Paul não diria que ela era bonitinha, tinha um rosto muito adulto para isso. A impressão inicial de uma estudante jovem foi passageira. Havia agressividade no nariz reto e no queixo de linhas definidas. E havia alguma coisa atraente nela, algo que o fez pensar no corpo esbelto debaixo do vestido muito usado. Ela reagiu com indignação às palavras de Graves.

– Não adianta bombardear do ar, o subsolo é reforçado. Pelo amor de Deus, por que tomaram essa decisão? – Talvez deva perguntar a este cavalheiro – Graves disse, virando para Paul. – Major Chancellor, apresento o major Clairet e o coronel Thwaite.

Paul não gostou de ser posto na posição de defender a decisão de outra pessoa. Apanhado de surpresa, ele respondeu com diplomática franqueza.

– Não acho que seja preciso explicar muito – ele disse bruscamente. – Vocês estragaram tudo e não terão uma segunda chance.

A mulher ergueu os olhos para ele – era pelo menos trinta centímetros mais baixa.

– Estragamos tudo? – ela disse. – Que diabo quer dizer com isso? Paul corou.

– Talvez o general Montgomery tenha sido mal informado, mas não foi a

primeira vez que comandou uma ação desse tipo, major? – Foi isso que disseram? Que foi por falta de experiência minha? Ela era muito bonita, Paul via agora. A fúria aumentava o tamanho dos olhos verdes e punha cor no rosto. Mas ela estava sendo muito grosseira, por isso ele resolveu revidar na mesma moeda.

– Isso e planejamento falho...

– Não havia nada de errado com o maldito plano! – ... e o fato de que soldados treinados defendiam o lugar contra uma força indisciplinada.

– Seu porco arrogante! Instintivamente, Paul deu um passo atrás. Nunca uma mulher tinha falado com ele daquele modo. Ela pode não ter mais de um metro e meio, mas ele apostou que apavorava os malditos nazistas. Olhando para o rosto furioso, ele compreendeu que ela estava mais zangada com ela mesma.

– Você pensa que a culpa foi sua – ele disse. – Ninguém fica tão zangado com os erros de outras pessoas.

Foi a vez de ela ficar confusa. Abriu a boca, sem dizer nada. O coronel Thwaite falou pela primeira vez.

– Acalme-se, Flick, pelo amor de Deus – ele disse. Voltando-se para Paul, continuou: – Deixe-me adivinhar... isso foi dito por Simon Fortescue do MI6, não foi? – Correto – Paul disse, secamente.

– Ele mencionou que o plano de ataque foi baseado em informação dada pela organização dele? – Acho que não.

– Foi o que pensei – disse Thwaite. – Muito obrigado, major, não preciso mais incomodá-lo.

Paul não achava que a conversa tinha acabado, mas estava sendo dispensado por um oficial superior e não teve outra escolha senão ir embora.

Obviamente tinha sido apanhado entre os fogos cruzados de uma guerra particular entre o MI6 e o SOE. Ficou furioso com Fortescue que tinha usado a reunião para marcar pontos. Não tinha certeza de que Monty tomara a decisão certa quando escolheu bombardear a central telefônica em lugar de permitir outra tentativa do SOE.

Quando chegou à porta do seu escritório, olhou para trás. A major Clairet conversava ainda com o coronel Thwaite, em voz baixa mas animadamente, com a mão na cintura, Inclinada para a frente, defendendo sua opinião com um dedo indicador beligerante. Paul imaginou como seria ter aquela mulher nos braços e passar a mão pelo corpo esbelto e ágil. Ela é rude, ele pensou, mas é toda mulher.

Mas ela estaria certa? Era inútil bombardear a central telefônica? Resolveu fazer mais perguntas.

CAPÍTULO 9

O VULTO ENORME, ESCURECIDO pela sombra da catedral, pairava sobre o Centro de Reims como uma censura divina. O Hispano-Suiza azul-celeste de Dieter Franck parou ao meio-dia, na frente do hotel Frankfort, ocupado pelas tropas de ocupação alemãs. Dieter desceu e olhou para cima, para as atarracadas torres gêmeas da grande igreja. O desenho medieval original era de torres elegantes e pontudas, que nunca foram construídas por falta de dinheiro. Obstáculos tão mundanos frustraram as mais sagradas aspirações.

Dieter mandou o tenente Hesse seguir para o castelo em Santa Cecília e verificar se a Gestapo estava pronta para cooperar. Não queria arriscar uma segunda repulsa pelo major Weber. Hesse saiu com o carro, e Dieter subiu para a suíte onde tinha deixado Stephanie na noite anterior.

Ela levantou da cadeira assim que ele entrou. Dieter olhou para ela com imenso prazer. com o cabelo ruivo descendo até os ombros nus, Stephanie vestia um penhoar de seda bege e chinelos de salto alto. Dieter a beijou avidamente e passou as mãos pelo corpo esbelto, agradecendo o dom de tanta beleza.

– Como é agradável ser recebido com tanta satisfação – ele disse com um sorriso. Como sempre falavam em francês.

Dieter aspirou o perfume dela.

– Bem, você cheira melhor que Hans Hesse, especialmente quando ele passa a noite acordado.

Ela passou a mão suavemente na cabeça dele.

– Você está sempre brincando. Mas não teria protegido Hans com seu próprio corpo.

– Verdade – ele suspirou e se afastou um pouco. – Cristo, estou cansado.

– Venha para a cama.

Ele balançou a cabeça.

– Tenho de interrogar os prisioneiros. Dentro de uma hora Hesse vem me buscar. – Sentou pesadamente no sofá.

– Vou pedir alguma coisa para comer. – Tocou a campainha, e um minuto depois um velho garçom francês bateu na porta. Stephanie conhecia Dieter o bastante para pedir a refeição por ele. Pediu um prato de presunto com pãezinhos quentes e salada de batata. – Quer vinho? – ela perguntou.

– Não, vai me dar sono.

– Um bule de café, então – ela disse para o garçom. Quando ele se foi, ela sentou no sofá ao lado de Dieter e segurou a mão dele. – Tudo correu como planejado? – Sim. Rommel foi bastante lisonjeiro. – Ele franziu a testa, ansioso. – Só espero poder cumprir a promessa que fiz a ele.

– Tenho certeza de que cumprirá. – Ela não perguntou os detalhes. Sabia que ele contaria apenas o que queria contar e nada mais.

Dieter olhou carinhosamente para ela, imaginando se devia dizer o que estava pensando. Podia estragar a atmosfera agradável, mas precisava ser dito. Suspirou outra vez.

– Se a invasão tiver sucesso, e os aliados retomarem a França, será o fim para nós dois. Você sabe disso.

Ela estremeceu de leve, como se estivesse sentindo dor e soltou a mão dele.

– Sei mesmo? Dieter sabia que o marido dela fora morto no começo da guerra e que não tinham filhos.

– Você tem família? – ele perguntou.

– Meus pais morreram há muitos anos. Tenho uma irmã em Montreal.

– Talvez esteja na hora de pensarmos em um modo de mandar você para lá.

Ela balançou a cabeça. -Não.

– Por quê? Sem olhar para ele, Stephanie disse: – Eu só quero que esta guerra acabe – ela murmurou.

– Não, não quer.

– É claro que quero – ela disse, com alguma irritação.

– Que atitude convencional pouco característica – ele disse com uma insinuação de desprezo.

– Não pode achar a guerra uma coisa boa! – Você e eu não estaríamos juntos se não fosse pela guerra.

– Mas e todo o sofrimento? – Sou existencialista. A guerra permite que as pessoas sejam o que realmente são. Os sádicos tornam-se torturadores, os psicopatas tornam-se bravos soldados da linha de frente, os valentões e as vítimas têm amplo espaço para desempenhar seus papéis, e as prostitutas estão sempre ocupadas.

Ela ficou zangada.

– Isso diz claramente qual é o meu papel.

Ele acariciou o rosto macio e tocou os lábios dela com a ponta do dedo.

– Você é uma cortesã... e muito boa no que faz. Stephanie afastou a cabeça.

– Você não fala sério. Está improvisando uma música, como quando senta ao piano.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça. Dieter tocava um pouco de jazz, para grande desapontamento do pai. A analogia era adequada. Ele estava experimentando ideias, não expressando uma convicção firme.

– Talvez você tenha razão.

A zanga evaporou e ela ficou triste.

– Você falou sério sobre nossa separação se os alemães deixarem a França? Dieter passou o braço pelos ombros dela e a puxou para si. Stephanie relaxou e deitou a cabeça no peito dele. Dieter beijou a cabeça dela e acariciou seu cabelo.

– Não vai acontecer – ele disse.

– Tem certeza? – Eu garanto.

Era a segunda vez no mesmo dia que ele fazia uma promessa sem saber se seria capaz de cumprir.

O garçom voltou com o almoço, quebrando o encanto.

Dieter estava quase cansado demais para ter fome, mas comeu um pouco e tomou todo o café. Depois de se lavar e fazer a barba, sentiu-se melhor. Quando estava abotoando uma camisa limpa do uniforme, o tenente Hesse bateu na porta. Dieter beijou Stephanie e saiu.

Foram desviados por um bloqueio na rua. Outro bombardeio durante a noite destruíra toda uma fileira de casas perto da estação de trem. Saíram da cidade e seguiram para Santa Cecília.

Dieter tinha dito a Rommel que o interrogatório dos prisioneiros talvez permitisse infligir danos sérios em boa parte da Resistência antes da invasão – Rommel, como todos os comandantes militares, considerava um talvez uma promessa e agora esperaria os resultados. Infelizmente não havia nada garantido num interrogatório. Prisioneiros inteligentes contavam mentiras impossíveis de serem verificadas. Alguns encontravam meios engenhosos de suicídio antes de a tortura se tornar insuportável. Se a segurança fosse realmente severa num determinado circuito da Resistência, cada um só sabia o mínimo possível sobre os outros e tinham pouca informação de valor.

Pior ainda, podiam ter recebido informações falsas dos pérfidos aliados, de modo que quando finalmente cedessem à tortura, o que diriam era parte de um plano bem arquitetado.

Dieter começou a se preparar mentalmente. Precisava ser calculista e duro de coração. Não podia se permitir ser tocado pelo sofrimento físico e mental que ia infligir a seres humanos. Tudo que importava era se a tortura funcionaria. Fechou os olhos e sentiu uma calma profunda, um frio que ia até os ossos, bem conhecido, que às vezes ele pensava, era como o frio da morte.

O carro parou dentro do terreno do castelo. Trabalhadores consertavam os vidros quebrados das janelas e as aberturas nas paredes causadas pelas granadas. No vestíbulo enfeitado, as telefonistas murmuravam nos microfones num zumbido constante. Dieter passou pelas salas perfeitamente proporcionais da ala oeste, seguido por Hans Hesse, e desceu a escada para o subsolo fortificado. A sentinela na porta o saudou, sem tentar detê-lo, pois ele estava de uniforme. Encontrou a porta onde estava escrito Centro de Interrogatório e entrou.

Willi Weber estava sentado à sua mesa, na sala ao lado. Dieter saudou quase gritando: "Heil Hitler", e fez continência, obrigando Weber a se levantar.

Então Dieter puxou uma cadeira, sentou e disse: – Sente, por favor, major.

Weber ficou furioso por ser convidado para sentar na própria sala, mas não tinha escolha.

– Quantos prisioneiros temos? – Dieter perguntou.

– Três.

Dieter ficou desapontado.

– Tão poucos? – Matamos oito inimigos no tiroteio. Outros dois morreram dos ferimentos à noite passada.

Dieter resmungou desanimado. Dera ordens para que os feridos fossem mantidos vivos. Mas não adiantava discutir com Weber sobre o tratamento.

Weber continuou: – Acho que dois escaparam...

– Sim – Dieter disse. – A mulher na praça e o homem que ela levou embora.

– Exatamente. Portanto, de um total de quinze atacantes, temos três prisioneiros.

– Onde estão? Weber hesitou.

– Dois estão nas celas. Dieter entrecerrou os olhos.

– E o terceiro? Weber inclinou a cabeça na direção da outra sala.

– O terceiro está sendo interrogado neste momento.

Dieter levantou apreensivo e abriu a porta. A figura atarracada do sargento Becker estava ao lado da porta, segurando um taco de madeira como um enorme cassetete da polícia. Ele suava e ofegava como se acabasse de fazer um exercício vigoroso. Olhava para o prisioneiro amarrado a uma coluna.

Dieter olhou para o prisioneiro e seus temores se confirmaram.

Apesar da calma autoimposta, teve um esgar de nojo. Era uma prisioneira, a jovem Geneviève, que levava uma Sten debaixo do casaco. Estava nua, amarrada à coluna com uma corda que passava debaixo dos braços suportando o peso do corpo flácido. O rosto estava tão inchado que não podia abrir os olhos. O sangue que saía da boca cobria o queixo e a maior parte do peito. O corpo estava cheio de equimoses, um braço dependurado num ângulo estranho, aparentemente deslocado do ombro. Os pelos púbicos estavam cobertos de sangue. Dieter perguntou a Becker.

– O que ela já disse? – Nada – Becker respondeu embaraçado.

Dieter balançou a cabeça assentindo, controlando a raiva. Exatamente como esperava. Aproximou-se da mulher.

– Geneviève, escute – ele disse em francês. Ela não pareceu ter ouvido.

– Gostaria de descansar agora? – ele tentou. Nenhuma resposta.

Ele virou e viu Weber, parado na porta com ar de desafio. Dieter disse com voz fria e furiosa: – Você foi expressamente informado de que eu ia conduzir o interrogatório.

– Recebemos ordens para dar acesso ao senhor – Weber respondeu com ar superior e pedante. – Não fomos proibidos de interrogar os prisioneiros.

– E está satisfeito com o resultado? Weber não respondeu.

– E os outros dois? – Dieter perguntou.

– Ainda não começamos a interrogar.

– Graças a Deus por isso. – Mas Dieter ficou desapontado mesmo assim. Esperava uma dúzia de prisioneiros, não dois. Leve-me a eles.

Weber fez um sinal para Becker, que largou o taco e saiu da sala. Na luz clara do corredor, Dieter via as manchas de sangue no uniforme de Becker. O sargento parou numa porta com uma portinhola na parte superior. Dieter a abriu e olhou para dentro.

Era uma sala vazia, com o chão sujo, só com um balde num canto. Dois homens estavam sentados no chão, em silêncio, olhando para a frente. Dieter os observou atentamente.

Tinha visto os dois na véspera. O mais velho era Gaston, que instalava as cargas. Um grande pedaço de esparadrapo cobria o ferimento na cabeça, que parecia superficial.

O outro era muito jovem, dezessete anos talvez, e Dieter lembrou que se chamava Bertrand. Não tinha ferimentos aparentes, mas Dieter, lembrando o ataque, pensou que talvez estivesse em choque devido à explosão de uma

granada.

Dieter os observou, aproveitando o tempo para pensar. Tinha de fazer aquilo direito. Não podia perder outro cativo. Os dois eram as únicas oportunidades que tinha.

O garoto devia estar assustado, mas podia suportar muita dor. O outro era velho demais para tortura severa – podia morrer antes de ceder, mas devia ter bom coração.

Dieter começou a ver uma estratégia para interrogá-los.

Fechou a portinhola e voltou para a sala de interrogatório. Becker foi atrás, como um cão idiota mas perigoso. Dieter disse: – Sargento Becker, desamarre a mulher e a leve para a cela com os outros dois.

Weber protestou: – Uma mulher na cela dos homens? Dieter olhou para ele, incrédulo.

– Acha que ela vai sentir a indignidade? Becker entrou na sala de interrogatório e reapareceu carregando o corpo judiado de Geneviève.

– Deixe que o homem velho olhe bem para ela e depois o traga para cá.

Becker seguiu pelo corredor.

Dieter estava resolvido a se livrar de Weber. Mas sabia que se desse uma ordem direta Weber resistiria. Por isso disse: – Acho que você deve ficar aqui para ver o resto do interrogatório. Pode aprender muito vendo minhas técnicas.

Como Dieter esperava, Weber fez o contrário.

– Eu acho que não – ele disse. – Becker pode me manter informado. – Dieter fingiu estar indignado e Weber saiu.

Dieter olhou para o tenente Hesse que tinha entrado e estava sentado num canto. Hesse, compreendendo como ele tinha manipulado Weber, olhava para Dieter com admiração.

Dieter deu de ombros.

– Às vezes é fácil demais – ele disse.

Becker voltou com Gaston. O velho estava pálido. Sem dúvida, chocado com o estado de Geneviève. Dieter disse, em alemão: – Por favor, sente. Quer um cigarro? Gaston não disse nada.

Estava assim estabelecido que ele não entendia o alemão, o que era bom saber.

Dieter indicou a cadeira e ofereceu cigarros e fósforos. Gaston apanhou um cigarro e acendeu-o com mãos trêmulas.

Alguns prisioneiros cediam nesse estágio, antes da tortura, só de medo. Dieter esperava que isso acontecesse. Tinha mostrado a Gaston as alternativas:

de um lado, Geneviève completamente abatida, do outro, cigarros e bondade.

Então ele falou em francês, em tom amistoso: – Vou fazer algumas perguntas.

– Eu não sei nada – Gaston disse.

– Acho que sabe – Dieter disse. – Você deve ter uns sessenta anos, e provavelmente passou toda a vida em Reims, ou perto. – Gaston não negou. Dieter continuou: – Sei que os membros de uma célula da Resistência usam nomes em código e dão uns aos outros um mínimo de informação como medida de precaução. – Involuntariamente, Gaston fez que sim com a cabeça. – Mas você conhece há décadas quase todos eles. Um homem pode se chamar Elefante ou Padre, ou Aubergine nas reuniões da Resistência, mas você o conhece, e sabe que é Jean-Pierre, o carteiro, que mora na rua do Parque e visita às escondidas a viúva Martineau, às terças-feiras, quando sua mulher pensa que ele está jogando boliche.

Gaston desviou os olhos, negando-se a olhar para Dieter, confirmando que o interrogador estava certo.

– Quero que compreenda – Dieter continuou – que você está no controle de qualquer coisa que pode acontecer aqui.

Dor ou o alívio da dor, a sentença de morte ou a liberdade, tudo depende da sua escolha. – Viu com satisfação que Gaston parecia mais apavorado ainda. – Você vai responder as minhas perguntas – ele continuou. – Todos respondem, no fim. O único imponderável é quando.

Esse era o momento em que um homem devia, afinal, ceder, mas Gaston não cedeu.

– Não posso dizer nada – ele disse, quase num murmúrio. Estava assustado, mas ainda restava alguma coragem. Ele não ia ceder sem luta.

Dieter deu de ombros. Tinha de ser do pior modo, então. Disse para Becker, em alemão: – Volte para a cela. Faça o garoto tirar a roupa. Depois o traga para cá e o amarre na coluna, na sala ao lado.

– Muito bem, major – Becker disse avidamente. Dieter voltou para Gaston: – Você vai me dizer o nome e o codinome de todos os homens e mulheres que estavam com você ontem, e o de quaisquer outros do seu circuito da Resistência. – Gaston balançou a cabeça, mas Dieter ignorou o gesto. – Quero saber o endereço de cada membro e de cada casa usada pelos membros do circuito.

Gaston deu uma longa tragada no cigarro e olhou para a brasa acesa na ponta.

Na verdade, aquelas não eram as perguntas mais importantes. O objetivo de Dieter era conseguir informação que o levasse a outros circuitos da Resistência. Mas não queria que Gaston soubesse disso.

Um momento depois, Becker voltou com Bertrand. Gaston olhou boquiaberto para o garoto nu que foi levado da sala de interrogatório para a sala ao lado.

Dieter levantou. Ele disse para Hesse: – Fique de olho neste senhor. – Em seguida acompanhou Becker até a câmara de tortura.

Teve o cuidado de deixar a porta um pouco aberta para que Gaston pudesse ouvir tudo.

Becker amarrou Bertrand no pilar. Antes que Dieter tivesse tempo de intervir, Becker deu um soco no estômago de Bertrand. Foi um golpe forte de um homem forte, com um som surdo impressionante. O jovem gemeu e se contorceu em agonia.

– Não, não, não – Dieter disse. Como ele esperava, o método de Becker nada tinha de científico. Um homem jovem e forte podia aguentar socos quase indefinidamente.

– Primeiro você venda os olhos dele. – Tirou do bolso um lenço grande colorido, amarrou e tampou os olhos de Bertrand com ele. Desse modo, cada golpe é um choque tremendo, e cada momento entre um golpe e outro uma agonia de antecipação.

Becker apanhou o taco de madeira. Dieter fez um sinal e Becker brandiu o taco, acertando um lado da cabeça da vítima, com um estalo de madeira sólida contra pele e ossos. Bertrand gritou de dor e de medo.

– Não, não – Dieter disse outra vez. – Nunca na cabeça, pode deslocar o queixo, impedindo-o de falar. Ou pior, você pode danificar o cérebro, e então nada que ele disser terá valor para nós. – Ele apanhou o taco de madeira e o trocou por uma barra de aço que estava entre as outras armas no porta guarda-chuvas, e entregou-a a Becker.

– Agora, lembre, o objetivo é infligir agonia insuportável sem pôr em perigo a vida da vítima ou sua capacidade de nos dizer o que precisamos saber. Evite os órgãos vitais. Concentre-se nas partes ósseas, tornozelos, canelas, joelhos, dedos, cotovelos, ombros, costelas.

com um olhar malicioso, Becker deu uma volta na coluna; então, fazendo pontaria, desfechou um golpe no cotovelo de Bertrand com a barra de aço. O garoto soltou um grito de agonia, um som que Dieter conhecia.

Becker pareceu satisfeito. Deus me perdoe, Dieter pensou, por ensinar

este animal a infligir dor de modo mais eficiente.

Por ordem de Dieter, Becker golpeou o ombro magro de Bertrand, depois a mão, depois o tornozelo. Dieter mandou Becker fazer uma pausa entre os golpes, dando tempo suficiente para que a dor diminuísse um pouco e para que a vítima começasse a temer o próximo ataque.

Bertrand começou a pedir misericórdia.

– Chega, por favor – ele implorou, histérico de dor e de medo. Becker ergueu a barra, mas Dieter o deteve. Queria que Bertrand continuasse a implorar. – Por favor, não me bata mais – Bertrand gritou. – Por favor, por favor.

Dieter disse para Becker: – É sempre uma boa ideia quebrar uma perna no começo da entrevista. A dor é excruciante, especialmente quando o osso quebrado recebe outro golpe. – Escolheu uma marreta do porta guarda-chuvas. – Logo abaixo do joelho – ele disse, entregando a marreta para Becker. – com toda a força.

Becker fez pontaria com cuidado e desfechou o golpe. Deu para ouvir o osso quebrando. Bertrand gritou e desmaiou. Becker apanhou um balde em um canto e jogou a água no rosto de Bertrand. O jovem voltou a si e gritou outra vez.

Finalmente os gritos se transformaram em gemidos dolorosos.

– O que você quer? – Bertrand implorou. – Por favor, diga o que quer de mim! – Dieter não fez nenhuma pergunta a ele. Entregou a barra de ferro outra vez para Becker e apontou para a perna quebrada onde uma ponta denteada de osso rompera a pele. Becker golpeou a perna naquele lugar. Bertrand gritou e desmaiou outra vez.

Dieter achou que devia ser o bastante.

Foi para a outra sala. Gaston estava sentado onde Dieter o deixara, mas era um homem diferente. Estava inclinado para a frente, com as mãos no rosto, chorando com soluços altos, gemendo e rezando. Dieter ajoelhou na frente da cadeira e tirou as mãos dele do rosto. Gaston olhou para ele entre as lágrimas. Dieter disse docemente: – Só você pode fazer isso parar.

– Por favor, pare, por favor – Gaston gemeu.

– Vai responder às minhas perguntas? Uma pausa, Bertrand gritou outra vez.

– Sim! – Gaston berrou. – Sim, sim, eu conto tudo, se você parar.

Dieter disse em voz alta: – Sargento Becker! – Sim, major? – Chega por enquanto.

– Sim, major – Becker disse, desapontado. Dieter voltou a falar em

francês.

– Agora, Gaston, vamos começar com o líder do circuito. Nome e nome de código. Quem é ele? Gaston hesitou. Dieter olhou para a porta aberta da câmara de tortura. Gaston disse depressa: – Michel Clairet. Codinome Monet.

Era o começo. O primeiro nome era o mais difícil. O resto viria sem esforço. Escondendo a satisfação, Dieter deu um cigarro para Gaston e acendeu o fósforo.

– Onde ele mora? – Em Reims – Gaston soltou a fumaça, e o tremor começou a melhorar. Deu um endereço perto da catedral.

Dieter fez um sinal para o tenente Hesse, que tirou um livro de notas do bolso e começou a anotar as respostas de Gaston. Pacientemente, Dieter conduziu Gaston para todos os membros da equipe de ataque. Em alguns casos, Gaston só sabia os nomes em código, e afirmou que dois dos homens ele nunca tinha visto antes do domingo.

Dieter acreditou. Dois motoristas para a fuga esperavam não muito longe, Gaston disse, uma jovem chamada Gilberte e um homem com codinome Marechal. Havia outros no grupo que era chamado de circuito Bollinger.

Dieter perguntou sobre relacionamentos entre os membros da Resistência. Havia alguns casos amorosos? Algum deles era homossexual? Alguém estava dormindo com a mulher de outro? Embora a tortura tivesse parado, Bertrand continuava a gemer e algumas vezes a gritar de dor dos ferimentos. Então, Gaston perguntou: – Vão tratar dele? Dieter deu de ombros.

– Por favor, chame um médico para ele.

– Muito bem... quando terminarmos nossa conversa. Gaston contou para Dieter que Michel e Gilberte eram amantes, embora Michel fosse casado com Flick, a moça loura da praça.

Até então, Gaston estava falando sobre um circuito que estava praticamente destruído, portanto a informação tinha interesse quase unicamente acadêmico. Agora, Dieter passou para perguntas mais importantes: – Quando agentes aliados vêm a este distrito, como fazem contato? Supostamente ninguém sabia como isso era feito, Gaston disse. Era uma coisa completamente separada de tudo. Entretanto, ele sabia parte da história. Os agentes eram recebidos por uma mulher chamada Bourgeoise. Gaston não sabia onde ela se encontrava com eles, mas ela os levava para sua casa e depois os passava para Michel.

Ninguém conhecia Bourgeoise, nem mesmo Michel.

Dieter ficou desapontado por Gaston saber tão pouco sobre a mulher. Mas essa era a ideia do método de cada um ter apenas parte das informações.

– Você sabe onde ela mora? Gaston fez que sim com a cabeça.

– Um dos agentes deixou escapar. Era numa casa da rua du Bois. Número onze.

Dieter tentou não demonstrar sua alegria. Esse era um fato central. O inimigo provavelmente enviaria mais agentes numa tentativa de reconstituir o circuito Bollinger.

Dieter podia apanhá-los na casa segura.

– E quando eles vão embora? Eram apanhados por um avião num campo com codinome Champ de Pierre, na verdade um pasto perto do vilarejo de Chatelle, Gaston revelou. Havia um campo de pouso alternativo, codinome Champ d'Or, mas ele não sabia onde ficava.

Dieter perguntou sobre a ligação com Londres. Quem tinha dado as ordens para o ataque à central telefônica? Gaston explicou que Flick – major Clairet – era a oficial comandante do circuito e trouxera ordens de Londres. Dieter ficou intrigado. Uma mulher no comando. Mas tinha visto a coragem dela sob fogo. Ela devia ser uma boa líder.

Na outra sala, Bertrand começou a rezar alto, pedindo a morte.

– Por favor – Gaston disse. – Um médico.

– Fale sobre a major Clairet – Dieter disse. – Então chamo alguém para dar uma injeção em Bertrand.

– Ela é uma pessoa muito importante – Gaston disse, ansioso agora para dar a Dieter informação que o satisfaria. Dizem que sobreviveu fazendo serviço secreto mais que qualquer outra pessoa. Ela já esteve por todo o Norte da França.

Dieter estava encantado.

– Ela tem contato com diferentes circuitos? – É o que penso.

Isso não era comum – e significava que ela podia ser uma fonte de informação sobre a Resistência francesa.

– Ontem, depois do ataque, ela foi embora – Dieter disse.

– Para onde acha que ela foi? – Voltou para Londres, tenho certeza – Gaston disse. Para fazer o relatório do ataque.

Dieter praguejou silenciosamente. Ele a queria na França, onde podia prendê-la e interrogá-la. Se pusesse as mãos nela, podia destruir metade da Resistência francesa – como tinha prometido a Rommel. Mas ela estava fora de alcance.

Dieter levantou.

– Isso é tudo, por ora – ele disse. – Hans, vá buscar um médico para os prisioneiros. Não quero que nenhum deles morra hoje... podem ter mais coisas

para nos contar.

Depois datilografe suas notas e as traga para mim de manhã.

– Muito bem, major.

– Faça uma cópia para o major Weber... mas não dê para ele até eu mandar.

– Compreendido.

– Eu volto sozinho de carro para o hotel – Dieter saiu.

A dor de cabeça começou quando ele saiu para o ar livre.

Passando a mão na testa, entrou no carro e saiu da cidade, a caminho de Reims. O sol da tarde parecia refletir na superfície da estrada diretamente nos seus olhos.

Essas dores geralmente o atacavam depois de um interrogatório. Dentro de uma hora ele estaria cego e incapaz de fazer qualquer coisa. Tinha de chegar ao hotel antes que a dor chegasse ao auge. Não querendo frear o carro muitas vezes, tocava a buzina constantemente. Os trabalhadores dos vinhedos, que voltavam lentamente para casa, saíam apressadamente do seu caminho. Cavalos empinavam e uma carroça foi parar na vala, ao lado da estrada. Os olhos dele lacrimejavam de dor e a náusea era insuportável.

Chegou à cidade sem bater com o carro. Conseguiu dirigir para o Centro. Do lado de fora do hotel Frankfort, Dieter não estacionou o carro, mas praticamente o abandonou.

Entrou cambaleando e foi para a suíte.

Stephanie compreendeu imediatamente o que estava acontecendo. Enquanto ele tirava a túnica e a camisa do uniforme, ela apanhou o estojo de primeiros socorros e encheu uma seringa com um composto de morfina. Dieter caiu na cama e ela aplicou a injeção no braço dele. Quase imediatamente a dor passou. Stephanie deitou ao lado dele, acariciando gentilmente seu rosto.

Alguns minutos depois, Dieter estava inconsciente.

CAPÍTULO 10

FLICK MORAVA NUM QUARTO, numa casa grande em Bayswater. Seu quarto ficava no sótão. Se uma bomba atingisse o telhado, cairia na sua cama. Ela passava pouco tempo em casa, não por medo das bombas, mas porque a vida real estava fora dali – na França, no quartel-general ou nos centros de treinamento do

SOE espalhados por todo o país. Havia muito pouco dela naquele quarto. Uma foto de Michel tocando guitarra, uma estante com Flaubert e Molière, em francês, uma aquarela de Nice pintada por ela aos quinze anos. A cômoda pequena tinha três gavetas cheias de roupas e uma de armas e munição.

Cansada e deprimida, ela se despiu e deitou na cama, lendo um número da revista Parade. Berlim fora bombardeada por uma força de 1.500 aviões na última quarta-feira, ela leu. Era difícil imaginar. Tentou visualizar o que devia ter sido para os alemães que viviam ali e só conseguiu pensar num quadro medieval do Inferno, com pessoas nuas queimadas vivas numa chuva de fogo. Virou a página e leu uma história boba sobre a distribuição de "cigarros V" de má qualidade, vendidos como se fossem Woodbines.

A mente dela voltava sempre para o fracasso da véspera. Repetiu a batalha na lembrança, imaginando uma dúzia de decisões diferentes que podia ter tomado, que os levasse à vitória e não à derrota. Além de ter perdido a batalha, temia estar perdendo também o marido, e imaginou se havia alguma ligação de uma coisa com outra.

Inadequada como líder, inadequada como esposa, talvez ela tivesse uma falha importante de caráter.

Agora, com seu plano alternativo rejeitado, não havia perspectiva de se redimir. Toda aquela brava gente morta inutilmente.

Finalmente, mergulhou num sono inquieto. Foi acordada por uma batida na porta e alguém chamando: – Flick! Telefone! – A voz era de uma das moças do apartamento embaixo do seu.

O relógio na estante de livros marcava seis horas.

– Quem é? – ela perguntou.

– Ele só disse que é do escritório.

– Estou indo. – Vestiu um robe. Sem saber ao certo se eram seis horas da manhã ou da noite, olhou pela pequena janela. O sol se punha sobre as varandas elegantes de Ladbroke Grove. Ela desceu correndo a escada para o telefone no corredor.

Percy Thwaite disse: – Desculpe acordar você.

– Tudo bem. – Era sempre um prazer ouvir a voz de Percy no outro lado da linha. Flick gostava muito dele, embora sempre a mandasse para o perigo. A tarefa dos agentes de campo era um sofrimento, e alguns oficiais antigos se anestesiavam, adotando uma atitude de indiferença pela morte ou pela captura dos seus comandados, mas Percy não era assim. Por isso Flick sabia que ele jamais a faria enfrentar um risco desnecessário. Flick confiava nele.

– Pode vir a Orchard Court? Flick imaginou se as autoridades tinham reconsiderado seu novo plano para tomar a central telefônica, e seu coração se encheu de esperança.

– Monty mudou de ideia? – Infelizmente, não. Mas preciso de você para dar informações para alguém.

Flick mordeu o lábio, reprimindo o desapontamento.

– Estarei aí dentro de poucos minutos.

Vestiu-se apressadamente e tomou o metrô para a rua Baker. Percy a esperava no apartamento da praça Portman.

– Encontrei um operador de rádio. Sem experiência, mas teve algum treinamento. Vou mandá-lo para Reims amanhã.

Flick instintivamente olhou para a janela para verificar o tempo, como os agentes sempre faziam quando um voo era mencionado. As cortinas de Percy estavam fechadas, por segurança, mas de qualquer modo ela sabia que o tempo estava bom.

– Reims? Por quê? – Não tivemos nenhuma notícia de Michel hoje. Preciso saber quanto sobrou do circuito Bollinger.

Flick assentiu com um gesto. O operador de rádio fazia parte da equipe de ataque. Supostamente fora morto ou capturado. Michel podia ter conseguido localizar o transmissor de rádio, mas não era treinado para usá-lo, e certamente não conhecia os códigos.

– Mas o que vai adiantar? – Mandamos toneladas de explosivos e de munição nos últimos meses. Quero que eles façam algumas fogueiras. A central telefônica é o alvo mais importante, mas não é o único. Mesmo que só tenham sobrado Michel e uns dois outros, podem explodir linhas de trem, cortar fios telefônicos e matar sentinelas, tudo ajuda. Mas não posso dar as ordens sem meios de comunicação.

Flick deu de ombros. Para ela, o castelo era o único alvo que importava.– Todo o resto era secundário. Mas que diabo.

– Sim, é claro, darei as informações a ele.

Percy olhou muito sério para ela, hesitou e depois disse: – Como Michel estava... fora o ferimento a bala? – Muito bem. – Flick ficou calada por um momento. Percy olhou para ela. Não podia enganá-lo, Percy a conhecia muito bem. Finalmente, ela suspirou e disse: – Há uma garota.

– Era o que eu temia.

– Não sei se sobra muita coisa do meu casamento – ela disse amargamente.

– Lamento.

– Ajudaria se eu pudesse dizer a mim mesma que fiz o sacrifício com um propósito, que desfechei um golpe magnífico para o nosso lado, que fiz com que a invasão tivesse mais chance de ser bem-sucedida.

– Você fez mais que todos eles nos últimos dois anos.

– Mas não há segundo prêmio na guerra, certo? -Não.

Ela levantou. Sentia-se grata pela simpatia de Percy, mas começava a ficar sentimental.

– Acho melhor eu falar com o homem do rádio.

– Codinome Helicóptero. Ele está esperando no escritório. Não muito inteligente, mas um bravo homem.

Aquilo parecia arriscado para Flick.

– Se ele não é muito inteligente, por que mandá-lo, então? Pode ser perigoso para os outros.

– Como você disse antes... esta é a nossa grande chance. Se a invasão falhar, perdemos a Europa. Temos de lançar tudo que temos contra o inimigo agora, porque não teremos outra chance.

Flick assentiu, resignada. Percy tinha usado seu próprio argumento contra ela. Mas tinha razão. A única diferença era que entre as vidas postas em perigo, nesse caso, incluía-se a de Michel.

– Tudo bem – ela disse. – Acho melhor eu começar.

– Ele está ansioso para ver você. Ela estranhou.

– Ansioso? Por quê? Percy disse com um sorriso misterioso: – Descubra você mesma.

Flick saiu da sala de estar do apartamento, onde ficava a mesa de Percy, para o corredor. A secretária dele escrevia à máquina na cozinha e indicou outra sala para Flick.

Flick parou no lado de fora da porta. É assim que funciona, pensou, você se reanima e continua a trabalhar, esperando esquecer com o tempo.

Entrou no escritório, uma sala pequena com uma mesa quadrada e algumas poucas cadeiras. Helicóptero era um garoto de pele clara, de vinte e dois anos, com um terno de tweed mostarda, laranja e verde. Dava para ver que era inglês a um quilômetro de distância. Felizmente, depois que ele entrasse no avião, estaria vestido de modo a não chamar a atenção numa cidade francesa. O SOE empregava alfaiates e costureiras franceses para fazer as roupas de estilo continental para os agentes (depois passavam horas fazendo as roupas parecerem usadas e gastas). Não podiam fazer nada com a pele corada de Helicóptero nem

com o louro-avermelhado do cabelo, a não ser esperar que a Gestapo pensasse que ele tinha um pouco de sangue alemão.

Flick se apresentou, e ele disse: – Sim, na verdade já nos encontramos antes.

– Desculpe, não lembro.

– Você estudou em Oxford com meu irmão, Charles.

– Charlie Standish... é claro! – Flick lembrou de outro garoto louro, de pele clara, mais alto e mais magro que Helicóptero, mas provavelmente não mais inteligente, pois ele não conseguiu se formar. Charlie falava o francês fluentemente, ela lembrou, uma coisa que tinham em comum.

– Na verdade, você esteve em nossa casa, em Gloucestershire.

Flick lembrou de um fim de semana numa casa de campo nos anos 30, e de uma família com um amável pai inglês e uma elegante mãe francesa. Charlie tinha um irmão mais moço, Brian, um adolescente desajeitado de calça curta, muito entusiasmado com uma nova máquina fotográfica. Ela tinha conversado um pouco com ele, e o garoto se apaixonou.

– Então, como vai Charlie? Não o vejo desde a formatura.

– Na verdade, ele está morto. – De repente Brian pareceu extremamente triste. – Morreu em 1941. – Na verdade, foi morto no m-m-aldito deserto.

Flick teve medo de que ele fosse chorar. Segurou a mão dele entre as suas e disse: – Brian, eu sinto tanto.

– Muita bondade sua. – Engoliu em seco. com esforço, se animou. – Eu vi você depois disso. Só uma vez. Você fez uma palestra para meu grupo de treinamento no SOE.

Não tive oportunidade de falar com você depois.

– Espero que minha palestra tenha sido útil.

– Você falou sobre traidores dentro da Resistência e o que fazer com eles. "É muito simples", você disse. "Você encosta o cano da sua pistola na nuca do filho da mãe e aperta o gatilho duas vezes." Na verdade deixou todo mundo morrendo de medo.

Ele olhava para ela com algo muito parecido com adoração, e ela compreendeu o que Percy queria dizer.

Era como se Brian ainda estivesse apaixonado por ela. Sentou à mesa, de frente para ele, e disse: – Muito bem, acho melhor começarmos. Você sabe que vai fazer contato com um circuito da Resistência que foi em grande parte dizimado.

– Sim, devo descobrir quanto sobrou e o que ainda podem fazer, se é que

podem fazer alguma coisa.

– É provável que alguns membros tenham sido capturados durante o ataque de ontem, e devem estar sendo interrogados pela Gestapo neste momento. Por isso você deve ser especialmente cauteloso. Seu contato em Reims é uma mulher de codinome Bourgeoise. Todos os dias, às três horas da tarde, ela vai rezar na cripta da catedral.

Geralmente é a única pessoa na igreja, mas para o caso de haver mais gente, ela estará usando sapatos velhos, de cores diferentes, um preto e outro marrom.

– Fácil de lembrar.

– Você dirá a ela: "Reze por mim." Ela responderá: "Eu rezo pela paz." Esse é o código.

Ele repetiu as palavras.

– Ela o leva para a casa dela e depois o põe em contato com o líder do circuito Bollinger, cujo codinome é Monet. – Ela estava falando do marido, mas Brian não precisava saber. Não mencione o endereço ou o nome verdadeiro de Bourgeoise para outros membros do circuito quando os encontrar, por favor. Por algumas razões, é melhor que eles não saibam. Flick tinha recrutado Bourgeoise e determinado o isolamento dela dos outros membros do circuito. Nem Michel a conhecia pessoalmente.

– Compreendo.

– Tem alguma pergunta? – Estou certo de que há centenas de coisas que quero saber, mas não consigo pensar em nenhuma.

Flick levantou e deu a volta à mesa para apertar a mão dele.

– Muito bem, boa sorte.

Ele segurou a mão dela.

101 – Nunca Vou esquecer daquele fim de semana que você foi à nossa casa – ele disse. – Tenho certeza de que fui mais que chato, mas você foi muito gentil comigo.

Ela sorriu e disse, descontraidamente: – Você era um bom garoto.

– Na verdade, eu me apaixonei por você.

Ela queria tirar a mão da dele e ir embora, mas o garoto podia morrer no dia seguinte e Flick não podia ser tão cruel.

– Fico lisonjeada – ela disse, tentando manter um tom amistoso e de bom humor.

Não adiantou. Ele estava a todo pano.

– Eu estava pensando... será que você... só para dar sorte, me daria um

beijo? Flick hesitou. Ora, que diabo, pensou. Ficou nas pontas dos pés e o beijou de leve nos lábios. Deixou o beijo demorar um segundo, então se afastou. Brian parecia em êxtase. Ela bateu de leve no rosto dele.

– Fique vivo, Brian – ela disse, e saiu da sala.

Voltou à sala de Percy. Ele tinha uma pilha de livros e várias fotos sobre a mesa.

– Terminou? – Percy perguntou.

Flick balançou a cabeça afirmativamente.

– Mas ele não é material perfeito de agente, Percy. Percy deu de ombros.

– É corajoso, fala francês como um parisiense e sabe usar uma arma.

– Há dois anos você o teria mandado de volta ao Exército.

– Certo. Agora Vou mandá-lo para Sandy. – Para uma grande casa de campo no vilarejo de Sandy, perto da pista de pouso Tempsford. Brian estaria vestindo roupas francesas e com os papéis falsos necessários para passar pelos pontos de controle da Gestapo e comprar comida. Percy levantou e foi até a porta. – Enquanto me despeço dele, dê uma espiada nessa galeria de bandidos, certo? – Apontou para as fotos na mesa. – São todas as fotos que o MI6 tem dos oficiais alemães. Se o homem que você viu na praça em Santa Cecília estiver entre eles, eu gostaria de saber o nome dele. – Saiu da sala.

Flick apanhou um dos livros. Era um livro do ano da formatura de uma academia militar, com fotos do tamanho de selos do correio de uns duzentos jovens. Havia uma dúzia mais de livros semelhantes e várias centenas de fotos soltas.

Flick não queria passar a noite olhando para fotos, mas talvez pudesse limitar a área de procura. O homem na praça parecia ter uns quarenta anos. Teria se formado mais ou menos com vinte e dois anos, portanto, perto de 1926. Nenhum dos livros era tão antigo.

Começou a examinar as fotos soltas, procurando lembrar o máximo possível do homem. Era bem alto e estava bem-vestido, mas isso não aparecia na foto. Cabelo farto e escuro, ela pensou, e embora não estivesse bem barbeado, parecia que podia deixar crescer uma barba se quisesse. Lembrou dos olhos escuros, sobrancelhas bem marcadas, nariz reto, queixo quadrado... um perfeito ídolo das garotas, de fato.

As fotos soltas mostravam situações diferentes. Algumas eram de jornais, mostrando oficiais apertando a mão de Hitler, inspecionando tropas, ou olhando para tanques e aviões. Umas poucas pareciam tiradas por espiões. Eram as mais naturais, tiradas no meio da multidão, de carros ou de janelas, e mostravam os

oficiais fazendo compras, falando com crianças, chamando um táxi, acendendo o cachimbo.

Ela examinou as fotos o mais depressa possível, jogando-as para o lado. Hesitava nas fotos de homens de cabelo escuro. Nenhum era tão bonito como o que ela lembrava ter visto na praça. Passou por uma foto de um homem com uniforme de polícia, depois voltou para ela. O uniforme a tinha feito ignorar a foto, mas depois de um exame cuidadoso achou que era ele.

Virou a foto. Atrás estava pregado um papel datilografado. Flick leu: FRANCK, Dieter Wolfgang, às vezes "Frankie"; nascido em Colônia a 3 de junho de 1904; formação acadêmica, Universidade Humboldt de Berlim e Academia de Polícia de Koln; casado em 1930 com Waltraud Loewe, um filho, uma filha; superintendente do Departamento de Investigação Criminal da polícia de Colônia, até 1940; major da seção de Inteligência, Afrika Corps, até? Uma estrela no Serviço de Inteligência de Rommel, este oficial é tido como hábil interrogador e um torturador impiedoso.

Flick estremeceu, pensando que tinha estado perto daquele homem tão perigoso. Um experiente detetive da polícia que emprestava sua habilidade à inteligência militar era um inimigo assustador. O fato de ele ter família em Colônia não impedia que tivesse uma amante na França.

Percy voltou e ela mostrou a foto para ele.

– Este é o homem.

– Dieter Franck! – disse Percy. – Nós sabemos dele. Que interessante. Pelo que você ouviu da conversa dele na praça, parece que Rommel o designou para uma espécie de contrarresistência. – Ele escreveu alguma coisa no seu bloco de notas.

– Acho melhor informar o MI6, pois eles nos emprestaram as fotos.

Bateram na porta, e a secretária de Percy olhou para dentro.

– Uma pessoa deseja vê-lo, coronel Thwaite. – A moça estava com um ar insinuante, Percy nunca despertava esse tipo de comportamento nas secretárias, por isso Flick calculou que o visitante devia ser um homem atraente. – Um americano – a jovem acrescentou. Isso podia explicar, Flick pensou. Os americanos eram o máximo do encanto, pelo menos para as secretárias.

– Como ele descobriu este lugar? – Percy disse. Orchard Court era supostamente um endereço secreto.

– Ele foi ao número sessenta e quatro da rua Baker, e eles o mandaram para cá.

– Não deviam fazer isso. Ele deve ser muito persuasivo. Quem é? – Major

Chancellor.

Percy olhou para Flick. Ela não conhecia ninguém chamado Chancellor. Então lembrou do major arrogante que fora tão grosseiro com ela naquela manhã, no quartel-general de Monty.

– Meu Deus, ele – Flick disse, com desagrado. – O que ele quer? – Mande entrar – Percy disse.

Paul Chancellor entrou. Mancava um pouco, o que Flick não havia notado naquela manhã. Provavelmente ficava pior com o passar das horas. Ele tinha um agradável rosto americano, com nariz comprido e queixo agressivo. Qualquer possibilidade de ser bonito era desfeita pela orelha esquerda, ou o que restava dela, que era a parte inferior do lóbulo. Flick supôs que ele fora ferido em ação.

Chancellor fez continência e disse: – Boa-noite, coronel. Boa-noite, major.

– Não fazemos muita continência no SOE, Chancellor Percy disse. – Por favor, sente. O que o traz aqui? Chancellor sentou e tirou o quepe.

– Estou satisfeito por encontrar os dois – ele disse. – Passei grande parte do dia pensando na nossa conversa desta manhã.

– Sorriu, meio encabulado. – Parte do tempo, devo confessar, estive compondo observações inteligentes e agressivas que eu podia ter feito se tivesse pensado na hora.

Flick não pôde deixar de sorrir. Tinha feito o mesmo. Chancellor continuou: – O coronel Thwaite insinuou que o MI6 pode não ter dito toda a verdade sobre o ataque à central telefônica, e isso me fez pensar. O fato de a major Clairet ser tão agressiva comigo não significa necessariamente que ela estivesse mentindo sobre os fatos.

Flick estava a meio caminho de perdoá-lo, mas agora se irritou: – Agressiva? Eu? Percy disse: – Cala a boca, Flick. Ela calou a boca.

– Então pedi seu relatório, coronel. É claro, o pedido foi feito pelo escritório de Monty, não por mim pessoalmente, portanto foi levado imediatamente à nossa sede por uma motociclista do FANY.

Ele era do tipo que não gostava de leviandades, e sabia como manejar as alavancas da máquina militar, Flick pensou. Pode ser um porco arrogante, mas seria um aliado precioso.

– Quando li, compreendi que a principal razão da derrota foi informação errada.

– Dada pelo MI6! – Flick disse, indignada.

– Sim, notei isso – Chancellor disse com um leve sarcasmo. –

Obviamente o MI6 estava procurando esconder a própria incompetência. Não sou um soldado de carreira, mas meu pai é, por isso conheço os truques dos burocratas militares.

– Oh – Percy disse delicadamente. – É filho do general Chancellor? -Sou.

– Continue.

– O MI6 não teria se saído tão bem se seu chefe estivesse na reunião desta manhã para contar seu lado da história. Parece-me muita coincidência ele ter sido chamado no último minuto.

Percy disse, em tom de dúvida: – Ele foi chamado pelo primeiro-ministro. Não vejo como o MI6 podia ter arranjado isso.

– Churchill não esteve na reunião. Um ajudante de Downing Street o substituiu. E foi arranjada por instigação do MI6.

– Ora, que droga – Flick disse zangada. – Eles são umas verdadeiras serpentes.

– Eu gostaria que fossem tão bons na coleta de informações quanto em enganar os colegas – Percy disse.

– Eu também examinei detalhadamente seu plano, major Clairet – Chancellor disse, para tomar o castelo furtivamente, com uma equipe disfarçada de faxineiras. É arriscado, é claro, mas pode dar certo.

Isso significava que o plano seria reconsiderado? Flick quase não tinha coragem de perguntar. Percy olhou para Chancellor.

– Então o que você vai fazer com tudo isso? – Acontece que jantei com meu pai esta noite. Contei toda a história e perguntei o que um ajudante de general deveria fazer nessas circunstâncias. Estávamos no Savoy.

– O que ele disse? – Flick perguntou, impaciente. Não estava interessada no restaurante em que tinham jantado.

– Que eu devo procurar Monty e dizer a ele que cometemos um erro. – Sorriu sem muita vontade. – Nada fácil com um general. Eles não gostam de revisar uma decisão.

Mas, às vezes, tem de ser feito.

– E vai fazer isso? – Flick perguntou, esperançosa.

– Já fiz.

Percy disse, surpreso: – Você não perde tempo, certo? Flick prendeu a respiração. Parecia impossível, depois de um dia de desespero, ter uma segunda chance.

– Monty foi notavelmente decente sobre o assunto, no fim – Chancellor disse.

Flick não podia conter sua agitação.

– Pelo amor de Deus, o que ele disse do meu plano? – Ele autorizou.

– Graças a Deus. – Ela levantou de um salto. Não podia ficar sentada quieta. – Outra chance! – Esplêndido! – Percy disse. Chancellor levantou uma das mãos.

– Duas coisas mais. A primeira talvez você não goste. Ele me encarregou de dirigir a operação.

– Você! – Flick exclamou.

– Por quê? – Percy perguntou.

– Você não interroga um general quando ele dá uma ordem. Sinto muito que você pareça desapontada. Monty acredita em mim, embora você não acredite.

Percy deu de ombros.

– Qual é a outra condição? – Flick disse.

– O tempo é restrito. Não posso dizer quando será a invasão e, na verdade, a data ainda não foi determinada, mas posso dizer que temos de cumprir nossa missão rapidamente. Se você não tiver atingido o objetivo até meia-noite da próxima segunda-feira, provavelmente será tarde demais.

– A próxima segunda-feira! – Flick disse.

– Sim – disse Paul Chancellor. – Temos exatamente uma semana.



O TERCEIRO DIA
Terça-feira, 30 de maio de 1944

CAPÍTULO 11

FLICK SAIU DE LONDRES de madrugada, dirigindo uma moto Vincent Comet com um potente motor de 500cc. As estradas estavam desertas. A gasolina era severamente racionada e um motorista podia ser preso por fazer viagens "desnecessárias". Ela dirigia velozmente. Era perigoso, mas estimulante. O prazer valia o risco.

Flick sentia a mesma coisa sobre a missão, assustada, mas ansiosa para começar. Na véspera, tinha ficado até tarde da noite com Percy e Paul, tomando chá e planejando.

Devia ser uma equipe de seis mulheres, tinham decidido, porque era o número invariável de faxineiras em cada turno. Uma devia ser perita em explosivos, outra devia entender de centrais telefônicas para decidir exatamente onde deviam ir as cargas e garantir a interrupção do funcionamento da central. Ela queria uma boa atiradora e duas soldados experientes. com ela faziam seis.

Tinha um dia para encontrar todas. A equipe ia precisar de um mínimo de treinamento – tinham de aprender a saltar de paraquedas, pelo menos. Isso tomaria toda a quarta e toda a quinta-feira. Elas saltariam perto de Reims na sexta-feira à noite e entrariam no castelo no começo da noite de sábado ou no domingo. Isso deixava um dia como margem de erro.

Ela atravessou o rio na ponte Londres. Sua moto passou roncando pelas docas danificadas pelas bombas e pelos prédios de apartamentos de Bermondsey e Rotherhithe, depois entrou na estrada Old Kent, o caminho tradicional dos peregrinos, na direção de Canterbury. Quando deixou para trás os subúrbios, acelerou até o fundo. Durante um tempo o vento levou as preocupações da sua cabeça.

Ainda não eram seis horas quando chegou a Somersholme, a casa de campo dos barões de Colefield. O barão estava na Itália, lutando com o Oitavo

Exército, para tomar Roma, Flick sabia. A irmã dele, a nobre Diana Colefield, era o único membro da família que morava ali agora. A casa enorme, com dezenas de quartos para hóspedes e para criados, tem sido usada para soldados feridos.

Flick diminuiu a marcha da moto e seguiu pela avenida de árvores centenárias, olhando para a grande massa de granito rosado na frente, com suas ogivas, balcões, beirais e telhados, acres de janelas e centenas de chaminés. Parou no pátio de cascalho perto de uma ambulância e de alguns jipes.

No vestíbulo, enfermeiras passavam apressadas com xícaras de chá. Os soldados podiam estar ali para convalescer, mas ainda tinham de ser acordados ao nascer do dia.

Flick perguntou pela senhora Riley, a governanta, e indicaram o subsolo. Ela a encontrou olhando preocupada para a fornalha, acompanhada por dois homens de macacão.

– Olá, mamãe – Flick disse.

A mãe a abraçou com força. Era ainda menor que a filha, e tão magra quanto ela, mas como Flick, era mais forte que parecia. O abraço deixou Flick sem ar. Procurando respirar e rindo, ela se libertou dos braços da mãe.

– Mamãe, está me esmagando! – Só sei que você está viva quando a vejo – a mãe disse, ainda com um leve sotaque irlandês. Tinha saído de Cork, com os pais, há quarenta e cinco anos.

– Qual o problema com a fornalha? – Não foi feita para produzir muita água quente. Essas enfermeiras são fanáticas por limpeza. Obrigam os pobres soldados a tomar banho todos os dias. Venha para a minha cozinha que preparo um bom desjejum para você.

Flick estava com pressa, mas resolveu que tinha tempo para a mãe. De qualquer modo, precisava comer. Subiram a escada e chegaram ao alojamento dos criados.

Flick tinha crescido naquela casa. Brincava no salão dos criados, corria nos bosques, frequentou a escola da cidadezinha a dois quilômetros dali e era para onde voltava do internato e da universidade nas férias. Tinha sido extraordinariamente privilegiada.

A maioria das mulheres na posição de sua mãe era obrigada a deixar o emprego quando tinha o primeiro filho. Permitiram que sua mãe continuasse no emprego, em parte porque o velho barão era de certa forma pouco convencional, mas especialmente porque ela era uma governanta tão eficiente que ele não queria perdê-la. Seu pai era mordomo e morreu quando Flick tinha seis anos.

Todo o mês de fevereiro, Flick e a mãe acompanhavam a família à vila em Nice, onde Flick tinha aprendido a falar francês.

O velho barão, pai de William e Diana, gostava de Flick e a incentivou a estudar, pagando a escola. Ficou muito orgulhoso quando ela ganhou a bolsa de estudo para a Universidade de Oxford. Quando ele morreu, logo depois do começo da guerra, Flick ficou inconsolável como se tivesse perdido seu verdadeiro pai.

A família agora ocupava só uma pequena parte da casa. A antiga copa do mordomo se tornou a cozinha. A mãe de Flick pôs a chaleira no fogo.

– Só uma torrada basta, mamãe – Flick disse. A mãe a ignorou e começou a fritar bacon.

– Vejo que você está bem – ela disse. – Como vai seu belo marido? – Michel está vivo – Flick disse. Sentou à mesa. Ficou com água na boca sentindo o cheiro do bacon.

– Vivo, certo? Mas não bem, evidentemente. Ferido? – Levou um tiro no bumbum. Não vai morrer por isso.

– Então você o viu. Flick riu.

– Mamãe, pare com isso! Não posso dizer.

– É claro que não. Ele está mantendo as mãos longe de outras mulheres? Se isso não for segredo militar.

Flick tinha sempre de admirar a intuição da mãe. Era quase sobrenatural.

– Espero que sim.

– Humm. Alguém em particular, de quem você espera que ele esteja mantendo as mãos longe? Flick não respondeu diretamente.

– Já notou, mãe, que os homens às vezes parecem não perceber quando uma mulher é burra de verdade? com um suspiro de desagrado, a mãe disse: – Então é isso. Ela é bonitinha, suponho? – Hum-hum.

– Jovem? – Dezenove.

– Você falou a respeito com ele? – Falei, ele prometeu parar.

– Ele pode cumprir a promessa, se você não ficar longe por muito tempo.

– Estou esperançosa. A mãe pareceu triste.

– Então vai voltar? – Não posso dizer.

– Já não fez bastante? – Ainda não ganhamos a guerra; portanto, não, não fiz.

A mãe pôs um prato com bacon e ovos na frente de Flick. Provavelmente representava a ração de uma semana, mas Flick conteve o protesto. Melhor aceitar a dádiva graciosamente.

Além disso, estava faminta.

– Obrigada, mamãe – ela disse. – Você me mima demais. A mãe sorriu, satisfeita, e Flick começou a comer. Enquanto comia, pensava que a mãe conseguia, sem nenhum esforço, fazer com que ela contasse tudo que queria saber, a despeito das tentativas de Flick de evitar responder a todas as perguntas.

– Você devia trabalhar para a inteligência militar – ela disse, entre duas garfadas de ovo frito. – Podia ser usada como interrogadora. Você me faz contar tudo.

– Sou sua mãe, tenho direito de saber.

Não importava muito. A mãe não ia repetir nada que ouvisse.

Ela tomava chá enquanto via Flick comer.

– Você tem de ganhar a guerra sozinha, é claro – ela disse, com sarcasmo carinhoso. – Você é assim desde criança... independente demais.

– Não sei por quê. Sempre fui muito bem cuidada. Quando você estava ocupada, uma dezena de criadas tomavam conta de mim.

– Acho que eu a incentivei a ser autossuficiente porque você não tinha pai. Sempre que você queria que eu fizesse alguma coisa, como consertar a corrente da bicicleta ou pregar um botão, eu costumava dizer: "Tente você mesma, e se não conseguir, eu ajudo." Nove vezes em dez, eu não ouvia mais falar no assunto.

Flick terminou o bacon e limpou o prato com um pedaço de pão.

– Muitas vezes Mark me ajudava. – Mark era o irmão de Flick, um ano mais velho.

com expressão dura, a mãe disse: – Tem razão.

Flick conteve um suspiro. A mãe tinha brigado com Mark há dois anos. Ele trabalhava no teatro como diretor de cena e vivia com um ator chamado Steve. Há muito tempo a mãe sabia que Mark "não era homem para casar", como ela dizia. Mas num acesso de excessiva sinceridade, Mark foi tolo o bastante para dizer à mãe que amava Steve e que viviam como marido e mulher. Moralmente ofendida, desde então nunca mais ela falou com o filho.

– Mark a ama, mamãe – Flick disse.

– Ama mesmo? – Eu gostaria que você falasse com ele.

– Sem dúvida. – A mãe pegou o prato vazio de Flick e o lavou na pia.

Flick balançou a cabeça, exasperada.

– Você é um pouco teimosa, mãe.

– Posso dizer, então, que foi de mim que você herdou isso. Flick teve de sorrir. Muitas vezes fora acusada de teimosia.

"Como uma mula", eram as palavras de Percy. Tentou ser conciliatória.

– Bem, suponho que você não pode evitar sentir o que sente. De qualquer modo, não Vou discutir com você, especialmente depois de um desjejum tão maravilhoso.

– Mesmo assim, Flick queria que os dois fizessem as pazes. Mas não hoje. Levantou-se: – A mãe sorriu.

– É bom ver você. Eu me preocupo com você.

– Tenho outro motivo para vir aqui. Preciso falar com Diana.

– Para quê? – Não posso dizer.

– Espero que não esteja pensando em levá-la para a França com você.

– Mamãe, fique quieta! Quem falou em ir para a França? – Suponho que é porque ela atira tão bem.

– Não posso dizer.

– Ela vai fazer com que matem você. Diana não sabe o que é disciplina. Por que saberia? Não foi criada assim. Não é culpa dela, é claro. Mas seria tolice sua confiar nela.

– Sim, eu sei – Flick disse, impaciente. Tinha tomado uma decisão e não ia repassá-la com a mãe.

– Ela teve vários trabalhos de guerra e foi despedida de todos.

– Eu sei. – Mas Diana era uma ótima atiradora e Flick não tinha tempo para ser exigente. Tinha de pegar o que fosse possível. Sua maior preocupação era que Diana recusasse. Ninguém podia obrigá-la a fazer trabalho de espionagem. Era estritamente para voluntários. – Onde Diana está agora, você sabe? – Acho que está no bosque. Saiu cedo, atrás de coelhos.

– É claro. – Diana amava todos os esportes sangrentos, caça à raposa, tocaiar veados, caçar lebres, caçar galos silvestres, até mesmo pescar. Quando não tinha nada mais para fazer, ela caçava coelhos.

– Basta seguir o som dos tiros. Flick beijou o rosto da mãe.

– Obrigada pelo desjejum. – Foi para a porta.

– E não fique no lado errado da arma dela – a mãe avisou.

Flick saiu pela porta dos criados, atravessou a horta e entrou no bosque atrás da casa. As árvores estavam cheias de folhas novas e as urtigas chegavam à altura dos joelhos. Flick passou por cima do mato alto com as botas pesadas de motociclista e com a calça de couro. O melhor meio de atrair a atenção de Diana, ela pensou, era lançar um desafio.

Quando estava a quatrocentos metros dentro do bosque, ouviu um tiro de espingarda. Parou, escutou, e gritou: -Diana! Nenhuma resposta.

Andou na direção dos tiros, chamando-a a cada minuto. Finalmente ouviu.

– Aqui, sua idiota barulhenta, seja lá quem for.

– Estou indo. Abaixe a arma.

Encontrou Diana numa clareira, sentada no chão, encostada num carvalho e fumando um cigarro, com uma espingarda atravessada sobre os joelhos, aberta para ser recarregada e meia dúzia de coelhos mortos em volta dela.

– Ah, é você – ela disse. – Você assustou toda a caça.

– Eles voltam amanhã. – Flick olhou atentamente para sua companheira de infância. Diana era bonita mais ou menos como um garoto, com cabelo escuro curto e sardas no nariz. Vestia uma jaqueta de caça e calça de veludo cotelê. – Como vai, Diana? – Entediada. Frustrada. Deprimida. Fora isso, Vou bem. Flick sentou na relva ao lado dela. Parece que ia ser mais fácil do que pensava.

– Qual o problema? – Estou apodrecendo neste campo inglês enquanto meu irmão conquista a Itália.

– Como vai William? – Está bem. Faz parte do esforço de guerra, mas ninguém me dá um trabalho decente.

– Acho que posso ajudar nessa parte.

– Você está no FANY. – Diana deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça. – Querida, não posso ser motorista.

Flick assentiu inclinando a cabeça. Diana era muito importante para aceitar o trabalho oferecido às mulheres.

– Bem, estou aqui para propor a você uma coisa muito interessante.

– O quê? – Talvez você não goste. É muito difícil e perigoso. Diana perguntou com ceticismo.

– Tem algo a ver com dirigir no blackout! – Não posso dizer muita coisa, porque é segredo.

– Flick, querida, não me diga que está envolvida com espionagem.

– Não fui promovida a major dirigindo os carros de generais. Diana olhou para ela.

– Fala sério? – Completamente.

– bom Deus. – Contra sua vontade, Diana ficou impressionada.

Flick tinha de conseguir que ela concordasse voluntariamente.

– Então, está disposta a fazer uma coisa muito perigosa? Falo sério, você pode ser morta.

Diana parecia entusiasmada e não desencorajada.

– Claro que estou disposta. William está arriscando a vida, por que não posso fazer o mesmo? – Sério? – Muito sério.

Flick procurou não demonstrar o alívio. Acabava de recrutar o primeiro membro da equipe.

Diana estava tão disposta que Flick resolveu aproveitar essa vantagem.

– Há uma condição, que você pode achar pior que o perigo.

– Qual é? – Você é dois anos mais velha que eu, e durante toda a nossa vida sempre foi socialmente superior a mim. Você é a filha do barão, e eu da governanta. Nada errado com isso, e não estou me queixando. Minha mãe diria que é como as coisas devem ser.

– Sim, querida, aonde quer chegar? – Estou encarregada da operação. Você terá de me obedecer. Diana deu de ombros.

– Tudo bem.

– Será um problema – Flick insistiu. – Você vai estranhar. Mas serei dura com você, até se acostumar. Isto é um aviso.

– Sim, senhor! – Não nos preocupamos muito com as formalidades no nosso departamento, por isso não precisa me chamar de senhor ou de senhora. Mas usamos a disciplina militar, especialmente quando começamos uma operação. Se esquecer isso, minha fúria será uma das suas menores preocupações. No meu tipo de trabalho, desobedecer ordens pode matar.

– Querida, está sendo muito dramática. É claro que compreendo.

Flick não estava ainda completamente certa disso, mas tinha feito o melhor possível. Tirou um bloco do bolso da blusa e escreveu um endereço em Hampshire.

– Leve roupas para três dias. Aqui é aonde deve ir. Tome o trem de Waterloo para Brockenhurst.

Diana olhou para o endereço.

– Ora, esta é a propriedade de lorde Montagu! – A maior parte ocupada por meu departamento agora.

– O que é seu departamento? – Escritório de Interserviço de Pesquisa – Flick disse, usando o nome de fachada.

– Espero que seja mais interessante do que parece.

– Pode apostar.

– Quando começo? – Precisa estar lá hoje – Flick levantou. – Seu treinamento começa amanhã de madrugada.

– Vou voltar para casa com você e começar a fazer a mala.

– Diana levantou também. – Diga uma coisa...

– Se eu puder.

Diana mexeu na arma, parecendo embaraçada. Quando olhou para Flick pela primeira vez tinha no rosto uma expressão de franqueza.

– Por que eu? – perguntou. – Você deve saber que fui rejeitada por todos.

Flick assentiu balançando a cabeça.

– Vou ser franca. – Olhou para os corpos ensanguentados dos coelhos no chão e depois ergueu os olhos para o belo rosto de Diana. – Você é uma matadora – ela disse.

– E é disso que precisamos.

CAPÍTULO 12

DIETER DORMIU ATÉ as dez horas. Acordou com dor de cabeça por causa da morfina, mas, fora isso, sentia-se bem: entusiasmado, otimista, confiante. O interrogatório sangrento da véspera tinha fornecido uma pista quente. A mulher de codinome Bourgeoise, que morava na rua du Bois, podia ser o caminho para o coração da Resistência francesa.

Ou podia levar a lugar algum.

Tomou um litro de água e três aspirinas para se livrar da ressaca da morfina e apanhou o telefone.

Primeiro ligou para o tenente Hesse, hospedado num quarto mais simples, no mesmo hotel.

– Bom-dia, Hans. Dormiu bem? – Sim, obrigado, major. Senhor, fui à prefeitura para verificar o endereço na rua du Bois.

– bom trabalho – Dieter disse. – O que descobriu? – A casa pertence e é ocupada por uma única pessoa, mademoiselle Jeanne Lemas.

– Mas deve haver outras pessoas.

– Também passei pela frente da casa só para uma espiada, e tudo parecia quieto.

– Esteja pronto para partir com meu carro dentro de uma hora.

– Certo.

– E Hans... muito bem por ter iniciativa.

– Obrigado, senhor.

Dieter desligou. Imaginou como seria mademoiselle Lemas. Gaston disse que ninguém no circuito Bellinger a conhecia, e Dieter acreditava nele. A casa

era um local seguro de despistamento. Agentes que chegavam sabiam apenas onde deviam entrar em contato com a mulher. Se fossem apanhados, não podiam dar informação sobre a Resistência.

Mademoiselle Lemas não devia ser casada. Podia ser uma jovem que herdara a casa dos pais, uma solteirona de meia-idade, à procura de um marido ou uma velha solteira.

Ajudaria se levasse uma mulher com ele, resolveu.

Voltou para o quarto. Stephanie acabava de escovar o cabelo abundante e estava sentada na cama, com o seio aparecendo por cima da borda do lençol. Sem dúvida ela sabia ser tentadora. Mas Dieter resistiu ao impulso de voltar para a cama.

– Você faria uma coisa para mim? – ele perguntou.

– Eu faria qualquer coisa por você.

– Qualquer coisa? – ele sentou na beirada da cama e tocou o ombro nu. – Seria capaz de me ver com outra mulher? – É claro – ela disse. – Eu lamberia os mamilos dela enquanto vocês fizessem amor.

– Sim, você faria isso, eu sei. – Ele riu com prazer. Tivera amantes antes, mas nenhuma como Stephanie. – Não é isso que Vou pedir. Quero que venha comigo para prender uma mulher da Resistência.

Stephanie ficou impassível.

– Tudo bem – ela disse calmamente.

Dieter teve vontade de pressioná-la para uma reação, perguntar o que ela sentia e se tinha certeza de que faria de boa vontade, mas resolveu aceitar o consentimento, sem mais perguntas.

– Obrigado – ele disse, e voltou para a sala. Mademoiselle Lemas podia estar sozinha, mas, por outro lado, a casa podia estar cheia de agentes aliados, todos armados até os dentes. Dieter precisava de algum reforço. Consultou o livro de notas e deu à telefonista do hotel o número de Rommel, em La Roche-Guvon.

Quando os alemães ocuparam a França, o sistema telefônico francês estava supersobrecarregado. Desde então, os alemães tinham melhorado o equipamento, acrescentando milhares de quilômetros de cabos e instalando a comunicação automática. O sistema ainda estava sobrecarregado, mas melhor que antes.

Pediu para falar com o ajudante de Rommel, o major Goedel. Um momento depois, ouvia a voz familiar, fria e precisa: – Goedel.

– Aqui é Dieter Franck – ele disse. – Como está, Walter? – Ocupado –

Goedel disse, brevemente. – O que é? – Estou fazendo progresso por aqui. Não quero entrar em detalhes porque estou falando num telefone do hotel, mas estou prestes a prender pelo menos um espião, talvez vários. Pensei que o marechal de campo gostaria de saber.

– Direi a ele.

– Mas eu gostaria também de alguma ajuda. Estou fazendo isso apenas com um tenente. Estou tão desesperado que Vou usar minha amiga francesa para me ajudar.

– Isso parece pouco sensato.

– Ah, ela é de confiança. Mas não vai adiantar muito contra terroristas treinados. Pode me ceder meia dúzia de homens? – Use a Gestapo. Estão aí para isso.

– Não são confiáveis. Sabemos que cooperam conosco relutantemente. Preciso de gente em quem possa confiar.

– Sem condição – Goedel disse.

– Olhe, Walter, você sabe o quanto isso é importante para Rommel... Ele me encarregou de impedir que a Resistência prejudique nossa mobilidade.

– Sim. Mas o marechal de campo espera que você faça isso sem privá-lo de combatentes.

– Não acho que seja possível.

– Pelo amor de Deus, homem! – Goedel levantou a voz. Estamos tentando defender toda a costa do Atlântico com um punhado de soldados e você está cercado de homens capazes que não têm nada melhor para fazer que perseguir judeus assustados escondidos em celeiros. Faça seu trabalho e não me aborreça! – Um estalo e o telefone foi desligado.

Dieter ficou abalado. Não era típico de Goedel perder a calma. Sem dúvida estavam todos tensos com a ameaça de invasão. Mas a conclusão era clara. Dieter tinha de fazer o trabalho sozinho.

com um suspiro, ele ligou para o castelo Santa Cecília. Foi atendido por Willi Weber.

– Vou invadir uma casa da Resistência – ele disse. – Posso precisar de alguns dos seus pesos pesados. Poderia mandar quatro homens e um carro ao hotel Frankfort? Ou preciso falar com Rommel outra vez? A ameaça era desnecessária. Weber queria ter alguns dos seus homens na operação. Assim, a Gestapo podia reclamar o crédito de qualquer sucesso. Prometeu um carro dentro de meia hora.

Dieter se preocupava em trabalhar com o pessoal da Gestapo. Não podia

controlá-los. Mas não tinha escolha.

Enquanto se barbeava, ligou o rádio sintonizado em uma estação alemã. Ficou sabendo que a primeira batalha de tanques no teatro do Pacífico ocorrera na véspera, na ilha de Biak. Os japoneses que ocupavam a ilha tinham repelido os invasores da 162a infantaria americana de volta à sua cabeça de ponte. Empurrem todos para o mar, Dieter pensou.

Vestiu um terno cinzento de lã, uma fina camisa de algodão com listras cinza-claro e gravata preta com pequenos pontos brancos. Os pontos eram tecidos na fazenda, e não pintados, um detalhe que lhe dava prazer. Pensou por um momento, e então tirou o paletó e pôs um coldre de ombro. Apanhou a pistola automática Walther P38 da cômoda, pôs no coldre e tornou a vestir o paletó.

Sentou com uma xícara de café e ficou vendo Stephanie se vestir. Os franceses fabricavam as roupas de baixo mais bonitas do mundo, ele pensou, vendo-a vestir a calcinha cor da pele. Gostava de vê-la calçar as meias, alisando a seda nas coxas.

– Por que os antigos mestres não pintaram este momento? – ele disse.

– Porque as mulheres da Renascença não usavam meias de seda – Stephanie respondeu.

Quando ela estava pronta, eles saíram.

Hans Hesse os esperava com o Hispano-Suiza de Dieter. O jovem tenente olhou para Stephanie, encantado. Para ele, ela era infinitamente desejável e ao mesmo tempo intocável. Fazia Dieter pensar numa mulher pobre olhando uma vitrina do Cartier.

Atrás do carro de Dieter estava um Citroën preto com tração dianteira, com quatro homens da Gestapo em trajes civis. O major Weber tinha resolvido ir também, Dieter viu. Estava sentado na frente, no banco do passageiro do Citroën, com um terno de tweed verde parecendo um fazendeiro a caminho da igreja.

– Sigam-me – Dieter disse para ele. – Quando chegarmos lá, por favor fiquem no carro até eu chamar.

Weber disse: – Onde diabos você conseguiu um carro desses? – Foi suborno de um judeu – Dieter respondeu. – Eu o ajudei a fugir para a América.

Weber rosnou incrédulo, mas o caso é que a história era verdadeira.

A bravata era a melhor atitude para homens como Weber. Se Dieter tivesse tentado esconder Stephanie, Weber imediatamente suspeitaria que ela era judia e podia começar uma investigação. Mas como Dieter a exibia, a ideia nem

passava pela cabeça de Weber.

Hans tomou a direção e seguiram para a rua du Bois.

Reims era uma grande cidade rural, com uma população superior a cem mil habitantes, mas eram poucos os veículos a motor nas ruas. Os carros só eram usados por aqueles que trabalhavam em repartições oficiais, polícia, médicos, bombeiros e, é claro, pelos alemães. Os cidadãos usavam bicicletas ou andavam a pé. A gasolina era acessível para os entregadores de comida e outros suprimentos essenciais. Mas muita mercadoria era transportada em carroças puxadas por cavalos. O champanhe era a principal indústria do lugar. Dieter gostava de champanhe de todo o jeito: especial com gosto de nozes, fresco, leve, não especial, cuvée, blanc, blanc refinado, meio seco, variedades para sobremesa, até o alegre rosado, preferido pelas cortesãs de Paris.

A rua du Bois era agradável, ladeada de árvores, na periferia da cidade. Hans parou o carro na frente de uma casa alta no fim de uma fileira de casas, com um pequeno pátio de um lado. Era a casa de mademoiselle Lemas. Dieter seria capaz de dominar o espírito daquela mulher? As mulheres eram mais difíceis que os homens. Elas gritavam e choravam, mas aguentavam por mais tempo. Já tinha falhado com algumas mulheres, mas nunca com um homem. Se essa resistisse a ele, seria o fim da sua investigação.

– Venha quando eu der o sinal – ele disse para Stephanie quando desceu do carro. O Citroën de Weber parou atrás, mas os homens da Gestapo ficaram no carro, obedecendo a suas ordens.

Dieter olhou para o pátio ao lado da casa. Viu uma garagem. Mais adiante, um pequeno jardim com cercas vivas podadas, canteiros de flores retangulares e um caminho de cascalho. A proprietária gostava de ordem.

Ao lado da porta da frente havia uma corda vermelha e amarela. Ele a puxou e ouviu o toque metálico de uma campainha mecânica.

A mulher que abriu a porta tinha uns sessenta anos. O cabelo branco era preso atrás com uma fivela de tartaruga, estava com um vestido azul com pequenas flores.

Por cima dele um avental branco muito limpo.

– Bom-dia, monsieur – ela disse delicadamente.

Dieter sorriu. Ela era uma senhora provinciana, impecavelmente distinta. Ele já havia pensado em uma maneira de torturá-la. O ânimo dele se elevava, com esperança.

– Bom-dia... Mademoiselle Lemas? – disse.

Ela olhou para o terno dele, viu o carro na rua e talvez tivesse percebido o

leve sotaque alemão, e o medo apareceu nos seus olhos. com voz trêmula, disse: – Como posso ajudá-lo? – Está sozinha, mademoiselle! – Dieter observou atentamente o rosto dela.

– Sim – ela disse. – Completamente sozinha.

Estava dizendo a verdade. Dieter tinha certeza. Uma mulher como aquela não podia mentir sem que os olhos a traíssem. Ele se virou e fez um sinal para Stephanie.

– Minha amiga nos fará companhia. – Não ia precisar dos homens de Weber. – Quero fazer algumas perguntas.

– Perguntas? Sobre o quê? – Posso entrar? – Está bem.

A sala da frente tinha móveis de madeira escura muito polida. Havia um piano coberto por uma manta e uma gravura da catedral de Reims na parede. O console da lareira tinha uma coleção de ornamentos, um cisne de vidro, um bibelô de uma vendedora de flores, um globo transparente com um modelo do palácio de Versalhes e três camelos de madeira.

Dieter sentou num sofá macio, Stephanie sentou ao lado dele e mademoiselle Lemas numa cadeira de espaldar reto, na frente dos dois. Ela era gorducha, Dieter observou.

Poucos franceses eram gordos depois de quatro anos de ocupação. A comida era o vício dela.

Numa mesa baixa estavam uma caixa de cigarros e um isqueiro pesado. Dieter levantou a tampa e viu que a caixa estava cheia.

– Por favor, pode fumar – ele disse.

Ela pareceu levemente ofendida. Mulheres da sua geração não usavam tabaco.

– Eu não fumo.

– Então, para que os cigarros? Ela tocou o queixo, um sinal de desonestidade.

– Visitas.

– E que tipo de visitas a senhora recebe? – Amigos... vizinhos... – Ela parecia pouco à vontade.

– E espiões britânicos. -Isso é absurdo! Dieter disse, com seu sorriso mais encantador: – Obviamente é uma senhora respeitável que se viu envolvida em atividades criminosas por falsos motivos – ele disse num tom de amistoso candor. – Não Vou brincar com a senhora, e espero que não faça a bobagem de mentir para mim.

– Não direi coisa alguma.

Dieter fingiu desapontamento, mas estava satisfeito com o progresso rápido. Ela já havia abandonado a suposição de que não sabia do que ele estava falando. Era tão bom quanto uma confissão.

– Vou fazer algumas perguntas – ele disse. – Se não responder, Vou repeti-las no quartel da Gestapo.

Ela olhou para ele desafiadoramente.

– Onde se encontra com os agentes britânicos? – ele perguntou.

Ela não disse nada.

– Como eles a reconhecem? Os olhos dela encontraram os dele, firmes. Não estava mais nervosa, mas resignada. Uma brava mulher, ele pensou. Seria um desafio.

– Qual é a senha? Ela não respondeu.

– Para quem passa os agentes? Como entra em contato com a resistência? Quem é o encarregado? Silêncio. Dieter levantou.

– Por favor, venha comigo.

– Muito bem – ela disse, corajosamente. – Talvez permita que eu ponha meu chapéu.

– É claro. – Ele fez um sinal para Stephanie. – Vá com mademoiselle, por favor. Não deixe que ela use o telefone ou que escreva qualquer coisa. – Não queria que ela deixasse alguma mensagem.

Ele esperou no corredor. Quando elas voltaram, mademoiselle Lemas tinha tirado o avental e estava com um casaco e um chapéu que fora moda muito antes da guerra.

Levava uma bolsa grande de couro. Quando os três caminhavam para a porta da frente, mademoiselle Lemas disse: – Ah, esqueci a minha chave.

– Não vai precisar dela – Dieter disse.

– A porta tranca sozinha – ela disse -, preciso da chave para entrar quando voltar.

Dieter olhou diretamente para os olhos dela.

– Não compreende? – ele disse. – A senhora abrigou terroristas britânicos em sua casa. Foi apanhada, e está nas mãos da Gestapo. – Balançou a cabeça com uma expressão de pena que não era de todo fingida. – Seja o que for que aconteça, mademoiselle, nunca mais vai voltar para casa.

Então ela compreendeu todo o horror que estava acontecendo. Ficou branca e cambaleou. Segurou a ponta de uma mesa em forma de rim para se firmar. Um vaso chinês com um arranjo de folhagem seca estremeceu perigosamente, mas não caiu. Então, mademoiselle Lemas recuperou a pose.

Empertigou o corpo e largou a mesa. Outra vez olhou desafiadoramente para Dieter, e saiu da casa com a cabeça erguida.

Dieter pediu a Stephanie para sentar no banco do passageiro e ele foi para o banco de trás, com a prisioneira. A caminho de Santa Cecília, Dieter começou a conversar delicadamente.

– Nasceu em Reims, mademoiselle! – Sim. Meu pai era maestro do coro da catedral. Família religiosa. Era boa notícia para o plano que se formava em sua mente.

– Ele está aposentado? – Morreu há cinco anos, depois de uma longa doença.

– E sua mãe? – Morreu quando eu era muito jovem.

– Então, imagino que tenha tratado do seu pai durante a doença? – Foram doze anos.

– Ah. – Isso explicava por que ela era solteira. Tinha passado a vida tomando conta do pai inválido. – E ele lhe deixou a casa? Ela assentiu balançando a cabeça.

– Pequena recompensa, alguns podem dizer, por uma vida de serviço dedicado. – Dieter disse com simpatia.

Ela olhou para ele demorada e orgulhosamente.

– Não se faz coisas assim por recompensa.

– Claro que não. – Não se importou com a censura insinuada. Ajudaria seu plano se ela se convencesse de que era de algum modo moral e socialmente superior a Dieter. – Tem irmãos? – Nenhum.

Dieter via o quadro claramente. Os agentes que ela abrigava, todos jovens homens e mulheres, deviam ser como filhos para ela. Ela os alimentava, lavava suas roupas, falava com eles e provavelmente cuidava dos relacionamentos entre os sexos, para que não houvesse nenhum ato imoral, pelo menos não sob seu teto.

E agora ela morreria por isso.

Porém, antes, ele esperava, contaria tudo para ele.

O Citroën da Gestapo seguiu o carro de Dieter até Santa Cecília. Quando estacionaram dentro do terreno do castelo, Dieter disse para Weber: – Vou levá-la para cima e deixá-la num escritório.

– Por quê? Há celas no porão.

– Vai ver.

Dieter levou a prisioneira para os escritórios da Gestapo. Examinou todas as salas e escolheu a mais movimentada, uma combinação de datilógrafas e sala

de correio.

Era ocupada por homens e mulheres jovens com camisas elegantes e gravatas. Deixando mademoiselle Lemas no corredor, entrou na sala, fechou a porta e bateu palmas para chamar a atenção.

– Vou trazer uma francesa para cá. Ela é minha prisioneira, mas quero que todos a tratem amistosa e cortesmente, compreenderam? Quero que a tratem como uma convidada.

É importante que ela se sinta respeitada.

Ele a levou para a sala, a fez sentar a uma mesa e, murmurando uma desculpa, algemou um dos tornozelos dela ao pé da mesa. Deixou Stephanie com ela e saiu com Hesse.

– Vá à cantina e peça para prepararem uma bandeja com almoço. Sopa, um prato principal, um pouco de vinho, uma garrafa de água mineral e bastante café. Traga talheres, copos, um guardanapo. Faça com que pareça atraente.

O tenente sorriu com admiração. Não tinha ideia do que seu chefe pretendia fazer, mas estava certo de que era alguma coisa inteligente.

Alguns minutos depois, ele voltou com o almoço. Dieter pegou a bandeja, levou-a para o escritório e a pôs na frente de mademoiselle Lemas.

– Por favor – ele disse, está na hora do almoço.

– Não posso comer nada, obrigada.

– Talvez um pouco de sopa. – Ele pôs vinho no copo.

Ela acrescentou água ao vinho e tomou um pequeno gole, depois experimentou uma colherada de sopa.

– Que tal? – Muito boa – ela admitiu.

– A comida francesa é refinada. Nós, alemães, não conseguimos imitá-la. – Dieter falou sobre banalidades, tentando fazer com que"ela se acalmasse, e mademoiselle Lemas tomou quase toda a sopa. Ele pôs água no copo.

O major Weber entrou e olhou incrédulo para a bandeja na frente da prisioneira. Em alemão, ele disse: – Agora estamos recompensando as pessoas por abrigar terroristas? – Mademoiselle é uma dama – Dieter disse. – Devemos tratá-la corretamente.

– Deus do céu – Weber disse e saiu da sala.

Ela recusou o resto da comida, mas tomou todo o café. Dieter ficou satisfeito. Tudo estava indo de acordo com seu plano. Quando ela terminou, ele fez as perguntas outra vez: – Onde se encontra com os agentes aliados? Como eles a reconhecem? Qual é a senha? Ela pareceu ficar preocupada, mas não respondeu. Dieter olhou tristemente para ela.

– Sinto muito que recuse cooperar comigo, depois de todo este bom tratamento.

Parecendo um tanto intrigada, ela disse: – Agradeço sua bondade, mas não posso dizer nada.

Stephanie, sentada ao lado de Dieter, também parecia intrigada. Dieter imaginou que ela estava pensando: Você pensou mesmo que uma boa refeição seria suficiente para fazê-la falar? – Muito bem – ele disse, e levantou, como se estivesse pronto para sair da sala.

– E agora, monsieur – disse mademoiselle Lemas, parecendo embaraçada. – Quero pedir para... ah... onde é o toalete feminino das visitas? Dieter disse, com voz brusca: – Quer ir ao banheiro? – Ela corou. – Em uma palavra, sim.

– Desculpe, mademoiselle – Dieter disse. – Isso não é possível.

CAPÍTULO 13

A ÚLTIMA COISA QUE Monty tinha dito para Paul Chancellor, tarde da noite, na segunda-feira, foi: "Se quer fazer alguma coisa nesta guerra, providencie para que a central telefônica seja destruída." Paul acordou naquela manhã com essas palavras ecoando na mente. Era uma instrução simples. Se ele pudesse atender, teria ajudado a guerra. Se fracassasse, homens morreriam e ele poderia passar o resto da vida certo de que tinha ajudado a perder a guerra.

Foi cedo para a rua Baker, mas Percy Thwaite já estava no escritório, fumando cachimbo e olhando para seis caixas com pastas de arquivo. Ele parecia um típico incompetente auxiliar militar, com o paletó xadrez e o bigode à escovinha. Olhou para Paul com um traço de hostilidade.

– Não sei por que Monty escolheu você para chefiar essa operação – ele disse. – Não me importa que você seja major e eu coronel, tudo isso é bobagem. Mas você nunca chefiou uma operação clandestina, ao passo que eu faço isso há três anos. Faz sentido para você? – Faz – Paul disse secamente. – Quando você quer ter absoluta certeza de que um trabalho vai ser feito, você o dá para alguém em quem confia. Monty confia em mim.

– Mas não em mim.

– Ele não o conhece.

– Compreendo – Percy disse, irritado.

Paul precisava da cooperação de Percy, por isso resolveu apaziguá-lo.

Olhou em volta e viu a foto emoldurada de um jovem com uniforme de tenente ao lado de uma mulher mais velha com um chapéu grande. O jovem podia ser Percy há trinta anos.

– Seu filho? – perguntou.

Percy se abrandou imediatamente.

– David está no Cairo – ele disse. – Tivemos maus momentos durante a guerra do deserto, especialmente depois que Rommel chegou a Tobruk, mas agora, é claro, ele está bem longe da linha de fogo e devo dizer que estou feliz com isso.

A mulher tinha cabelo e olhos escuros e um rosto mais forte que bonito.

– E a senhora Thwaite? – Rosa Mann. Ficou famosa como sufragista, nos anos 20 e sempre usou o nome de solteira.

– Sufragista? – Campanha para o voto feminino.

Percy gostava de mulheres fortes, Paul concluiu, por isso gostava de Flick.

– Quer saber, você está certo sobre minhas deficiências ele disse, com sinceridade. – Sempre estive no lado perigoso das operações clandestinas, mas esta é a primeira vez que tenho de organizar uma. Por isso serei muito grato por sua ajuda.

Percy assentiu com a cabeça.

– Começo a ver por que você tem fama de conseguir que as coisas sejam feitas – ele disse com a leve sugestão de um sorriso. Mas se quer um conselho...

– Por favor.

– Deixe-se guiar por Flick. Ninguém sobreviveu tanto tempo nesse tipo de trabalho até hoje. Seu conhecimento e sua experiência são inigualáveis. Teoricamente eu sou seu chefe, mas o que eu faço realmente é dar o apoio de que ela precisa. Nunca tentaria dizer o que ela deve fazer.

Paul hesitou. Monty dera o comando a ele e não pretendia passar para outra pessoa a fim de seguir um conselho.

– Não Vou me esquecer disso – ele disse.

Percy pareceu satisfeito. Indicou as pastas com a mão.

– Vamos começar? – O que tem nessas pastas? – Relatórios sobre pessoas que consideramos como possíveis agentes, e depois rejeitamos por alguma razão.

Paul tirou o paletó e dobrou os punhos da camisa.

Passaram a manhã examinando as pastas. Algumas candidatas nem tinham sido entrevistadas, outras foram rejeitadas depois da entrevista, e muitas tinham falhado em alguma parte do curso de treinamento do SOE – atrapalhadas

com os códigos, ineptas no manejo de armas, histéricas de medo de saltar de paraquedas. A maioria tinha vinte e poucos anos e só uma coisa em comum: todas falavam uma língua estrangeira com a fluência de uma nativa.

Eram muitas as pastas de arquivo, mas poucas as candidatas que podiam servir. Quando Percy e Paul eliminaram todos os homens, e as mulheres de língua estrangeira que não fosse o francês, restaram apenas três nomes.

Paul estava desanimado. Acabavam de encontrar um obstáculo importante, logo no começo.

– Quatro é o mínimo que precisamos, mesmo supondo que Flick recrute a mulher que ela foi procurar esta manhã.

– Diana Colefield.

– E nenhuma destas é perita em explosivos ou técnica em telefonia! Percy estava mais otimista.

– Elas não eram, quando o SOE as entrevistou, mas podem ser agora. Mulheres têm aprendido todo tipo de coisas.

– Muito bem, vamos ver do que elas são capazes.

Levaram algum tempo para localizar as três. Outro desapontamento: uma estava morta. As outras duas estavam em Londres. Ruby Romain, infelizmente, estava na prisão de Sua Majestade, para mulheres, em Holloway, cinco quilômetros ao norte da rua Baker, esperando ser julgada por assassinato. E Maude Valentine, cuja ficha dizia apenas "psicologicamente instável", era motorista do FANY.

– Ficamos com duas – Paul disse, aborrecido.

– Não é o número, mas a qualidade é que me preocupa Percy disse.

– Sabíamos desde o começo que íamos pesquisar rejeitadas. Percy ficou zangado.

– Mas não podemos arriscar a vida de Flick com pessoas como essas! Percy queria desesperadamente proteger Flick, Paul percebeu. Ele estava disposto a ceder o controle da operação, mas não podia desistir do papel de anjo da guarda de Flick.

A discussão foi interrompida pelo telefone. Era Simon Fortescue, o sinistro homem do MI6 de terno risca de giz, que culpava o SOE pelo fracasso em Santa Cecília.

– O que posso fazer por você? – Paul perguntou cautelosamente. Fortescue não era um homem em quem se podia confiar.

– Acho que talvez eu possa fazer alguma coisa por vocês – Fortescue disse. – Sei que o plano da major Clairet foi aprovado.

– Quem disse? – Paul perguntou desconfiado. Devia ser segredo.

– Não vamos falar nisso. Naturalmente desejo que tenham sucesso com a missão, embora seja contrário a ela, e gostaria de ajudar.

Paul não gostou de ter de comentar a missão, mas não adiantava reclamar agora.

– Você conhece uma perita em telefonia que fale francês fluentemente? – ele perguntou.

– Não exatamente. Mas tenho alguém com quem você deve falar. O nome dela é lady Denise Bowyer. Uma mulher extremamente agradável, seu pai era o marquês de Inverlocky.

Paul não estava interessado no pedigree da mulher.

– Como ela aprendeu a falar francês? – Criada pela madrasta francesa, a segunda mulher de lorde Inverlocky. Ela quer muito fazer sua parte.

Paul não confiava em Fortescue, mas estava desesperado por recrutas que servissem.

– Onde eu a encontro? – Ela está com a RAF, em Hendon. – A palavra "Hendon" não significava coisa alguma para Paul, mas Fortescue explicou: – Um campo de aviação nos subúrbios do norte de Londres.

– Obrigado.

– Depois me informe como foi sua conversa. – Fortescue desligou.

Paul explicou o que Fortescue queria, e Percy disse: – Fortescue quer uma espiã no nosso campo.

– Não podemos nos dar ao luxo de recusá-la por isso.

– Certo.

Falariam primeiro com Maude Valentine. Percy combinou um encontro no hotel Fenchurch, na rua próxima ao SOE. Estranhos nunca eram levados ao número sessenta e quatro, ele explicou.

– Se nós a rejeitamos, ela deve imaginar que foi avaliada para o serviço secreto, mas não vai saber o nome da organização de quem a entrevistou nem onde ficam os escritórios; assim, se der com a língua nos dentes, o dano não será muito grande.

– Isso é ótimo.

– Qual é o nome de solteira da sua mãe? Paul, tomado de surpresa, teve de pensar por um momento.

– Thomas. Ela era Edith Thomas.

– Então você será o major Thomas e eu serei o coronel Cox. Não vale a pena darmos nossos nomes verdadeiros.

Percy não era nenhum funcionário incompetente, Paul pensou.

Encontrou com Maude no saguão do hotel. Ela despertou seu interesse imediatamente. Era bonita e insinuante. A blusa do seu uniforme era justa, e ela usava o boné num ângulo elegante. Paul falou em francês.

– Meu colega está me esperando numa sala particular. Maude lançou-lhe um olhar malicioso e respondeu na mesma língua.

– Geralmente não Vou a quartos de hotéis com estranhos ela disse desafiadoramente. – Mas no seu caso, major, abro uma exceção.

Paul corou.

– É uma sala de conferências, com mesa e tudo o mais, não um quarto de dormir.

– Oh, tudo bem, então – ela disse, zombando dele.

Paul resolveu mudar de assunto. Notou que ela falava com sotaque do Sul da França.

– De onde você é? – ele perguntou.

– Nasci em Marselha.

– E o que faz no FANY? – Sou motorista de Monty.

– É mesmo? – Paul não devia dar nenhuma informação sobre ele mesmo, mas não pôde deixar de dizer: – Eu trabalhei para Monty por algum tempo, mas não me lembro de ter visto você.

– Bem, não é sempre Monty. Trabalho para muitos generais.

– Ah. Muito bem, venha comigo, por favor, Ele a levou à sala e serviu uma xícara de chá. Maude estava gostando da atenção, Paul percebeu. Enquanto Percy fazia perguntas, ele observava a jovem. Era petite, mas não tanto quanto Flick, era engraçadinha. A boca realçada com batom parecia um botão de rosa, e tinha um sinal – que até podia ser falso – num lado do rosto. O cabelo escuro era ondulado.

– Minha família veio para Londres quando eu tinha dez anos – ela disse. – Meu pai é chef.

– E onde ele trabalha? – É o confeiteiro-chefe no hotel Claridge.

– Impressionante.

A pasta com o histórico de Maude estava sobre a mesa, e Percy discretamente a empurrou para Paul. Paul percebeu o leve movimento e seus olhos caíram numa nota feita quando Maude fora entrevistada pela primeira vez. Pai: Armand Valentin, 39, auxiliar de cozinha no Claridge, ele leu.

Quando terminaram, pediram para ela esperar fora da sala.

– Ela vive num mundo de fantasia – Percy disse, logo que ela saiu. –

Promoveu o pai a chefe mudou o nome dela para Valentine.

Paul concordou com ele.

– No saguão ela me disse que era motorista de Monty, o que eu sei que não é verdade.

– Sem dúvida por isso foi rejeitada antes. Paul pensou que Percy ia rejeitar Maude.

– Mas agora não posso me dar ao luxo de ser muito exigente – ele disse.

Percy olhou para ele, surpreso.

– Ela será uma ameaça numa operação secreta! Paul fez um gesto de desânimo.

– Não temos escolha. -Isso é loucura! Percy estava meio apaixonado por Flick, Paul decidiu. Mas, mais velho e casado, expressava esse amor de modo paternal e protetor. Paul gostou mais dele por isso, mas compreendia que ao mesmo tempo teria de lutar contra a cautela exagerada de Percy se quisesse fazer seu trabalho.

– Ouça – ele disse. – Não devemos eliminar Maude. Flick pode resolver quando a conhecer.

– Eu suponho que você esteja certo – Percy disse relutantemente. – E a habilidade para contar histórias pode ser útil em um interrogatório.

– Tudo bem. Vamos trazê-la a bordo – Paul a chamou. – Eu gostaria que fizesse parte da equipe que estamos formando ele disse. – O que acha de fazer uma coisa perigosa? – Vamos para Paris? – Maude perguntou avidamente. Uma reação estranha. Paul hesitou, e depois disse: – Por que pergunta? – Eu adoraria ir a Paris. Nunca estive lá. Dizem que é o lugar mais bonito do mundo.

– Seja qual for o lugar para onde vai, não terá muito tempo para fazer turismo – Percy disse deixando perceber sua irritação.

Maude não pareceu notar.

– Uma pena – ela disse. – Mesmo assim, eu gostaria de ir.

– Como se sente quanto ao perigo? – Paul insistiu.

– Tudo bem – Maude disse despreocupadamente. – Não me assusta.

Pois devia assustar, Paul pensou, mas não disse nada.

SEGUIRAM PARA o NORTE, saindo da rua Baker, e passaram Por um bairro proletário que tinha sofrido pesado bombardeio.

Em cada rua, pelo menos uma casa estava incendiada ou era uma pilha de escombros.

Paul ia se encontrar com Flick do lado de fora da prisão para juntos

entrevistarem Ruby Romain. Percy ia a Hendon para entrevistar lady Denise Bowyer.

Percy, na direção, seguia confiante pelas ruas cheias de fuligem e de entulho. Paul disse: – Você conhece bem Londres.

– Eu nasci aqui perto – Percy respondeu.

Paul ficou intrigado. Sabia que não era comum um garoto de família pobre chegar ao posto de coronel no Exército britânico.

– O que seu pai fazia? – Vendia carvão numa carroça puxada a cavalo.

– Tinha o próprio negócio? – Não, trabalhava para um negociante de carvão.

– Estudou num colégio daqui? Percy sorriu. Sabia que estava sendo investigado, mas não parecia se importar.

– O vigário local me ajudou a conseguir uma bolsa para um bom colégio. Foi onde perdi meu sotaque londrino.

– Intencionalmente? – Não de boa vontade. Vou dizer uma coisa. Antes da guerra, quando me envolvi na política, as pessoas às vezes me diziam: "Como você pode ser um socialista com um sotaque desses?" Eu explicava que, no colégio, tinha apanhado muito por ignorar o agá aspirado da língua inglesa. Isso silenciava um ou dois filhos da mãe.

Percy parou o carro numa rua ladeada de árvores. Paul olhou para fora e viu um castelo de fantasia, com ameias e torreões, e uma torre alta.

– Isto é uma prisão? Percy fez um gesto de desalento.

– Arquitetura vitoriana.

Flick o esperava na entrada com o uniforme do FANY, uma túnica com quatro bolsos, saia-calça e um pequeno boné com a aba virada para cima. O cinto de couro bem apertado na cintura fina enfatizava seu pequeno tamanho e o cabelo louro e ondulado escapava debaixo do boné. Por um momento, Paul ficou sem fôlego.

– Ela é tão bonita – ele disse.

– Ela é casada – Percy observou secamente. Estou sendo advertido, Paul pensou, divertido.

– Com quem? Percy hesitou, e depois disse: – Você precisa saber disso, eu acho. Michel está na Resistência francesa. É líder do circuito Bollinger.

– Ah. Obrigado – Paul saiu do carro, e Percy foi embora. Ele imaginou se Flick ia ficar zangada por ele e Percy terem escolhido tão poucas candidatas dos arquivos. Nas únicas duas vezes que tinha estado com ela, Flick gritara com ele. Porém, agora parecia alegre, e quando ele falou sobre Maude, disse: – Então

temos três membros da equipe, contando comigo. Isso quer dizer que estamos no meio do caminho, o que já é alguma coisa.

Paul assentiu. Era um modo de ver as coisas. Ele estava preocupado, mas não adiantava dizer isso agora.

A entrada da prisão Holloway era uma cabana medieval, com janelas em forma de seta.

– Por que eles não fizeram o trabalho completo e construíram uma porta e uma ponte levadiças? – Paul disse. Passaram pela cabana e entraram num pátio, onde algumas mulheres com vestidos escuros cultivavam vegetais. Cada pedacinho de solo vazio em Londres era uma horta.

A prisão se erguia ameaçadora na frente deles. A entrada era guardada por monstros de pedra, maciços grifos segurando chaves e grilhões nas patas. O prédio principal era flanqueado por prédios de quatro andares, cada andar representado por uma longa fileira de janelas estreitas e pontudas.

– Que lugar! – Paul disse.

– Foi aqui que as sufragistas fizeram greve de fome – Flick disse. – A mulher de Percy foi alimentada à força aqui – Meu Deus.

Entraram. O ar cheirava a desinfetante, como se as autoridades esperassem que podiam, assim, matar as bactérias do crime. Paul e Flick foram levados ao escritório de miss Lindleigh, uma diretora assistente que parecia um barril, com um rosto gordo e duro.

– Não sei por que vocês querem ver Romain – ela disse. com uma sugestão de ressentimento, acrescentou: – Aparentemente eu não devo saber.

Paul viu a expressão de desprezo no rosto de Flick e percebeu que ela ia ridicularizar a mulher, por isso apressou-se em intervir.

– Peço desculpas pelo segredo – ele disse, com seu sorriso mais encantador -, estamos apenas obedecendo a ordens.

– Suponho que nós todos temos de fazer isso – disse miss Lindleigh, mais ou menos acalmada. – De qualquer modo, devo avisar que Romain é uma prisioneira violenta.

– Sabemos que é assassina.

– Sim. Ela devia ser enforcada, mas os tribunais são muito lenientes hoje e dia.

– Não há dúvida – disse Paul, embora não concordasse.

– Ela veio para cá originalmente por bebedeira, depois matou outra prisioneira numa briga no pátio de exercícios, e agora espera julgamento por assassinato.

– Uma freguesa durona – Flick disse, com interesse.

– Sim, major. Ela pode parecer razoável no começo, mas não se deixem enganar. Ela esquenta facilmente, e perde o controle mais depressa do que se pode esperar.

– E é mortal, quando isso acontece – Paul disse.

– Vejo que entendeu o quadro.

– Temos pouco tempo – Flick disse, impaciente. – Eu gostaria de vê-la agora.

Paul acrescentou rapidamente: – Se for conveniente, miss Lindleigh.

– Muito bem. – A diretora assistente os levou para fora da sala. O assoalho duro e as paredes nuas faziam com que o lugar ecoasse como uma catedral, com o constante Acompanhamento de gritos distantes, portas que batiam e as pancadas de botas nas passarelas. Passaram por corredores estreitos e escadas íngremes até chegar à sala de entrevistas.

Ruby Romain já estava lá. Sua pele era morena, o cabelo liso e escuro e os olhos ferozes e pretos. Mas não tinha a tradicional beleza cigana. O nariz era curvo e o queixo recurvado para cima, como um duende.

Miss Lindleigh os deixou com uma carcereira na sala ao lado, observando por uma porta de vidro fosco. Flick, Paul e a prisioneira sentaram em volta de uma mesa com um cinzeiro sujo. Paul tinha um maço de Lucky Strikes. Pôs os cigarros em cima da mesa e disse em francês: – Sirva-se.

Ruby tirou dois cigarros, pôs um na boca e o outro atrás da orelha.

Paul fez algumas perguntas de rotina para quebrar o gelo. Ela respondeu com voz clara e delicada, mas com um forte sotaque.

– Meus pais são artistas itinerantes – ela disse. – Quando eu era pequena, estivemos por toda a França com um parque de diversões. Meu pai tinha um stand de tiro e minha mãe vendia panquecas quentes com calda de chocolate.

– Como veio para a Inglaterra? – Quando tinha catorze anos, me apaixonei por um marinheiro inglês que conheci em Calais. O nome dele era Freddy. Casamos, menti sobre minha idade, é claro, e viemos para Londres. Ele foi morto há dois anos, o navio dele foi afundado no Atlântico. – Ela estremeceu. – Um túmulo frio. Pobre Freddy.

Flick não estava interessada na história da família dela.

– Diga por que está aqui.

– Comprei um braseiro pequeno e vendia panquecas na rua. Mas a polícia estava sempre me perseguindo. Uma noite, tomei um pouco de conhaque, uma fraqueza minha, admito, e me meti numa briga. – Passou para o inglês de

Londres. – O tira me disse para dar o fora e eu gritei uma porção de desaforos para ele. Ele me empurrou e eu o derrubei com um soco.

Paul olhou para ela, achando graça. Ela não tinha mais que a altura média, mas suas mãos eram grandes e as pernas musculosas. Ele podia imaginá-la derrubando um policial inglês com um soco.

Flick perguntou: – O que aconteceu depois? – Os dois parceiros dele apareceram na esquina e eu demorei um pouco para ir embora por causa do conhaque, por isso ele me deu um pontapé e me levou para o nick. – Vendo Paul franzir a testa, ela acrescentou: – A delegacia de polícia, quero dizer. Então o primeiro tira ficou com vergonha de me acusar de agressão, não queria admitir que tinha sido derrubado por uma mulher, assim peguei catorze dias por embriaguez e desordem.

– E em seguida se meteu em outra briga. Ela olhou para Flick avaliando-a.

– Não sei se posso explicar a gente como vocês como é o negócio aqui. Metade das mulheres é louca e sempre tem armas. Pode-se limar a ponta de uma colher e fazer uma lâmina, ou afiar a ponta de um arame para fazer um estilete, ou enrolar fios numa meada para servir de garrote. E as carcereiras nunca intervém numa luta entre as prisioneiras. Gostam de ver a gente se destruir. Por isso tantas prisioneiras têm cicatrizes.

Paul estava chocado. Nunca tivera contato com prisioneiros. O quadro pintado por Ruby era horroroso. Talvez ela estivesse exagerando, mas parecia sincera. Não parecia se importar se acreditavam ou não, mas recitava os fatos com a frieza e a calma de quem não está muito interessada, mas não tem nada melhor para fazer.

– O que aconteceu com a mulher que você matou? – Flick disse.

– Ela roubou uma coisa de mim.

– O quê? – Um sabonete.

Meu Deus, pensou Paul. Ela matou a mulher por um sabonete.

– O que você fez? – Flick perguntou.

– Eu tomei o sabonete dela.

– E depois? – Ela veio para cima de mim. Tinha uma perna de cadeira transformada num taco com um pouco de chumbo de soldador na ponta. Ela bateu na minha cabeça com o taco. Pensei que ia me matar. Mas eu tinha uma faca. Tinha encontrado um pedaço comprido de vidro, talvez de uma janela, e prendi a parte mais larga num pedaço de pneu de bicicleta, fazendo um cabo. Enfiei na garganta dela. Para que ela não batesse em mim outra vez.

Contendo um estremecimento, Flick disse: – Parece autodefesa.

– Não. Você tem de provar que não podia de jeito algum ter fugido. E eu premeditei o crime, fazendo do vidro uma faca.

Paul se levantou.

– Espere um momento aqui com a guarda, por favor – ele disse para Ruby. – Vamos sair um pouco.

Ruby sorriu para ele, e pela primeira vez pareceu não bonita, mas agradável.

– Você é tão delicado – ela disse, com apreciação. No corredor, Paul disse: – Que história horrível! – Lembre, todas aqui dizem que são inocentes – Flick disse cautelosamente.

– Mesmo assim, acho que ela deve ter sido mais alvo de pecado que pecadora.

– Duvido. Acho que ela é uma matadora.

– Então nós a rejeitamos.

– Ao contrário – Flick disse. – Ela é exatamente o que eu quero.

Voltaram para a sala de entrevistas. Flick disse para Ruby: – Se você pudesse sair daqui, estaria disposta a enfrentar perigo pelo esforço de guerra? Ela respondeu com outra pergunta: – Iríamos para a França? Flick ergueu as sobrancelhas.

– Por que pergunta? – Vocês no começo falaram em francês comigo. Suponho Para ver se eu falava francês.

– Bem, não posso falar muito sobre o trabalho.

– Aposto que tem a ver com sabotagem atrás das linhas inimigas.

Paul ficou surpreso. Ruby entendia as coisas rapidamente. Vendo a surpresa dele, Ruby continuou: – Olhe, no começo pensei que quisessem que eu traduzisse alguma coisa, mas não há nada de perigoso numa tradução. Então certamente a gente vai para a França. E o que o Exército britânico pode fazer lá a não ser explodir pontes e trilhos de trem? Paul não disse nada, mas estava impressionado com a capacidade de dedução de Ruby. Ruby franziu a testa.

– O que não entendo é por que uma equipe só de mulheres. Flick arregalou os olhos.

– Por que pensa que é uma equipe só de mulheres? – Se pudessem usar homens, estariam falando comigo? Devem estar desesperados. Não pode ser fácil tirar uma assassina da cadeia, mesmo para o esforço vital de guerra. Então, o que eu tenho de especial, pensei. Mas deve existir centenas de homens durões que falam francês fluentemente e que ficariam felizes por um pouco de ação de

espionagem. A única razão para me escolher, e não um homem, é porque sou mulher. Provavelmente as mulheres não são de modo geral tão interrogadas pela Gestapo quanto os homens... é isso? – Não posso dizer – Flick disse.

– Muito bem, se vocês me quiserem, eu faço. Posso pegar outro cigarro? – Claro – Paul disse.

– Você compreende que é um trabalho perigoso – Flick disse.

– Entendo – Ruby disse, acendendo um Lucky Strike. Mas não tão perigoso quanto esta merda de prisão.

VOLTARAM PARA O escritório da diretora assistente, depois de deixar Ruby.

– Preciso da sua ajuda, miss Lindleigh – Paul disse mais uma vez, lisonjeando-a. – Diga-me o que precisa para libertar Ruby Romain.

– Libertar? Mas ela é uma assassina. Por que deve ser libertada? – Infelizmente não posso dizer. Mas posso garantir-lhe que se ela soubesse para onde vai não ia achar que teve sorte em sair daqui, muito pelo contrário.

– Compreendo – ela disse, não de todo convencida.

– Preciso tirá-la daqui esta noite – Paul continuou. – Mas não quero deixá-la numa posição desagradável. Por isso preciso saber exatamente quais as autorizações que serão necessárias. – O que ele queria realmente era ter certeza de que ela não teria nenhum motivo para procurar obstruir a libertação de Ruby.

– Não posso soltá-la em nenhuma circunstância – disse miss Lindleigh. – Ela foi mandada para cá por um magistrado, por isso só o tribunal pode soltá-la.

Paul foi paciente.

– E o que acha que é preciso para isso? – Ela tem de ser levada, sob custódia da polícia, a um magistrado. O promotor público, ou seu representante, terá de dizer ao magistrado que todas as acusações contra Romain foram retiradas. Então o magistrado será obrigado a dizer que ela está livre.

Paul franziu a testa, prevendo um obstáculo.

– Ela terá de assinar os papéis de recrutamento no Exército antes de ver o magistrado, desse modo estará sob disciplina militar, logo que a corte a libertar... do contrário ela pode apenas ir embora.

Miss Lindleigh ainda não podia acreditar.

– Por que eles iam retirar as acusações? – O promotor é funcionário do governo? -É.

– Então não há problema. – Paul levantou. – Voltarei aqui mais tarde, esta noite, com um magistrado, alguém do escritório 148 do promotor e um motorista do Exército para levar Ruby ao... próximo porto de escala. Vê algum obstáculo?

Miss Lindleigh balançou a cabeça.

– Eu obedeço às ordens, major, como vocês.

– Ótimo.

Eles se despediram. Fora da prisão, Paul parou e olhou para trás.

– Nunca tinha estado numa prisão antes – ele disse. – Não sei o que eu esperava, mas não era uma coisa de um conto de fadas.

Era uma observação inconsequente sobre o prédio, mas Flick parecia amargurada.

– Muitas mulheres foram enforcadas aqui – ela disse. Não é exatamente um conto de fadas.

Paul se perguntou por que ela estava tão mal-humorada.

– Acho que você se identifica com as prisioneiras – ele disse. E de repente compreendeu por quê. – É porque você pode acabar numa prisão na França.

Flick ficou surpresa.

– Acho que você tem razão – ela disse. – Eu não sabia por que odiei tanto aquele lugar, mas é isso.

Ela podia ser enforcada também, mas Paul guardou essa ideia para si mesmo.

Caminharam na direção da estação do metrô mais próxima. Flick estava pensativa.

– Você é muito perceptive – ela disse. – Soube trazer miss Lindleigh para o nosso lado. Eu teria feito dela uma inimiga.

– Não ia adiantar nada.

– Exatamente. E você transformou Ruby de um tigre num gatinho.

– Eu não ia querer que uma mulher daquela não gostasse de mim.

Flick riu.

– Depois me disse uma coisa que eu ainda não tinha percebido a meu respeito.

Paul ficou satisfeito por ter impressionado Flick, mas já estava pensando no próximo problema. .

– À meia-noite devemos ter metade da equipe no centro de treinamento em Hampshire.

– Chamamos de Escola de Aperfeiçoamento – Flick disse.

– Sim. Diana Colefield, Maude Valentine e Ruby Romain.

Paul assentiu, carrancudo.

– Uma aristocrata indisciplinada, uma namoradeira que não distingue a

fantasia da realidade e uma cigana assassina com pavio curto. – Pensando na possibilidade de Flick ser enforcada pela Gestapo, ficou tão preocupado quanto Percy com o calibre das recrutas.

– Pedintes não podem ser exigentes – Flick disse alegremente, seu mau humor desaparecido.

– Mas ainda não temos uma especialista em explosivos ou em telefonia.

Flick olhou para o relógio.

– São ainda quatro horas da tarde. E talvez a RAF tenha ensinado Denise Bowyer a explodir uma central telefônica.

Paul sorriu. O otimismo de Flick era irresistível. Chegaram à estação e tomaram o trem. Não podiam falar sobre a missão por causa dos outros passageiros.

– Aprendi um pouco sobre Percy esta manhã. Passamos pelo bairro onde ele cresceu – Paul disse.

– Ele adotou as maneiras e até o modo de falar da classe alta britânica, mas não se engane. Debaixo do velho paletó de tweed há um coração de um verdadeiro garoto de rua.

– Ele disse que apanhou no colégio por falar como as pessoas da classe baixa.

– Ele ganhou uma bolsa. Esses estudantes geralmente passam tempos difíceis nas boas escolas britânicas. Eu sei, fui uma bolsista também.

– Teve de mudar o modo de falar? – Não. Cresci na casa de um nobre. Sempre falei assim. Paul imaginou que, por isso, Flick e Percy se davam tão bem. Vinham ambos da classe baixa, e subiram muito bem na escala social. Ao contrário dos americanos, para os britânicos não havia nada de errado com preconceito de classe. Ainda ficavam chocados quando os sulistas diziam que os negros eram inferiores.

– Acho que Percy gosta muito de você – Paul disse.

– Gosto dele como de um pai.

O sentimento parecia genuíno, Paul pensou, mas ela estava também esclarecendo com firmeza o tipo de relacionamento que tinha com Percy.

Flick tinha combinado encontrar com Percy na Orchard Court. Quando chegaram, viram um carro no lado de fora do prédio. Paul reconheceu o motorista, um dos membros da equipe pessoal de Monty.

– Senhor, tem alguém no carro à sua espera – o homem disse.

A porta traseira se abriu e de dentro saiu a irmã mais moça de Paul, Caroline. Ele sorriu, satisfeito.

– Ora, que bela surpresa! – Ele a abraçou com força. – O que está fazendo em Londres? – Não posso dizer, mas tenho algumas horas livres, e convenci Monty a me emprestar o carro para vir ver você. Quer me pagar um drinque? – Não posso perder nem um minuto – ele disse. – Nem mesmo para você. Mas pode me levar a Whitehall. Tenho de encontrar um homem chamado de promotor público.

– Então eu o levo e podemos conversar no carro.

– Claro – ele disse. – Vamos então!

CAPÍTULO 14

FLICK OLHOU PARA TRÁS e viu uma bela mulher com o uniforme de tenente americana sair do carro e abraçar Paul. Notou o sorriso feliz dele e a força do abraço. Obviamente era a mulher dele, namorada ou noiva, provavelmente numa visita inesperada a Londres. Devia fazer parte das forças americanas na Grã-Bretanha que se preparavam para a invasão. Paul seguiu no carro com ela.

Flick entrou em Orchard Court um pouco triste. Paul tinha uma mulher, eram malucos um pelo outro e tinham conseguido um encontro de surpresa. Flick gostaria que Michel pudesse fazer o mesmo, uma visita de surpresa. Mas ele estava ferido, deitado num sofá em Reims, com uma bela e desavergonhada garota de dezenove anos tomando conta dele.

Percy já tinha voltado de Hendon. Ela o encontrou fazendo chá.

– Como foi com sua garota da RAF? – ela perguntou.

– Lady Denise Bowyer... ela está a caminho da Escola de Aperfeiçoamento – ele disse.

– Maravilha! Agora temos quatro! – Mas estou preocupado. Ela se gaba demais. Falou sobre o trabalho que está fazendo na Força Aérea, me contou todos os detalhes que não devia contar. Você terá de ver como ela se sai no treinamento.

– Suponho que ela não sabe nada sobre centrais telefônicas.

– Nada. Nem de explosivos. Chá? – Por favor.

Ele deu a xícara para ela e sentou à mesa velha e barata.

– Onde está Paul? – Foi procurar o promotor público. Ele espera tirar Ruby Remain da prisão esta noite.

Percy olhou para ela curioso.

– Você gosta dele? – Mais que no começo.

– Eu também. Flick sorriu.

– Ele enfeitiçou completamente a velha diretora durona da prisão.

– Que tal Ruby Romain? – Apavorante. Ela cortou a garganta de outra prisioneira por causa de um sabonete.

– Jesus – Percy balançou a cabeça, incrédulo. – Que espécie de equipe estamos formando, Flick? – Perigosa. Exatamente como deve ser. O problema não é esse. Além do mais, do modo que as coisas vão, talvez possamos nos dar ao luxo de eliminar a menos satisfatória durante o treinamento. Minha preocupação é que não teremos as especialistas de que precisamos. Não adianta levar uma equipe de mulheres duronas para a França e depois destruir os cabos errados.

Percy esvaziou a xícara de chá e começou a encher o cachimbo de fumo.

– Conheço uma mulher perita em explosivos que fala francês.

Flick ficou surpresa.

– Mas isso é ótimo! Por que não disse antes? – Quando pensei nela pela primeira vez, eu a descartei. Não é o que queremos. Mas não sabia que íamos ficar tão desesperados.

– Por que ela não serve? – Tem uns quarenta anos. O SOE raramente usa alguém com essa idade, especialmente numa missão com paraquedas.

– Ele acendeu o fósforo.

No ponto em que estavam, a idade não era obstáculo, Flick pensou. Entusiasmada, ela disse: – Ela concordará em ser voluntária? – Penso que há uma boa chance, especialmente se eu pedir.

– Vocês são amigos.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Como ela se tornou perita em explosivos? Percy ficou embaraçado. Ainda segurando o fósforo aceso, disse: – Ela é arrombadora de cofres. Eu a conheci há anos, quando fazia política no East End. – O fósforo apagou e ele acendeu outro.

– Percy, nunca pensei que você tivesse um passado tão aventureiro.

Percy consultou o relógio.

– São seis horas. A esta hora da noite ela deve estar no bar privado do Mucky Duck.

– Um bar. -Sim.

– Então acenda esse maldito cachimbo e vamos para lá agora.

No carro, Flick disse: – Como você sabe que ela é arrombadora de

cofres? Percy deu de ombros.

– Todo mundo sabe.

– Todo mundo? Até a polícia? – Sim. No East End, polícia e bandidos crescem juntos, frequentam os mesmos colégios, moram nas mesmas ruas. Eles todos se conhecem.

– Mas se eles sabem quem são os criminosos, por que não os prendem? Suponho que não podem provar coisa alguma.

– É assim que a coisa funciona – Percy disse. – Quando precisam de uma condenação, prendem alguém daquela linha de atividade. Se é roubo, prendem um ladrão. Não importa se ele é ou não responsável por aquele determinado crime, porque eles podem sempre criar um caso.

Subornam testemunhas, falsificam confissões, prendem gente inocente e em geral usam o sistema para descontar ressentimentos pessoais, e assim por diante. Mas nada na vida é perfeito, certo? – Então está me dizendo que todo esse negócio de tribunais e de júris é uma farsa? – Uma farsa muito bem-sucedida, muito antiga, que fornece empregos lucrativos para cidadãos que sem esses empregos seriam inúteis e que fazem papel de detetives, procuradores, advogados e juízes.

– Sua amiga arrombadora já esteve presa? – Não. Você pode escapar quando está disposta a pagar altos subornos e tem cuidado de cultivar boa amizade com os detetives. Vamos dizer que você mora na mesma rua que a querida mãe do detetive-inspetor Callahan. Você a visita uma vez por semana, pergunta se ela precisa comprar alguma coisa, olha as fotos dos netos dela...

faz com que seja difícil para o detetive-inspetor Callahan prender você.

Flick pensou na história que Ruby tinha contado poucas horas atrás. Para algumas pessoas, a vida em Londres era quase tão ruim quanto estar nas mãos da Gestapo.

Será que as coisas podiam ser tão diferentes do que ela imaginava? – Não sei se você fala sério – ela disse para Percy. – Não sei no que acreditar.

– Oh, falo sério – ele disse com um sorriso. – Mas não espero que você acredite.

Estavam em Stepney, não longe das docas. O dano causado pelas bombas ali era o pior que Flick já tinha visto. Ruas inteiras arrasadas. Percy entrou num beco estreito e estacionou do lado de fora de um bar.

"Mucky Duck", Pato Enlameado, era um apelido: o nome do pub era O Cisne Branco. O bar privado não era privado, mas era chamado assim para distingui-lo do bar público, com serragem no chão, e onde meio litro de cerveja

custava menos de um penny. Flick pensou em explicar aquelas idiossincrasias para Paul. Ele ia achar engraçado.

Geraldine Knight estava numa banqueta na ponta do balcão, como se fosse a dona do bar. Seu cabelo era louro brilhante e ela usava maquiagem pesada muito bem aplicada.

O corpo gorducho parecia ter a firmeza dada por uma cinta. O cigarro no cinzeiro tinha um círculo de batom na ponta. Era difícil imaginar alguém que parecesse menos com uma agente secreta, Flick pensou desanimada.

– Percy Thwaite, não acredito! – a mulher disse, falava como uma cockney que tivesse tido aulas de dicção. – O que está fazendo por aqui, seu grande comunista? – Evidentemente ela estava encantada por ver Percy.

– Oi, Jelly, esta é minha amiga Flick – Percy disse.

– É um prazer conhecê-la, estou certa – ela disse, sacudindo a mão de Flick.

– Jelly? – Flick perguntou.

– Ninguém sabe onde arranjei esse apelido.

– Ah – Flick disse. – Jelly Knight, gelignite, o explosivo. Jelly ignorou a observação.

– Vou tomar um gim-e-coisa, Percy, já que você está pagando.

Flick disse em francês: – Você mora nesta parte de Londres? – Desde os dez anos – ela respondeu, falando francês com sotaque norte-americano. – Nasci em Quebec.

Isso não era muito bom, Flick pensou. Os alemães podiam não notar o sotaque, mas os franceses certamente notariam. Jelly teria de passar por cidadã francesa nascida no Canadá. Era uma história perfeitamente plausível, mas rara o bastante para atrair curiosidade. Droga! – Mas se considera britânica.

– Inglesa, não britânica – Jelly disse, indignada. Voltou a falar inglês. – Sou da Igreja da Inglaterra, voto nos conservadores e não gosto de estrangeiros, pagãos e republicanos. com um rápido olhar para Percy, acrescentou: – Excetuando a companhia presente, é claro.

– Você devia morar em Yorkshire – Percy disse -, numa fazenda nas montanhas, num lugar onde não se vê um estrangeiro desde a chegada dos vikings. Não sei como você pode suportar a vida em Londres, cercada por russos bolchevistas, judeus alemães, católicos irlandeses e não conformistas do País de Gales, construindo pequenas capelas por toda a parte como toupeiras desfigurando um jardim.

– Londres não é mais o que era, Perce.

– Não o que era quando você era estrangeira? Evidentemente era uma discussão habitual entre os dois.

Flick interrompeu impaciente: 156 – Fico satisfeita por saber que você é uma patriota, Jelly.

– E por que você estaria interessada nisso, posso perguntar? – Porque há uma coisa que você pode fazer por seu país.

– Contei para Flick a sua... especialidade, Jelly. – Percy interferiu.

Ela olhou para as unhas pintadas com esmalte vermelho vivo.

– Discrição, Percy, por favor. Discrição é a melhor parte do valor, diz a Bíblia.

– Espero que saiba que há algumas novidades fascinantes nesse campo. Explosivos plásticos, quero dizer – Flick disse.

– Eu tento estar sempre atualizada – Jelly disse com orgulhosa modéstia. Olhou astutamente para Flick. – Isto tem alguma coisa a ver com a guerra, não tem? – Tem.

– Estou dentro. Faço qualquer coisa pela Inglaterra.

– Você ficará fora por alguns dias.

– Sem problema.

– Talvez não volte.

– Que diabo quer dizer com isso? – Que será muito perigoso – Flick disse, em voz baixa. Jelly pareceu desapontada.

– Oh. – Engoliu em seco. – Bem, isso não faz diferença disse, sem muita convicção.

– Tem certeza? Jelly pensou por um momento, como se estivesse calculando.

– Terei de explodir alguma coisa, certo? Flick assentiu balançando a cabeça.

– Não é fora do país, é? – Pode ser.

Jelly empalideceu sob a maquiagem.

– Ô, meu Deus! Vocês querem que eu vá para a França, não é isso? Flick não disse nada.

– Atrás das linhas inimigas! Por Deus, estou muito velha para esse tipo de coisa. Tenho... – Hesitou. – Tenho trinta e sete anos.

Jelly tinha pelo menos mais cinco anos que isso, Flick pensou, mas disse: – Bem, somos quase da mesma idade, tenho quase trinta. Não somos velhas demais para um pouco de aventura, somos? – Fale por você, querida.

O coração de Flick despencou. Jelly não ia concordar. Todo o plano foi

mal concebido, Flick pensou. Nunca seria possível encontrar mulheres capazes de fazer o trabalho e que falassem francês fluentemente. O plano estava condenado desde o começo. Virou o rosto, com vontade de chorar.

– Jelly, estamos pedindo a você para fazer um trabalho realmente crucial para o esforço de guerra – Percy disse.

– Puxe a outra perna, Perce, onde estão os sinos – ela disse, mas a brincadeira parecia forçada e a expressão dela era solene.

Ele balançou a cabeça.

– Sem exagero. Pode significar a diferença entre vencer ou perder esta guerra.

Jelly olhou para ele sem dizer nada. O conflito e a indecisão estavam estampados no seu rosto. Percy disse: – E você é a única pessoa no país que pode fazer.

– Deixe disso – ela disse com ceticismo.

– Você é mulher, arrombadora de cofres, e fala francês, quantas outras pensa que existem? Pois vou dizer: nenhuma.

– Fala sério, não é? – Nunca fui tão sério em toda a minha vida.

– Que diabo, Perce. – Jelly ficou calada. Não falou por um longo tempo. Flick prendeu a respiração. Finalmente, ela disse: – Tudo bem, seu filho da mãe, eu faço.

Flick ficou tão contente que beijou o rosto de Jelly.

– Deus a abençoe, Jelly – Percy disse. Jelly perguntou: – Quando começamos? – Agora – Percy respondeu. – Se terminar esse gim, eu a levo para casa para fazer a mala, depois para o centro de treinamento.

– O que, esta noite? – Eu disse que era importante. Ela tomou o resto da bebida.

– Tudo bem. Estou pronta.

Deslizou o vasto traseiro para fora da banqueta e Flick pensou: Imagino como ela vai fazer com o paraquedas. Saíram do bar. Percy disse para Flick: – Tudo bem em voltar sozinha de metrô? – É claro.

– Então vemos você amanhã na Escola de Aperfeiçoamento.

– Estarei lá – Flick disse, e eles se separaram.

Ela foi feliz, para a estação mais próxima. Era uma noite de verão com temperatura amena, e o East End estava animado. Um grupo de garotos de cara suja jogava críquete com um bastão e uma bola de tênis careca. Um homem cansado com a roupa de trabalho manchada ia para casa para o chá tardio. Um soldado de uniforme, de folga, com um pacote de cigarros e algumas moedas no

bolso, andava na calçada com ar satisfeito, como se todos os prazeres do mundo estivessem ali para servi-lo. Três meninas bonitas com vestidos sem mangas e chapéus de palha riram para o soldado. O destino de toda aquela gente seria decidido nos próximos poucos dias, Flick pensou sombriamente.

No trem para Bayswater, ela ficou desanimada outra vez. Não tinha ainda o membro mais importante da equipe. Sem uma especialista em telefonia, Jelly podia armar a carga de explosivos no lugar errado. Causariam danos, mas, se pudessem ser reparados em um ou dois dias, o esforço e o risco enormes teriam sido em vão.

Quando voltou para seu quarto e sala, seu irmão Mark a esperava. Ela o abraçou e beijou.

– Que ótima surpresa – ela disse.

– Tenho a noite de folga e pensei em convidar você para um drinque – ele disse.

– Onde está Steve? – Fazendo seu papel de lago para os soldados em Lyme Regis. Nós dois trabalhamos para a ENSA a maior parte do tempo agora. – A ENSA era a Associação Nacional de Serviços de Diversão, que organizava espetáculos para as Forças Armadas. – Aonde podemos ir? Flick estava cansada, e seu primeiro pensamento foi declinar do convite. Então lembrou que ia para a França na sexta-feira, e essa podia ser a última vez que via o irmão.

– Que tal o West End? – ela disse.

– Vamos a uma casa noturna. -Perfeito! Saíram e andaram de braços dados pela rua. Flick disse: – Eu vi mamãe esta manhã.

– Como ela está? – Muito bem, mas sinto dizer que não mudou nada em relação a você e Steve.

– Eu não esperava que ela mudasse. Como foi que você a viu? – Fui a Somersholme. Levaria muito tempo para explicar por quê.

– Alguma coisa muito secreta, eu suponho.

Ela sorriu assentindo, depois suspirou lembrando seu problema.

– Por acaso você não conhece uma mulher perita em telefonia que fale francês, conhece? Ele parou de andar.

– Bem – Mark disse -, mais ou menos.

CAPÍTULO 15

MADEMOISELLE LEMAS estava em agonia. Sentada, rígida na cadeira dura, atrás da mesa pequena, com o rosto imóvel numa máscara de controle. Não ousava se mover. Estava ainda de chapéu e segurava com força a grande bolsa de couro no colo. A mãozinha gorducha apertava e soltava a alça da bolsa num movimento ritmado. Os dedos sem anéis. Na verdade tinha somente uma joia, uma pequena cruz de prata numa corrente.

Em volta dela, os funcionários do escritório do turno da noite e as secretárias com os uniformes impecáveis trabalhavam nas máquinas de escrever e nos arquivos.

Obedecendo às instruções de Dieter, todos sorriam amavelmente quando seus olhos se encontravam com os dela, e uma vez ou outra uma das moças dizia uma palavra, oferecendo água ou café.

Dieter, sentado, a observava, com o tenente Hesse de um lado e Stephanie do outro. Hans Hesse era o melhor tipo de alemão da classe trabalhadora, forte e inabalável.

Olhava estoicamente para a cena: tinha visto muitas torturas. Stephanie era mais excitável, mas estava se controlando bem. Parecia infeliz, mas não dizia nada. Seu objetivo na vida era agradar Dieter.

A dor de mademoiselle Lemas não era só física, Dieter sabia. Pior que o descontrole da bexiga era o terror de se sujar numa sala cheia de gente bem-vestida e amável que fazia seu trabalho. Para uma mulher de idade respeitável, esse era o pior dos pesadelos. Dieter admirava sua força e imaginava se ela ia ceder e dizer tudo, ou continuar calada.

Um jovem cabo bateu os calcanhares na frente de Dieter e disse: – Perdão, major, pedem ao senhor para ir ao escritório do major Weber.

Dieter pensou em mandar dizer: Se ele quer falar comigo que venha aqui, mas resolveu que não ganharia nada agindo agressivamente antes de ser expressamente necessário. Weber podia até ser tornar um pouco mais cooperativo, se Dieter concedesse alguns pontos a ele.

– Muito bem – voltou-se para Hesse –, Hans, você sabe o que deve perguntar se ela ceder.

– Sim, major.

– No caso de ela não ceder... Stephanie, quer ir ao Café dos Esportes e me trazer uma garrafa de cerveja e um copo, por favor? – É claro. – Ela pareceu agradecida por poder sair da sala. Dieter acompanhou o cabo ao escritório de Willi Weber.

Era uma sala grande na parte da frente do castelo, com três janelas altas

que davam para a praça. Dieter olhou para fora, para o sol que se punha sobre a cidade. A luz inclinada iluminava os arcos curvos e os contrafortes da igreja medieval. Ele viu Stephanie atravessando a praça com os saltos altos, andando como um cavalo de raça, graciosa e forte ao mesmo tempo. Soldados trabalhavam na praça, erguendo três fortes pilares de madeira enfileirados. Dieter perguntou intrigado: – Um esquadrão de fuzilamento? – Para os três terroristas que sobreviveram ao ataque de domingo – Weber respondeu. – Pelo que sei, já terminou o interrogatório deles.

– Eles me contaram tudo que sabem – Dieter concordou.

– Serão fuzilados em público como uma advertência para outros que podem estar querendo entrar para a Resistência.

– Boa ideia – Dieter disse. – Entretanto, embora Gaston esteja bem, Bertrand e Geneviève estão gravemente feridos. Eu ficaria surpreso se pudessem andar.

– Então serão carregados para seu destino. Mas não o chamei para falar deles. Meus superiores em Paris perguntaram quais os outros progressos que já fizemos.

– E o que você disse a eles, Willi? – Que depois de quarenta e oito horas de investigação você prendeu uma velha que pode ou não ter dado abrigo a agentes aliados em sua casa e que até agora não disse nada.

162 – E o que você gostaria de dizer a eles, Willi? Weber bateu na mesa teatralmente.

– Que quebramos a espinha dorsal da Resistência francesa! – Isso pode demorar mais que quarenta e oito horas.

– Por que você não tortura essa vaca velha? – Estou torturando.

– Não deixando que ela vá ao banheiro! Que espécie de tortura é essa? – Neste caso, a mais eficiente, eu acredito.

– Você pensa que sabe mais que todo mundo. Sempre foi arrogante. Mas esta é a nova Alemanha, major. Você não pode mais se julgar superior por ser filho de um professor.

– Não seja ridículo.

– Acha mesmo que seria o mais jovem chefe do Departamento de Inteligência de Colônia se seu pai não fosse um homem importante na universidade? – Tive de fazer os mesmos exames que todo mundo.

– Pois acho estranho que outros tão capazes quanto você nunca conseguissem se sair tão bem.

Era essa a fantasia que Weber acreditava? – Pelo amor de Deus, Willi,

você não pode acreditar que toda a força policial de Colônia tenha conspirado para me dar notas melhores do que deram a você porque meu pai é professor de música... é ridículo! – Isso era comum nos velhos tempos.

Dieter suspirou. Weber tinha razão em parte. Pistolão e nepotismo existiam na Alemanha. Mas não foi por isso que Willi não foi promovido. A verdade era que ele era burro. Nunca chegaria a lugar algum, a não ser numa organização onde o fanatismo importava mais que a eficiência.

Dieter estava farto daquela conversa idiota.

– Não se preocupe com mademoiselle Lemas – ele disse. Ela vai falar logo. – Foi até a porta. – E nós quebraremos a espinha dorsal da Resistência francesa também.

É só esperar mais um pouco.

Voltou ao escritório principal. Mademoiselle Lemas agora gemia baixinho. Weber tinha deixado Dieter impaciente, e ele resolveu apressar o processo. Quando Stephanie voltou, ele pôs o copo na mesa, abriu a garrafa e serviu a cerveja vagarosamente na frente da prisioneira. Lágrimas de dor rolaram dos olhos dela, descendo pelo rosto gorducho. Dieter tomou um longo gole de cerveja e pôs o copo na mesa.

– Sua agonia está quase no fim, mademoiselle – ele disse.

– O alívio está perto. Dentro de poucos momentos vai responder às minhas perguntas, depois terá descanso.

Ela fechou os olhos.

– Onde você se encontrava com os agentes britânicos? Depois de uma pausa, perguntou: – Como se reconheciam? Ela não disse nada. – Qual é a senha? Ele esperou um momento e disse: – Tenha as respostas prontas, bem claras na mente, de modo que quando chegar a hora, possa me dizer tudo rapidamente, sem hesitação ou explicações. Então pode se livrar da dor.

Ele tirou do bolso a chave da algema.

– Hans, segure firme o pulso dela. – Abaixou e abriu a algema que prendia o tornozelo à mesa. Segurou o braço dela.

– Venha conosco, Stephanie – ele disse. – Vamos ao banheiro das senhoras.

Saíram da sala, Stephanie na frente, Dieter e Hans segurando a prisioneira, que andava com dificuldade, com o corpo dobrado para a frente, mordendo o lábio. Foram até o fim do corredor e pararam na frente da porta onde estava escrito Damen. Mademoiselle Lemas gemeu alto quando viu a porta.

Dieter disse para Stephanie: – Abra a porta.

Ela obedeceu. Era um banheiro claro e limpo, com uma pia, toalha num suporte e uma fileira de cubículos.

– Agora – Dieter disse. – A dor está quase no fim.

– Por favor – ela murmurou. – Deixe-me ir.

– Onde se encontrava com os agentes britânicos? Mademoiselle Lemas começou a chorar.

– Onde você se encontrava com aquela gente? – Dieter disse gentilmente.

– Na catedral – ela soluçou. – Na cripta. Por favor, deixe-me ir.

Dieter deu um longo suspiro de satisfação. Ela estava domada.

– Quando se encontra com eles? – Às três horas da tarde, qualquer dia. Eu Vou todos os dias.

– E como vocês se reconhecem? – Eu uso sapatos velhos, um marrom e outro preto. Agora posso ir? – Mais uma pergunta. Qual é a senha? – Reze por mim.

Ela tentou entrar no banheiro, mas Dieter a segurou com força e Hans fez o mesmo.

– Reze por mim – Dieter repetiu. – É o que você diz ou o que o agente diz? – O agente, oh, por favor.

– E sua resposta? – Eu rezo pela paz, essa é a minha resposta.

– Muito obrigado – Dieter disse e a soltou. Ela correu para dentro do banheiro.

Dieter fez um sinal para Stephanie que acompanhou mademoiselle Lemas e fechou a porta.

Ele não podia esconder a satisfação.

– Aí está Hans, fizemos progresso. Hans também estava satisfeito.

– A cripta da catedral, três horas da tarde, todos os dias, sapatos marrom e preto. Reze por mim, e a resposta, eu rezo pela paz. Muito bom! – Quando elas saírem, ponha a prisioneira numa cela e a entregue para a Gestapo. Eles providenciarão para que ela desapareça em algum campo.

Hans assentiu, inclinando a cabeça.

– Parece duro demais, senhor. Ela sendo uma velha senhora e tudo o mais.

– É duro... – até você pensar nos soldados alemães e nos civis franceses mortos pelos terroristas abrigados por ela. Então parece que a pena não é suficiente.

– Sim, isso lança outra luz sobre o caso, sim, senhor.

– Você vê como uma coisa leva a outra – Dieter disse pensativo. – Gaston

nos dá uma casa, a casa nos dá mademoiselle Lemas, ela nos dá a cripta, e a cripta nos dará...

quem sabe o quê? – Começou a pensar no melhor modo de aproveitar a nova informação.

O desafio era capturar agentes sem que Londres soubesse. Se a coisa fosse bem feita, os aliados mandariam mais gente pelo mesmo caminho, desperdiçando vastos recursos. Isso fora feito na Holanda. Mais de cinquenta sabotadores que tinham passado por um treinamento dispendioso desceram de paraquedas diretamente nos braços dos alemães.

O ideal seria se o próximo agente mandado por Londres pudesse encontrar mademoiselle Lemas na cripta da catedral. Ela o levaria para casa e ele mandaria uma mensagem por rádio para Londres dizendo que tudo estava bem. Então, quando ele saísse da casa, Dieter poderia se apossar dos seus livros de código. Depois disso, Dieter podia prender o agente, mas continuar a enviar mensagens para Londres em nome dele – ler as respostas. Na verdade, estaria dirigindo um circuito da Resistência completamente fictício. Era uma bela perspectiva.

Willi Weber passou por ele.

– Muito bem, major, a prisioneira falou? -Falou.

– Bem na hora. Ela disse alguma coisa útil? – Pode dizer aos seus superiores que ela revelou o local do encontro e a senha usada. Podemos pegar qualquer agente logo que ele chegar.

Weber parecia interessado, a despeito da sua hostilidade.

– E onde é o local de encontro? Dieter hesitou. Preferia não contar coisa alguma para Weber. Mas era difícil recusar sem ofender o homem, e ele ia precisar da ajuda dele. Tinha de contar.

– A cripta da catedral, às três horas da tarde.

– Informarei Paris – Weber se afastou.

Dieter continuou a pensar no seu próximo passo. A casa da rua du Bois era um ponto isolado de todo o resto do circuito.

Ninguém no circuito Bollinger conhecia mademoiselle Lemas. Agentes que chegavam de Londres não sabiam como ela era. Se ele pudesse arranjar alguém para fazer seu papel... mas quem? Stephanie saiu do banheiro das senhoras com mademoiselle Lemas.

Podia ser ela.

Ela era muito mais jovem que mademoiselle Lemas, e completamente diferente, mas os agentes não sabiam disso. Era obviamente francesa. Tudo que

tinha a fazer era cuidar do agente por um ou dois dias.

Dieter segurou o braço de Stephanie.

– Hans se encarrega da prisioneira agora. Venha, vamos tomar uma taça de champanhe.

Os dois saíram do castelo. Na praça, os soldados tinham terminado o trabalho e os três postes lançavam longas sombras na luz do anoitecer. Um pequeno grupo de moradores locais observava silencioso e atento do lado de fora da igreja.

Dieter e Stephanie entraram no café. Ele pediu uma garrafa de champanhe.

– Muito obrigado por me ajudar hoje – ele disse. – Agradeço muito.

– Eu o amo – ela disse. – E você me ama, eu sei, mesmo que nunca tenha dito.

– Mas o que você acha do que fizemos hoje? Você é francesa e tem uma avó de cuja raça não devemos falar, e pelo que sei não é fascista.

Ela balançou a cabeça vigorosamente.

– Eu não acredito mais em nacionalidade, raça ou política – ela disse apaixonadamente. – Quando fui presa pela Gestapo, nenhum francês me ajudou. Nenhum judeu me ajudou. Nenhum socialista, liberal ou comunista tampouco. E era tão frio na prisão. – Seu rosto mudou. O sorriso atraente quase constante desapareceu dos seus lábios e a insinuação provocante de um convite desapareceu dos olhos. Ela estava olhando para outra cena, em outro tempo. Cruzou os braços e estremeceu na noite quente de verão. – Não era frio só no lado de fora, não só na pele. Eu sentia como se nunca mais fosse me aquecer, que iria gelada para o túmulo. – Ficou em silêncio por um longo momento, pálida e abatida, e Dieter naquele instante sentiu que a guerra era uma coisa terrível. Então ela disse: – Nunca esqueço da lareira no seu apartamento. Um fogo de carvão. Eu tinha esquecido como era sentir o calor do fogo. Me fez humana outra vez. – Saiu do transe. – Você me salvou. Você me deu comida e vinho. Você me comprou roupas. – O antigo sorriso voltou, o que dizia: Você pode, se tiver coragem. – E você me amou, na frente do fogo de carvão. Ele segurou a mão dela.

– Não foi difícil.

– Você me fez sentir segura num mundo em que quase ninguém está seguro. Por isso agora só acredito em você.

– Se realmente sente isso...

– É claro que sinto.

– Há mais uma coisa que pode fazer para mim.

– Qualquer coisa.

– Quero que você tome o lugar de mademoiselle Lemas. Ela ergueu as sobrancelhas, depiladas com perfeição.

– Quero que finja que é ela. Vá à cripta da catedral todas as tardes, às três horas, com um pé de sapato preto e outro marrom. Quando alguém se aproximar e disser "Reze por mim", você responde "Eu rezo pela paz". Leve a pessoa para a casa na rua du Bois. Então me telefona.

– Parece simples.

O champanhe chegou, e ele serviu dois copos. Resolveu ser sincero.

– Deve ser simples. Mas há um pequeno risco. Se o agente já tiver visto mademoiselle Lemas, vai saber que você é uma impostora. Então você pode estar em perigo. Quer arriscar? – É importante para você? – É importante para a guerra.

– Não me importo com a guerra.

– É importante para mim também.

– Então eu faço. Ele ergueu o copo.

– Obrigado – Dieter disse.

Bateram os copos e tomaram o champanhe.

Ouviram tiros lá fora na praça. Dieter olhou pela janela Viu os três corpos amarrados aos postes de madeira, os soldados baixando os rifles e um grupo de cidadãos imóvel e silencioso olhando.

CAPÍTULO 16

A AUSTERIDADE DO TEMPO de guerra tinha feito uma grande diferença no Soho, a área de prostituição no coração do West End de Londres. Os mesmos grupos de homens jovens andavam nas ruas, embriagados com cerveja, mas a maior parte de uniforme. As mesmas mulheres pintadas, com vestidos justos, passeavam na calçada, procurando fregueses em potencial. Os luminosos do lado de fora dos clubes e dos bares, todos abertos, estavam apagados por causa do blackout.

Mark e Flick chegaram ao clube Criss-Cross às dez horas da noite. O gerente, um jovem de smoking e gravata-borboleta, cumprimentou Mark como se fossem amigos. Flick estava animada. Mark conhecia uma mulher que

entendia de centrais telefônicas. Flick ia conhecê-la e se sentia otimista. Mark não tinha dito muita coisa sobre ela, a não ser que seu nome era Greta, como da artista de cinema. Quando Flick tentou fazer perguntas, ele disse apenas: "Você tem de ver pessoalmente." Enquanto Mark pagava a entrada e trocava algumas palavras com o gerente, Flick o viu começar a mudar. Ficou mais extrovertido, sua voz estava mais melodiosa e seus gestos teatrais. Flick imaginou se o irmão tinha outra persona que só aparecia à noite.

Desceram um lance de escadas para o subsolo. O lugar era mal iluminado e cheio de fumaça. Flick viu uma banda de cinco membros num palco baixo, uma pequena pista de dança, mesas espalhadas e vários reservados em volta. Tinha imaginado se seria um clube só de homens, para pessoas como Mark que "não eram do tipo casadouro". Embora os fregueses fossem na maior parte homens, havia algumas mulheres, algumas com roupas muito atraentes.

Um garçom disse: – Olá, Markie. – E pôs a mão no ombro de Mark, olhando hostilmente para Flick.

– Robbie, esta é minha irmã – Mark disse. – O nome dela é Felicity, mas sempre a chamamos de Flick.

A atitude do garçom mudou e ele sorriu amistosamente para Flick.

– É um prazer conhecê-la. – Ele os levou para uma mesa.

Flick calculou que Robbie pensou que ela era uma namorada e não gostou de ela ter convencido Mark a mudar de lado, por assim dizer. Quando soube que era irmã dele, começou a tratá-la com simpatia.

com um sorriso para Robbie, Mark disse: – Como vai Kit? – Oh, vai bem, eu acho – Robbie respondeu, insinuando impaciência.

– Vocês brigaram, não foi? Mark estava encantador, quase flertando. Era um lado dele que Flick nunca tinha visto. Na verdade, ela pensou, aquele podia ser o verdadeiro Mark. A outra persona, seu eu discreto das horas do dia, provavelmente era um disfarce.

– Quando não estamos brigando? – Robbie disse.

– Ele não dá valor a você – Mark disse com melancolia exagerada, tocando a mão de Robbie.

– Tem razão, abençoado seja. Vão beber alguma coisa? Flick pediu scotch e Mark um martini.

Flick não sabia muito sobre homens como aqueles. Conhecia o amigo de Mark, Steve, e tinha visitado o apartamento dos dois, mas não conhecia nenhum dos seus outros amigos. Embora curiosa sobre o mundo deles, parecia inconveniente fazer perguntas.

Ela nem sabia como eles se chamavam. Todas as palavras que conhecia eram mais ou menos desagradáveis: esquisito, boneca.

– Mark – ela disse -, como vocês chamam os homens que, você sabe, preferem homens? Ele sorriu. – Musical, querida – ele disse, sacudindo a mão num gesto feminino.

Preciso lembrar disso, Flick pensou. Agora posso dizer para Mark: "Ele é musical?" Acabava de aprender a primeira palavra do código secreto deles.

Uma loura alta, com vestido de noite vermelho, entrou farfalhante no palco sob uma explosão de aplausos.

– Essa é Greta – Mark disse. – Durante o dia é técnica em telefonia.

Greta começou a cantar "Ninguém Sabe quando Você Está Triste". Tinha uma voz poderosa, tristonha, mas Flick notou imediatamente o sotaque alemão. Gritando no ouvido de Mark, por causa do som da banda, ela disse: – Pensei que você tivesse dito que ela era francesa.

– Ela fala francês – ele corrigiu. – Mas é alemã.

Flick ficou desapontada. Isso não era bom. Seu francês na certa teria um sotaque alemão muito acentuado.

O público adorava Greta e aplaudia cada número com entusiasmo, gritando e assobiando quando ela acompanhava a música com movimentos sensuais. Mas Flick não podia relaxar e aproveitar o show. Estava por demais preocupada. Ainda não tinha sua especialista em telefonia e tinha gasto a última metade da noite naquela procura vã.

Mas o que podia fazer? Imaginou de quanto tempo precisaria para aprender os rudimentos da engenharia telefônica. Não tinha dificuldades com coisas técnicas. No colégio havia construído um rádio. De qualquer modo, só precisava saber o suficiente para destruir eficientemente o equipamento. Podia fazer um curso de dois dias, talvez com alguém do Correio Geral? O problema era que ninguém podia ter certeza do tipo de equipamento que os sabotadores encontrariam quando entrassem no castelo. Podia ser francês, alemão ou uma mistura dos dois, talvez até incluindo maquinário americano – os Estados Unidos estavam muito na frente da França na tecnologia de comunicações. Havia muitos tipos de equipamentos, e o castelo fornecia várias funções diferentes. Tinha uma mesa telefônica manual, uma automática, uma mista para se conectar umas com as outras, e uma estação amplificadora para o tronco novo e importante para a Alemanha. Mas só um especialista experiente podia reconhecer o que ia ver quando entrassem.

Havia técnicos na França, é claro, e ela podia encontrar uma mulher entre

eles – se tivesse tempo. Não era uma ideia promissora, mas ela a examinou com cuidado. O SOE podia mandar uma mensagem a todos os circuitos da Resistência. Se houvesse uma mulher que pudesse servir, levaria um dia ou dois para chegar a Reims, o que estava bem. Mas o plano era incerto. Será que havia uma técnica em telefonia na Resistência francesa? Caso contrário, Flick gastaria dois dias para saber que a missão não era possível.

Não, precisava de algo mais garantido. Pensou outra vez em Greta. Ela podia passar por francesa. A Gestapo talvez não notasse seu sotaque, uma vez que eles falavam francês do mesmo modo, mas os franceses notariam. Ela teria de fingir que era francesa? Havia muitas mulheres alemãs na França: mulheres de oficiais, jovens no serviço militar, motoristas, datilógrafas e operadoras de rádio. Flick começou a se entusiasmar outra vez. Por que não? Greta podia passar por uma secretária do Exército. Não, isso criaria problemas – um oficial podia começar a dar ordens a ela. Seria mais seguro passar por uma civil. Podia ser a jovem esposa de um oficial morando em Paris – não, em Vichy, que era mais longe – com o marido. Precisaria de uma história para explicar por que Greta estava viajando com um grupo de mulheres francesas. Talvez uma da equipe pudesse passar por uma empregada francesa.

E quando entrassem no castelo? Flick tinha certeza de que não havia nenhuma mulher alemã trabalhando como faxineira na França. Como Greta podia evitar as suspeitas? Mais uma vez, os alemães provavelmente não perceberiam seu sotaque, mas o franceses sim. Ela poderia evitar falar com os franceses? Fingir que estava com laringite? Podia se sair bem por alguns poucos minutos, Flick pensou.

Não era exatamente um plano à prova de suspeita, mas era melhor que qualquer outra opção.

Greta terminou seu ato com um blue sugestivo e hilariante chamado "Homem da Cozinha", cheio de duplos e maliciosos sentidos. A plateia adorou, especialmente esta frase: "Quando como suas rosquinhas, tudo que eu deixo é o buraco." Ela saiu do palco sob aplausos entusiasmados.

Mark levantou.

– Podemos falar com ela no camarim – ele disse.

Flick o seguiu por uma porta ao lado do palco, por um corredor fedido de cimento, até a área cheia de caixas de papelão com cerveja e gim. Era como a adega de um bar de segunda categoria. Chegaram a uma porta com uma estrela de papel cor-de-rosa pregada com tachinhas. Mark bateu e abriu, sem esperar resposta.

A salinha tinha uma penteadeira, um espelho circundado por luzes fortes para maquiagem, uma banqueta, um pôster de Greta Garbo no filme A mulher de duas caras. Uma peruca loura estava num suporte com formato de cabeça. O vestido vermelho que Greta usara no palco estava dependurado num gancho na parede. Na banqueta, na frente do espelho, Flick viu, atônita, um jovem com peito cabeludo. Ela conteve uma exclamação de surpresa. Era Greta, sem dúvida. O rosto pesadamente maquiado, com batom vermelho vivo e pestanas falsas, sobrancelhas depiladas e a camada de maquiagem escondendo a sombra da barba negra. O cabelo era curtíssimo, sem dúvida para acomodar a peruca. Os seios falsos certamente estavam no vestido, mas Greta vestia ainda uma anágua, meias compridas e sapatos vermelhos de salto alto. Flick virou para Mark.

– Você não me disse! – ela o acusou. Ele riu, satisfeito.

– Flick, este é Gerhard – ele disse. – Ele adora quando as pessoas não percebem.

Flick viu que Gerhard estava também satisfeito por ela ter pensado que ele era uma mulher de verdade. Era um tributo à sua arte. Ela não precisava se preocupar pensando que o tinha insultado.

Mas ele era um homem. E ela precisava de uma mulher técnica em telefonia.

Flick estava dolorosamente desapontada. Greta seria a última peça do jogo, a mulher que completaria a equipe. Agora a missão era outra vez uma dúvida.

Ficou zangada com Mark.

– Foi maldade sua! – ela disse. – Pensei que você tinha resolvido meu problema, mas você estava só brincando.

– Não é uma brincadeira – Mark disse, indignado. – Se precisa de uma mulher, fique com Greta.

– Não posso – Flick disse. Era uma ideia ridícula.

Ou seria? Greta a tinha convencido. Provavelmente podia fazer o mesmo com a Gestapo. Se eles a prendessem e tirassem sua roupa, saberiam a verdade, mas quando chegavam a esse ponto, quase sempre não adiantava mais nada.

Pensou na hierarquia do SOE e em Simon Fortescue no MI6.

– Os maiorais jamais concordariam.

– Não conte para eles – Mark sugeriu.

– Não contar para eles? – Flick primeiro ficou chocada, depois intrigada com a ideia. Se Greta ia enganar a Gestapo, devia poder enganar todos no SOE.

– Por que não? – Mark disse.

– Por que não? – Flick repetiu.

– Mark, meu bem, do que se trata? – O sotaque alemão de Gerhard era mais forte quando falava do que quando cantava.

– Na verdade, eu não sei – Mark disse. – Minha irmã está envolvida em alguma coisa muito secreta.

– Eu explico – Flick disse. – Mas primeiro fale de você. Como veio parar em Londres? – Bem, coração, onde posso começar? – Gerhard acendeu um cigarro. – Sou de Hamburgo. Há doze anos, quando eu tinha dezesseis e era aprendiz em técnica de telefonia, era uma ótima cidade, com bares e clubes noturnos cheios de marinheiros aproveitando ao máximo sua folga em terra. E aos dezoito anos encontrei o amor da minha vida. O nome dele era Manfred.

Os olhos de Gerhard se encheram de lágrimas, e Mark segurou a mão dele.

Gerhard fungou, de um modo muito pouco feminino, e continuou.

– Sempre adorei trajes femininos, roupa de baixo com rendas e saltos altos, chapéus e bolsas. Adoro o farfalhar de uma saia rodada. Mas eu fazia tudo de modo tão tosco naquele tempo! Na verdade, eu nem sabia desenhar a linha dos olhos. Manfred me ensinou tudo. Ele não era um travesti, sabem. Seus olhos estavam cheios de ternura. – Ele era extremamente masculino, de verdade. Trabalhava nas docas como estivador. Mas me amava vestido de mulher e me ensinou a fazer isso direito.

– Por que saiu de Hamburgo? – Eles levaram Manfred embora. Os malditos nazistas cretinos, coração. Estávamos juntos há cinco anos, mas uma noite eles chegaram, e eu nunca mais o vi. Provavelmente está morto, acho que a prisão o mataria, mas não tenho nenhuma certeza. – As lágrimas dissolviam a maquiagem e desciam em linhas negras pelo rosto empoado. – Ele pode ainda estar vivo num dos seus malditos campos, vocês sabem.

Seu sofrimento era contagiante, e Flick se surpreendeu a custo contendo as lágrimas. O que acontecia com as pessoas que as fazia perseguir outras?, ela pensou. O que fazia os nazistas atormentarem homens como Gerhard? – Então, vim para Londres – Gerhard disse. – Meu pai era inglês. Era marinheiro de Liverpool e deixou o navio em Hamburgo, se apaixonou por uma alemã bonita e casou com ela. Morreu quando eu tinha dois anos, portanto nunca o conheci realmente, mas ele me deu seu sobrenome, que é O’Reilly, e eu sempre tive dupla nacionalidade. Mesmo assim, gastei todas as minhas economias para conseguir um passaporte, em 1939. Acontece que saí bem na hora. Felizmente sempre há trabalho para um técnico em telefonia em qualquer cidade. Assim,

aqui estou, a queridinha de Londres, a falsa diva.

– É uma história triste – Flick disse. – Eu sinto muito.

– Muito obrigado, doçura. Mas o mundo está cheio de histórias tristes, não está? Por que está interessada na minha? – Preciso de uma mulher especialista em telefonia.

– Para quê? – Não posso dizer muita coisa. Como Mark disse, é muito secreto. Posso dizer que é um trabalho muito perigoso. Você pode ser morto.

– Absolutamente arrepiante! Mas pode imaginar que não sou muito bom quando se trata de coisas corajosas. Disseram que não sou psicologicamente apto para servir no Exército, e têm toda a razão. Metade dos homens ia querer bater em mim, e a outra metade iria para a minha cama às escondidas, à noite.

– Tenho todos os soldados durões de que preciso. O que quero de você é seu conhecimento do assunto.

– Isso significa uma oportunidade de fazer mal àqueles malditos cretinos nazistas? – Completamente. Se formos bem-sucedidos, causaremos danos irreparáveis no regime de Hitler.

– Então, doçura, sou toda sua.

Flick sorriu. Meu Deus, ela pensou, eu fiz isso.



O QUARTO DIA
Quarta-feira, 31 de maio de 1944

CAPÍTULO 17

NO MEIO DA NOITE, as estradas do Sul da Inglaterra estavam repletas de tráfego. Grandes comboios de caminhões do Exército roncavam em todas as rodovias, passando pelas cidades escuras em direção à costa. Os habitantes, intrigados, iam para as janelas dos quartos, olhando, incrédulos, para a fila interminável de tráfego que roubava seu sono.

– Meu Deus – Greta disse. – Vai mesmo haver uma invasão.

Ela e Flick tinham deixado Londres logo depois da meia-noite num carro emprestado, um Lincoln Continental grande, branco, que Flick adorou dirigir. Greta usava um dos seus trajes menos chamativos, um vestido preto simples e peruca de cabelos escuros. Não seria Gerhard outra vez até o fim da missão.

Flick esperava que Greta fosse tão perita quanto Mark tinha dito. Ela trabalhava no Correio Geral como técnica, portanto devia saber do que falava. Mas Flick não teve tempo de testar seus conhecimentos. Agora, seguindo lentamente atrás de um transportador de tanques, Flick explicou a missão, ansiosamente esperando que a conversa revelasse alguma falha no conhecimento de Greta.

– O castelo contém uma nova central automática instalada pelos alemães, para atender todo o tráfego de telefones e de telex extras, entre Berlim e as forças de ocupação.

No começo, Greta se mostrou cética com o plano.

– Mas, coração, mesmo que tenhamos sucesso, o que impedirá os alemães de redirecionar as chamadas telefônicas em volta da rede? – Volume de tráfego. O sistema está sobrecarregado. O Comando Central do Exército, chamado "Zepelin" fora de Berlim, atende cento e vinte mil telefonemas de longa distância e vinte mil mensagens por telex por dia. Haverá mais quando invadirmos a França. Mas grande parte do sistema francês consiste em centrais

manuais. Agora imagine que a central automática principal não funcione e todos aqueles telefonemas tenham de ser feitos do modo antigo, por telefonistas, levando dez vezes mais tempo. Noventa por cento jamais serão completadas.

– O Exército pode proibir telefonemas dos civis.

– Isso não fará muita diferença. O tráfego civil é uma fração mínima do total.

– Tudo bem – Greta ficou pensativa. – Podemos destruir as grades de equipamentos comuns.

– O que elas fazem? – Fornecem a voltagem dos tons e dos toques, e assim por diante, das chamadas automáticas. E os tradutores de registros transformam o código de área em instruções de encaminhamento.

– Isso inutilizaria todo o sistema? – Não. E o dano seria reparado. Você precisa destruir a central manual, a automática, os amplificadores de longa distância, as centrais de telex e os amplificadores dos telex, que provavelmente ficam em salas diferentes.

– Lembre, não podemos levar grande quantidade de explosivos, só o que seis mulheres podem levar nas suas bolsas comuns.

– Isso é um problema.

Michel tinha estudado tudo isso com Arnaud, um membro do circuito Bollinger que trabalhava para o PTT francês Postes, Télégraphes, Telephones, Correios, Telégrafos, Telefones -, mas Flick não tinha perguntado os detalhes, e Arnaud estava morto, ferido no primeiro ataque.

– Deve haver algum equipamento comum a todos os sistemas.

– Sim, há, a MDF.

– O que é isso?

– Main Distribution Frame, a estrutura principal de distribuição. Dois conjuntos de terminais em grandes armações. Todos os cabos de fora vão para um lado da estrutura, os cabos da central vão para outro, e são conectados a ligações em cadeia.

– Onde ficaria isso? – Numa sala perto da câmara do cabo. O ideal é um fogo com calor suficiente para derreter o cobre dos cabos.

– Quanto tempo leva para religar os cabos? – Uns dois dias.

– Tem certeza? Quando os cabos da minha rua foram cortados por uma bomba, um velho engenheiro do Correio os religou em poucas horas.

– Consertos de ruas são simples, é só uma questão de ligar as pontas cortadas, vermelho com vermelho, azul com azul. Mas uma MDF tem centenas de conexões cruzadas. Dois dias é um cálculo conservador, e supõe que quem

conserta tem as fichas de registro.

– Fichas de registro? – Elas mostram como os cabos são conectados. Geralmente ficam num gabinete na sala da MDF. Se nós os queimarmos também, levarão semanas de tentativa e erro para descobrir as conexões.

Flick lembrou de Michel dizer que a Resistência tinha alguém no PTT pronto para destruir as duplicatas dos registros, guardadas na sede principal.

– Isso parece bom. Agora, escute. De manhã, quando eu explicar a missão para as outras, Vou dizer uma coisa completamente diferente, uma história falsa.

– Por quê? – Para que nossa missão não seja prejudicada se uma de nós for capturada e interrogada.

– Oh. – Greta não gostou da ideia. – Isso é horrível.

– Você é a única que sabe a verdade, por isso trate de guardar só para você por enquanto.

– Não se preocupe. Nós, homossexuais, estamos acostumados a guardar segredos.

Flick ficou espantada com a escolha de palavras de Greta, mas não disse nada.

A Escola de Aperfeiçoamento ficava no terreno de uma das mansões grandes e nobres de Londres. Beaulieu era uma propriedade enorme na Floresta Nova, perto da costa do Sul. A casa principal era residência de lorde Montagu.

Escondidas nos bosques que a rodeavam, havia várias grandes casas de campo com vastos terrenos próprios. A maior parte tinha sido evacuada no começo da guerra. Proprietários jovens tinham ido para o serviço ativo, e os mais velhos, geralmente, tinham meios de fugir para outros locais. Doze casas foram requisitadas pelo SOE e eram usadas para treinamento de agentes de segurança, operações de rádio, leituras de mapas e atividades menos limpas, como roubo, sabotagem, falsificação e assassinato silencioso.

Chegaram às três horas da manhã. Flick seguiu por uma trilha acidentada, atravessou um mata-burro e parou na frente de uma casa grande. Entrar ali era sempre como entrar num mundo de fantasia, onde a fraude e a violência eram tratadas como coisas comuns. A casa tinha um ar de irrealidade, que combinava com isso. Embora tivesse cerca de doze quartos, era construída no estilo de chalé – uma afetação arquitetural popular nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial. Parecia bonita à luz da lua, com as chaminés e janelas de água-furtada, telhados inclinados e janelas ogivais circundadas de azulejos. Era como a ilustração de um livro infantil, uma casa grande e espaçosa, onde se podia brincar de esconde-esconde o dia inteiro.

A casa estava silenciosa. O resto da equipe estava ali, Flick sabia, mas devia estar dormindo. Ela conhecia a casa e encontrou dois quartos vazios no andar do sótão. Ela e Greta, cansadas, foram cada uma para sua cama. Flick ficou acordada por algum tempo, imaginando como ia soldar aquele punhado de desajustadas para formar uma unidade de luta, mas logo adormeceu.

Levantou às seis horas. Da janela via o estuário do rio Solent. A água parecia mercúrio na luz cinzenta da manhã. Ferveu água na chaleira, para se barbear, e levou-a para o quarto de Greta. Então, acordou as outras.

Percy e Paul foram os primeiros a chegar na grande cozinha nos fundos da casa. Percy pediu chá, e Paul, café. Flick mandou que eles mesmos fizessem. Não tinha entrado para o SOE para servir os homens.

– Eu faço chá para você às vezes – Percy disse, indignado.

– Você faz com um ar de noblesse oblige – ela respondeu.

– Como se estivesse segurando a porta aberta para uma criada.

Paul achou graça.

– Vocês dois – ele disse. – Vocês me matam de rir.

Um cozinheiro do Exército chegou às seis e meia, e logo estavam sentados em volta da mesa comprida, comendo ovos fritos e grossas fatias de bacon. A comida não era racionada para os agentes secretos, eles precisavam fazer suas reservas. Quando entravam em ação, podiam ter de passar dias sem se alimentar adequadamente.

As mulheres foram aparecendo uma a uma. Foi surpresa para Flick a beleza de Maude Valentine. Nem Paul nem Percy tinham dito o quanto ela era bonita. Apareceu imaculadamente vestida e perfumada, a boca em forma de botão de rosa acentuada com batom brilhante, como se fosse a um almoço no Savoy. Sentou ao lado de Paul e disse com ar sugestivo: – Dormiu bem, major? Flick ficou aliviada ao ver o rosto escuro de pirata de Ruby Romain. Ela não ficaria surpresa se soubesse que Ruby tinha fugido durante a noite e nunca mais seria vista. É claro que ela podia, então, ser presa outra vez por assassinato. Não foi um perdão, apenas as acusações tinham sido retiradas. Sempre era possível fazer valer outra vez as acusações. Isso evitaria que Ruby desaparecesse. Mas era ela durona e podia ter resolvido arriscar.

Jelly Knight aparentava a idade que tinha àquela hora da manhã. Sentou ao lado de Percy, com um sorriso carinhoso para ele.

– Suponho que você dormiu como uma pedra – ela disse.

– Consciência limpa – ele respondeu. Ela riu.

– Você não tem nenhuma droga de consciência.

O cozinheiro ofereceu um prato de bacon com ovos, mas ela fez uma careta.

– Não, obrigada, querido – ela disse. – Tenho de cuidar do meu peso. – Seu desjejum foi uma xícara de chá e vários cigarros.

Quando Greta chegou à porta, Flick prendeu a respiração.

Ela estava com um vestido bonitinho de algodão, com um pequeno peito falso. Um cardigã cor-de-rosa arredondava a linha dos ombros, e uma echarpe escondia o pescoço masculino. Estava com a peruca de cabelos escuros e curtos. O rosto estava pesadamente empoado, mas usava pouco batom e pouco rimel. Contrastando com a personalidade provocante do palco, nessa manhã ela era uma jovem comum, talvez um pouco embaraçada por ser tão alta. Flick a apresentou e observou a reação das outras mulheres.

Foi o primeiro teste da personificação de Greta.

Todas sorriram amavelmente, sem nenhum sinal de estar vendo alguma coisa errada, e Flick respirou com alívio.

Além de Maude, a outra mulher que Flick via pela primeira vez era lady Denise Bowyer. Percy a tinha entrevistado em Hendon e a recrutara, a despeito de ter notado que ela era indiscreta. Afinal, lady Denise era uma moça comum com um cabelo escuro volumoso e um ar de desafio. Embora seja filha de uma marquesa, não tinha a autoconfiança típica da classe alta. Flick sentiu um pouco de pena dela, mas Denise não tinha charme suficiente para fazer com que gostassem dela.

Esta é a minha equipe, Flick pensou. Uma namoradeira, uma assassina, uma arrombadora de cofres, um travesti e uma aristocrata desajeitada. Percebeu que faltava alguém, a outra aristocrata. Diana não tinha aparecido. Flick perguntou a Percy: – Você disse para Diana que a hora de levantar é às seis? – Eu disse para todas.

– E eu bati na porta dela às seis e quinze. – Flick levantou.

– Acho melhor verificar. Quarto dez, certo? Subiu e bateu na porta de Diana. Não obtendo resposta, entrou no quarto. O quarto parecia ter sido atingido por uma bomba – uma mala aberta na cama amarrotada, travesseiros no chão, calcinhas na penteadeira – mas Flick sabia que aquilo era normal. Diana sempre teve quem arrumasse suas coisas. A mãe de Flick era uma dessas pessoas. Não, Diana simplesmente tinha saído. Ela teria de compreender que não era mais dona do seu tempo, Flick pensou, irritada.

– Ela desapareceu – ela disse para os outros. – Vamos começar sem ela. – Ficou de pé na cabeceira da mesa. Teremos dois dias de treinamento. Então, na

sexta-feira à noite, descemos de paraquedas na França. Somos uma equipe só de mulheres porque é muito mais fácil para as mulheres se movimentar na França ocupada, a Gestapo não suspeita tanto. Nossa missão é explodir o túnel de uma estrada de ferro perto do vilarejo de Maries, não longe de Reims, na principal estrada de ferro entre Frankfurt e Paris.

Flick olhou para Greta, que sabia que a história era mentira. Greta estava quieta, passando manteiga na torrada, e não ergueu os olhos para Flick.

– O curso normal de treinamento de um agente é de três meses – Flick continuou. – Mas esse túnel tem de ser destruído até a noite de segunda-feira. Em dois dias, esperamos ensinar a vocês algumas regras básicas de segurança, como descer de paraquedas, fazer algum treino com armas e mostrar a vocês como matar pessoas sem fazer o menor barulho.

Maude parecia pálida, apesar da maquiagem.

– Matar gente? – ela disse. – Certamente não espera que nós, mulheres, façamos isso? Jelly rosnou com desprezo.

– Há uma maldita guerra, você sabe.

Diana entrou na sala, vinda do jardim com pedaços de vegetais grudados na calça de veludo cotelê.

– Fui dar um passeio no bosque – ela disse entusiasmada. Maravilhoso. E veja o que o homem da estufa me deu. – Tirou um punhado de tomates do bolso e os jogou na mesa da cozinha.

Flick disse: – Sente, Diana, você está atrasada para a instrução.

– Sinto muito, querida, perdi sua bela palestra? – Agora você está no Exército – Flick disse exasperada. Quando mandam você estar na cozinha às sete horas, não é uma sugestão.

– Você não vai bancar a diretora de escola para cima de mim, vai? – Sente e cale a boca.

– Sinto muitíssimo, querida. Flick ergueu a voz.

– Diana, quando eu digo cale a boca, você não diz sinto muitíssimo para mim, e não me chama de querida nunca. Apenas cale a boca.

Diana sentou em silêncio, mas parecia revoltada. Que diabo, Flick pensou, não tratei o caso como devia.

A porta da cozinha se abriu violentamente e um homem pequeno e musculoso de uns quarenta anos entrou. Tinha divisas de sargento na camisa do uniforme.

– Bom-dia, meninas! – ele disse alegremente. Flick disse: – Este é o sargento Bill Griffiths, um dos instrutores. – Ela não gostava de Bill. Instrutor do

Exército, ele tinha um prazer especial em combate físico e nunca parecia se importar quando machucava alguém. Flick tinha notado que ele era pior com as mulheres. – Estamos prontas para você, sargento; então, por que não começa? – Ela se afastou para um lado e encostou na parede.

– Seu desejo é meu comando – ele disse, desnecessariamente. Tomou o lugar dela na cabeceira da mesa. – Saltar de paraquedas – ele começou – é como saltar de um muro de cinco metros de altura. O teto desta cozinha tem pouco menos que isso, portanto é como saltar para o jardim do andar superior da casa.

Flick ouviu Jelly dizer em voz baixa: -Ó, meu Deus! – Vocês não podem aterrissar sobre os pés e ficar de pé Bill continuou. – Se tentarem pousar de pé, quebram as pernas. O único modo seguro é cair. Assim, a primeira coisa que vamos ensinar é como cair. Se alguém quiser manter a roupa limpa, por favor vá ao vestiário ali e vista um macacão. Se estiverem todas prontas em três minutos, começaremos.

Enquanto as mulheres trocavam de roupa, Paul se despediu.

– Precisamos de um voo para treinar o salto de paraquedas amanhã, e eles vão me dizer que não tem nenhum avião disponível – ele disse para Flick. – Vou a Londres para chutar uns traseiros. Volto esta noite. – Flick imaginou se ele ia ver sua namorada também.

No jardim havia uma velha mesa de pinho, um feio guarda-roupa de mogno da era vitoriana e uma escada com cinco metros de altura. Jelly estava apavorada.

– Não vai nos fazer saltar de cima daquele maldito guarda-roupa, vai? – ela disse para Flick.

– Não antes de mostrar como se faz – ela disse. – Vai ficar surpresa quando puder ver como é fácil.

Jelly olhou para Percy.

– Seu cretino – ela disse. – No que me meteu? Quando estavam todas prontas, Bill disse: – Primeiro vamos aprender a cair de uma altura zero. Há três modos: para a frente, para trás e de lado.

Ele demonstrou cada método caindo no chão facilmente e levantando com a agilidade de um ginasta..

– Devem manter as pernas fechadas – disse com ar malicioso. – Como todas as senhoras devem estar sempre. Ninguém riu. – Não estendam os braços para quebrar o impacto da queda, mas fiquem com eles aos lados do corpo. Não se preocupem com se machucar. Se quebrarem um braço, vai doer muito mais.

Como Flick esperava, as mais jovens não tiveram dificuldade: Diana,

Maude, Ruby e Denise podiam cair como atletas logo que souberam o que tinham de fazer. Ruby tendo feito uma vez no chão, perdeu a paciência com o exercício. Subiu até o fim da escada.

– Ainda não! – Bill gritou, tarde demais. Ela saltou da escada e aterrissou com perfeição. Então se afastou do grupo, sentou debaixo de uma árvore e acendeu um cigarro.

Acho que ela vai me dar trabalho, Flick pensou.

Flick estava mais preocupada com Jelly. Ela era um membro-chave da equipe, a única perita em explosivos. Mas há anos tinha perdido a agilidade da juventude. Saltar de paraquedas ia ser difícil para ela. Mas Jelly tinha espírito esportivo. Quando caiu, bateu no chão com um gemido e praguejou quando levantou, mas estava pronta para tentar outra vez.

Para surpresa de Flick, a pior aluna era Greta.

– Não posso fazer isso – ela disse para Flick. – Eu disse que não sou boa com coisas violentas.

Era a primeira vez que Greta falava mais de duas palavras, e Jelly franziu a testa e resmungou: – Sotaque engraçado.

– Deixe que eu a ajude – Bill disse para Greta. – Fique parada e relaxe. – Ele segurou Greta pelos ombros. Então, com um movimento brusco e forte, a jogou no chão. Ela aterrissou pesadamente, com um gemido de dor. Levantou com dificuldade, e para desapontamento de Flick começou a chorar.

– Pelo amor de Deus – Bill disse, irritado. – Que espécie de gente está nos mandando? Flick olhou zangada para ele. Não queria perder sua técnica em telefonia por causa da brutalidade de Bill.

– Apenas vá com cuidado – ela disse secamente para ele. Bill não se arrependeu.

– A Gestapo é muito pior que eu! Flick teria de consertar a situação sozinha. Segurou a mão de Greta.

– Vamos fazer um pouco de treinamento especial. – Foram para o outro lado da casa.

– Desculpe – Greta disse. – Eu simplesmente odeio aquele homenzinho.

– Eu sei. Agora, vamos fazer isto juntas. Ajoelhe. – Ajoelharam uma de frente para a outra e deram as mãos. – Faça o que eu faço. – Flick se inclinou lentamente para o lado. Greta a imitou. Juntas, elas caíram no chão, de mãos dadas. – Aí está – Flick disse. – Isso foi bom, não foi? Greta sorriu.

– Por que ele não pode ser como você? Flick deu de ombros.

– Homens – ela disse com um sorriso. – Agora está pronta para tentar cair

começando de pé? Faremos do mesmo modo, de mãos dadas.

Ela fez com Greta todos os exercícios que Bill estava fazendo com as outras. Greta logo ficou confiante. Voltaram para o grupo. As outras estavam saltando da mesa. Greta se juntou a elas, aterrissou com perfeição, e todas aplaudiram.

Passaram para o salto de cima do guarda-roupa e, finalmente, da escada. Quando Jelly saltou da escada, rolou perfeitamente e ficou de pé, e Flick a abraçou.

– Estou orgulhosa de você – ela disse. – bom trabalho. Bill estava zangado. Disse para Percy: – Que diabo de Exército nós temos, quando você ganha um abraço por fazer o que foi ensinado? – Procure se acostumar, Bill – Percy disse.

CAPÍTULO 18

NA CASA ALTA da rua du Bois, Dieter carregou a mala de Stephanie escada acima até o quarto de mademoiselle Lemas. Olhou para a cama de solteiro muito bem arrumada e para o genuflexório com o rosário em cima.

– Não vai ser fácil fingir que é sua casa – ele disse, ansioso, pondo a mala na cama.

– Digo que a herdei de uma tia solteirona e que tenho sido muito preguiçosa para arrumá-la do meu jeito – ela disse.

– Inteligente. Mesmo assim precisa desarrumar um pouco isso aqui.

Ela abriu a mala, tirou um penhoar preto e o pôs cuidadosamente em cima do genuflexório.

– Já está melhor – Dieter disse. – O que vai fazer se o telefone tocar? Stephanie pensou por um minuto. Quando falou, sua voz estava mais baixa e seu sotaque de classe alta de Paris fora substituído pelos tons da fidalguia provinciana.

– Alô, sim, sou mademoiselle Lemas; quem está falando, por favor? – Muito bom – disse Dieter. Não ia enganar uma amiga íntima ou alguém da família, mas quem telefonasse ocasionalmente não notaria nada errado, especialmente com a distorção do som das linhas telefônicas.

Eles examinaram a casa. Havia mais quatro quartos, todos prontos para receber hóspedes, as camas arrumadas, uma toalha limpa em cada lavatório. Na

cozinha, onde devia haver uma variedade de pequenas panelas e um bule para fazer só uma xícara de café, encontraram travessas grandes e sacos de arroz que dariam para um ano para mademoiselle Lemas. O vinho da adega era vin ordinaire, barato, mas havia meia caixa de bom scotch. Na garagem, ao lado da casa estava um pequeno Simca Cinq de antes da guerra, a versão francesa do Fiat que os italianos chamavam de Topolino. Estava em boas condições, com o tanque cheio de gasolina. Ele girou a manivela e o motor pegou imediatamente. De modo algum as autoridades permitiriam que mademoiselle Lemas comprasse a gasolina escassa e as peças para o carro só para fazer compras. O veículo devia ser abastecido e mantido pela Resistência. Ele imaginou qual história ela teria contado para explicar sua permissão para usar o carro. Talvez se fizesse passar por parteira.

– A vaca velha estava bem organizada – Dieter observou. Stephanie fez o almoço. Tinham feito compras no caminho para a rua du Bois. Não havia carne ou peixe, mas Dieter comprou alguns cogumelos, alface, um pain noir, o pão que os franceses faziam com a farinha de segunda e farelo de trigo, tudo que podiam comprar. Stephanie preparou uma salada, usou os cogumelos para fazer um risoto, e eles encontraram queijo na despensa, para terminar a refeição. com migalhas na mesa e panelas sujas na pia da cozinha, a casa começava a parecer mais uma moradia.

– A guerra deve ter sido a melhor coisa que aconteceu a ela – Dieter disse, enquanto tomavam café.

– Como pode dizer isso? Ela está a caminho de um campo de prisioneiros.

– Pense na vida que ela levava antes. Uma mulher sozinha, sem marido, sem família, os pais mortos. Então todos aqueles jovens entram em sua vida, bravos rapazes e moças em missões perigosas. Provavelmente contavam a ela seus amores e seus medos. Ela os escondia na sua casa, dava a eles uísque e cigarros, e os mandava embora, desejando boa sorte. Foi provavelmente a época mais aventurosa da sua vida. Aposto que ela nunca se sentiu tão feliz.

– Talvez ela preferisse uma vida pacata, comprando chapéus com uma amiga, arranjando flores para a catedral, indo a Paris uma vez por ano para um concerto.

– Ninguém jamais prefere uma vida pacata – Dieter olhou pela janela da sala de jantar. – Droga! – Uma jovem Caminhava para a casa, empurrando uma bicicleta com um cesto grande na frente. – Quem diabo pode ser? Stephanie olhou assustada para a visitante que se aproximava.

– O que eu faço? Dieter não respondeu por um momento. A intrusa era uma jovem de traços comuns, com calça enlameada e uma camisa de trabalho com grandes manchas de suor nas axilas. Ela não tocou a campainha, mas empurrou a bicicleta para o pátio. Ele ficou consternado. Seu plano seria exposto tão depressa? – Ela está vindo para a porta dos fundos. Deve ser amiga ou parente. Você tem de improvisar. Vá ao encontro dela, eu fico aqui ouvindo.

Ouviram a porta da cozinha ser aberta e fechada, e a jovem disse em voz alta, em francês: – Bom-dia, sou eu.

Stephanie foi para a cozinha. Dieter ficou na porta da sala de jantar, de onde podia ouvir tudo claramente. Ouviu a voz espantada da jovem.

– Quem é você? – Sou Stephanie, sobrinha de mademoiselle Lemas. A visitante não procurou disfarçar a desconfiança.

– Eu não sabia que ela tinha uma sobrinha.

– Ela não me contou também. – Dieter ouviu um tom divertido na voz de Stephanie e compreendeu que ela estava usando seu encanto. – Não quer sentar? O que tem nesse cesto? – Algumas provisões. Sou Marie. Moro no campo. Consigo um pouco mais de comida e trago para... para mademoiselle.

– Ah – Stephanie disse. – Para os hóspedes dela. – Dieter ouviu um leve farfalhar e imaginou que Stephanie estava examinando a comida embrulhada no cesto. – Isso é maravilhoso! Ovos... carne de porco... morangos...

Isso explicava como mademoiselle Lemas conseguia se manter gorda, Dieter pensou.

– Então, você sabe – Marie disse.

– Eu sei da vida secreta de minha tia, sim. – Ouvindo Stéphanie dizer minha tia, Dieter lembrou que nem ele nem Stephanie tinham perguntado o primeiro nome de mademoiselle Lemas. Tudo iria por água abaixo se Marie descobrisse que Stephanie nem sabia o nome da "tia".

– Onde ela está? – Ela foi a Aix. Lembra de Charles Menton, que foi decano da catedral? – Não, não lembro.

– Talvez você seja jovem demais. Ele era o melhor amigo do pai de titia, até se aposentar e ir morar na Provença. – Stephanie estava improvisando brilhantemente, Dieter pensou com admiração. Ela tinha nervos de aço e imaginação. – Ele teve um enfarto e ela foi cuidar dele. Pediu que eu tomasse conta de qualquer hóspede que apareça enquanto estiver fora.

– Quando ela vai voltar? – Não esperam que Charles viva por muito tempo. Por outro lado, a guerra pode terminar logo.

– Ela não falou com ninguém sobre esse Charles.

– Falou comigo.

Parecia que Stephanie ia se sair bem, Dieter pensou. Se ela pudesse continuar com a farsa por mais algum tempo, Marie iria embora convencida. Ia relatar o acontecido para uma ou outra pessoa, mas a história de Stephanie era plausível e exatamente o tipo de coisa que acontecia nos movimentos da Resistência. Não era como no Exército. Alguém como mademoiselle Lemas podia facilmente resolver deixar seu posto encarregando outra pessoa de fazer seu trabalho. Irritava os líderes da Resistência, mas não podiam fazer nada. Todos os seus membros eram voluntários.

Ele começou a ter esperança.

– De onde você é? – Marie perguntou.

– Eu moro em Paris.

– Sua tia Valerie tem outras sobrinhas escondidas por aí? Pronto, Dieter pensou, o nome de mademoiselle Lemas é Valerie.

– Acho que não... não que eu saiba.

– Você é uma mentirosa.

O tom de voz de Marie mudou. Alguma coisa estava errada. Dieter suspirou e tirou a pistola automática de dentro do paletó.

– Do que está falando? – Stephanie perguntou.

– Você está mentindo. Você nem sabe o nome dela. Não é Valerie, é Jeanne.

Dieter destravou a arma. Stephanie continuou firme.

– Eu sempre a chamei de titia. Você está sendo grosseira. Marie disse com desprezo: – Eu sabia desde o começo. Jeanne nunca confiaria em alguém como você, com seu salto alto e todo esse perfume.

Dieter entrou na cozinha.

– Que pena, Marie – ele disse. – Se você tivesse sido mais confiante, ou menos esperta, podia ter se livrado. Mas como estão as coisas, você está presa.

Marie olhou para Stephanie.

– Você é uma prostituta da Gestapo.

A ofensa atingiu o alvo, e Stephanie corou. Dieter ficou tão furioso que quase bateu com a pistola em Marie.

– Vai se arrepender dessas palavras quando estiver nas mãos da Gestapo – ele disse friamente. – Um homem chamado sargento Becker vai interrogá-la. Quando você estiver gritando, sangrando e pedindo misericórdia, lembre desse insulto.

Marie se preparou para fugir. Dieter quase desejou que ela tentasse. Então

poderia atirar e o problema estaria resolvido. Mas ela não fugiu. Depois de um longo momento, curvou os ombros para a frente e começou a chorar.

As lágrimas dela não o comoveram.

– Deite de bruços no chão, com as mãos atrás das costas. Ela obedeceu.

Ele largou a arma.

– Acho que vi uma corda no porão – ele disse para Stephanie.

– Vou buscar.

Ela voltou com um pedaço de corda de varal. Dieter amarrou as mãos e os pés de Marie.

– Tenho de levá-la para Santa Cecília – ele disse. – Ela não pode estar aqui se chegar algum agente britânico. – Consultou o relógio. Eram duas horas. Tinha tempo para ir até o castelo e voltar antes das três. – Você terá de ir sozinha à cripta. Use o carro pequeno da garagem, estarei na catedral, mas você não vai me ver. – Ele a beijou. Quase como um marido saindo para o escritório, ele pensou, com amargura. Pegou Marie e a pôs no ombro. – Preciso me apressar – ele disse e foi para a porta dos fundos.

Saiu da casa e virou para trás.

– Esconda a bicicleta.

– Não se preocupe – Stephanie disse.

Ela atravessou o pátio com Marie no ombro e chegou à rua. Abriu a mala do carro e a pôs lá dentro. Se não fosse pela palavra "prostituta", Dieter a teria deixado no banco de trás do carro.

Fechou o porta-malas e olhou em volta. Não viu ninguém, mas numa rua como aquela sempre havia alguém espiando atrás das persianas. Teriam visto mademoiselle Lemas ser levada embora na véspera e notariam o grande carro azul-celeste. Assim que ele partisse, estariam comentando sobre o homem que tinha posto a jovem na mala do carro. Em tempos normais, teriam chamado a polícia, mas não em território ocupado, especialmente quando a Gestapo podia estar envolvida. A pergunta-chave de Dieter era: a Resistência vai saber da prisão de mademoiselle Lemas? Reims era uma cidade, não um vilarejo. Pessoas eram presas todos os dias: ladrões, assassinos, contrabandistas, operadores do mercado negro, comunistas, judeus. Havia uma boa chance de que os acontecimentos da rua du Bois não chegassem aos ouvidos de Michel Clairet.

Mas não havia nenhuma garantia.

Dieter entrou no carro e seguiu para Santa Cecília.

CAPÍTULO 19

A EQUIPE PASSOU RAZOAVELMENTE bem pela instrução matinal, para alívio de Flick. Todas tinham aprendido a técnica de cair, a parte mais difícil do salto de paraquedas.

A sessão de leitura de mapas não foi tão boa. Ruby nunca fora à escola, e mal sabia ler: um mapa era chinês para ela. Maude ficou confusa com direções como norte-nordeste e piscou as pestanas provocantemente para o instrutor. Denise, apesar de todo o seu estudo, se mostrou completamente incapaz de entender as coordenadas. Se o grupo se separasse na França, Flick pensou preocupada, ela não poderia ter certeza de que encontrariam o caminho certo.

À tarde passaram para a parte mais complicada. O instrutor de armamentos era o capitão Jim Cardwell, completamente diferente de Bill Griffiths. Jim era um homem de bom gênio, com o rosto marcado por rugas e um bigode preto. Ele sorria amavelmente quando as alunas descobriam como era difícil acertar numa árvore a dois metros de distância com uma pistola Colt automática, calibre .45.

Ruby estava à vontade com uma automática nas mãos e sabia atirar com precisão. Flick suspeitava que ela já tinha usado armas antes. Ruby ficou mais confortável ainda quando Jim passou os braços em volta da sua cintura para mostrar como devia segurar o rifle "canadense" Lee-Enfield. Ele murmurou alguma coisa no ouvido dela, e Ruby sorriu para ele com um brilho malicioso nos olhos pretos. Tinha estado numa prisão para mulheres durante três meses, Flick pensou. Sem dúvida era um prazer ser tocada por um homem.

Jelly também manejou as armas com relativa facilidade. Mas Diana foi a estrela da sessão. Usando o rifle, ela acertou todos os tiros, no centro do alvo, esvaziando as duas cargas de cinco tiros com tiros regulares e certeiros.

– Muito bom! – Jim disse, surpreso. – Pode ficar com meu emprego.

Diana olhou para Flick triunfante.

– Em algumas coisas você não é a melhor – ela disse. Que diabo eu fiz para merecer isso? Flick pensou. Diana estava lembrando o tempo do colégio, quando Flick sempre se saía muito melhor que ela? Será que a rivalidade da infância ainda estava viva? Greta foi o único fracasso. Mais uma vez ela foi mais feminina que as mulheres de verdade. Tampou os ouvidos com as mãos, saltava nervosamente a cada tiro e fechava os olhos apavorada cada vez que apertava o gatilho. Jim trabalhou pacientemente com ela, deu tampões para os ouvidos para

abafar o barulho, segurou a mão dela para ensinar como apertar o gatilho levemente, mas nada adiantou. Ela era medrosa demais para ser uma boa atiradora.

– Eu simplesmente não fui feita para esse tipo de coisa! ela disse, desesperada.

– Então, o que está fazendo aqui? – Jelly perguntou. Flick entrou na conversa rapidamente: – Greta é uma especialista. Vai dizer a você onde deve pôr as cargas.

– Para que precisamos de uma especialista alemã? – Eu sou inglesa – Greta disse. – Meu pai nasceu em Liverpool.

Jelly bufou com ceticismo: – Se isso é sotaque de Liverpool, eu sou a duquesa de Devonshire.

– Guarde sua agressividade para a próxima sessão – Flick disse. – Vamos lutar corpo-a-corpo. – Aquela rivalidade a preocupava. Precisava que todas confiassem umas nas outras.

Voltaram ao jardim onde Bill Griffiths as esperava, agora de short e tênis, fazendo abdominais na grama, sem camisa. Quando ele se levantou, Flick teve a impressão de que queria que admirassem seu físico.

Bill gostava de ensinar autodefesa, dando aos alunos uma arma e dizendo: "Agora me ataque." Então demonstrava como um homem desarmado pode repelir um atacante. Era uma lição dramática e memorável. Às vezes Bill era desnecessariamente violento, mas Flick sempre pensou que era bom os agentes se acostumarem com isso.

Nesse dia ele tinha uma coleção de armas em cima da velha mesa de pinho: uma faca ameaçadora, que ele garantiu fazia parte do equipamento da SS, uma pistola Walther P38 automática do tipo que Flick tinha visto com oficiais alemães, um cassetete policial francês, um pedaço de fio elétrico preto e amarelo que ele chamava de garrote, e uma garrafa de cerveja com o gargalo quebrado, deixando ver um círculo desigual de vidro com pontas agudas.

Vestiu a camisa para a sessão de treinamento.

– Como escapar de um homem que aponta uma arma para você – ele começou. Apanhou a Walther, destravou e entregou a arma para Maude. Ela apontou para ele. – Mais cedo ou mais tarde, seu captor vai querer que você vá para algum lugar. Virou e levantou as mãos. – As chances são de que ele vai seguir bem atrás de você, com a arma encostada nas suas costas. – Ele andou fazendo um largo círculo, com Maude atrás. Agora, Maude, quero que você aperte o gatilho assim que pensar que estou tentando escapar. – Bill apressou um

pouco o passo, obrigando Maude a andar também mais depressa e, quando ela fez isso, ele foi para o lado e para trás. Prendeu o pulso direito dela debaixo do braço e golpeou a mão que segurava a arma com um movimento para baixo, como quem corta alguma coisa. Ela gritou e deixou cair a arma.

– É aqui que você pode cometer um grande erro – ele disse, enquanto Maude esfregava o pulso. – Não fuja nesse momento, senão o huno vai apanhar a arma e atirar nas suas costas. O que tem de fazer é... – Pegou a Luger, apontou para Maude e apertou o gatilho. Houve um estampido, Maude gritou e Greta também.

– Esta arma está carregada com cápsulas vazias, é claro – Bill disse.

Às vezes Flick gostaria que Bill não fosse tão dramático nas suas demonstrações.

– Vamos praticar essas técnicas umas nas outras dentro de alguns minutos – ele continuou. Pegou o fio elétrico e virou para Greta. – Ponha isso em volta do meu pescoço. Quando eu fizer um sinal, puxe com toda a força. - Entregou o fio para ela. – Seu homem da Gestapo ou seu policial traidor colaboracionista francês pode matar você com esse fio, mas não pode sustentar seu peso com ele. Muito bem, Greta, procure me estrangular. – Greta hesitou, depois puxou o fio com força. O fio pareceu penetrar no pescoço musculoso de Bill. Ele ergueu os dois pés e caiu de costas no chão. Greta perdeu a força dos dedos no fio.

– Infelizmente – Bill disse -, isso a deixa deitada no chão com o inimigo de pé ao seu lado, o que é uma situação desfavorável. – Ele se levantou. – Vamos fazer outra vez. Mas agora, antes de cair no chão, Vou agarrar o pulso do meu captor. Retomaram a posição, e Greta puxou o fio com força. Bill agarrou o pulso dela, puxando-a para a frente e para baixo. Quando Greta caiu em cima dele, Bill dobrou uma perna e a golpeou com força na barriga.

Greta rolou de cima dele e se encolheu, sem poder respirar e com ânsia de vômito. Flick disse: – Pelo amor de Deus, Bill, isso foi um pouco violento demais.

Ele parecia satisfeito.

– A Gestapo é muito pior que eu – ele disse. Flick correu para Greta e a ajudou a levantar.

– Desculpe – ela disse.

– Ele é um puto de um maldito nazista – Greta arquejou. Flick a ajudou a entrar na casa e a fez sentar na cozinha. O cozinheiro, que descascava batatas, ofereceu uma xícara de chá, que Greta aceitou agradecida.

Quando Flick voltou para o jardim, Bill tinha escolhido sua próxima

vítima e deu a ela um cassetete da polícia. Flick viu a expressão maliciosa de Ruby e pensou: Se eu fosse Bill, teria cuidado com ela.

Flick tinha visto Bill demonstrar aquela técnica antes. Quando Ruby levantasse a mão direita, para atingi-lo com o cassetete, Bill ia segurar o braço dela, virar e a jogar por cima do seu ombro. Ela cairia de costas com uma batida surda e dolorosa.

– Certo, cigana – Bill disse. – Me acerte com o cassetete, com a força que quiser.

Ruby levantou o braço e Bill se moveu para ela, mas a ação não foi seguida como devia. Quando Bill estendeu a mão para o braço de Ruby, não o encontrou. O cassetete caiu no chão. Ruby chegou mais perto de Bill e o acertou com uma violenta joelhada no meio das pernas. Bill soltou um grito agudo de dor. Ruby segurou a camisa de Bill, o puxou para ela e deu um soco no nariz dele. Então, com o resistente sapato preto, de amarrar, deu um pontapé na canela do instrutor, e ele caiu no chão, com o sangue escorrendo do nariz.

– Sua cadela, não era para fazer isso! – ele gritou.

– A Gestapo é muito pior que eu – Ruby disse.

CAPÍTULO 20

FALTAVA UM MINUTO para as três quando Dieter estacionou na frente do hotel Frankfort. Atravessou correndo a praça calçada de pedra para a catedral, sob o olhar sem vida dos anjos esculpidos nos arcobotantes. Era quase demais esperar que um agente aliado aparecesse no primeiro dia. Por outro lado, se a invasão fosse mesmo iminente, os aliados estariam usando seus últimos recursos.

Ele viu o Simca Cinq de mademoiselle Lemas estacionado num lado da praça, indicando que Stephanie já estava na igreja. Ficou aliviado de ter chegado a tempo. Se alguma coisa saísse errada, não queria que ela a enfrentasse sozinha.

Passou pela grande porta oeste, para a escuridão fria da catedral. Procurou Hans Hesse e o viu sentado na última fila de bancos. Inclinaram as cabeças um para o outro, em silêncio.

Imediatamente, Dieter se sentiu como um violador. O serviço em que ele estava engajado não devia acontecer naquela atmosfera. Ele não era muito religioso – menos que os alemães comuns, pensou -, mas certamente não era ateu. Sentiu-se pouco à vontade apanhando espiões num lugar que há centenas

de anos era um santuário sagrado.

Afastou esses sentimentos como supersticiosos.

Atravessou para o lado norte da igreja e seguiu pela longa passagem norte, seus passos ecoando no chão de pedra. Quando chegou ao transepto, viu o portão, a grade e os degraus que levavam à cripta, abaixo do altar-mor. Stephanie estava lá embaixo, ele supunha, com um sapato marrom e outro preto. De onde estava ele via os dois lados, o caminho por onde tinha vindo pela passagem norte e para a frente, ao lado do corredor curvo, na outra extremidade da igreja. Dieter ajoelhou e cruzou as mãos em atitude de prece.

Ele disse: "Ó Senhor, perdoe-me pelos sofrimentos que inflijo nos meus prisioneiros. O Senhor sabe que estou tentando cumprir meu dever do melhor modo possível.

E perdoe-me por pecar com Stephanie. Sei que é errado, mas o Senhor a fez tão bela que não posso resistir à tentação. Proteja minha querida Waltraud, e a ajude a tomar conta de Rudi e da pequena Maus, e proteja-os das bombas da RAF. E esteja com o marechal de campo Rommell quando a invasão começar, e dê a ele a força para empurrar os aliados de volta ao mar. É uma prece muito curta para pedir tanta coisa, mas o Senhor sabe que tenho muito que fazer neste momento. Amém." Ele olhou em volta. Não havia nenhuma cerimônia em andamento, mas um punhado de gente estava espalhado nos bancos das capelas laterais, orando ou apenas sentados em sagrado silêncio. Alguns turistas andavam pelas passagens da igreja, falando em voz baixa sobre a arquitetura medieval, espiando para dentro das vastas abóbadas.

Se um agente aliado aparecesse, Dieter planejava simplesmente observar e se certificar de que nada desse errado. O ideal seria não precisar fazer nada. Stephanie falaria com o agente, trocaria as senhas e o levaria para casa, na rua du Bois.

Depois disso, seus planos eram vagos. De algum modo, o agente o levaria a outros. Em algum ponto do caminho, faria uma descoberta importante, uma pessoa desavisada teria escrito uma lista de nomes e endereços, um conjunto de rádio e livro de códigos cairia em suas mãos, ou ele capturaria alguém como Flick Clairet, que, sob tortura, trairia metade da Resistência francesa.

Verificou a hora. Três e cinco. Provavelmente ninguém ia aparecer nesse dia. Ergueu os olhos. Para seu horror, viu Willi Weber.

Que diabo ele estava fazendo ali? Weber estava em trajes civis, com um terno verde de tweed. com ele estava um homem da Gestapo, mais jovem, com um casaco xadrez. Vinham da extremidade leste da igreja, dando a volta no

corredor, na direção de Dieter, mas não o tinham visto. Chegaram à porta da cripta e pararam.

Dieter praguejou em voz baixa. Isso podia arruinar tudo. Ele quase desejou que nenhum agente aparecesse.

Olhando para a passagem norte, viu um jovem carregando uma mala. Dieter entrecerrou os olhos. A maior parte das pessoas na igreja era mais velha. O homem vestia um terno azul de corte francês, mas parecia um viking, com cabelo ruivo, olhos azuis e pele rosa claro. Era uma combinação muito inglesa, mas também podia ser alemão. À primeira vista podia ser um oficial em trajes civis fazendo turismo ou até mesmo com intenção de rezar.

Entretanto, seu comportamento o denunciou. Ele andou com passo decidido pela passagem, sem olhar para as colunas, como faria um turista, nem ajoelhando num banco como um fiel. O coração de Dieter disparou. Um agente no primeiro dia! Na maleta que ele levava, era quase certo haver um rádio portátil. Isso significava que devia ter também um livro de códigos. Era mais que Dieter ousara esperar.

Mas Weber estava ali para estragar tudo.

O agente passou por Dieter e diminuiu o passo, obviamente procurando a cripta.

Weber viu o homem, olhou para ele atentamente, depois virou, fingindo examinar as caneluras de uma coluna.

Talvez tudo fosse dar certo. Dieter pensou. Weber tinha feito uma estupidez em ir à catedral, mas talvez apenas pretendesse observar. Certamente ele não seria tão imbecil a ponto de interferir? Podia arruinar uma oportunidade única.

O agente encontrou o portão da cripta e desceu os degraus, desaparecendo.

Weber olhou para o lado norte e fez um sinal com a cabeça. Seguindo o olhar dele, Dieter viu dois outros homens da Gestapo atrás do órgão. Não era um bom sinal. Weber não precisava de quatro homens só para observar. Dieter se perguntou se teria tempo de falar com Weber, mandar que ele chamasse seus homens. Mas Weber ia discutir e iam brigar, e então...

Afinal, não houve tempo para nada disso. Quase imediatamente, Stephanie subiu da cripta com o agente atrás dela.

Quando ela chegou ao topo da escada, viu Weber. Stéphanie ficou chocada, desorientada pela presença do homem da Gestapo, como se tivesse entrado no palco para descobrir que estava na peça errada. Ela tropeçou e o

jovem segurou seu cotovelo, ajudando-a a se firmar. Stephanie recobrou a compostura com rapidez característica e sorriu amavelmente para ele. Muito bem, minha garota, Dieter pensou. Então Weber se adiantou: – Não! – Dieter disse involuntariamente. Ninguém ouviu. Weber segurou no braço do agente e disse alguma coisa. O coração de Dieter se apertou quando ele viu que Weber estava prendendo o agente. Stephanie recuou atônita, afastando-se deles.

Dieter levantou e caminhou rapidamente para o grupo. Só podia pensar que Weber queria ter a glória de capturar um agente. Era insano, mas possível.

Antes que Dieter chegasse perto, o agente se libertou da mão de Weber e correu.

O jovem companheiro de Weber, com o casaco xadrez, se atirou para a frente e agarrou os joelhos do agente. O agente cambaleou, mas se movia rapidamente e com força, e o homem da Gestapo não conseguiu detê-lo. O agente recuperou o equilíbrio, endireitou o corpo e correu, sempre segurando a maleta.

O ruído dos passos dos homens que corriam ecoou na catedral silenciosa e todos olharam. O agente correu na direção de Dieter. Dieter viu o que ia acontecer e gemeu alto. O segundo par de homens da Gestapo saiu do transepto norte. O agente os viu e pareceu adivinhar quem eles eram, pois desviou rapidamente, porém tarde demais. Um dos homens estendeu o pé e deu uma rasteira nele. O jovem caiu no chão, o corpo forte batendo na pedra com um ruído surdo e seco. A valise voou no ar. Os dois homens da Gestapo saltaram em cima dele. Weber chegou correndo, parecendo satisfeito.

– Merda! – Dieter disse em voz alta, esquecendo onde estava. Os idiotas loucos estavam estragando tudo.

Talvez ele ainda pudesse salvar a situação.

Tirou sua pistola Walther P38 de dentro do paletó, destravou-a e apontou para os homens da Gestapo que estavam em cima do agente. Em francês, ele gritou: – Saiam de cima dele agora, ou eu atiro! – Major, eu... – Weber disse.

Dieter deu um tiro para cima. O estampido da pistola ricocheteou nas abóbadas da catedral, abafando as palavras reveladoras de Weber.

– Silêncio! – Dieter gritou em alemão. Assustado, Weber ficou quieto.

Dieter encostou com força o cano da pistola no rosto de um dos homens da Gestapo. Voltando a falar em francês, ele gritou: – Saiam! Saiam! Saiam de cima dele! Apavorados, os dois homens levantaram e recuaram. Dieter olhou para Stephanie. Chamando-a pelo primeiro nome de mademoiselle Lemas, ele gritou: – Jeanne! Vá! Saia daqui! Stephanie começou a correr. Procurou passar

longe dos homens da Gestapo e correu para a porta oeste. O agente estava levantando.

– Vá com ela! Vá com ela! – Dieter gritou para ele, apontando. O homem pegou a valise e correu, passando por trás das cadeiras do coro e seguindo pelo meio da nave.

Weber e seus três companheiros estavam perplexos.

– Deitem de bruços! – Dieter mandou. Quando eles obedeceram, ele recuou, ainda com a arma apontada. Então virou e correu atrás de Stephanie e do agente.

Quando os dois passaram pela porta, Dieter parou para falar com Hans, que, perto dos fundos da igreja, olhava impassível.

– Fale com aqueles malditos idiotas – Dieter disse, ofegante. – Explique o que estamos fazendo e certifique-se de que eles não tentem nos seguir. – Pôs a pistola no coldre, debaixo do paletó, e correu para fora.

O motor do Simca estava ligado. Dieter empurrou o agente para o banco de trás e sentou na frente. Stephanie pisou no acelerador e o carrinho saiu da praça saltando como uma rolha de champanhe.

Enquanto o carrinho corria, Dieter virou e olhou pelo vidro de trás.

– Ninguém atrás de nós – ele disse. – Vá mais devagar. Não queremos ser parados por um gendarme.

O agente disse em francês: – Eu sou Helicóptero. Que diabo aconteceu lá? Dieter compreendeu que Helicóptero devia ser o nome de código. Lembrou que Gaston tinha dito para ele o nome de código de mademoiselle Lemas.

– Esta é Bourgeoise – ele disse, indicando Stephanie. – E eu sou Charenton. – Improvisou, pensando por alguma razão na prisão onde o marquês de Sade fora encarcerado.

– Nos últimos dias, Bourgeoise começou a desconfiar que o encontro na catedral estava sendo vigiado, por isso me pediu para ir com ela. Não faço parte do circuito Bollinger, Bourgeoise é um ponto isolado.

– Sim, eu sei disso.

– Seja como for, agora sabemos que a Gestapo armou uma tocaia, e por sorte ela me pediu para servir de reforço.

– Você foi brilhante! – Helicóptero disse entusiasmado. Meu Deus, fiquei com tanto medo! Pensei que ia estragar tudo logo no primeiro dia.

Você estragou, Dieter pensou.

Parecia a Dieter que a situação estava salva. Helicóptero agora acreditava firmemente que Dieter era membro da Resistência. O francês de Helicóptero

parecia perfeito, mas obviamente ele não era capaz de identificar o leve sotaque de Dieter. Havia mais alguma coisa que podia levantar suspeitas mais tarde, quando ele tivesse tempo de pensar melhor? Dieter tinha levantado e gritado "Não!", logo no começo da coisa, mas um simples "não" não significava muita coisa e, de qualquer modo, ele achava que ninguém ouviu. Willi Weber gritou "Major" em alemão para Dieter, e Dieter disparou sua arma para abafar qualquer outra indiscrição. Se Helicóptero ouviu aquela única palavra, será que sabia o que significava e ia lembrar mais tarde? Não, Dieter decidiu. Se Helicóptero tivesse compreendido a palavra, podia ter pensado que Weber falava com um dos homens da Gestapo. Estavam todos à paisana, por isso podiam ter qualquer posto.

Agora Helicóptero confiaria completamente em Dieter, convencido de que ele o tinha tirado das garras da Gestapo.

Outros podiam não ser enganados tão facilmente. A existência de um novo membro da Resistência de codinome Charenton e recrutado por mademoiselle Lemas teria de ter uma explicação plausível, tanto para Londres quanto para o líder do circuito Bollinger, Michel Clairet. Ambos podiam fazer perguntas e investigar. Dieter teria de tratar com eles quando chegasse a hora. Não era possível antecipar tudo.

Ele se permitiu um momento de triunfo. Estava a um passo do seu objetivo de destruir a Resistência no Norte da França. Tinha conseguido, a despeito da estupidez da Gestapo. E tinha sido divertido.

O desafio, agora, era usar o máximo possível a confiança de Helicóptero. O agente devia continuar a operar, acreditando que ninguém suspeitava dele. Assim podia levar Dieter a mais agentes, talvez a dezenas. Mas era um truque delicado.

Chegaram à rua du Bois, e Stephanie entrou com o carro na garagem de mademoiselle Lemas. Entraram na casa pela porta dos fundos e sentaram na cozinha. Stephanie apanhou uma garrafa de scotch da adega e serviu os três.

Dieter estava desesperadamente ansioso para saber se Helicóptero tinha um rádio.

– Acho melhor você enviar uma mensagem para Londres imediatamente – ele disse.

– Devo enviá-la às oito horas da noite e receber às onze. Dieter anotou o horário mentalmente.

– Mas precisa dizer a eles o mais depressa possível que o encontro na catedral está comprometido. Não queremos que mandem mais homens para lá. E

pode haver mais alguém a caminho esta noite.

– Oh, meu Deus, sim – o jovem disse. – Usarei a frequência de emergência.

– Pode ligar seu rádio aqui mesmo na cozinha. Helicóptero pôs a caixa pesada na mesa e a abriu.

Dieter conteve um suspiro de satisfação. Ali estava.

O interior da caixa era dividido em quatro partes: dois compartimentos laterais e, no meio, um na frente e outro atrás. Dieter viu imediatamente que o compartimento detrás, do meio, continha o transmissor, com a tecla Morse no canto inferior direito, e o da frente era o receptor, com uma tomada para fones de ouvido. O compartimento do lado direito fornecia a força. A função do compartimento no lado esquerdo, quando o agente levantou a tampa, revelou uma seleção de peças extras e acessórios: um transmissor de força, adaptadores, fio para antena, cabos de ligação, fones de ouvido, tubos extras e uma chave de parafuso.

Era um conjunto ordenado e compacto, Dieter pensou com admiração, o tipo de coisa que os alemães teriam feito, não o que ele esperava dos britânicos.

Já sabia as horas de transmissão e recepção de Helicóptero. Agora precisava saber as frequências usadas e – o mais importante – o código.

Helicóptero ligou o condutor de força na tomada. Dieter disse: – Pensei que fosse à pilha.

– Pilha ou eletricidade. Acho que o truque favorito da Gestapo, quando eles tentam localizar a fonte de uma transmissão ilícita, consiste em desligar a força elétrica de uma cidade, bloco por bloco, até interromper a transmissão.

Dieter assentiu, balançando a cabeça.

– Muito bem, com este aparelho, se você perde a força, é só inverter este pino que ele passa para pilha.

– Muito bom – Dieter informaria à Gestapo, se eles ainda não soubessem.

Helicóptero ligou a força numa tomada elétrica externa. Depois pediu a Stephanie para enrolar o fio da antena em cima de um armário alto. Dieter procurou nas gavetas da cozinha e encontrou um lápis e um bloco que, provavelmente, mademoiselle Lemas usava para suas listas de compras.

– Pode usar isto para codificar sua mensagem – ele disse, procurando ajudar.

– Primeiro, acho melhor eu resolver o que Vou dizer. Helicóptero cocou a cabeça e começou a escrever em inglês: CHEGUEI OK PONTO ENCONTRO CRIPTA NÃO SEGURO PONTO APANHADO PELA GESTAPO MAS

CONSEGUI ESCAPAR – Acho que chega por ora – ele disse. Dieter disse: – Devemos dar a eles um novo local de encontro para futuros agentes. Digamos o Café de Ia Gare, perto da estação de trens.

Helicóptero tomou nota.

Tirou da caixa um lenço de seda estampado com uma tabela complicada mostrando pares de letras. Tirou também um bloco de código com umas doze ou mais folhas impressas com palavras de cinco letras, sem sentido. Dieter reconheceu as características essenciais de um sistema criptográfico num bloco única-vez. Isso seria indecifrável, a não ser que se tivesse o bloco com as folhas impressas.

Sobre as palavras da sua mensagem, Helicóptero escreveu os grupos de palavras de cinco letras do bloco; depois usou as letras escritas para selecionar as transposições do lenço de seda. Sobre as primeiras cinco letras de ARRIVED (cheguei) ele escreveu o primeiro grupo do seu bloco, que eram BGKRU. A primeira letra, B, indicava qual a coluna que devia ser usada da grade do lenço de seda. Em cima da coluna B estavam as letras "Ae". Isso indicava que devia substituir o A de ARRIVED pela letra "e".

O código não podia ser quebrado da maneira comum porque o próximo A seria representado não por "e", mas por outra letra. De fato, qualquer letra podia significar outra, e o único meio de decifrar a mensagem era usando o bloco de folhas impressas com os grupos de palavras de cinco letras. Mesmo que os decodificadores tivessem uma mensagem codificada e a linguagem original da mesma, não podiam usá-la para ler outra mensagem, porque esta seria codificada com uma folha diferente – por isso era chamado bloco "única-vez". Cada folha era usada só uma vez, depois queimada.

Quando terminou de escrever a mensagem codificada, Helicóptero ligou o botão on/off e virou um botão onde estava escrito em inglês "Seletor de Cristal". Olhando atentamente, Dieter viu que o dial tinha marcas leves escritas com lápis de cera amarelo. Helicóptero não confiava na própria memória, e tinha marcado as posições. O cristal que estava usando devia ser o reservado para emergências. Dos outros dois, um seria para transmissão e outro para recepção.

Finalmente, ele sintonizou e Dieter viu que o dial da frequência também estava marcado com o lápis amarelo.

Antes de enviar a mensagem, ele verificou com a estação transmissora, enviando: HLCP DXDX QTC1 QRK? K Dieter ficou intrigado. O primeiro grupo tinha de ser o sinal de chamada "Helicóptero". O seguinte, "DXDX", era um mistério. O número um no fim de "QTC1" sugeria que esse grupo significava

alguma coisa como: "Tenho uma mensagem para vocês." O ponto de interrogação no fim de "QRK?" o fez pensar que perguntava se estava sendo recebido alto e claro. "K" significava "Câmbio", ele sabia. Sobrava o misterioso "DXDX".

Ele tentou adivinhar.

– Não esqueça seu código de segurança – ele disse.

– Não esqueci – Helicóptero disse. Devia ser "DXDX", Dieter concluiu.

Helicóptero ligou o receptor e todos ouviram a resposta em Morse: HLCP QRK QRV K Mais uma vez, o primeiro grupo era o sinal de chamada de Helicóptero. O segundo grupo, "QRK", aparecia na mensagem original. Sem o ponto de interrogação, devia significar: "Estou recebendo alto e claro." Ele não tinha certeza sobre "QRV", mas calculou que devia significar: "Vá em frente." Enquanto Helicóptero passava a mensagem em Morse, Dieter olhava, encantado. Era o sonho do caçador de espiões: tinha um agente nas mãos, e o agente não sabia que fora capturado.

Quando a mensagem foi enviada, Helicóptero fechou o rádio rapidamente. Como a Gestapo tinha equipamento rastreador de mensagens de rádio para apanhar espiões, era perigoso operar um rádio por mais de uns poucos minutos.

Na Inglaterra, a mensagem foi transcrita, decodificada e passada para o controlador de Helicóptero, que teria de consultar outras pessoas antes de responder. Tudo isso podia levar horas, por isso Helicóptero esperaria a hora marcada para a resposta.

Agora Dieter tinha de separar o agente do rádio e, mais importante, dos materiais de código.

– Suponho que agora você queira entrar em contato com o circuito Bellinger – ele disse.

– Sim. Londres precisa saber quanto resta dele.

– Faremos você entrar em contato com Monet, o codinome do líder. – Olhou o relógio, e por um momento foi tomado por pânico completo: era um relógio-padrão dos oficiais do Exército alemão, e se Helicóptero o reconhecesse o jogo acabaria. Tentando dominar o tremor da voz, Dieter disse: – Você tem tempo, Vou levá-lo à casa dele.

– É longe? – Helicóptero perguntou ansiosamente.

– No Centro da cidade.

Monet, cujo nome verdadeiro era Michel Clairet, não devia estar em casa. Não usava mais aquela casa. Dieter tinha verificado. Os vizinhos afirmavam que

não tinham ideia de onde ele estava. Não foi surpresa para Dieter. Monet tinha calculado que seu nome e endereço seriam revelados por um dos seus companheiros capturados e estava escondido.

Helicóptero começou a fechar o rádio.

– Essa bateria precisa ser carregada de tempos em tempos? – Dieter perguntou.

– Precisa. Na verdade eles nos mandam ligar na tomada sempre que tivermos oportunidade, para que esteja sempre carregada.

– Então por que não a deixa aqui por enquanto? Podemos voltar e apanhá-la mais tarde, quando então estará carregada. Se chegar alguém nesse meio-tempo, Bourgeoise pode esconder em poucos segundos.

– Boa ideia.

– Então, vamos – Dieter saiu na frente, entraram no Simca Cinq e ele o tirou da garagem. – Espere aqui um minuto – ele disse. Preciso dizer uma coisa para Bourgeoise.

Entrou na casa. Stephanie estava na cozinha, olhando para o rádio sobre a mesa. Dieter tirou o bloco única-vez e o lenço de seda do compartimento dos acessórios.

– Em quanto tempo pode copiar isto? – ele perguntou. Ela fez uma careta.

– Todas essas letras que não dizem nada? Pelo menos uma hora.

– Faça o mais depressa possível, mas sem nenhum erro. Eu o manterei fora de casa por uma hora e meia.

Voltou para o carro e seguiram para o Centro da cidade.

A casa de Michel Clairet era pequena e elegante, perto da catedral. Dieter esperou no carro enquanto Helicóptero foi até a porta. Depois de alguns minutos, o agente voltou.

– Ninguém atende – ele disse.

– Pode tentar outra vez amanhã cedo – Dieter disse. Enquanto isso, conheço um bar frequentado pela Resistência. Era mentira. – Vamos até lá e ver se reconheço alguém.

Estacionou perto da estação e escolheu um bar ao acaso. Os dois passaram uma hora bebendo cerveja, e então voltaram para a rua du Bois.

Quando entraram na cozinha, Stephanie fez um leve sinal para Dieter. Ele interpretou como confirmação de que ela havia copiado tudo.

– Agora – Dieter disse para Helicóptero – você provavelmente quer um banho, depois de passar uma noite fora de casa. E, sem dúvida, precisa fazer a barba. Vou mostrar seu quarto, e Bourgeoise prepara o seu banho.

– É muita gentileza sua.

Dieter o levou para um quarto no sótão, o mais distante do banheiro. Assim que ouviu o homem entrar no banho, foi ao quarto e revistou as roupas dele. Helicóptero tinha uma muda de roupa de baixo e meias, tudo com etiquetas de lojas francesas. Nos bolsos do paletó havia cigarros e fósforos franceses, um lenço com etiqueta francesa e uma carteira. Na carteira encontrou bastante dinheiro – meio milhão de francos, o bastante para comprar um carro de luxo, se houvesse algum à venda. Os papéis de identidade pareciam impecáveis, mas tinham de ser falsos.

Havia também uma foto.

Dieter arregalou os olhos, surpreso. Mostrava Flick Clairet. Sem nenhuma dúvida. Era a mulher que tinha visto na praça em Santa Cecília. Era um achado maravilhoso para Dieter – e um desastre para ela.

Flick estava de maio, revelando pernas e braços musculosos e bronzeados. Sob o maio os seios eram firmes, a cintura fina e os quadris deliciosamente arredondados.

Tinha um brilho de água ou suor no pescoço e olhava para a câmera com um leve sorriso. Atrás dela, e um pouco fora de foco, dois homens jovens também com roupa de banho pareciam prestes a mergulhar num rio. A foto evidentemente fora tirada numa inocente festa na margem do rio. Mas a seminudez de Flick e o brilho úmido no pescoço pareciam carregados de sexualidade. Se não fosse pelos homens no fundo, ela podia estar se preparando para tirar o maio e revelar o corpo para a pessoa atrás da câmera. Era assim que uma mulher sorria para seu homem quando queria fazer amor com ele, Dieter pensou. Compreendia por que um quase garoto guardava a foto como se fosse um tesouro.

Agentes não deviam levar fotos para o território inimigo por boas razões. A paixão de Helicóptero por Flick Clairet podia destruí-la, e grande parte da Resistência francesa também. Dieter guardou a foto no seu bolso e saiu do quarto. Afinal, pensou, tinha feito um trabalho muito bom naquele dia.

CAPÍTULO 21

PAUL CHANCELLOR PASSOU o dia lutando contra a burocracia militar – persuadindo, ameaçando, implorando, agradando e, como último recurso, usando

o nome de Monty, e no fim conseguiu um avião para a equipe treinar salto de paraquedas no dia seguinte.

Quando tomou o trem de volta para Hampshire, percebeu que estava ansioso para ver Flick outra vez. Gostava muito dela. Flick era inteligente, decidida e agradável de se olhar. Desejou que ela fosse solteira.

No trem, leu notícias da guerra nos jornais. A longa calmaria na frente oriental fora quebrada, ontem, por um poderoso ataque de surpresa dos alemães à Romênia.

A contínua resistência dos alemães era formidável. Estavam em retirada em toda a parte, mas continuavam a lutar.

O trem estava atrasado, e ele perdeu o jantar às seis horas na Escola de Aperfeiçoamento. Depois do jantar sempre havia outra palestra, e às nove horas as alunas ficavam livres para relaxar durante uma hora mais ou menos, antes de ir para a cama. Paul encontrou quase toda a equipe reunida na sala de estar da casa, que tinha uma estante de livros, um armário cheio de jogos, um rádio e uma mesa de bilhar com a metade do tamanho oficial. Sentou no sofá ao lado de Flick e disse em voz baixa: – Como elas foram hoje? – Melhor do que tínhamos o direito de esperar – ela disse.

– Mas tudo é tão condensado! Não sei quanto vão lembrar quando estiverem em campo.

– Acho que alguma coisa é melhor que nada.

Percy Thwaite e Jelly jogavam pôquer com cacife de centavos. Jelly era uma figura, Paul pensou. Como uma Arrombadora de cofres profissional podia se considerar uma dama inglesa respeitável? – Como Jelly se saiu? – ele perguntou.

– Nada mal. Ela tem mais dificuldade que as outras com o treinamento físico, mas, minha nossa, ela cerra os dentes e entra no jogo, e no fim fez tudo que as mais jovens fizeram. Flick parou de falar e franziu a testa.

– O que foi? – Paul disse.

– A hostilidade dela com Greta é um problema.

– Não é de surpreender que uma inglesa odeie os alemães.

– Mas é ilógico. Greta sofreu mais com os nazistas que Jelly.

– Jelly não sabe disso.

– Ela sabe que Greta está preparada para lutar contra os nazistas.

– As pessoas não são lógicas com essas coisas.

– Está absolutamente certo.

Greta conversava com Denise. Ou melhor, Paul pensou, Denise falava e

Greta ouvia.

– Meu irmão por parte de pai, lorde Foules, pilota caças-bombardeiros – ele a ouviu dizer, com seu sotaque aristocrata.

– Ele está treinando para dar apoio aéreo para as tropas de invasão.

Paul ergueu as sobrancelhas.

– Você ouviu isso? – perguntou para Flick.

– Ouvi. Ela está inventando ou sendo perigosamente indiscreta.

Paul observou Denise. Ela era uma mulher de ossos grandes que parecia estar sempre se sentindo insultada. Paul não achou que era fantasia.

– Ela não parece ser do tipo imaginativo – ele disse.

– Concordo. Acho que ela está revelando segredos verdadeiros.

– É melhor eu providenciar um pequeno teste para amanhã.

– Tudo bem.

Paul queria poder conversar com Flick com mais liberdade.

– Vamos dar um passeio no jardim – ele disse.

Saíram. O ar estava quente e ainda restava uma hora da luz do dia. A casa tinha um jardim grande, com vários hectares de gramado cheio de árvores. Maude e Diana estavam sentadas num banco debaixo de uma faia. Maude tinha flertado com Paul no começo, mas ele não a encorajou, e aparentemente ela desistiu. Agora ela ouvia avidamente o que Diana estava dizendo com um ar quase de adoração.

– Eu gostaria de saber o que Diana está dizendo – Paul disse. – Maude está fascinada.

– Maude gosta de ouvir falar dos lugares em que Diana esteve – Flick disse. – Desfiles de moda, bailes, grandes navios oceânicos.

Paul lembrou que Maude o tinha surpreendido perguntando se a missão as levaria a Paris.

– Talvez ela queira ir para a América comigo – ele disse.

– Notei que ela estava interessada em você – Flick disse. Ela é bonita.

– Mas não faz meu tipo.

– Por que não? – Quer que eu seja franco? Ela não é bastante inteligente.

– bom – Flick disse. – Fico contente com isso. Ele ergueu as sobrancelhas.

– Por quê? – Do contrário, eu teria uma ideia diferente de você.

Ele achou que Flick estava sendo um pouco condescendente.

– Fico feliz por ter sua aprovação – ele disse.

– Não seja irônico. Eu estava fazendo um elogio.

Ele riu. Era impossível não gostar dela, mesmo quando estava bancando a superior.

– Então desisto enquanto estou ganhando.

Passaram perto das duas mulheres e ouviram Diana dizer: – Então a condessa disse: "Tire suas garras pintadas de cima do meu marido", e derramou um copo de champanhe na cabeça de Jennifer, enquanto ela puxava os cabelos da condessa, e o cabelo saiu na sua mão porque era uma peruca! Maude riu.

– Eu queria estar lá. Paul disse para Flick: – Todas elas parecem estar fazendo amizade.

– Fico satisfeita. Preciso que trabalhem como uma equipe. O jardim gradualmente se unia à floresta, e logo estavam andando entre as árvores do bosque.

– Por que se chama Nova Floresta? – Paul perguntou. Parece antiga.

– Você ainda espera que os nomes ingleses sejam lógicos? Ele riu.

– Não, acho que não.

Andaram em silêncio por algum tempo. Paul sentia-se romântico. Queria beijar Flick, mas ela usava uma aliança.

– Quando eu tinha quatro anos, conheci o rei – Flick disse.

– O atual? – Não, o pai dele, George V. Ele foi a Somersholme. Eles procuraram me tirar do caminho, é claro, mas o rei entrou na horta no domingo de manhã e me viu. Ele disse: "bom dia, menininha, está pronta para ir à igreja?" Ele era um homem pequeno, mas tinha um vozeirão.

– O que você disse? – Eu disse: "Quem é você?" Ele respondeu: "Eu sou o rei." E então, segundo a lenda da família, eu disse: "Não pode ser, você não tem tamanho para isso." Felizmente ele riu.

– Pequena e já sem respeito pela autoridade.

– É o que parece.

Paul ouviu um gemido. Intrigado, olhou na direção de onde vinha o som e viu Ruby Romain com Jim Cardwell, o instrutor de armas de fogo. Ruby estava encostada numa árvore, e Jim a abraçava. Beijavam-se apaixonadamente. Ruby gemeu outra vez.

Não estavam só abraçados, Paul notou, um pouco embaraçado e excitado. As mãos de Jim trabalhavam febrilmente debaixo da blusa de Ruby. A saia dela estava levantada até a cintura. Paul viu a perna morena e os pelos escuros na virilha. A outra perna estava levantada e dobrada, e um pé de Ruby apoiado no lado do corpo de Jim. O movimento que faziam juntos era inconfundível.

Paul olhou para Flick. Ela também tinha visto. Olhou por um momento,

sua expressão demonstrando choque e alguma coisa a mais. Então ela começou a se afastar rapidamente. Paul fez o mesmo, e voltaram pelo caminho que tinham vindo, andando o mais silenciosamente possível.

Quando já não podiam ser ouvidos pelos dois, ele disse: – Eu lamento muito isso.

– Não é culpa sua – ela disse.

– Mesmo assim, sinto muito ter levado você por aquele caminho.

– Na verdade, não me importo. Nunca vi ninguém... fazendo isso. Foi muito doce.

– Doce? – Ele não teria escolhido essa palavra. – Quer saber, você é mesmo imprevisível.

– Só notou agora? – Não seja irônica. Eu estava fazendo um elogio – ele disse, repetindo as palavras dela.

Flick riu.

– Então desisto enquanto estou ganhando.

Saíram do bosque. A luz do dia empalidecia rapidamente e as cortinas de blackout estavam fechadas na casa. Maude e Diana não estavam mais sentadas debaixo da faia.

– Vamos sentar aqui um pouco – Paul disse, sem pressa de entrar.

Flick assentiu, sem falar.

Paul sentou meio de lado, olhando para ela. Flick suportou o exame sem nenhum comentário, mas com ar pensativo. Paul segurou a mão dela e acariciou seus dedos. Flick olhou para ele, o rosto inexpressivo, mas não retirou a mão.

– Eu sei que não devo – ele disse -, mas quero muito beijar você.

Flick não disse nada, mas continuou a olhar para ele com aquela expressão enigmática, meio divertida, meio tristonha. Ele interpretou o silêncio com uma concordância e a beijou.

A boca de Flick era macia e úmida. Ele fechou os olhos, concentrando-se na sensação. Para sua surpresa, Flick entreabriu os lábios, e ele sentiu a ponta da língua dela. Paul abriu a boca.

Paul a abraçou e a puxou para ele, mas ela se libertou do abraço e levantou do banco.

– Chega – ela disse. Deu as costas para ele e caminhou para a casa.

Ele a viu se afastar na luz do começo da noite. O corpo pequeno e bem feito de repente parecia a coisa mais desejável do mundo.

Quando ela desapareceu dentro da casa, ele foi atrás. Diana estava sentada sozinha, fumando um cigarro, parecendo pensativa. Impulsivamente,

Paul sentou ao lado dela e disse: – Você conhece Flick desde criança. Diana sorriu com surpreendente carinho.

– Ela é adorável, não é? Paul não queria revelar muita coisa do que ia no seu coração.

– Eu gosto muito de Flick, e gostaria de saber mais alguma coisa sobre ela.

– Ela sempre desejou aventura – Diana disse. – Adorava as longas viagens que fazíamos à França em fevereiro. Passávamos a noite em Paris, depois tomávamos o Trem Azul para Nice. Num verão, meu pai resolveu ir ao Marrocos. Acho que foi a melhor época da vida de Flick. Ela aprendeu algumas palavras em árabe e falava com os negociantes nas tendas. Nós costumávamos ler as memórias daquelas valentes mulheres exploradoras vitorianas que viajavam pelo Oriente Médio vestidas de homem.

– Ela se dava bem com seu pai? – Melhor que eu.

– Como é o marido dela? – Todos os homens de Flick são um pouco exóticos. Em Oxford, seu melhor amigo era um nepalês, Rajendra, o que era motivo de grande consternação na sala comum de St. Hilda, posso garantir, mas não tenho certeza de que ela tenha, você sabe, se comportado mal com ele. Um garoto chamado Charlie Standish estava desesperadamente apaixonado por ela, mas era tedioso demais para Flick. Ela se apaixonou por Michel porque ele é encantador, estrangeiro e inteligente, exatamente como Flick gosta.

– Exótico – Paul repetiu. Diana riu.

– Não se preocupe, você se encaixa. Você é americano, tem só metade de uma orelha e é muito inteligente. Pelo menos tem alguma chance.

Paul levantou. A conversa estava se tornando embaraçosamente íntima.

– Vou considerar isso um elogio – ele disse, com um sorriso. – Boa-noite.

Quando subiu, passou pelo quarto de Flick. Viu a luz debaixo da porta.

Ele vestiu o pijama e deitou, mas não dormiu. Estava muito excitado e feliz para dormir. Lembrou do beijo outra e outra vez. Queria que ele e Flick estivessem como Ruby e Jim, cedendo aos seus desejos descontraidamente. Por que não, ele pensou. Por que diabos não? A casa estava quieta.

Alguns minutos depois da meia-noite, Paul levantou da cama. Foi pelo corredor até o quarto de Flick. Bateu de leve na porta e entrou.

– Olá – ela disse, em voz baixa.

– Sou eu.

– Eu sei.

Ela estava deitada de costas na cama de solteiro, com a cabeça em dois

travesseiros. As cortinas estavam abertas e a luz da lua entrava pela pequena janela. Ele via claramente a linha reta do nariz dela e o queixo forte que não achou bonito quando a conheceu. Agora parecia angélico.

Ele ajoelhou ao lado da cama.

– A resposta é não – Flick disse.

Paul segurou a mão dela e beijou a palma.

– Por favor – ele disse. -Não.

Paul se inclinou para beijá-la, mas Flick virou a cabeça.

– Só um beijo – ele pediu.

– Se eu beijar você, estou perdida.

Isso o agradou. Dizia que ela sentia o mesmo que ele. Beijou a mão dela, depois a testa, depois o rosto, mas Flick continuou com a cabeça virada. Ele beijou o ombro dela por cima da camisola de algodão, em seguida passou os lábios sobre o seio.

– Você também quer – ele disse.

– Para fora – ela comandou.

– Não faça isso.

Flick virou para ele. Paul inclinou o rosto para beijá-la, mas ela pôs um dedo nos lábios dele, como para fazer com que se calasse.

– Vá embora – ela disse. – Falo sério.

Paul olhou para o rosto bonito iluminado pelo luar. A expressão de Flick era de determinação. Embora quase não a conhecesse, ele sabia que a vontade dela não podia ser dominada. Relutantemente, ele levantou.

Tentou mais uma vez.

-Escute, vamos...

– Chega de conversa. Vá. Ele virou e saiu do quarto.



O QUINTO DIA
Quinta-feira, 1º de junho de 1944

CAPÍTULO 22

DIETER DORMIU algumas horas no hotel Frankfort e levantou às duas da manhã. Estava sozinho. Stephanie tinha ficado na casa da rua du Bois com o agente britânico Helicóptero. Em algum momento naquela manhã, Helicóptero sairia à procura do líder do circuito Bellinger, e Dieter o seguiria. Sabia que Helicóptero ia começar pela casa de Michel Clairet, por isso resolveu mandar vigiar a casa de manhã muito cedo.

Foi de carro para Santa Cecília nas primeiras horas da manhã, passando pelos vinhedos iluminados pelo luar, e estacionou na frente do castelo. Foi primeiro ao laboratório fotográfico, no subsolo. A sala escura estava vazia, mas suas fotos estavam lá, presas numa corda como roupa para secar. Tinha pedido duas cópias da foto de Flick Clairet. Tirou as duas da corda e examinou uma delas, e lembrou de Flick correndo no meio do tiroteio para resgatar o marido. Tentou ver algum sinal daquela coragem férrea na expressão descuidada da jovem de maio, mas não viu. Sem dúvida era um produto da guerra.

Guardou o negativo no bolso e apanhou a foto original, que seria devolvida a Helicóptero. Encontrou um envelope e uma folha de papel, pensou por um momento e escreveu: *Minha querida, Enquanto Helicóptero estiver fazendo a barba, ponha isto no bolso de dentro do paletó dele, de modo que pareça que caiu da carteira. Obrigado.*

D.

Pôs o bilhete e a foto no envelope, fechou e endereçou para "Mademoiselle Lemas". Deixaria na casa da rua du Bois mais tarde.

Passou pelas celas e olhou pela portinhola para Marie, a moça que na véspera o tinha surpreendido aparecendo na casa da rua du Bois com comida para os "hóspedes" de mademoiselle Lemas. Estava deitada sobre um lençol manchado de sangue, olhando para a parede com uma expressão de horror,

gemendo baixinho como a peça de uma máquina quebrada, mas não desligada.

Dieter tinha interrogado Marie na noite anterior. Ela não tinha nenhuma informação útil. Garantiu que não conhecia ninguém da Resistência, só mademoiselle Lemas. Dieter estava inclinado a acreditar nela, mas deixou que o sargento Becker a torturasse só por segurança. Mas Marie não mudou sua história, e agora ele estava certo de que o seu desaparecimento não alertaria a Resistência para a impostora da rua du Bois.

Por um momento, olhando o corpo macerado, Dieter ficou deprimido. Lembrou dela chegando à frente da casa, na véspera, de bicicleta, uma visão de saúde vigorosa. Era uma jovem feliz, embora tola. Tinha cometido um erro simples, e agora sua vida estava indo para um fim terrível. Ela merecia, é claro. Tinha ajudado os terroristas. Mesmo assim, era horrível ver aquilo.

Ele afastou Marie do pensamento e subiu a escada. No andar térreo, as telefonistas do turno da noite estavam na frente das suas mesas. Acima daquela sala, no andar que fora antes de quartos de dormir impossivelmente grandiosos, ficavam os escritórios da Gestapo.

Dieter não via Weber desde o fiasco da catedral, e supunha que o homem estava em algum lugar, lambendo as feridas. Mas tinha falado com o assistente dele para pedir que quatro homens da Gestapo se apresentassem à paisana, às três horas da manhã, prontos para a vigilância de um dia. Dieter tinha também mandado que o tenente Hesse estivesse presente. Agora, abriu uma cortina de blackout e olhou para fora. O luar iluminava o estacionamento, e ele viu Hans atravessando o pátio, mas nem sinal dos quatro homens.

Foi ao escritório de Weber, e com surpresa o encontrou sozinho, sentado à mesa, fingindo examinar alguns papéis à luz de uma lâmpada com um quebra-luz verde.

– Onde estão os homens que eu pedi? – Dieter perguntou. Weber levantou.

– Ontem você apontou uma arma para mim – ele disse. Que diabo pretendia ameaçando um oficial? Dieter não esperava aquilo. Weber estava sendo agressivo sobre um incidente no qual tinha bancado um completo idiota. Seria possível que ele não compreendesse o erro terrível que tinha cometido? – A culpa foi toda sua, seu idiota – Dieter disse, furioso. Eu não queria que aquele homem fosse preso.

– Você pode ir à corte marcial pelo que fez.

Dieter ia ridicularizar a ideia, mas se conteve, Era verdade. Tinha feito simplesmente o que era necessário para salvar a situação, mas não era

impossível na burocracia do Terceiro Reich um oficial ser chamado a juízo por agir de acordo com sua iniciativa. Seu coração apertou e ele teve de fingir autoconfiança.

– Vá em frente, me denuncie, acho que posso me justificar perante um tribunal.

– Na verdade, você disparou a arma. Dieter não resistiu e disse: – Suponho que isso é uma coisa que você não tem visto muito na sua carreira militar.

Weber corou. Nunca tinha visto ação.

– Armas devem ser usadas contra o inimigo, não contra os oficiais seus companheiros.

– Eu atirei para o ar. Desculpe se o assustei. Você estava no processo de arruinar um golpe de contraespionagem de primeira classe. Não acha que uma corte militar levaria isso em conta? Ordens de quem você estava seguindo? Você foi o único que demonstrou falta de disciplina.

– Eu prendi um terrorista britânico.

– E de que ia adiantar? Ele é apenas um. Eles têm muitos mais. Mas, deixado livre, ele nos levará a outros... talvez a muitos outros. Sua insubordinação teria destruído essa oportunidade. Felizmente para você, eu o salvei de um erro terrível.

Weber disse, com ar malicioso: – Certas pessoas com autoridade achariam extremamente suspeito você se empenhar tanto em libertar um agente aliado.

Dieter suspirou.

– Não seja burro. Não sou nenhum miserável negociante judeu para me assustar com a ameaça de certas opiniões maliciosas. Você não pode fingir que sou um traidor, ninguém acreditaria. Agora, onde estão meus homens? – O espião deve ser preso imediatamente.

– Não, não deve, e se você tentar, eu o mato, atiro em você. Onde estão os homens? – Recuso designar homens muito necessários para uma tarefa tão impossível.

– Você se recusa! -Sim.

Dieter olhou longamente para ele. Não pensava que Weber fosse bravo ou tolo o bastante para fazer isso.

– O que imagina que vai acontecer com você quando o marechal de campo souber disso? Weber ficou assustado, mas desafiador: – Não estou no Exército – ele disse. – Isto é a Gestapo. Infelizmente, ele tinha razão, Dieter

pensou, desanimado.

Estava tudo bem para Walter Goedel mandar Dieter usar o pessoal da Gestapo em vez de tirar soldados muito necessários da costa, mas a Gestapo não era obrigada a obedecer às ordens de Dieter. O nome de Rommel tinha assustado Weber por um pequeno espaço de tempo, mas o efeito já desaparecera.

E agora Dieter ficava sem ajudantes, a não ser o tenente Hesse. Ele e Hans poderiam seguir Helicóptero sem ajuda? Seria difícil, mas não tinha alternativa.

Tentou outra ameaça.

– Tem certeza de que está pronto para arcar com as consequências dessa recusa, Willi? Vai se meter numa grande enrascada.

– Ao contrário, acho que quem vai se enrascar é você. Dieter balançou a cabeça, impaciente. Não tinha mais nada para dizer. Tinha gasto muito tempo discutindo com aquele idiota. Ele saiu.

Encontrou Hans no corredor e explicou a situação. Foram para os fundos do castelo, onde ficava a seção técnica, na parte do antigo alojamento dos criados. Na noite anterior, Hans havia pedido emprestado uma van do PTT e um tipo de bicicleta motorizada, cujo pequeno motor é acionado por meio de pedal.

Dieter imaginou que Weber podia ter descoberto o pedido de empréstimo e dera ordem aos técnicos para não emprestar. Ele esperava que não. O dia ia raiar dentro de uma hora e ele não tinha tempo para mais discussões. Mas não teve problema. Dieter e Hans vestiram macacões e saíram, com a bicicleta na parte de trás da van.

Foram para Reims, e seguiram para a rua du Bois. Estacionaram na esquina e Hans voltou, na fraca luz do começo da manhã, e pôs o envelope com a foto de Flick na caixa do correio. O quarto de Helicóptero ficava nos fundos, portanto não havia perigo de ele ver Hans e reconhecê-lo depois.

O sol estava subindo quando chegaram à frente da casa de Michel Clairet, no Centro da cidade. Hans tinha estacionado a cem metros na rua e abriu a tampa de um bueiro do PTT. Fingiu que estava trabalhando enquanto vigiava a casa. Era uma rua movimentada, com vários veículos estacionados, e a van não chamava a atenção.

Dieter ficou na van, procurando não ser visto, pensando na discussão com Weber. O homem era um idiota, mas tinha alguma razão. Dieter estava se arriscando perigosamente. Helicóptero podia fugir e desaparecer. Então Dieter teria perdido o fio da meada. O meio mais fácil e seguro seria torturar Helicóptero. Mas embora deixá-lo livre fosse arriscado, prometia compensações.

Se tudo desse certo, Helicóptero podia ser ouro sólido. Quando Dieter pensava no triunfo que quase tinha nas mãos, ele o desejava com uma paixão que acelerava seu pulso.

Por outro lado, se saísse tudo errado, Weber poderia aproveitar ao máximo a situação. Diria a todos que tinha sido contrário ao plano arriscado de Dieter. Mas Dieter não podia se preocupar em marcar pontos burocráticos. Homens como Weber, que faziam esse tipo de jogo, eram os mais desprezíveis do mundo.

A cidade acordou lentamente para o dia. As primeiras a aparecer foram as mulheres que iam à padaria na frente da casa de Michel. A padaria estava fechada, mas elas ficaram pacientemente no lado de fora, esperando e conversando. O pão estava racionado, mas Dieter imaginava que às vezes acabava, por isso as donas de casa procuravam comprar cedo, para garantir a quantidade a que tinham direito. Quando finalmente as portas se abriram, todas tentaram entrar ao mesmo tempo – ao contrário das donas de casa alemãs, que teriam formado uma fila, Dieter pensou com um sentimento de superioridade. Quando as viu sair com os pães, ele desejou ter tomado o café da manhã.

Depois apareceram os trabalhadores com suas botas e suas boinas, cada um carregando uma lancheira barata, de fibra, com o almoço. As crianças começavam a sair para o colégio quando Helicóptero apareceu, pedalando a bicicleta de Marie. Dieter endireitou o corpo no banco. No cesto da bicicleta estava um objeto retangular coberto com um pedaço de pano: a maleta do rádio, Dieter imaginou.

Hans ergueu a cabeça acima da abertura na calçada e olhou para ele.

Helicóptero foi para a casa de Michel e bateu na porta. Ninguém atendeu, é claro. Ele ficou no degrau por algum tempo, depois espiou nas janelas e em seguida andou pela rua, procurando uma entrada nos fundos. Não havia nenhuma, Dieter sabia.

Dieter tinha sugerido a Helicóptero o que fazer em seguida: "Vá ao bar na mesma rua, Chez Regis. Peça café e pãezinhos e espere." Dieter esperava que a Resistência estivesse vigiando a casa de Michel, alerta para a chegada de um emissário de Londres. Não esperava uma vigilância de tempo integral, mas talvez um vizinho de boa vontade tivesse concordado em vigiar o lugar. A evidente ingenuidade de Helicóptero tranquilizaria o vigilante. Qualquer pessoa podia dizer, só de vê-lo dar a volta na casa, que ele não era um homem da Gestapo ou um agente da milícia, a polícia de segurança francesa. Dieter estava certo de que alguém da Resistência seria alertado, e logo ia aparecer e falar com

Helicóptero – e essa pessoa podia levar Dieter ao coração da Resistência.

Um minuto depois, Helicóptero seguiu o conselho de Dieter. Foi de bicicleta até o bar e sentou a uma mesa na calçada, aparentemente aproveitando o sol. Pediu uma xícara de café. Tinha de ser adulterado, feito com grão torrado de qualidade inferior, mas ele tomou com prazer.

Depois de mais ou menos vinte minutos, pediu outro café e um jornal. Começou a ler o jornal atentamente. Tinha um ar paciente, como se estivesse preparado para esperar o dia inteiro. Isso era bom.

A manhã passou. Dieter começou a se perguntar se o plano ia funcionar. Talvez o circuito Bellinger estivesse tão dizimado que não sobrou ninguém para a mais simples das tarefas. Seria um profundo desapontamento se Helicóptero não o levasse a outros terroristas. E Weber ficaria mais que satisfeito.

Estava chegando a hora em que Helicóptero teria de pedir o almoço para justificar o uso da mesa. Um garçom saiu para a calçada e falou com ele, depois levou um pastis. Isso também devia ser falsificado, feito com um substituto sintético de anis, mas assim mesmo Dieter passou a língua nos lábios. Gostaria de tomar um drinque.

Outro freguês sentou na mesa ao lado da de Helicóptero. Havia cinco mesas, e seria natural que ele escolhesse a mais afastada. A esperança de Dieter cresceu. O recém-chegado era um homem alto de uns trinta anos. Vestia uma camisa azul de cambraia e calça de lona azul-marinho, mas para Dieter não parecia um trabalhador. Era alguma outra coisa. Talvez um artista afetando um ar de proletário. Ele recostou na cadeira e cruzou as pernas, pôs o tornozelo esquerdo sobre o joelho direito, e a pose pareceu familiar a Dieter. Já tinha visto aquele homem antes.

O garçom apareceu e o homem pediu alguma coisa. Por um minuto mais ou menos, nada aconteceu. O homem estava disfarçadamente observando Helicóptero? Ou apenas esperando seu drinque? O garçom voltou com um copo de cerveja clara numa bandeja. O homem tomou um longo gole e enxugou a boca, satisfeito. Dieter começou a pensar, desanimado, que era apenas um homem com sede. Mas ao mesmo tempo sentia que já tinha visto antes aquele modo de enxugar a boca.

Então, o homem falou com Helicóptero.

Dieter ficou tenso. Seria o que ele esperava? Trocaram algumas palavras casuais. Mesmo àquela distância, Dieter sentia a personalidade cativante do homem. Helicóptero sorria e falava com entusiasmo. Depois de alguns momentos, Helicóptero apontou para a casa de Michel, e Dieter percebeu que ele

estava perguntando onde ele poderia estar. O outro homem ergueu os ombros num gesto tipicamente francês, e Dieter o imaginou dizendo: "Eu não sei." Mas Helicóptero pareceu persistir.

O homem acabou de tomar a cerveja e Dieter lembrou. De repente soube exatamente quem era aquele homem e a descoberta o abalou tanto que saltou no banco. Tinha visto o homem na praça em Santa Cecília, logo antes do ataque – pois aquele era o marido dela, o próprio Michel.

– Sim! – Dieter disse, batendo satisfeito no painel da van. Sua estratégia estava certa. Helicóptero o tinha levado para o coração da Resistência local.

Mas ele não esperava tão grande sucesso. Pensou que mandariam um mensageiro que levaria Helicóptero – e Dieter – a Michel. Agora Dieter tinha um dilema. Michel era um prêmio muito grande. Devia prendê-lo imediatamente? Ou segui-lo na esperança de apanhar todos os peixes grandes? Hans recolocou a tampa do bueiro e entrou na van.

– Contato, senhor? -Sim.

– E agora? Dieter não sabia o que fazer – prender Michel ou ir atrás dele? Michel levantou e Helicóptero também. Dieter resolveu segui-los.

– O que eu faço? – Hans perguntou, ansioso.

– Pegue a bicicleta, depressa! Hans abriu as portas de trás da van e tirou a bicicleta motorizada.

Os dois homens deixaram dinheiro na mesa e começaram a andar. Dieter viu que Michel estava mancando, e lembrou que ele tinha levado um tiro na escaramuça.

Disse para Hans: – Você vai atrás deles e eu Vou atrás de você. – Ligou o motor da van.

Hans montou na bicicleta e começou a pedalar, ligando o pequeno motor. Seguiu devagar pela rua, mantendo cem metros de distância da presa. Dieter o seguiu.

Michel e Helicóptero viraram uma esquina. Seguindo um minuto depois, Dieter viu que tinham parado na frente de uma vitrine. Era uma farmácia. Não estavam comprando remédios, é claro, era uma precaução contra vigilância. Quando Dieter passou, eles viraram e voltaram pelo caminho que tinham vindo. Estariam alertas para um veículo que fizesse a volta, por isso Dieter não podia continuar a segui-los. Mas viu Hans parar atrás de um caminhão e fazer a volta, sempre no outro lado da rua, mas mantendo os dois homens à vista.

Dieter deu uma volta na quadra e ficou outra vez atrás deles. Michel e Helicóptero estavam perto da estação de trens, com Hans ainda seguindo-os.

Dieter se perguntou se eles sabiam que estavam sendo seguidos. O truque na farmácia podia indicar que suspeitavam. Não achava que tivessem notado a van do PTT, pois ele estava fora da vista deles a maior parte do tempo, mas tinham visto a bicicleta. O mais provável, Dieter pensou, era que a volta fosse uma precaução de rotina de Michel que devia ser um espião experiente.

Os dois homens atravessaram os jardins na frente da estação. Não havia flores nos canteiros, mas algumas árvores começavam a florir, desafiando a guerra. A estação era um prédio clássico e sólido, com pilares e frontões triangulares, pesada e exageradamente decorados, sem dúvida como os negociantes do século XIX que a tinham construído.

O que Dieter ia fazer se Michel e Helicóptero tomassem um trem? Era muito arriscado tomar o mesmo trem. Helicóptero o reconheceria com certeza, e era até possível que Michel lembrasse dele da praça Santa Cecília. Não, Hans teria de tomar o trem e Dieter seguiria pela estrada.

Entraram na estação por um dos três arcos clássicos. Hans deixou a bicicleta e entrou também. Dieter parou a van e fez o mesmo. Se os dois homens fossem à bilheteria, ele mandaria Hans ficar atrás deles na fila e comprar uma passagem para o mesmo lugar.

Não estavam na bilheteria. Dieter entrou na estação a tempo de ver Hans descer um lance de escadas para o túnel sob as linhas que levavam às plataformas. Talvez Michel tivesse comprado as passagens com antecedência, Dieter pensou. Não seria problema. Hans podia entrar no trem sem passagem.

Nos dois lados do túnel, degraus levavam às plataformas. Dieter seguiu Hans, passando por todas as entradas das plataformas. Antevendo perigo, apressou o passo quando subiu para a entrada na parte de trás da estação. Alcançou Hans e saíram juntos na rua de Courcelles.

Vários prédios tinham sido bombardeados recentemente, mas havia carros estacionados nas partes da rua livres de escombros. Dieter examinou a rua com o medo começando a apertar seu coração. A cem metros, Michel e Helicóptero entravam rapidamente num carro preto. Dieter e Hans jamais os alcançariam. Dieter levou a mão à arma, mas estava muito longe para dar um tiro de pistola. O carro partiu. Era um Renault Monaquatre preto, um dos carros mais comuns na França. Dieter não conseguiu ver a placa. O carro seguiu rapidamente pela rua e virou uma esquina.

Dieter praguejou. Era uma jogada simples, mas infalível. Entrar no túnel obrigava os perseguidores a abandonar seus veículos. Então o carro os esperava no outro lado. facilitando a fuga. Talvez nem tivessem percebido seus

perseguidores. Como a mudança de direção na frente da farmácia, o truque do túnel provavelmente era uma precaução de rotina.

Dieter ficou arrasado. Jogou e perdeu. Weber ficaria mais que satisfeito.

– O que fazemos agora? – Hans perguntou.

– Voltamos para Santa Cecília.

Voltaram para a van, puseram a bicicleta atrás e seguiram para o quartel-general.

Dieter tinha apenas um raio de esperança. Sabia as horas de contato de Helicóptero e as frequências escolhidas para ele. Essa informação podia ser usada para recapturá-lo. A Gestapo tinha um sistema sofisticado, desenvolvido e aperfeiçoado durante a guerra, para detectar transmissão de mensagens ilícitas por rádio e rastrear a fonte. Muitos agentes aliados tinham sido capturados desse modo. com o aperfeiçoamento do treinamento dos britânicos, os operadores de rádio tinham adotado melhores precauções de segurança, sempre irradiando em locais diferentes, nunca ficando no ar mais de quinze minutos, mas os descuidados podiam ser apanhados.

Os britânicos suspeitariam que Helicóptero fora descoberto? Helicóptero devia estar fazendo um relatório completo da tal aventura para Michel. Michel o interrogaria detalhadamente sobre a prisão na catedral e sua fuga. Ficaria especialmente interessado no novo membro de codinome Charenton. Mas não teria razão para suspeitar que mademoiselle Lemas não era quem dizia ser. Michel não a conhecia, por isso não seria alertado, mesmo que Helicóptero mencionasse que ela era uma ruiva jovem e atraente, e não uma solteirona de meia-idade. E Helicóptero não tinha ideia de que seu bloco única-vez e seu lenço de seda tinham sido meticulosamente copiados por Stephanie, e suas frequências notadas – pelas marcas de lápis de cera amarelo nos diais – por Dieter.

Talvez, Dieter começou a pensar, nem tudo estivesse perdido.

Quando voltou para o castelo, Dieter encontrou Weber no corredor. Weber olhou para ele e disse: – Você o perdeu? Chacais sentem o cheiro de sangue, Dieter pensou.

– Sim – admitiu. Mentir para Weber estava abaixo da sua dignidade.

– Há! – Weber disse triunfante. – Você devia deixar esse trabalho para os peritos.

– Muito bem, pois então Vou deixar – Dieter disse. Weber ficou surpreso. Dieter continuou: – Ele deve entrar em contato com a Inglaterra às oito horas esta noite. Aí está sua chance de provar sua capacidade. Mostre como é bom. Procure localizar de onde vem a mensagem.

CAPÍTULO 23

O DESCANSO DO PESCADOR era um bar grande que se erguia na praia do estuário como um forte, com chaminés para torres de armas e janelas de vidro fosco em lugar de estreitas aberturas para observação. Uma tabuleta desbotada no jardim avisava os fregueses para ficar longe da praia, minada em 1940, antecipando a invasão alemã.

Desde que o SOE se mudou para o bairro, o bar tinha grande movimento todas as noites, com as luzes acesas atrás das cortinas pretas, o piano tocando alto, os balcões do bar cheios de fregueses que se espalhavam também pelo jardim nas noites quentes de verão. Cantavam alto, a bebida era pesada, e o namoro era mantido apenas dentro dos limites da decência. A atmosfera descontraída era geral, pois todos sabiam que alguns dos jovens que riam no bar nessa noite embarcariam amanhã em missões das quais podiam não voltar.

Flick e Paul levaram a equipe ao bar, no fim do curso de dois dias de treinamento. As mulheres se vestiram com capricho. Maude estava mais bonita que nunca, com um vestido de verão cor-de-rosa. Ruby nunca seria mais bonita, mas parecia elegante num vestido preto de noite, emprestado por alguém. Lady Denise usava um vestido de seda cinza, que parecia ter custado uma fortuna, mas que não melhorava em nada seu corpo ossudo. Greta vestia um dos seus trajes de palco, vestido de noite e sapatos vermelhos. Até Diana estava com uma saia elegante em lugar da calça de brim, e para surpresa de Flick, estava de batom.

A equipe recebeu o nome de Jackdaws, as Gralhas. Iam descer de paraquedas perto de Reims e Flick lembrou a lenda da Gralha de Reims, o pássaro que roubou o anel do bispo.

– Os monges não sabiam quem tinha roubado o anel, por isso o bispo amaldiçoou o ladrão desconhecido – ela explicou para Paul, enquanto tomavam scotch, o dela com água, o dele puro com gelo. – Então a gralha apareceu toda arrebentada, e eles viram que ela estava sofrendo os efeitos da maldição e devia ser a culpada. Eu aprendi isso no colégio: O dia se foi A noite chegou Os monges e os frades procuraram até de manhã.

Quando o sacristão viu com as patas dobradas Chegar mancando uma pobre e pequena gralha Não mais alegre Como na véspera.

As penas todas pareciam viradas do lado errado As asas caídas, ela mal

podia ficar de pé A cabeça tão calva quanto a palma da sua mão Os olhos sem brilho Cada membro tão maltratado Que, sem pensar na gramática, todos gritaram: "Foi ela!" – E encontraram o anel no ninho da gralha.

Paul balançou a cabeça assentindo. Flick sabia que ele teria concordado e sorrido exatamente do mesmo modo se ela estivesse falando islandês. Ele não se importava com o que Flick dizia, só queria olhar para ela. Flick não tinha uma vasta experiência, mas podia perceber quando um homem estava apaixonado, e Paul estava apaixonado por ela.

Flick passou o dia todo funcionando em piloto automático. Os beijos da noite anterior a deixaram chocada e emocionada. Disse para si mesma que não queria ter um caso ilícito, queria recuperar o amor do marido infiel. Mas a paixão de Paul alterava suas prioridades. Ela se perguntava, com irritação, por que devia continuar na fila pela afeição de Michel, quando um homem como Paul estava pronto a se atirar aos seus pés. Quase deixara que ele fosse para a cama com ela – na verdade, gostaria que ele não fosse tão cavalheiro, pois se Paul tivesse ignorado sua recusa, e entrasse debaixo dos lençóis, ela teria cedido.

Em outros momentos, sentia vergonha por ter beijado Paul. Era assustadoramente comum. Em toda a Inglaterra, as mulheres esqueciam maridos e namorados no front e se apaixonavam pelos soldados americanos. Será que ela era igual àquelas vendedoras de lojas, de cabeça vazia e que iam para a cama com seus ianques só porque eles falavam como os astros do cinema? Pior ainda. Seus sentimentos por Paul ameaçavam desviar sua atenção do trabalho. Tinha nas mãos a vida de seis pessoas, mais um elemento crucial no plano da invasão, e não podia estar pensando se os olhos dele eram cor de avelã ou verdes. De qualquer modo, ele não era um ídolo do cinema, com o queixo grande e a orelha cortada por um tiro, embora o rosto tivesse um certo encanto...

– No que está pensando? – ele perguntou.

Flick se deu conta de que estava olhando para ele.

– Pensando se podemos fazer isso direito – ela mentiu.

– Podemos, com um pouco de sorte.

– Tenho tido sorte até agora. Maude sentou ao lado de Paul.

– Por falar em sorte – ela disse, batendo as pestanas -, quer me dar um dos seus cigarros? – Sirva-se. – Ele empurrou o maço de Lucky Strike em cima da mesa.

Maude pôs um cigarro entre os lábios e ele o acendeu. Flick olhou para o bar e viu o olhar irritado de Diana. Maude e Diana tinham se tornado grandes amigas, e Diana nunca foi boa em compartilhar qualquer coisa. Então, por que

Maude estava flertando com Paul? Para aborrecer Diana, talvez. Ainda bem que Paul não ia para a França, Flick pensou. Ele não podia evitar ser considerado um fator de rivalidades num grupo de mulheres jovens.

Flick olhou em volta. Jelly e Percy jogavam porrinha. Percy estava pagando rodada atrás de rodada de drinques. Era um ato deliberado. Flick precisava saber como eram as Jackdaws quando bebiam. Se alguma delas se tornasse indiscreta ou agressiva, Flick teria de tomar precauções nesse sentido quando estivessem em campo. Estava mais preocupada com Denise, que, sentada num canto, falava animadamente com um homem em uniforme de capitão.

Ruby bebia sem parar também, mas Flick confiava nela. Era uma curiosa mistura: mal sabia ler e escrever, e não conseguiu entender a leitura de mapas nem criptografia, mas mesmo assim era a mais brilhante e mais intuitiva do grupo. Ruby olhava zangada para Greta de vez em quando e talvez tivesse adivinhado que ela era homem, mas para seu crédito não tinha dito nada.

Ruby, sentado no bar com Jim Cardwell, o instrutor de tiro, falava com a garçonete, mas ao mesmo tempo acariciava discretamente o joelho de Jim com a mão pequena e morena. Estavam tendo um romance, que aconteceu como um relâmpago. Desapareciam a toda hora. Durante o descanso da manhã, para o café, o período de meia hora depois do almoço, o chá da tarde, ou qualquer outra oportunidade, eles desapareciam por alguns minutos. Jim parecia ter saltado de um avião e seu paraquedas ainda estivesse fechado. Sua expressão permanente era de prazer embriagador. Ruby não era nenhuma beleza, com o nariz curvo e o queixo virado para cima, mas era obviamente uma bomba sexual, e Jim cambaleava sob o efeito da explosão. Flick quase teve inveja. Não que Jim fosse seu tipo – todos os homens por quem tinha se apaixonado eram intelectuais, ou pelo menos muito brilhantes -, mas invejava a felicidade sensual de Ruby.

Greta estava encostada no piano com um coquetel cor de rosa na mão, falando com três homens que pareciam residentes locais e não tipos da Escola de Aperfeiçoamento. Aparentemente tinham superado o choque do sotaque alemão de Greta – sem dúvida ela contara a história do seu pai de Liverpool -, e agora ela prendia completamente a atenção deles com histórias das casas noturnas de Hamburgo. Flick percebeu que eles não suspeitavam do sexo de Greta e a tratavam como uma mulher exótica e atraente, pagando sua bebida, acendendo seu cigarro e rindo satisfeitos quando ela os tocava.

Enquanto Flick olhava, um dos homens sentou ao piano, tocou alguns acordes e olhou para Greta. O bar ficou quieto e Greta começou a cantar

"Homem da Cozinha": Como aquele garoto sabe abrir mariscos, Ninguém mais pode tocar nas minhas coxas.

Todos logo perceberam que cada verso tinha um duplo sentido sexual e malicioso, e riam às gargalhadas. Quando terminou, Greta beijou o pianista na boca e ele ficou maluco.

Maude deixou Paul e voltou para Diana no bar. O capitão que falava com Denise se aproximou de Paul e disse: – Ela me contou tudo, senhor.

Flick balançou a cabeça, desapontada, mas não surpresa.

– O que ela disse? – Paul perguntou.

– Que amanhã à noite vai explodir o túnel de uma estrada de ferro em Maries, perto de Reims.

Era a história falsa para segurança, mas Denise pensava que era verdade e a tinha revelado para um estranho. Flick ficou furiosa.

– Muito obrigado – Paul disse.

– Eu sinto muito. – O capitão deu de ombros.

– Melhor descobrir agora que mais tarde – Flick disse.

– Quer falar com ela, senhor, ou eu trato disso? – Eu falo com ela primeiro – Paul respondeu. – Espere lá fora por ela, se não se importa.

– Sim, senhor.

O capitão saiu do bar, e Paul chamou Denise.

– Ele foi embora de repente – Denise disse. – Comportamento muito condenável, eu acho. – Obviamente, ela estava ofendida. – Ele é um instrutor de explosivos.

– Não, não é – Paul disse. – Ele é um policial.

– Como assim? – Denise perguntou, confusa. – Está com uniforme de capitão, e me disse que...

– Ele lhe contou mentiras – Paul disse. – Seu trabalho é apanhar pessoas que falam demais com estranhos. E ele pegou você.

Denise ficou boquiaberta, depois recobrou a compostura e ficou furiosa.

– Então foi um truque? Você tentou me pegar numa armadilha? – Infelizmente, consegui – Paul disse. – Você contou tudo para ele.

Percebendo que tinha sido descoberta, Denise tentou levar a coisa na brincadeira.

– Qual é o meu castigo? Cem versos e nada de recreio? Flick teve vontade de esbofeteá-la. A mania de Denise de se promover podia ter arriscado a vida de toda a equipe.

– Na verdade, não há castigo desse tipo. – Paul disse friamente.

– Oh, muito, muito obrigada.

– Mas você está fora da equipe. Não vai mais conosco. Vai embora esta noite, com o capitão.

– Eu me sentiria uma tola voltando para meu antigo trabalho em Hendon.

Paul balançou a cabeça.

– Ele não vai levar você para Hendon.

– Por que não? – Você sabe demais. Não podemos permitir que fique livre. Denise parecia começar a ficar preocupada.

– O que vão fazer comigo? – Será levada a um lugar onde não possa causar nenhum dano. Acredito que para uma base isolada na Escócia, onde a principal função dos que trabalham lá é arquivar as contas comuns.

– É o mesmo que uma prisão! Paul pensou por um momento, depois balançou a cabeça afirmativamente.

– Quase.

– Por quanto tempo? – Denise perguntou, desanimada.

– Quem sabe? Provavelmente até o fim da guerra.

– Você é absolutamente nojento – Denise disse furiosa. Queria nunca tê-lo conhecido.

– Pode ir agora – disse Paul. – E agradeça por eu ter pegado você. Podia ter sido a Gestapo.

Denise saiu.

– Espero não ter sido desnecessariamente cruel – Paul disse.

Flick não achava. A vaca idiota merecia coisa pior. Porém, ela queria causar boa impressão em Paul, por isso disse: – Não adianta arrasá-la. Algumas pessoas simplesmente não são feitas para este trabalho. Não é culpa dela.

Paul sorriu.

– Você não sabe mesmo mentir – ele disse. – Achou que eu fui muito mole com ela, não achou? – Acho que a crucificação seria pouco para ela – Flick disse, zangada, mas Paul riu, e o humor dele amainou sua raiva e ela teve de sorrir. – Não posso enganar você, posso? – Espero que não. – Ele ficou sério outra vez. – Felizmente temos mais um membro na equipe do que precisamos realmente. Podemos nos dar ao luxo de perder Denise.

– Mas agora estamos só com o mínimo. – Flick levantou com ar cansado. – Acho melhor mandarmos todas para a cama. Esta será a última noite de sono decente para elas, por algum tempo.

Paul olhou em volta.

– Não vejo Diana e Maude.

– Devem ter saído para tomar ar. Vou procurá-las enquanto você reúne as outras. – Paul concordou, e Flick saiu do bar.

Nem sinal das duas. Ela parou por um momento para ver a luz do começo de noite brilhando na água calma do estuário. Então foi para o estacionamento ao lado do bar. Um Austin do Exército, cor de areia, estava saindo, e Flick viu Denise no banco de trás, chorando.

Nem sinal de Diana e Maude. Intrigada, Flick atravessou o estacionamento e foi para a parte de trás do bar. Chegou a um pátio com velhos barris e pilhas de engradados. No outro lado do pátio havia uma pequena construção com a porta de madeira aberta. Ela entrou.

A princípio não podia ver nada no escuro, mas sabia que não estava sozinha, porque ouvia alguém respirando. O instinto mandava ficar em silêncio e imóvel. Seus olhos se ajustaram à pouca luz. Estava num depósito de ferramentas, com fileiras ordenadas de chaves inglesas e pás dependuradas em ganchos e um grande cortador de grama no meio do assoalho. Diana e Maude estavam no canto extremo.

Maude estava encostada na parede e Diana a beijava. Flick abriu a boca. A blusa de Diana estava desabotoada, revelando um sutiã grande e severamente prático. A saia cor-de-rosa de Maude estava levantada em volta da cintura. Quando a cena ficou mais clara, ela viu a mão de Diana enfiada dentro da calcinha de Maude.

Flick ficou parada por um momento, paralisada de choque. Maude a viu e seus olhos se encontraram.

– Já viu bastante? – ela perguntou, atrevida. – Ou quer tirar fotos? Diana deu um pulo, tirando a mão e se afastando de Maude. Virou para trás com uma expressão de horror.

– Oh, meu Deus – ela disse. Abotoou a blusa com uma das mãos e cobriu a boca com a outra, envergonhada.

Flick gaguejou.

– Eu-eu-eu só vim avisar que já vamos. – Então fez meia volta e saiu, quase cambaleando.

CAPÍTULO 24

OPERADORES DE RÁDIO NÃO ERAM completamente invisíveis. Viviam num

mundo espiritual onde suas formas fantasmagóricas mal eram vistas. Olhando no escuro, à procura deles, estavam os homens do setor de detecção de rádios da Gestapo, num salão cavernoso e escuro em Paris. Dieter tinha visitado o lugar antes. Trezentos osciloscópios piscavam com luz esverdeada. Transmissões de rádio apareciam como linhas verticais nos monitores, a posição da linha mostrando a frequência da transmissão, a altura indicando a força do sinal. As telas eram monitoradas, dia e noite, por operadores silenciosos e atentos, que o fizeram pensar em anjos observando os pecados da humanidade.

Os operadores conheciam as estações regulares, controladas pelos alemães ou estrangeiros, e podiam localizar uma transmissão ilícita imediatamente. Assim que isso acontecia, o operador pegava um telefone na sua mesa e ligava para três estações de rastreamento, duas no Sul da Alemanha, em Augsburg e Nuremberg, e uma na Grã-Bretanha, em Brest. Ele dava a elas a frequência da transmissão ilícita. As estações rastreadoras eram equipadas com goniômetros, aparelhos para medir os ângulos, e cada uma podia dizer em poucos segundos de onde vinha a transmissão. Eles mandavam a informação de volta para Paris, onde o operador desenhava três linhas num enorme mapa na parede. As linhas se cruzavam no local de onde vinha a transmissão. O operador telefonava para o escritório da Gestapo mais próximo do lugar. A Gestapo local tinha carros esperando, prontos para partir, equipados com aparelhos de detecção.

Dieter estava agora num desses carros, um Citroën longo e preto estacionado na periferia de Reims. com ele estavam três homens da Gestapo entendidos de detecção de rádios. Nessa noite não foi preciso a ajuda de Paris. Dieter já sabia a frequência que ele ia usar e supunha que Helicóptero ia transmitir de algum lugar da cidade (porque era muito difícil para um operador de rádio se orientar no campo). O receptor do carro estava sintonizado na frequência de Helicóptero. Media a força, bem como a direção da transmissão, e Dieter saberia que estava chegando perto do transmissor quando a agulha subisse no dial.

Além disso, o homem da Gestapo, sentado ao lado de Dieter, tinha um receptor e uma antena escondidos debaixo da capa de chuva. No seu pulso estava um medidor, como um relógio, que mostrava a força do sinal. Quando a área da procura diminuía, limitando-se a uma rua, cidade, quadra ou prédio, o homem a pé entrava em cena.

O homem da Gestapo, no banco da frente, tinha no colo uma marreta para derrubar portas.

Dieter, certa vez, foi caçar. Não gostava muito de atividades no campo, preferindo os prazeres mais refinados da cidade, mas era um bom atirador. Agora lembrava disso, enquanto esperava que Helicóptero começasse a transmitir seu código para a Inglaterra. Era como esperar escondido, ao nascer do dia, tenso com a antecipação, impaciente para que o gamo começasse a se mover, saboreando a antecipação.

A Resistência não era de gamos, mas de raposas, Dieter pensou, escondidas nas suas tocas, saindo para a carnificina no galinheiro, depois voltando para a toca outra vez. Estava mortificado por ter perdido Helicóptero e tão ansioso para recapturar o homem que não se importava de ter pedido a ajuda de Willi Weber. Só queria matar a raposa.

Era uma bela noite de verão. O carro estava estacionado ao norte da cidade. Reims era uma cidade pequena, e Dieter sabia que de carro era possível ir de um lado a outro em menos de dez minutos.

Ele consultou o relógio. Oito horas e um minuto. Helicóptero estava atrasado para entrar no ar. Talvez não fosse transmitir nessa noite... mas era pouco provável. Hoje Helicóptero tinha se encontrado com Michel. Logo que fosse possível ele ia querer fazer o relatório do seu sucesso aos superiores e dizer quantos restavam do circuito Bellinger.

Michel tinha telefonado para a casa da rua du Bois há duas horas. Dieter estava lá. Foi um momento de tensão. Stephanie atendeu, imitando a voz de mademoiselle Lemas. Michel deu seu nome de código e perguntou se "Bourgeoise" lembrava dele – uma pergunta que tranquilizou Stephanie, porque indicava que Michel não conhecia muito bem mademoiselle Lemas e portanto não ia perceber que não era ela ao telefone.

Ele perguntou por seu novo recruta, codinome Charenton.

– É meu primo – Stephanie disse asperamente. – Eu o conheço desde criança. Confiaria a ele a minha vida. – Michel disse que ela não tinha o direito de recrutar pessoas sem pelo menos consultá-lo, mas aparentemente acreditou na história, e Dieter beijou Stephanie e disse que ela era uma ótima atriz e podia fazer parte da Comédie Française.

Mesmo assim, Helicóptero devia saber que a Gestapo estava ouvindo e tentando localizá-lo. Era um risco que tinha de correr. Se não enviasse nenhuma mensagem, ele não serviria para nada. Poderia ficar no ar apenas o mínimo de tempo necessário. Se tivesse muita informação para enviar, dividiria em duas ou três mensagens e enviaria cada uma de um local. A única esperança de Dieter era que ele ficasse no ar um pouco mais de tempo.

Os minutos passavam. Silêncio no carro. Os homens fumavam nervosos. Então, às oito e cinco, ouviram o bipe do receptor.

Obedecendo ao que haviam combinado previamente, o motorista deu partida imediatamente, seguindo para o sul.

O sinal ficou mais forte, mas lento, e Dieter se preocupou, pensando que não estavam indo diretamente para o som.

Não deu outra. Quando passaram pela catedral, no Centro da cidade, a agulha desceu.

No banco do passageiro, o homem da Gestapo falava num rádio de ondas curtas. Consultava alguém num caminhão radiodetector a dois quilômetros de distância. Depois de um momento, ele disse: – Quadrante noroeste.

O motorista imediatamente virou para oeste e o sinal começou a ficar mais forte.

– Te peguei – Dieter murmurou. Mas tinham passado cinco minutos.

O carro corria para oeste e o sinal ficava mais forte, enquanto Helicóptero continuava a transmitir em Morse do seu rádio, no esconderijo – um banheiro, um sótão, um armazém -, algum lugar no noroeste da cidade. No castelo de Santa Cecília, um operador de rádio alemão estava ligado na mesma frequência e recebendo uma mensagem em código. A mensagem estava também sendo registrada num gravador. Mais tarde, Dieter decodificaria a mensagem, usando o bloco de única-vez copiado por Stephanie.

Mas a mensagem não era tão importante quanto o mensageiro.

Entraram num bairro de casas grandes, a maioria decrépita e subdividida em apartamentos e quartos para estudantes e enfermeiras. O sinal ficou mais alto; então, de repente, começou a enfraquecer.

– Passamos, passamos! – disse o homem da Gestapo no banco do passageiro. O motorista fez a volta e parou.

Dez minutos tinham passado.

Dieter e os homens da Gestapo saltaram do carro. O que levava a unidade portátil de detecção, debaixo da capa de chuva, caminhou rapidamente pela calçada, consultando constantemente o dial do pulso, e os outros o seguiram. Ele andou cem metros, então de repente voltou. Parou e apontou para uma casa.

– Aquela – ele disse. – Mas a transmissão terminou.

Dieter notou que as janelas não tinham cortinas. A Resistência gostava de usar casas abandonadas para as suas transmissões.

O homem da Gestapo com a marreta derrubou a porta com dois golpes. Todos correram para dentro.

A casa não tinha móveis e cheirava a mofo. Dieter abriu uma porta e olhou para um quarto vazio.

Dieter abriu a porta do quarto dos fundos. Atravessou o quarto vazio com três passos e olhou para uma cozinha abandonada.

Subiu correndo a escada. No andar de cima, uma janela dava para o jardim. Dieter olhou para fora – e viu Helicóptero e Michel correndo pelo gramado. Michel claudicava, Helicóptero carregava a maleta. Dieter praguejou. Eles deviam ter escapado pela porta dos fundos quando a Gestapo estava derrubando a porta. Dieter virou e gritou: – Jardim dos fundos! Os homens da Gestapo correram e ele foi atrás.

Quando chegou ao jardim, viu Michel e Helicóptero pulando a cerca para o terreno de outra casa. Ele se juntou aos caçadores, mas os fugitivos tinham ganho uma boa distância. com os três homens da Gestapo, ele saltou a cerca e correu pelo segundo jardim.

Chegaram à outra rua em tempo de ver um Renault Monaquatre dobrar a esquina e desaparecer.

– Diabo – Dieter disse. Pela segunda vez no mesmo dia Helicóptero escapava das suas mãos.

CAPÍTULO 25

QUANDO VOLTARAM PARA casa, Flick fez chocolate quente para a equipe. Não era hábito os oficiais prepararem chocolate para seus homens, mas, na opinião de Flick, demonstrava o pouco que o Exército sabia sobre liderança.

Paul, na cozinha, observava enquanto ela esperava a água ferver na chaleira. Flick sentia os olhos dele como uma carícia. Sabia o que ele ia dizer, e a resposta estava preparada. Teria sido fácil se apaixonar por Paul, mas ela não ia trair o marido que arriscava a vida lutando contra os nazistas na França ocupada.

Mas a pergunta dele a tomou de surpresa: – O que vai fazer depois da guerra? – Espero ansiosamente levar uma vida enfadonha – ela disse. Ele riu.

– Você já teve bastante aventura e tensão.

– Demais. – Ela pensou por um momento. – Ainda quero ser professora. Gostaria de partilhar com os jovens meu amor pela cultura francesa. Ensinar a eles tudo sobre a literatura e a pintura francesas, bem como coisas pseudointelectuais, como cozinha e moda.

– Então vai ser instrutora? – Terminar meu doutorado, arranjar um emprego na universidade, sofrer a condescendência dos velhos professores de mente estreita. Talvez escrever um guia da França, ou até mesmo um livro de culinária.

– Parece calmo demais depois disto.

– Mas é importante. Quanto mais os jovens aprenderem sobre os estrangeiros, menores as probabilidades de serem idiotas como nós fomos e de fazer guerra com seus vizinhos.

– Não sei se tem ou não razão.

– E você? Quais seus planos para depois da guerra? – Muito simples. Quero casar com você e passar a lua de mel em Paris. Então nos instalamos e temos filhos.

Flick olhou demoradamente para ele.

– Pensou em pedir meu consentimento? – perguntou indignada.

Ele disse solenemente: – Há dias que não penso em outra coisa.

– Eu já tenho marido.

– Mas não o ama.

– Não tem o direito de dizer isso.

– Eu sei, mas não posso evitar.

– Por que eu pensei que você era muito convincente? – Geralmente sou. A água está fervendo.

Ela tirou a chaleira do fogão e pôs água fervente na mistura de chocolate numa grande jarra de faiança.

– Ponha algumas canecas numa bandeja – ela disse. – Um pouco de trabalho doméstico talvez cure seus sonhos de domesticidade.

Ele obedeceu.

– Você não pode me fazer desistir sendo mandona – ele disse. – De certo modo eu gosto.

Ela acrescentou leite e açúcar ao chocolate e serviu nas canecas.

– Nesse caso, leve a bandeja para a sala de estar.

– Imediatamente, chefe.

Quando entraram, Jelly e Greta discutiam, uma na frente da outra no meio da sala, enquanto as outras assistiam, com um misto de divertimento e horror.

Jelly estava dizendo: – Você não estava usando! – Eu estava descansando meus pés em cima dele – Greta respondeu.

– Tem bastante cadeiras. – Jelly segurava um pequeno pufe e Flick imaginou que ela certamente o tinha tirado violentamente de baixo dos pés de

Greta.

– Senhoras, por favor! – Flick disse. Elas a ignoraram. Greta disse: – Bastava pedir, meu bem.

– No meu país não temos de pedir permissão a estrangeiros.

– Não sou estrangeira, sua cadela gorda! – Oh! – Jelly ficou tão ofendida com o insulto que estendeu o braço e puxou o cabelo de Greta. A peruca de cabelos escuros saiu na sua mão.

com a cabeça de cabelo muito curto exposta, Greta de repente parecia definitivamente um homem. Percy e Paul sabiam do segredo, e Ruby tinha adivinhado, mas Maude e Diana ficaram chocadas. Diana disse: – Meu Deus! – e Maude deu um grito de susto. " Jelly foi a primeira a se recuperar da surpresa.

– Um pervertido! – ela disse, triunfante. – Ó, meus deuses, um pervertido estrangeiro! Greta chorava.

– Sua maldita nazista! – ela soluçou.

– Aposto que é uma espiã! – Jelly disse.

– Cala a boca, Jelly – Flick disse. – Ela não é espiã. Eu sabia que Greta é homem.

– Você sabia! – Paul também. E Percy.

Jelly olhou para Percy, que balançou a cabeça afirmativamente, com ar solene.

Greta virou para sair da sala, mas Flick a segurou pelo braço.

– Não vá – ela disse. – Por favor. Sente. Greta sentou.

– Jelly, dê-me a maldita peruca. Jelly a entregou para Flick.

Flick ficou na frente de Greta e pôs a peruca na cabeça dela. Ruby, compreendendo imediatamente o que Flick estava fazendo, tirou o espelho da moldura da lareira e o segurou na frente de Greta, para que ela ajeitasse a peruca e enxugasse as lágrimas com um lenço.

– Agora ouçam todas – Flick disse. – Greta é uma especialista e não podemos cumprir nossa missão sem uma especialista. Temos uma chance muito maior de sobreviver em território ocupado como uma equipe só de mulheres. A conclusão é que precisamos de Greta e precisamos que ela seja uma mulher. Portanto, tratem de se acostumar com a ideia. Jelly apenas rosnou com desprezo.

– Preciso explicar mais uma coisa – Flick disse. Olhou severamente para Jelly. – Devem ter notado que Denise não está mais conosco. Fizemos um pequeno teste com ela esta noite e ela não passou. Está fora da equipe. Infelizmente, nos últimos dois dias ela ficou sabendo de alguns segredos e não pode voltar para seu antigo trabalho. Por isso foi levada para uma base remota na

Escócia, onde ficará provavelmente até o fim da guerra, sem poder sair nenhuma vez.

– Não pode fazer isso – Jelly disse.

– É claro que posso, sua idiota – Flick disse, impaciente -, estamos em guerra, está lembrada? E o que fiz com Denise farei com qualquer uma que tiver de ser excluída da equipe.

– Eu nem entrei para o Exército! – Jelly protestou.

– Sim, entrou. Você foi comissionada com soldo de oficial, embora não tenha recebido nada ainda. Isso quer dizer que está sob disciplina militar. E vocês todas sabem demais.

– Então, somos prisioneiras – Diana disse.

– Vocês estão no Exército – Flick disse. – É quase a mesma coisa. Agora, tomem o chocolate e vão para a cama.

Foram saindo, uma a uma até só Diana ficar na sala. Flick esperava isso. Ver as duas mulheres fazendo sexo tinha sido um choque. Ela lembrou que, no colégio, algumas meninas se apaixonavam por outras, mandando bilhetes de amor, andando de mãos dadas e às vezes até se beijando, mas ao que ela sabia nunca passavam disso. Houve um momento em que ela e Diana, estudando francês, juntas, beijaram-se, assim saberiam o que fazer quando tivessem um namorado, e agora Flick sabia que aqueles beijos tinham significado muito mais para Diana que para ela. Mas nunca tinha conhecido uma mulher adulta que desejasse outra mulher, o equivalente feminino do seu irmão Mark e de Greta, mas nunca as imaginou... bem, se bolinando num depósito de ferramentas no jardim.

Teria importância? Não na vida de todos os dias. Mark e os iguais a ele eram felizes, ou pelo menos eram quando os outros os deixavam em paz. Mas o relacionamento de Diana com Maude poderia afetar a missão? Não necessariamente. Afinal, Flick tinha trabalhado com o marido na Resistência.

Certamente não era a mesma coisa. Um novo romance apaixonado podia ser uma distração.

Flick podia tentar manter as duas separadas – mas isso podia fazer com que Diana se tornasse mais insubordinada. E o caso entre as duas podia ser uma inspiração. Flick estava tentando desesperadamente fazer com que as mulheres trabalhassem juntas como uma equipe, e isso podia ajudar. Resolveu deixar como estava. Mas Diana queria falar.

– Não é o que parece, não é mesmo? – Diana disse, sem preâmbulos. – Cristo, você tem de acreditar em mim! Foi só uma coisa idiota, uma piada...

– Quer mais chocolate? – Flick disse. – Acho que ainda tem algum na jarra.

Diana olhou para ela, confusa. Depois de um momento, disse: – Como pode falar em chocolate? – Só quero que você se acalme e compreenda que o mundo não vai acabar só porque você beijou Maude. Você me beijou uma vez, está lembrada? – Eu sabia que você ia falar nisso. Mas foi só coisa de criança. com Maude não foi só um beijo. – Diana sentou. O rosto orgulhoso se crispou e ela começou a chorar. – Você sabe que foi mais que isso, você viu, oh, meu Deus, as coisas que eu fiz! Afinal, o que você pensou? Flick escolheu cuidadosamente as palavras: – Pensei que vocês duas pareciam muito encantadoras.

– Encantadoras? – Diana disse incrédula. – Não ficou enojada? – Certamente que não. Maude é uma bela mulher, e você parece ter se apaixonado por ela.

– Exatamente o que aconteceu.

– Então pare de se envergonhar.

– Como não me envergonhar? Eu sou lésbica! – Eu não veria a coisa assim se fosse você. Deve ser discreta, para não ofender as pessoas de mente estreita, como Jelly, mas não há nada do que se envergonhar.

– Vai ser sempre assim? Flick pensou um momento. A resposta provavelmente era sim, mas não queria ser cruel.

– Escute – ela disse. – Acho que algumas pessoas, como Maude, adoram ser amadas e podem ser felizes com um homem ou uma mulher. – Na verdade, Maude era superficial, egoísta e vulgar, mas Flick afastou esse pensamento com firmeza. – Outras são mais inflexíveis – ela continuou. – Você deve manter a mente aberta.

– Suponho que é o fim da missão para mim e para Maude.

– Certamente que não.

– Vai nos deixar ficar? – Vou precisar de vocês. E não vejo por que isso deve fazer alguma diferença.

Diana assoou o nariz no lenço. Flick levantou e foi até a janela, dando a ela tempo para se refazer. Depois de um minuto, Diana disse, mais calma: – É muita bondade da sua parte – ela disse com sua antiga altivez.

– Vá para a cama – Flick disse. Diana levantou, obedientemente.

– E se eu fosse você...

– O quê? – Eu iria para a cama com Maude. Diana ficou chocada.

Flick deu de ombros.

– Pode ser sua última chance – ela disse.

– Muito obrigada – Diana murmurou. Foi até Flick e estendeu os braços, como para abraçá-la, e parou. – Acho que não quer que eu a beije – disse.

– Não seja boba – Flick disse e a abraçou.

– Boa-noite – disse Diana, e saiu da sala.

Flick virou para a janela e olhou o jardim. Era lua crescente. Dentro de alguns dias seria lua cheia e os aliados invadiriam a França. Um vento balançava as folhas novas na floresta, o tempo ia mudar. Ela esperava que não caísse uma tempestade no canal da Mancha. Todo o plano da invasão podia ser arruinado pelo capricho do clima britânico. Imaginou que muita gente devia estar rezando para um bom tempo.

Precisava dormir um pouco. Saiu da sala e subiu a escada. Pensou no que tinha dito para Diana: Eu iria para a cama com Maude. Pode ser sua última chance. Hesitou na frente do quarto de Paul. Era diferente para Diana – ela era solteira. Flick era casada.

Mas podia ser sua última chance.

Bateu na porta e entrou.

CAPÍTULO 26

COMPLETAMENTE ARRASADO, Dieter voltou para o castelo em Santa Cecília no Citroën, com a equipe de detecção de rádio. Foi para a sala de monitoramento de transmissões, à prova de bomba, no subsolo. Willi Weber estava lá e parecia furioso. O único consolo para o fiasco daquela noite, Dieter pensou, era que Weber não podia se gabar de ter sido bem-sucedido onde Dieter fracassou. Mas Dieter podia aturar todo o triunfalismo de Weber, se tivesse Helicóptero na câmara de tortura.

– Vocês têm a mensagem que ele enviou? – Dieter perguntou. Weber entregou a ele a cópia carbono da mensagem.

– Já foi mandada para o escritório de análise criptográfica, em Berlim.

Dieter olhou para as letras sem sentido.

– Não vão poder decodificar. Ele está usando um bloco única-vez. – Dobrou o papel e guardou-o no bolso.

– O que você pode fazer com isso? – Weber perguntou.

– Tenho uma cópia do livro de código dele – Dieter disse. Era uma vitória

mesquinha, mas ele se sentiu melhor.

Weber engoliu em seco.

– A mensagem pode dizer onde ele está.

– Sim. Ele deve receber a resposta às onze horas da noite.

– Olhou para o relógio. Faltavam alguns minutos para as onze.

– Vamos gravar a resposta e eu decifro as duas.

Weber saiu. Dieter esperou na sala sem janelas. Às onze em ponto, um receptor sintonizado na frequência de Helicóptero começou a emitir os sons longos e breves do código Morse. Um operador anotava as letras, com o gravador ligado. Quando a transmissão parou, o operador puxou uma máquina de escrever para ele e datilografou o que tinha anotado. Deu a Dieter a cópia carbono.

As duas mensagens podiam ser tudo ou nada, Dieter pensou, sentado na direção do seu carro. A lua estava clara quando ele seguiu para Reims, pela estrada sinuosa através dos vinhedos, e estacionou na rua du Bois. O tempo estava bom para uma invasão.

Stephanie esperava na cozinha de mademoiselle Lemas. Ele pôs as mensagens em código na mesa e apanhou as cópias que Stephanie tinha feito do bloco e do lenço de seda. Esfregou os olhos e começou a decodificar a primeira mensagem enviada por Helicóptero, escrevendo a decodificação no bloco que mademoiselle Lemas usava para suas listas de compras.

Stephanie fez café. Olhou por cima do ombro dele por algum tempo, fez algumas perguntas, depois pegou a segunda mensagem e ela mesma começou a decodificá-la.

A mensagem decifrada por Dieter fazia um relatório detalhado do incidente na catedral, referindo-se a Dieter como Charenton e dizendo que ele fora recrutado por Bourgeoise (mademoiselle Lemas), porque ela estava preocupada com a segurança do local de encontro. Dizia que Monet (Michel) dera o passo usual, telefonando para Bourgeoise para confirmar que Charenton era confiável, e ficou satisfeito.

Relacionava os nomes de código dos membros do circuito Bollinger que não foram mortos ou capturados no ataque do último domingo e que estavam ainda ativos. Apenas quatro.

Era útil, mas não dizia onde estavam os espiões.

Tomou uma xícara de café enquanto esperava que Stephanie decifrasse a resposta. Ela entregou a ele uma folha de papel com sua caligrafia rebuscada.

Quando leu, Dieter mal podia acreditar na sua sorte. A mensagem dizia:

PREPARE RECEBER GRUPO DE SEIS NÚMERO PARAQUEDISTAS, CODINOME LÍDER LEOPARDO CHEGANDO ONZE DA NOITE SEXTA-FEIRA DOIS DE JUNHO CHAMP DE PIERRE.

– Meu Deus – ele murmurou.

Champ de Pierre era um codinome, mas Dieter sabia o que significava porque Gaston tinha contado no primeiro interrogatório. Era uma área de descida de paraquedas num pasto fora de Chatelle, um vilarejo a oito quilômetros de Reims. Dieter agora sabia exatamente onde Helicóptero e Michel estariam amanhã à noite e podia capturar os dois.

Podia também capturar mais seis agentes aliados quando descessem de paraquedas.

E um deles era "Leopardo", Flick Clairet, a mulher que sabia mais que ninguém sobre a Resistência francesa, a mulher que, sob tortura, daria a informação de que ele precisava para quebrar a espinha dorsal da Resistência – a tempo de evitar que ajudassem as forças de invasão.

– Jesus Cristo Santíssimo – Dieter disse. – Que vitória!



O SEXTO DIA
Sexta-feira, 2 de junho de 1944

CAPÍTULO 27

PAUL E FLICK conversavam. Lado a lado, na cama dele, com as luzes apagadas, mas com o luar entrando pela janela. Ele estava despido, como quando ela entrou no quarto. Paul sempre dormia nu. Só usava pijama para ir ao banheiro no fim do corredor.

Estava dormindo quando ela entrou, mas acordou imediatamente e saltou da cama, ainda meio inconsciente, pensando que uma visita de surpresa só podia ser a Gestapo. Estava com as mãos no pescoço dela antes de perceber de quem se tratava.

Paul ficou atônito, feliz e agradecido. Fechou a porta e a beijou, os dois ali de pé, por um longo tempo. A surpresa fazia com que parecesse um sonho. Tinha medo de acordar.

Flick o acariciou, sentindo os ombros, as costas e o peito dele. Suas mãos eram macias, mas o toque firme, explorando.

– Você tem bastante pelo no corpo – ela murmurou.

– Como um macaco.

– Mas não tão bonito – ela brincou.

Paul olhou para os lábios dela, saboreando o modo que se moviam quando ela falava, pensando que num momento ia tocá-los com os seus, e seria delicioso. Ele sorriu.

– Vamos deitar.

Deitaram na cama, um de frente para o outro, mas ela não tirou a roupa, nem mesmo os sapatos. Ele achou estranhamente excitante estar nu com uma mulher completamente vestida. Gostou tanto que não tinha nenhuma pressa de passar para a próxima fase. Queria que aquele momento durasse para sempre.

– Diga alguma coisa. – A voz dela era preguiçosa e sensual.

– O quê? – Qualquer coisa. Sinto que não conheço você.

Que era aquilo? Paul nunca tinha visto uma mulher agir daquele modo. Ela foi ao seu quarto no meio da noite, deitou ao seu lado toda vestida, depois começou a fazer perguntas.

– Foi para isso que veio? – ele perguntou. – Para me interrogar? Ela riu suavemente.

– Não se preocupe, quero fazer amor com você, mas não com pressa. Me conte do seu primeiro amor.

Paul acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos, traçando a curva do queixo. Não sabia o que ela queria, aonde ela estava indo. Flick o deixava completamente confuso.

– Podemos nos tocar enquanto falamos?

– Podemos.

Ele a beijou nos lábios. – E beijar também?

– Sim.

– Então acho que devemos falar por algum tempo, talvez um ou dois anos.

– Como era o nome dela? Flick não estava tão confiante quanto queria parecer, ele julgou. Na verdade, ela estava nervosa, por isso as perguntas. Se a faziam se sentir mais confortável, ele responderia.

– O nome dela era Linda. Éramos incrivelmente jovens... fico embaraçado só de pensar o quanto éramos jovens. A primeira vez que eu a beijei, Linda tinha doze anos, e eu catorze, pode imaginar? – É claro que posso – ela disse, com uma risadinha nervosa, e por um momento ela era uma menina outra vez. – Eu costumava beijar os garotos quando tinha doze anos.

– Sempre tínhamos de fingir que íamos sair com um grupo de amigos, e geralmente começávamos a noite com eles, mas logo nos separávamos e íamos a um cinema ou coisa parecida. Fizemos isso durante uns dois anos, antes de termos sexo de verdade.

– Onde foi isso, na América? – Paris. Meu pai era adido militar da embaixada. Os pais de Linda tinham um hotel que servia especialmente visitantes americanos. Estávamos sempre com uma porção de crianças expatriadas.

– Onde vocês faziam amor? – No hotel. Era fácil. Sempre havia quartos vazios.

– Como foi a primeira vez? Você usou qualquer, você sabe, precaução? – Ela roubou uma camisinha do pai.

As pontas dos dedos de Flick delinearam a barriga dele. Paul fechou os

olhos. Ela disse: – Quem pôs a camisinha? – Ela. Foi muito excitante. Eu quase me satisfiz. E se você não tiver cuidado...

Ela passou a mão para o quadril dele.

– Eu gostaria de ter conhecido você quando tinha dezesseis anos.

Ele abriu os olhos. Não queria mais fazer com que aquele momento durasse para sempre. Na verdade, descobriu que estava com pressa de ir adiante.

– Será que você... – Sua boca estava seca, e ele engoliu. Será que não quer tirar algumas peças de roupa? – Sim, mas por falar em precaução...

– Na minha carteira. Na mesa de cabeceira.

– Ótimo. – Ela sentou na cama e desamarrou os sapatos, jogando-os no chão. Levantou e desabotoou a blusa. Flick estava tensa, Paul percebeu.

– Não se apresse – ele disse. – Temos a noite toda.

Há uns dois anos, Paul não via uma mulher se despir. Estava vivendo numa dieta de modelos, e elas sempre usavam roupas complicadas de seda e rendas, cintas e ligas e négligés transparentes. Flick vestia uma combinação solta de algodão, estava sem sutiã e ele supôs que os seios debaixo da camisa não precisavam de suporte. Ela deixou cair a saia. A calcinha era simples: de algodão com babados nas pontas. O corpo dela era pequeno, mas musculoso. Parecia uma menina de escola trocando de roupa para um treino de hóquei, mas ele achou mais excitante que uma modelo.

Ela deitou outra vez.

– Assim está melhor? – Flick perguntou.

Paul acariciou o quadril dela, sentindo o calor da pele, depois a penugem macia, a pele outra vez. Ela ainda não estava pronta. Ele se esforçou para ser paciente e deixar que ela seguisse o próprio ritmo.

– Você não me contou como foi sua primeira vez – ele disse. Surpreso, ele a viu corar.

– Não foi tão agradável quanto a sua.

– Como assim? – Foi num lugar horrível, uma despensa empoeirada. Paul ficou indignado. Que tipo de idiota podia levar uma garota tão especial quanto Flick e submetê-la a uma rapidinha num armário? – Quantos anos você tinha? – Vinte e dois.

Ele esperava que ela dissesse dezessete.

– Minha nossa! Nessa idade você merecia uma cama confortável.

– Mas não foi por isso – ela disse.

Flick começava a relaxar outra vez. Ele a encorajou a falar mais um pouco.

– Então, qual o problema? – Provavelmente o fato de que eu na verdade não queria. Eu fui convencida a fazer.

– Não amava o cara? – Sim, eu o amava. Mas não estava pronta.

– Qual era o nome dele? – Não quero dizer para você.

Paul imaginou que devia ter sido o marido dela, Michel, e resolveu não fazer mais perguntas. Ele a beijou e disse: – Posso tocar seus seios? – Pode tocar o que quiser.

Ninguém jamais tinha dito isso para ele. Paul começou a explorar o corpo dela. De acordo com sua experiência, a maioria das mulheres fechava os olhos nesse ponto, mas os de Flick ficaram abertos, olhando para o rosto dele com um misto de desejo e curiosidade que o excitava mais ainda. Era como se ela estivesse explorando o corpo dele, e não o contrário. As mãos de Paul descobriram a forma firme dos seios e a ponta dos seus dedos conheceram os mamilos, aprendendo do que eles gostavam. Tirou a calcinha dela. A penugem na virilha era crespa, cor de mel, abundante, e debaixo, no lado esquerdo, uma marca de nascença como chá derramado. Ele inclinou a cabeça e a beijou ali, seus lábios sentindo a aspereza dos pelos, sua língua saboreando sua umidade.

Paul sentiu que Flick se entregava ao prazer. O nervosismo desapareceu. Seus braços e pernas se abriram como uma estrela, flácidos, descontraídos, mas o quadril se ergueu avidamente para ele. Paul explorou as dobras do sexo dela com lento prazer. Os movimentos dela se tornaram mais urgentes.

Flick empurrou a cabeça dele. Estava corada e respirando com força. Estendeu a mão para a mesa de cabeceira, abriu a carteira e encontrou as camisinhas, três, num pequeno embrulho de papel. Ela rasgou o papel com dedos ansiosos, tirou uma e a pôs nele. Então montou em Paul, inclinou-se para a frente e disse no ouvido dele: "Nossa, você é tão gostoso dentro de mim!" Em seguida ela sentou e começou a se mover.

– Tire a combinação – ele disse.

Ela tirou.

Paul olhou para ela em cima dele, para o rosto bonito ferozmente concentrado, os belos seios movendo-se ritmicamente. Paul se sentiu o homem mais feliz do mundo. Queria que aquilo continuasse para sempre: nada de madrugada, nada de amanhã, nada de avião, nada de paraquedas, nada de guerra.

Em toda a vida, ele pensou, não há nada melhor que amar.

QUANDO TERMINARAM, o primeiro pensamento de Flick foi: O que vou dizer a Michel? Não se sentia infeliz. Estava repleta de amor e de desejo por Paul. com tão pouco tempo se sentia mais íntima dele do que jamais se sentira

com Michel. Queria fazer amor com ele todos os dias, pelo resto da vida. Esse era o problema. Seu casamento estava acabado. E teria de dizer para Michel logo que se encontrassem. Não podia fingir, nem por um minuto, que sentia o mesmo de antes por ele.

Michel era o único homem com quem tivera relações antes de Paul. Ela teria contado isso para Paul, mas se sentia desleal falando de Michel. Parecia mais uma traição que um simples adultério. Algum dia contaria a Paul que ele era seu segundo amor e diria que era o melhor, mas nunca contaria a ele como era seu sexo com Michel.

Mas não só o sexo era diferente com Paul, era ela. Nunca fez para Michel as perguntas que tinha feito para Paul sobre suas experiências sexuais anteriores. Nunca disse para ele: Pode tocar o que quiser. Nunca tinha posto uma camisinha nele, nem ficado em cima dele para fazer amor ou dito que ele era gostoso dentro dela.

Quando deitou na cama ao lado de Paul, outra personalidade pareceu aparecer nela, como a transformação que viu em Mark quando entraram no clube Criss-Cross. De repente ela sentiu que podia dizer qualquer coisa que quisesse, fazer qualquer coisa que tivesse vontade, ser ela mesma, sem se preocupar com o que pensariam dela.

Nunca foi assim com Michel. Começando como aluna dele, querendo impressioná-lo, ela nunca realmente chegou a se sentir igual a ele. Continuou a procurar a aprovação do professor, uma coisa que Michel nunca fez com ela. Na cama, ela tentava agradá-lo, não a si mesma.

Depois de algum tempo, Paul perguntou: – No que está pensando? – No meu casamento – ela respondeu.

– O que tem ele? Ela imaginou o quanto devia confessar. Antes, naquela noite ele dissera que queria casar com ela, mas isso foi antes de Flick ter ido ao seu quarto. Os homens nunca casam com as mulheres que dormem com eles antes, segundo o folclore feminino. Nem sempre era verdade, Flick sabia por experiência própria com Michel. Mas mesmo assim resolveu contar a Paul uma parte da verdade.

– Está acabado.

– Uma decisão drástica.

Ela ergueu o corpo, apoiada num cotovelo, e olhou para ele.

– Isso o incomoda? – Ao contrário. Espero que signifique que nos veremos outra vez.

– Fala sério? Ele a abraçou.

– Tenho medo de dizer o quanto falo sério.

– Tem medo? – De assustar você. Eu disse uma bobagem esta noite.

– Sobre casar comigo e ter filhos? – Eu falava sério, mas disse de modo arrogante.

– Tudo bem – ela disse. – Quando as pessoas são perfeitamente agradáveis, geralmente significa que não se importam. Um pouco de agressividade é mais sincero.

– Acho que tem razão. Nunca pensei nisso.

Ela acariciou o rosto dele. Sentiu a aspereza da barba que começava a crescer e percebeu que a luz do dia estava mais forte. com esforço, não olhou para o relógio. Não queria saber quanto tempo tinham ainda.

Passou a mão no rosto dele, mapeando os traços com as pontas dos dedos. As sobrancelhas fartas, os olhos fundos, o nariz grande, a metade da orelha, os lábios sensuais, o queixo forte.

– Você tem água quente? – ela disse, de repente.

– Sim. É um quarto de luxo, tem uma pia no canto. Ela levantou.

– O que vai fazer? – Paul perguntou.

– Fique aí. – Descalça, sentindo os olhos dele no seu corpo nu, desejou não ter os quadris tão largos. Numa prateleira em cima da pia, encontrou uma caneca com pasta e uma escova de dentes com cabo de madeira, tipicamente francesa. Ao lado da caneca estava uma lâmina de barbear, um pincel e sabão de barbear, num pote. Abriu a torneira de água quente, molhou o pincel e mexeu o sabão de barba, fazendo bastante espuma.

– Ora, vamos – ele disse. – O que é isso? – Vou fazer sua barba.

– Por quê? – Vai ver.

Cobriu o rosto dele com a espuma, pegou a lâmina de barbear e encheu a caneca com água. Montou em cima dele, como quando fizeram amor, e o barbeou com carinhoso cuidado.

– Onde aprendeu a fazer isso? – ele perguntou.

– Não fale. Eu vi minha mãe fazer no meu pai muitas vezes. Ele era alcoólatra, e no fim não tinha firmeza para segurar a navalha, por isso minha mãe tinha de fazer isso todos os dias. Levante o queixo.

Ele obedeceu e ela barbeou a pele sensível do pescoço. Quando terminou, molhou uma flanela em água quente e passou no rosto dele. Depois enxugou com uma toalha limpa.

– Eu devia pôr um pouco de creme, mas aposto que você é muito viril para usar creme.

– Nunca me ocorreu que devia usar.

– Não tem importância.

– E agora? – Lembra do que estava fazendo comigo um pouco antes de eu pegar sua carteira? – Lembro.

– Não imaginou por que eu não deixei que continuasse mais um pouco? – Pensei que você estivesse impaciente para... continuar.

– Não, sua barba estava arranhando minhas coxas, bem onde a pele é mais sensível.

– Oh, desculpe.

– Bem, você pode compensar agora. Ele franziu a sobrancelha – Como? Ela deu um gemido de fingida frustração.

– Ora, vamos, Einstein. Agora que sua barba se foi...

– Ah, compreendo! Por isso você me barbeou? Sim, é claro que foi. Você quer que eu...

Ela se deitou, sorrindo, e abriu as pernas.

– Isto é insinuação suficiente? Paul riu.

– Acho que sim – ele disse e se inclinou sobre ela. Flick fechou os olhos.

CAPÍTULO 28

O ANTIGO SALÃO DE BAILE ficava na ala oeste bombardeada do castelo de Santa Cecília. Estava destruído apenas em parte. Uma extremidade era uma pilha de escombros, de pedras quadradas, frontões entalhados e pedaços de parede pintada numa pilha empoeirada, mas o outro lado estava intacto. O efeito era pitoresco, Dieter pensou, com o sol da manhã entrando por um grande buraco no centro do teto, iluminando uma fileira de colunas quebradas, como um quadro vitoriano de ruínas clássicas.

Dieter tinha resolvido dar as instruções no salão de baile. A alternativa era uma reunião no escritório de Weber, e ele não queria dar aos homens a impressão de que Willi estava encarregado do plano. Pôs um quadro-negro numa pequena plataforma, talvez antes destinada à orquestra. Os homens tinham levado cadeiras de outros lugares do prédio e as dispuseram em quatro fileiras de cinco cada uma, na frente da plataforma – muito alemão, Dieter pensou com um sorriso. Os franceses teriam espalhado as cadeiras de qualquer modo. Weber, que tinha formado a equipe, sentou na plataforma, de frente para os homens, para

enfatizar o fato de que ele era um dos comandantes, não subordinado a Dieter.

A presença de dois comandantes, da mesma patente e hostis um com o outro, era uma grande ameaça para a operação, Dieter pensou.

No quadro tinha desenhado a giz um mapa do vilarejo de Chatelle. Consistia em três casas grandes – supostamente fazendas ou vinhedos -, mais seis chalés e uma padaria. Os prédios se amontoavam em volta de um cruzamento com vinhedos ao norte, a oeste e a sul, e no leste um grande pasto com um quilômetro de comprimento, na beira de um grande lago.

Dieter achava que o campo era usado como pasto porque o solo era muito seco para plantar uvas.

– Os paraquedistas procurarão pousar no pasto – Dieter disse. – Deve ser um campo para pouso e decolagem regulares, é plano, com tamanho suficiente para um Lysander e bastante longo até para um Hudson. O lago ao lado pode ser um bom marco de terra, visível do ar. Há um curral na extremidade sul do campo, onde o comitê de recepção provavelmente se abriga enquanto espera o avião.

Fez uma pausa.

– A coisa mais importante que vocês todos devem lembrar é que queremos que os paraquedas pousem. Devemos evitar qualquer ação que possa trair nossa presença para o comitê de recepção ou para o piloto. Teremos de ser silenciosos e invisíveis. Se o avião voltar para casa com os agentes a bordo, teremos perdido uma oportunidade de ouro. Um dos paraquedistas é uma mulher que nos pode dar informações da maior parte dos circuitos da Resistência do Norte da França – se pudermos capturá-la.

Weber falou então, mais para lembrar que também estava ali: – Permitam-me reforçar o que o major Franck acaba de dizer. Não se arrisquem! Não façam nada para aparecer! Atenham-se ao plano! – Muito obrigado, major – Dieter disse. – O tenente Hesse os dividiu em equipes de dois homens cada, designando-as de A a L. Cada construção no mapa está marcada com a letra de uma equipe. Chegaremos ao vilarejo às vinte horas. Rápida e silenciosamente, entraremos nos prédios. Todos os habitantes serão levados para a maior das casas grandes, chamada La Maison Grandin, e mantidos ali até tudo terminar.

Um dos homens levantou a mão. Weber disse: – Schuller! Pode falar.

– Senhor, e se o pessoal da Resistência entrar numa casa? A acharão vazia e podem suspeitar.

Dieter assentiu, balançando a cabeça.

– Boa pergunta. Mas não penso que farão isso. Meu palpite é que o

comitê de recepção não conhece o lugar. Geralmente os agentes não descem de paraquedas perto de onde moram simpatizantes, é um risco desnecessário de segurança. Acho que vão chegar depois de escurecer e irão direto para o curral, sem incomodar os moradores do vilarejo.

Weber falou outra vez: – Isso seria o procedimento normal da Resistência – ele disse, como um médico fazendo um diagnóstico.

– A Maison Grandin será nosso quartel-general – Dieter continuou. – O major Weber estará no comando lá. – Era o plano para manter Weber afastado da ação real. – Os prisioneiros serão confinados em lugar conveniente. O ideal seria um porão. Devem ser mantidos quietos para que possamos ouvir a chegada dos veículos do comitê de recepção e do avião.

– Qualquer prisioneiro – Weber disse – que persistir em fazer barulho pode ser fuzilado.

– Assim que os moradores do vilarejo – Dieter continuou estiverem encarcerados, as equipes A, B, C e D tomarão suas posições nas estradas que levam ao vilarejo. Se qualquer veículo ou pessoa entrar na cidade, devem comunicar por rádio de ondas curtas, nada mais. Nesse ponto, não evitarão que as pessoas entrem no vilarejo e não farão nada que possa trair nossa presença. – Olhando em volta, Dieter se perguntou com pessimismo se os homens da Gestapo tinham inteligência suficiente para cumprir aquelas ordens.

– O inimigo precisa de transporte para seis paraquedistas mais o comitê de recepção, portanto deverá chegar de caminhão ou de ônibus, ou possivelmente em vários carros. Acredito que entrarão no pasto por este portão. O solo está bem seco nesta época do ano, portanto não há perigo de atolar. Estacionarão entre o portão e o curral, bem aqui. – Apontou para um ponto no mapa.

– As equipes E, F, G e H estarão neste grupo de árvores, ao lado do lago, cada uma equipada com um grande holofote com bateria. As equipes I e J permanecerão na Maison Grandin, para guardar os prisioneiros e defender o posto de comando com o major Weber. – Dieter não queria Weber na cena da prisão dos agentes. – As equipes K e L estarão comigo, atrás desta cerca viva, perto do curral. – Hans tinha verificado quais os homens que atiravam melhor e os designou para trabalhar com Dieter.

– Eu estarei em contato com todas as equipes, pelo rádio, e no comando do pasto. Quando ouvirmos o avião, não faremos nada! Quando virmos os paraquedistas, não faremos nada! Veremos os paraquedistas pousar e esperaremos que o comitê de recepção se encontre com eles e os leve para onde

estão os veículos – Dieter levantou a voz, mais em benefício de Weber.

– Antes do fim desse processo, não prenderemos ninguém! Os homens não se apressariam se não fossem incitados por um oficial.

– Quando estivermos prontos, darei um sinal. A partir desse momento, até ser dada a ordem de parar, as equipes A, B, C e D prenderão qualquer pessoa que tentar entrar ou sair do vilarejo. As equipes E, F, G e H ligarão os holofotes voltados para o inimigo. As equipes K e L se aproximarão deles comigo, e os prenderemos. Ninguém deve atirar no inimigo, está claro? Schuller, obviamente o cérebro pensante do grupo, levantou a mão outra vez.

– E se eles atirarem em nós? – Não revidem. Mortos, eles não servirão de nada para nós. Fiquem deitados e mantenham os holofotes em cima deles. Só as equipes E e F têm permissão de usar armas e têm ordens para atirar só para ferir. Queremos interrogar esses paraquedistas, não matá-los.

O telefone da sala tocou e Hans Hesse atendeu.

– É para o senhor – ele disse para Dieter. – Do quartel-general de Rommel.

Bem na hora, Dieter pensou apanhando o telefone. Tinha telefonado para Walter Goedel em La Roche-Guvon e deixado recado para Goedel ligar para ele.

– Walter, meu amigo – ele disse –, como vai o marechal de campo? – Muito bem, o que você quer? – Goedel perguntou, brusco como sempre.

– Achei que o marechal de campo gostaria de saber que esperamos desfechar um golpe esta noite, a prisão de um grupo de sabotadores assim que chegarem. – Dieter hesitou em dar os detalhes por telefone, mas era uma linha militar alemã e o risco de a Resistência estar ouvindo era muito pequeno. E era crucial conseguir o apoio de Goedel para a operação. – Minha informação é que um deles pode nos dizer muita coisa sobre vários circuitos da Resistência.

– Excelente – disse Goedel. – Acontece que estou ligando de Paris. Em quanto tempo poderei chegar a Reims de automóvel, duas horas? – Três.

– Então me juntarei a você nesse golpe. Dieter ficou encantado.

– Será um prazer – ele disse –, se isso é o que o marechal de campo quer. Nos encontre no castelo de Santa Cecília não mais tarde que as dezenove horas. – Olhou para Weber, que empalideceu.

– Muito bem – Goedel desligou. Dieter devolveu o telefone para Hesse.

– O ajudante pessoal do marechal de campo Rommel, major Goedel, estará conosco esta noite – ele disse triunfante.

– Mais uma razão para garantirmos que tudo seja feito com eficiência impecável. – Olhou em volta, sorrindo, e finalmente fitou Weber: – Não é uma

sorte?

CAPÍTULO 29

DURANTE TODA A MANHÃ, as Jackdaws seguiram para o norte, num pequeno ônibus. Foi uma jornada lenta através de bosques cheios de folhagem e campos verdes de trigo, ziguezagueando de uma cidade comercial calma para outra, dando a volta em Londres pelo lado oeste. O campo parecia não tomar conhecimento da guerra ou do século XX, e Flick esperava que continuasse assim por muito tempo. Quando passaram pela medieval Winchester, ela pensou em Reims, outra cidade-catedral, com nazistas desfilando de uniforme nas ruas e a Gestapo por toda a parte, com seus carros pretos, e fez uma breve oração de agradecimento por eles terem parado no canal da Mancha. Sentada ao lado de Paul, olhou para os campos por algum tempo; depois, tendo ficado a noite toda acordada fazendo amor, mergulhou num sono abençoado com a cabeça no ombro dele.

Às duas horas da tarde, chegaram ao vilarejo de Sandy, em Bedfordshire. O ônibus desceu uma estrada rural sinuosa, entrou numa trilha de terra que atravessava um bosque e chegou à grande mansão chamada Tempsford House. Flick já estivera ali antes. Era o ponto de reunião próximo do aeroporto de Tempsford. A tranquilidade desapareceu então. A despeito da elegância do século XVIII do lugar, para ela simbolizava a tensão insuportável das horas imediatamente anteriores ao voo em território inimigo.

Era muito tarde para o almoço, mas tomaram chá com sanduíches na sala de jantar. Flick tomou o chá, mas estava ansiosa demais para comer. Porém, as outras comeram avidamente. Depois, foram levadas para seus quartos.

Um pouco mais tarde as mulheres se reuniram na biblioteca. A sala parecia mais o guarda-roupa de um estúdio de cinema. Havia fileiras de casacos e vestidos, caixas de chapéus e sapatos, caixas de papelão onde estava escrito Culottes, Chaussettes e Mouchoirs, e uma mesa sobre cavaletes no meio da sala, com várias máquinas de costura.

A encarregada da operação era madame Guillemin, uma mulher magra, de uns cinquenta anos, de saia e blusa, e uma jaqueta pequena e chique combinando. Usava óculos na ponta do nariz e uma fita métrica em volta do pescoço, e falou com elas em francês perfeito, com sotaque parisiense.

– Como sabem, as roupas francesas são completamente diferentes das britânicas. Não Vou dizer que têm mais estilo, mas, vocês sabem, elas... têm mais estilo. – Ergueu os ombros, num gesto tipicamente francês, e todas riram.

Não era apenas uma questão de estilo, Flick pensou sombriamente. Os casacos franceses eram vinte e cinco centímetros mais compridos que os britânicos, e havia várias diferenças de detalhe, e qualquer um deles podia ser a pista fatal que trairia um agente. Assim, todas as roupas que estavam ali tinham sido compradas na França, trocadas por roupas britânicas de refugiados ou fielmente copiadas dos originais franceses, depois usadas por algum tempo para não parecerem novas.

– Agora estamos no verão, por isso temos vestidos de algodão, conjuntos leves de lã e casacos à prova d'água. – Indicou com um gesto duas jovens sentadas na frente das máquinas de costura. – Minhas assistentes farão as alterações nas roupas que não servirem perfeitamente.

– Precisamos de roupas bastante caras – Flick disse -, mas bem usadas. Queremos parecer mulheres respeitáveis, para o caso de sermos questionadas pela Gestapo. – Quando tivessem de passar por faxineiras, podiam rapidamente modificar a aparência, livrando-se das luvas, dos chapéus e dos cintos.

Madame Guillemin começou com Ruby. Olhou atentamente para ela por um minuto, então escolheu um vestido azul-marinho e uma capa de chuva cor de areia.

– Experimente isso. É uma capa de homem, mas na França hoje em dia ninguém pode ser exigente. – Apontou para o outro lado da sala. – Pode trocar de roupa atrás daquele biombo, se quiser, e para as muito tímidas há uma saleta atrás da mesa. Achamos que o dono da casa costumava se trancar lá para ler livros muito sujos. – Todas riram outra vez, menos Flick, que já conhecia as piadas de madame Guillemin.

A costureira olhou atentamente para Greta, depois passou adiante, dizendo: – Voltaremos para você.

– Ela, então, escolheu roupas para Jelly, Diana e Maude, e todas foram para trás do biombo. Então madame Guillemin se voltou para Flick e disse em voz baixa: – Isto é uma brincadeira? – Como assim? – Você é homem – ela disse para Greta.

Flick, com um gemido de frustração, virou para o lado. A costureira tinha percebido o disfarce de Greta em poucos segundos. Era um mau presságio.

Madame acrescentou: – Você pode enganar muita gente, mas não a mim. Eu sei a diferença.

– Como? – Greta perguntou. Madame Guillemin deu de ombros.

– As proporções são todas erradas. Seus ombros são muito largos, suas cadeiras muito estreitas, suas pernas muito musculosas, suas mãos grandes demais. É óbvio para um entendido.

Flick disse irritada: – Ela tem de ser mulher para esta missão; por isso, por favor, procure vesti-la do melhor modo possível.

– É claro, mas pelo amor de Deus, tente evitar que ela seja vista por uma costureira.

– Sem problema. A Gestapo não emprega muitas delas. A confiança de Flick era fingida. Não queria que madame Guillemin soubesse o quanto estava preocupada.

A costureira olhou outra vez para Greta.

– Vou dar a você uma saia e uma blusa contrastantes, para reduzir sua altura, e um casaco três quartos. – Escolheu a roupa e entregou-a para Greta.

Greta olhou para as peças de roupa com desaprovação. Seu gosto era para trajes mais glamourosos. Mas não se queixou.

– Vou ser tímida e me trancar na saleta – ela disse. Finalmente, madame Guillemin deu a Flick um vestido verde-maçã com casaco combinando.

– A cor favorece seus olhos – ela disse. – Desde que não seja exagerada, por que não parecer bonita? Pode ajudar a usar seu charme se tiver algum problema.

O vestido ficou folgado como uma tenda em Flick, mas ela pôs um cinto marcando a cintura.

– Você está tão chique, exatamente como uma moça francesa – disse madame Guillemin. Flick não disse para ela que o objetivo principal do cinto era guardar uma arma.

Todas vestiram as roupas novas e desfilaram em volta da sala, pavoneando-se e rindo. Madame Guillemin tinha escolhido bem e elas gostaram do que tinham recebido, mas algumas peças precisavam ser ajustadas.

– Enquanto fazemos as alterações, podem escolher alguns acessórios – madame Guillemin disse.

Rapidamente elas esqueceram as inibições e começaram a brincar, vestidas só com a roupa de baixo, experimentando chapéus e sapatos, lenços e bolsas. Por um momento esquecidas do perigo que as esperava, Flick pensou, simplesmente sentindo prazer nas novas roupas.

Greta saiu da saleta surpreendentemente encantadora. Flick olhou para ela com interesse. Tinha levantado a gola da blusa branca, dando um toque de

elegância, com o casaco sem forma definida sobre os ombros, como uma capa. Madame Guillemin ergueu as sobrancelhas, mas não fez nenhum comentário.

O vestido de Flick precisava ser encurtado. Enquanto isso era feito, ela examinou o casaco. Trabalhando em espionagem, tinha adquirido o senso do detalhe e examinou ansiosamente as costuras, o forro, os botões, para se certificar que era tudo no estilo normal francês. Não encontrou nenhuma falha. A etiqueta na parte interior da gola dizia "Galeries Lafayette".

Flick mostrou a madame Guillemin sua faca de lapela. Tinha sete centímetros e meio de comprimento e uma lâmina fina, mas extremamente afiada. Tinha um cabo curto, Sem punho. Era guardada numa bainha fina de couro com orifícios para passar uma linha.

– Quero que costure isto no casaco, debaixo da lapela Flick disse.

Madame Guillemin assentiu.

– Eu posso fazer isso.

Ela deu uma pequena pilha de roupas de baixo, duas peças de cada, todas com etiquetas de lojas francesas, para cada uma. Tinha escolhido com precisão não só os tamanhos exatos, como também o estilo preferido de cada mulher: cintas para Jelly, belas combinações rendadas para Maude, calcinhas azul-marinho e sutiãs com armação para Diana, blusas simples e calcinhas para Ruby e para Flick.

– Os lenços têm as marcas das lavanderias de diferentes blanchisseries em Reims – disse madame Guillemin com um leve ar de orgulho.

Finalmente, mostrou uma coleção de bolsas: uma tipo sacola de lona, uma maleta, uma mochila e uma variedade de malas de fibra de diferentes cores e tamanhos. Cada mulher recebeu uma. Dentro encontraram uma escova de dentes, pasta, pó de arroz, graxa para sapatos, cigarros e fósforos – tudo francês. Embora elas fossem ficar pouco tempo, Flick insistiu para que cada uma recebesse um kit completo.

– Lembrem-se – Flick disse -, vocês não podem levar nada que não tenham recebido esta tarde. Sua vida depende disso.

As risadas cessaram quando lembraram o perigo que iam enfrentar dentro de poucas horas.

– Tudo bem – Flick disse -, por favor voltem para seus quartos e vistam suas roupas francesas, incluindo a roupa de baixo. Então nos encontramos no andar térreo para jantar.

Na sala de estar principal da casa fora instalado um bar. Quando Flick entrou, estava ocupado por uma dúzia mais ou menos de homens, alguns com o

uniforme da RAF, todos Flick sabia, por visitas anteriores – a caminho de voos clandestinos sobre a França. Um quadro-negro tinha os nomes ou codinomes dos que sairiam naquela noite, além da hora que deviam sair da casa. Flick leu: Aristóteles – 19h50 Cap. Jenkins e tenente Ramsey – 20h05 Todas as Jackdaws – 20h30 Colgate e Bunter – 21h00 Sr. Blister, Paradoxo, Saxofone – 22h05. Ela olhou para o relógio. Eram seis e meia. Duas horas ainda.

Flick sentou no bar e olhou em volta, imaginando qual deles voltaria e qual morreria no campo. Alguns incrivelmente jovens, fumando e contando piadas, como se não tivessem nenhuma preocupação na vida. Os mais velhos pareciam mais calejados, e saboreavam o uísque e o gim sabendo que podiam ser o último. Pensou nos pais deles, nas mulheres ou namoradas, nos bebês e nas outras crianças. O trabalho dessa noite deixaria em alguns deles a dor de uma perda que jamais desapareceria.

Os pensamentos sombrios dela foram interrompidos por algo que a deixou atônita. Simon Fortescue, o burocrata falso do MI6, entrou no bar com um temo risca de giz, acompanhado por Denise Bowyer.

Flick ficou boquiaberta.

– Felicity, estou tão contente por encontrar você – disse Simon. Sem esperar o convite, ele puxou uma banqueta para Denise. – Gim e tônica, por favor. O que vai querer, lady Denise? – Um martini, bem seco.

– E você, Felicity? Flick não respondeu. – Ela devia estar na Escócia – ela disse.

– Escute, parece que houve um mal-entendido. Denise me contou sobre aquele policial...

– Não houve nenhum mal-entendido – Flick disse bruscamente. – Denise não passou no curso. Isso foi tudo.

Denise fez um muxoxo de aborrecimento.

– Eu realmente não vejo como uma mulher perfeitamente inteligente, de boa família, pode não passar... – disse Fortescue.

– Ela é uma tagarela indiscreta.

– O quê? – Ela não é capaz de ficar com a maldita boca fechada. Não é digna de confiança. Não devia estar livre, andando por aí! Denise disse: – Sua gata insolente.

Fortescue se controlou com esforço e baixou a voz.

– Escute, o irmão dela é o marquês de Inverlocky, muito amigo do primeiro-ministro. O próprio Inverlocky me pediu para providenciar para que Denise tenha a oportunidade de fazer sua parte. Por isso, você compreende, seria

uma terrível falta de tato não aceitá-la.

Flick levantou a voz.

– Deixe que eu entenda bem. – Um ou dois dos homens olharam para eles. – Como um favor para seu amigo da alta classe, você está me pedindo para aceitar uma pessoa não confiável numa missão perigosa atrás das linhas inimigas. É isso? Enquanto ela falava, Paul e Percy entraram no bar. Percy olhou para Fortescue com indisfarçada malevolência.

– Será que ouvi direito? – Paul perguntou. Fortescue disse: – Eu trouxe Denise comigo porque, francamente, seria embaraçoso para o governo se ela fosse impedida de...

– E um perigo para mim se ela for conosco! – Flick interrompeu. – Está perdendo tempo. Ela está fora da equipe.

– Escute, eu não quero ter de usar minha patente...

– Que patente? – Flick perguntou.

– Eu me demiti da Guarda como coronel...

– Se aposentou! – ... e tenho o equivalente a brigadeiro no serviço público.

– Não seja ridículo – Flick disse. – Você nem está no Exército.

– Estou ordenando a você que leve Denise.

– Então tenho de considerar minha resposta – disse Flick.

– Assim é melhor. Tenho certeza de que não vai se arrepender.

– Tudo bem, aqui vai minha resposta: foda-se! Fortescue ficou vermelho. Provavelmente nunca uma mulher o mandara se foder. Contrariando seus hábitos, ele ficou sem palavras.

– Muito bem! – Denise disse. – Certamente descobrimos com que tipo de pessoa estamos tratando.

– Estão tratando comigo – Paul disse. – Voltou para Fortescue. – Estou no comando da operação e não quero Denise na equipe por nada deste mundo. Se quiser discutir, telefone para Monty.

– Falou bem, meu caro – disse Percy.

Finalmente, Fortescue recuperou a voz. Brandiu um dedo para Flick.

– Chegará a hora, senhora Clairet, em que vai se arrepender de ter dito isso para mim. – Levantou da banqueta. – Sinto muito tudo isso, lady Denise, mas acho que fizemos todo o possível aqui.

Eles saíram.

– Bundão idiota – Percy resmungou.

– Vamos jantar – disse Flick.

As outras já esperavam na sala de jantar. Quando as Jackdaws começaram sua última refeição na Inglaterra, Percy deu a cada uma um presente caro: caixas de cigarro, de prata, para as fumantes, e de pó compacto de ouro para as outras.

– Tudo tem marca francesa, portanto, podem levar – ele disse. As mulheres ficaram satisfeitas, mas Percy diminuiu essa satisfação dizendo: – Têm um objetivo também. São itens que podem ser empenhados para conseguir dinheiro, numa emergência, se tiverem problemas sérios.

A comida era abundante, um banquete, segundo os padrões da guerra, e as Jackdaws comeram com prazer. Flick não estava com muita fome, mas se obrigou a comer um grande bife, sabendo que era mais carne do que conseguiria em uma semana na França.

Quando terminaram, estava na hora de ir para o aeroporto. Voltaram aos quartos para apanhar as malas francesas e entraram no ônibus. Seguiram por outra estrada rural, Atravessaram uma linha férrea, depois chegaram ao que parecia um conjunto de prédios de fazenda na periferia de um campo grande e plano. Uma placa dizia Fazenda Gibraltar, mas Flick sabia que era Tempsford, da RAF, e os celeiros eram abrigos militares pré-fabricados, muito bem camuflados.

Entraram no que parecia um curral e encontraram um oficial da RAF uniformizado guardando prateleiras de aço com equipamentos. Antes de receber seus apetrechos, cada uma foi revistada. Uma caixa de fósforos britânica foi encontrada na mala de Maude, Diana tinha no bolso uma folha rasgada do Daily Mirror, com palavras cruzadas incompletas, e ela jurou que pretendia deixar no avião, e Jelly, a jogadora inveterada, tinha um baralho onde estava escrito "Made in Birmingham" em cada carta.

Paul distribuiu os cartões de identidade, de ração e os cupons de vestimentas. Cada mulher recebeu cem mil francos franceses, a maior parte em notas muito usadas de mil francos. Equivalia a cinco mil libras inglesas, o bastante para comprar dois carros Ford.

Receberam armas também, pistolas Colt automáticas calibre .45, e facas afiadas com duas lâminas, tipo Comando. Flick declinou as duas armas. Levava sua arma pessoal, uma automática Browning nove milímetros. Na cintura tinha o cinto de couro de onde podia tirar a pistola ou, se fosse preciso, uma metralhadora automática. Levava também sua faca de lapela em lugar da faca Comando. A Comando era mais longa e mais letal, porém mais desajeitada para carregar. A grande vantagem da faca de lapela era que quando pediam os papéis à agente, ela podia inocentemente levar a mão ao bolso interno e, no último

momento, tirar a faca.

Além disso, havia um rifle Lee-Enfield para Diana e uma metralhadora automática Sten Mark II com silenciador para Flick.

O explosivo plástico que Jelly ia precisar foi distribuído igualmente entre as seis mulheres, de modo que mesmo que perdessem duas malas ainda teriam o suficiente para o trabalho.

– Isso pode explodir! – Maude disse.

Jelly explicou que era extraordinariamente seguro.

– Conheci um cara que pensou que era chocolate, e comeu um pouco – ela disse. – Pois fique sabendo – acrescentou -, não teve nem diarreia.

Foi oferecido o número usual de granadas Mills, com a convencional carapaça de tartaruga, mas Flick insistiu para que recebessem as granadas de uso geral em latas quadradas, porque podiam também ser usadas como cargas explosivas.

Cada mulher recebeu uma caneta-tinteiro com a tampa oca, com um comprimido suicida.

Fizeram uma visita compulsória ao banheiro antes de vestir o macacão de voo. No bolso encontraram uma pistola para que a agente pudesse se defender imediatamente depois de pousar em terra, se necessário. com o traje de voo, puseram os capacetes, os óculos e, finalmente, os paraquedas.

Paul pediu para Flick ir lá fora por um instante. Ele tinha deixado para o último momento os passes especiais que permitiriam às mulheres a entrada no castelo como faxineiras. Se uma Jackdaw fosse capturada pela Gestapo, o passe trairia o verdadeiro propósito da missão. Por segurança, ele deu todos os passes para Flick, para que ela os distribuísse no último momento.

Então ele a beijou. Ela retribuiu com paixão desesperada, puxando o corpo dele para o dela, com a língua na boca dele, até ter de parar para respirar.

– Não deixe que eles a matem – ele disse no ouvido de Flick.

Foram interrompidos por uma tosse discreta. Flick sentiu o cheiro do cachimbo de Percy. Soltou-se do abraço.

– O piloto está esperando para falar com você – Percy disse para Paul.

com um gesto de assentimento, Paul se afastou dos dois.

– Certifique-se de que eles estão sabendo que Flick é a oficial em comando – Percy disse para as costas dele.

– Claro – Paul respondeu.

Percy parecia preocupado, e Flick teve um mau pressentimento.

– O que há de errado? – ela perguntou.

Ele tirou uma folha de papel do bolso do paletó e entregou-a para ela.

– Um mensageiro de motocicleta trouxe isto de Londres para a sede do SOE, um pouco antes de sairmos da casa. Foi enviado por Brian Standish à noite passada. – Deu uma baforada ansiosa no cachimbo e soprou nuvens de fumaça.

Flick leu o papel à última luz do dia. Era um trecho decodificado. Foi como se tivesse levado um soco no estômago. Ergueu os olhos, desolada.

– Brian esteve nas mãos da Gestapo? – Só por alguns segundos.

– Pelo menos é o que diz aí.

– Alguma razão para pensar o contrário? – Ah,foda-se – ela disse em voz alta. Um piloto que passava ergueu os olhos rapidamente, surpreso por ouvir uma mulher dizendo aquilo. Flick amarrotou o papel e o jogou no chão.

Percy abaixou, pegou o papel e o alisou.

– Vamos tentar ficar calmos e pensar com clareza. Flick respirou longamente.

– Eu tenho uma regra – ela disse, com insistência. – Qualquer agente que é capturado pelo inimigo, sejam quais forem as circunstâncias, deve voltar imediatamente para Londres para dar seu depoimento.

– Então você não terá operador de rádio.

– Posso me arranjar sem ele. E esse tal Charenton? – Suponho que seja natural que mademoiselle Lemas tenha recrutado alguém para ajudá-la.

– Todos os recrutas devem ser aprovados por Londres.

– Sabe que essa regra nunca foi obedecida.

– Pelo menos devem ser aprovados pelo comandante local.

– Bem, eleja foi. Michel está convencido de que Charenton é confiável. E Charenton salvou Brian da Gestapo. Toda aquela cena na catedral não pode ter sido deliberadamente armada, não acha? – Talvez nunca tenha acontecido e esta mensagem venha direto do quartel da Gestapo.

– Mas tem os códigos de segurança. De qualquer modo, eles não inventariam a história de ter sido capturado e depois solto. Sabem que criaria suspeitas. Teriam simplesmente dito que ele chegou bem.

– Tem razão, mas mesmo assim não gosto disso.

– Não, eu também não – ele disse, surpreendendo-a. – Mas não sei o que fazer.

Flick suspirou.

– Tenho de me arriscar. Não há tempo para precauções. Se não destruirmos a central telefônica nos próximos três dias, será tarde demais. Temos de ir de qualquer modo.

Percy concordou. Flick viu lágrimas nos olhos dele. Percy pôs o cachimbo na boca e tirou-o outra vez.

– Assim é que se fala – ele disse, num murmúrio. – Assim é que se fala.



O SÉTIMO DIA
Sábado, 3 de junho de 1944

CAPÍTULO 30

O SOE NÃO TINHA AVIÕES. Precisava pedi-los emprestados à RAF, o que era como arrancar um dente. Em 1941, a Força Aérea, relutantemente, cedeu dois Lysanders, muito lentos e pesados para a tarefa a que se destinavam de apoio ao campo de batalha, mas ideais para pousos clandestinos em território inimigo. Mais tarde, pressionados por Churchill, dois esquadrões de bombardeiros obsoletos foram cedidos ao SOE, mas o chefe do Comando de Bombardeiros, Arthur Harris, nunca parou de tentar reaver os aviões. Na primavera de 1944, quando dezenas de agentes desciam de paraquedas na França para preparar a invasão, o SOE tinha trinta e seis aviões.

O avião das Jackdaws era um bombardeiro leve Hudson, americano, de dois motores, fabricado em 1939 e desde então tornado obsoleto pelo bombardeiro mais pesado, Lancaster, de quatro motores. O Hudson tinha duas metralhadoras na frente, e a RAF acrescentou uma torre atrás, com duas metralhadoras. Atrás da cabine de passageiros havia uma rampa como as das piscinas, pela qual os paraquedistas podiam escorregar para o espaço. Não tinha poltronas, e as seis mulheres e seu despachante sentaram no chão de metal. Sentiam frio, desconforto e medo, mas Jelly teve um acesso de riso que levantou o ânimo de todas.

Na cabine viajavam com elas doze contêineres de metal, da altura de um homem cada um e equipados com um colete paraquedas. Continham – Flick supôs – armas e munições para que outros circuitos da Resistência pudessem agir atrás das linhas alemãs durante a invasão. Depois de lançar as Jackdaws perto de Chatelle, o Hudson seguiria seu caminho, antes de voltar para Tempsford.

A decolagem foi atrasada por causa de uma falha num altímetro, que teve de ser substituído, e era uma hora da manhã quando deixaram para trás a linha da

costa inglesa. Sobre o canal, o piloto baixou para poucas centenas de metros acima da água, tentando se esconder abaixo do nível do radar inimigo, e Flick silenciosamente esperava que não fossem atacados pela frota da Marinha Real, mas logo o avião subiu para oito mil pés, a fim de atravessar a costa fortificada da França. Continuou nessa altitude para atravessar o "Muro Atlântico", a faixa costeira fortemente defendida, depois desceu outra vez para trezentos pés, a fim de facilitar a navegação.

O navegador estava sempre atento aos mapas, calculando a posição do aparelho por estimativa e tentando confirmar o cálculo pelas marcas de terra. A lua estava a três dias da lua cheia, de modo que as cidades grandes eram perfeitamente visíveis, a despeito do blackout. Entretanto, geralmente tinham baterias de fogo antiaéreo, e por isso deviam ser evitadas, bem como os campos do Exército e os acampamentos militares, pelo mesmo motivo. Os rios e os lagos eram os acidentes mais úteis, especialmente quando a lua refletia na água. Florestas eram manchas escuras, e a inesperada ausência de uma delas era sinal de que estavam fora da rota. O brilho dos trilhos das estradas de ferro, do fogo dos motores das locomotivas a vapor e os faróis de um carro ocasional, quebrando o blackout, também ajudavam.

Durante toda a viagem, Flick pensou, preocupada, na notícia sobre Brian Standish e no novo recruta Charenton. Provavelmente a história era verdadeira. A Gestapo ficou sabendo do encontro na cripta da catedral por um dos prisioneiros capturados no último domingo no castelo e tinha preparado a armadilha na qual Brian caiu. Mas ele tinha escapado, com a ajuda do novo recruta de mademoiselle Lemas. Tudo era perfeitamente possível. Porém, Flick detestava explicações plausíveis. Só se sentia segura quando os eventos seguiam o procedimento-padrão, sem precisar de explicações.

Quando se aproximaram da região da Champanhe, outro auxiliar da navegação entrou em cena. Era uma invenção recente, chamada Eureka/Rebecca. Um radiofarol emitia um sinal de um local secreto, em algum lugar de Reims. A tripulação do Hudson não sabia exatamente onde ficava, mas Flick sabia, pois Michel tinha instalado o farol na torre da catedral. Essa era a parte Eureka. A parte Rebecca estava no avião, um receptor de rádio, embutido na cabine, ao lado do navegador. Estavam a cerca de oitenta quilômetros ao norte de Reims, quando o navegador apanhou o sinal do Eureka na catedral.

A intenção dos inventores era que o Eureka ficasse no campo de pouso com o comitê de recepção, mas isso era impraticável. O equipamento pesava mais de cinquenta quilos, era muito grande para ser transportado discretamente e

não podia ser explicado nem para o mais ingênuo dos homens da Gestapo nos pontos de controle. Michel e outros líderes da Resistência estavam dispostos a instalar o Eureka numa posição permanente, mas recusavam carregá-lo de um lado para outro.

Assim, o navegador tinha de recorrer aos métodos tradicionais para encontrar Chatelle. Mas ele tinha a sorte de estar ao lado de Flick, que havia descido de paraquedas ali várias vezes e reconhecia o lugar do ar. Dessa vez passaram cerca de dois quilômetros a leste da cidadezinha, mas Flick viu o lago e orientou o piloto.

Eles sobrevoaram a pista iluminada por quatro luzes fracas que piscavam formando um "L", com a luz na ponta do "L" enviando o código combinado. O piloto subiu para seiscentos pés, a altitude ideal para o lançamento de paraquedas. Mais alto, o vento podia levar o paraquedista para longe do local de pouso. Muito baixo, e o paraquedas podia não ter tempo para abrir completamente antes de o agente chegar ao solo.

– Pronto quando você estiver – disse o piloto.

– Eu não estou pronta – Flick disse.

– Qual o problema? – Tem alguma coisa errada. – O instinto de Flick estava com todos os alarmes ligados. Não era apenas sua preocupação com Brian Standish e Charenton. Havia mais alguma coisa. Ela apontou para oeste, para o vilarejo. – Veja, nenhuma luz.

– Isso a surpreende? Há um blackout. E passa das três da manhã.

Flick balançou a cabeça.

– Isto é o campo, eles são descuidados com o blackout. E sempre há alguém já de pé: uma mãe com um novo bebê, alguém que sofre de insônia, um estudante preparando-se para uma prova. Eu nunca vi a cidade completamente escura.

– Se você acha realmente que há alguma coisa errada, devemos sair daqui depressa – o piloto disse, nervoso.

Outra coisa a incomodava. Tentou cocar a cabeça, esquecendo que estava de capacete. Mas não conseguia saber o que era.

O que devia fazer? Não podia abortar a missão só porque o vilarejo de Chatelle estava obedecendo às regras do blackout, para variar.

O avião sobrevoou o campo e virou para voltar. O piloto disse, ansioso: – Lembre, cada vez que sobrevoamos o campo o risco é maior. Todos naquela cidade podem ouvir nossos motores e um deles pode chamar a polícia.

– Exatamente – ela disse. – Devemos ter acordado todo mundo. Mas

ninguém acendeu uma luz sequer.

– Eu não sei, o pessoal do campo pode ser muito pouco curioso. Gostam de ficar sozinhos com eles mesmos, como dizem.

– Bobagem. Eles são tão curiosos como qualquer outro. Isso é estranho.

O piloto ficava cada vez mais preocupado, mas continuou voando em círculo.

De repente, Flick descobriu.

– O padeiro devia estar com o forno aceso. Geralmente do ar dá para ver a luz do fogo.

– Ele não pode estar fechado hoje? – Que dia é hoje? Sábado. Um padeiro pode fechar na segunda-feira ou na terça, mas nunca num sábado. O que aconteceu? Parece uma cidade fantasma! – Então vamos dar o fora daqui.

Era como se alguém tivesse reunido os habitantes, inclusive o padeiro, e os trancado num celeiro – o que provavelmente era o que a Gestapo faria se estivessem à sua espera.

Ela não podia abortar a missão. Era importante demais.

Mas todo o seu instinto dizia para não descer de paraquedas em Chatelle. – Um risco é um risco – ela disse.

O piloto estava perdendo a paciência. – Então, o que você quer fazer? De repente ela lembrou dos contêineres de suprimentos na cabine de passageiros.

– Para onde você vai daqui? – Não devo dizer.

– Não habitualmente, não. Mas agora eu preciso realmente saber.

– Para um campo ao norte de Chartres. Isso significava o circuito Vestryman. – Eu o conheço – Flick disse animada. Podia ser a solução.

– Você pode nos lançar com os contêineres. Deve haver um comitê de recepção à espera. Eles podem cuidar de nós. Podemos estar em Paris esta tarde, em Reims amanhã de manhã.

Ele estendeu a mão para o manche.

– É isso que quer fazer? – É possível? – Posso deixar vocês lá, sem problema. A decisão tática é sua. Você está no comando da missão, isso foi deixado muito claro para mim.

Flick pensou, preocupada, que suas suspeitas podiam ser infundadas, e nesse caso precisava enviar uma mensagem para Michel por meio do rádio de Brian, dizendo que embora a descida tivesse sido abortada, ela ainda estava a caminho. Mas se o rádio de Brian estivesse nas mãos da Gestapo, teria de dar o mínimo de informação. Mas isso era possível. Podia escrever um breve sinal de rádio para o piloto levar para Percy. Brian o receberia em umas duas horas.

Teria também de mudar os planos para apanhar as Jackdaws depois da missão. No momento, o combinado era que um Hudson devia pousar em Chatelle às duas horas da manhã no domingo, e se as Jackdaws não estivessem lá, deveria voltar na noite seguinte à mesma hora. Se Chatelle tivesse sido descoberta pela Gestapo e não pudesse mais ser usada, teria de enviar o Hudson para outro campo de pouso em Laroque, a oeste de Reims, codinome Champ d'Or.

A missão levaria mais um dia porque teriam de viajar de Chartres para Reims, portanto o avião que as apanharia devia pousar às duas horas da manhã, na segunda-feira, com repetição na terça, se fosse preciso, à mesma hora.

Ela pesou as consequências. Desviar para Chartres significava a perda de um dia. Mas pousar em Chatelle podia significar o fracasso da missão e todas as Jackdaws nas câmaras de tortura da Gestapo. Não havia dúvida.

– Vá para Chartres – ela disse para o piloto.

– Roger, wilco.

Quando o avião fez a volta, Flick voltou para a cabine. As Jackdaws olharam para ela ansiosas.

– Houve uma mudança nos planos – ela disse.

CAPÍTULO 31

DIETER, DEITADO DEBAIXO de uma cerca viva, viu atônito o avião britânico sobrevoar o pasto.

Por que a demora? O piloto passou duas vezes sobre a pista de pouso. O caminho marcado pelas lanternas continuava no lugar. Por acaso o líder do comitê de recepção teria transmitido o código errado? Os homens da Gestapo teriam feito alguma coisa para levantar suspeita? Era de enlouquecer. Felicity Clairet estava a poucos metros dele. Se ele atirasse no avião, com um pouco de sorte podia atingi-la.

Então o avião começou a voltar, virou e seguiu roncando para o sul.

Dieter ficou arrasado. Flick Clairet escapou – na frente de Walter Goedel, Willi Weber e vinte homens da Gestapo.

Por um momento ele cobriu o rosto com as mãos.

O que tinha dado errado? Podia haver uma dezena de razões. Enquanto o ruído dos motores se afastava, Dieter ouviu gritos de indignação em francês. A

Resistência parecia tão perplexa quanto ele. Seu melhor palpite era que Flick, uma experiente líder de equipe, percebeu alguma coisa e abortou a descida dos paraquedas.

Walter Goedel, deitado no chão ao lado dele, disse: – O que você vai fazer agora? Dieter pensou por um momento. Havia quatro membros da Resistência ali. Michel, o líder, ainda mancando por causa do ferimento a bala, Helicóptero, o operador de rádio britânico, um francês que Dieter não conhecia e uma jovem. O que ia fazer com eles? Sua estratégia de deixar Helicóptero fugir era boa, em teoria, mas agora o levara a dois fracassos humilhantes e ele não tinha coragem para continuar. Tinha de tirar algum proveito do fiasco daquela noite. Teria de recorrer ao método tradicional de interrogatório e esperar que pudesse salvar a operação – e sua reputação.

Aproximou da boca o rádio de ondas curtas.

– Todas as unidades, fala o major Franck – ele disse em voz baixa. – Ação, repito, ação. – Ficou de pé e tirou do coldre a pistola automática.

Os holofotes escondidos nas árvores acenderam. Os quatro terroristas no meio do campo foram iluminados, parecendo de repente atônitos e vulneráveis. Dieter gritou em francês: – Vocês estão cercados! Levantem as mãos! Ao seu lado, Goedel empunhou a Luger. Os quatro homens da Gestapo, com Dieter, apontaram os rifles para as pernas do pessoal da Resistência. Houve um momento de incerteza. A Resistência ia abrir fogo? Se fizessem isso, seriam aniquilados. com sorte, podiam ser apenas feridos. Mas Dieter não estava com muita sorte nessa noite. E se aqueles quatro fossem mortos, ele ficaria de mãos vazias.

Eles hesitaram.

Dieter se adiantou para a luz e os quatro atiradores o seguiram.

– Vinte armas estão apontadas para vocês – ele gritou. Não usem suas armas.

Um deles começou a correr.

Dieter praguejou. Viu o cabelo ruivo iluminado pelos holofotes. Era Helicóptero, garoto burro, correndo para o campo como um touro atacando.

– Atirem nele – Dieter disse em voz baixa. Os quatro atiradores apontaram cuidadosamente e atiraram. Os tiros ecoaram no campo silencioso. Helicóptero correu mais dois passos e caiu.

Dieter olhou para os outros três, esperando. Lentamente, eles levantaram as mãos.

Dieter falou no rádio de ondas curtas: – Todas as equipes no pasto

movam-se e prendam os prisioneiros. – Guardou a pistola.

Foi até onde Helicóptero estava caído. O corpo estava imóvel. Os atiradores da Gestapo tinham atirado nas pernas, mas era difícil acertar um alvo em movimento, no escuro, e um deles, apontando muito alto, acertou o pescoço dele, cortando a medula, ou a jugular, ou as duas. Dieter ajoelhou ao lado dele e tentou o pulso, mas não encontrou.

– Você não foi o agente mais inteligente que conheci, mas era um garoto corajoso – ele disse em voz baixa. – Que Deus tenha sua alma. – Fechou os olhos.

Olhou para os outros três, desarmados e algemados. Michel resistiria bem ao interrogatório. Dieter o vira em ação, e ele tinha coragem. Sua fraqueza era provavelmente a vaidade. Era um homem bonito e mulherengo. O modo de torturá-lo devia ser na frente de um espelho: quebrar seu nariz, seus dentes, ferir seu rosto, fazer com que compreendesse que a cada minuto que continuasse a resistir ficaria mais feio.

O outro homem parecia um profissional, talvez um advogado. Um homem da Gestapo o revistou e mostrou para Dieter um passe que permitia ao Dr. Claude Bouler sair à rua depois do toque de recolher. Dieter pensou que era um passe falso, mas quando revistaram os carros da Resistência encontraram uma valise de médico cheia de instrumentos e medicamentos. Preso, ele estava pálido, mas calmo. Ele também seria difícil.

A jovem era a mais promissora. Tinha uns dezenove anos e era bonita, com cabelo comprido e olhos grandes, mas um olhar vazio. Seus documentos diziam que ela era Gilberte Duval. Dieter sabia por seu interrogatório de Gaston que Gilberte era amante de Michel e rival de Flick. Manejada corretamente, podia ceder facilmente ao interrogatório.

Os veículos alemães foram trazidos do celeiro de La Maison Grandin. Os prisioneiros foram postos num caminhão com os homens da Gestapo. Dieter deu ordens para que fossem postos em celas separadas e proibidos de se comunicar.

Ele e Goedel voltaram para Santa Cecília no Mercedes de Weber.

– Que maldita farsa – Weber disse, com desprezo. – Um desperdício completo de tempo e de homens.

– Não exatamente – disse Dieter. – Tiramos de circulação quatro agentes subversivos, o que, afinal de contas, é o que a Gestapo deve fazer, e melhor ainda, três deles estão vivos para o interrogatório.

– O que espera conseguir com eles? – Goedel perguntou.

– O homem morto, Helicóptero, era operador de rádio Dieter explicou. –

Tenho uma cópia do seu livro de códigos. Infelizmente ele não estava com seu rádio. Se pudermos encontrar o rádio, podemos transmitir como se fôssemos Helicóptero.

– Certamente pode usar qualquer radiotransmissor, desde que saiba a frequência dele.

Dieter balançou a cabeça.

– Cada transmissor tem um som diferente para o ouvido do receptor experiente. E esses pequenos rádios numa maleta são especialmente diferentes um do outro. São omitidos todos os circuitos não essenciais, para minimizar o tamanho, e o resultado é uma qualidade de tom deficiente. Se tivéssemos um igual, capturado de outro agente, podia ser bastante semelhante para arriscar.

– Talvez tenhamos um em algum lugar.

– Se tivermos, será em Berlim. É mais fácil encontrar o de Helicóptero.

– Como vai fazer isso? – A moça nos dirá onde ele está.

Durante o resto da viagem, Dieter pensou na estratégia do interrogatório. Podia torturar a jovem na frente dos homens, mas eles talvez resistissem. Mais promissor seria torturar os homens na frente da jovem. Mas devia haver um meio mais fácil.

Um plano se formava em sua mente quando passaram pela Biblioteca Pública no Centro de Reims. Dieter tinha notado o prédio antes. Era uma pequena joia, art déco, em pedra cinzenta, no meio de um pequeno jardim.

– Importa-se de parar um momento, por favor, major Weber? – Dieter disse.

Weber resmungou uma ordem para seu motorista.

– Tem alguma ferramenta na mala do carro? – Não tenho ideia – disse Weber. – Do que se trata? O motorista disse: – É claro, major, temos a caixa de ferramentas completa.

– Tem um martelo de bom tamanho? – Sim – o motorista saltou do carro.

– Não vai demorar – Dieter disse, descendo do carro.

O motorista entregou a ele um martelo de cabo comprido com uma cabeça forte de aço. Dieter passou por um busto de Andrew Carnegie e subiu os degraus da biblioteca, fechada e escura àquela hora. As portas de vidro eram protegidas por uma grade de ferro batido. Ele foi para o lado do prédio e encontrou a entrada para o subsolo com uma porta simples de madeira onde estava escrito Arquivos Municipais.

Dieter brandiu o martelo contra o cadeado da porta, que se quebrou depois de quatro golpes. Entrou e acendeu as luzes. Subiu correndo a escada

para o andar térreo e atravessou o vestíbulo para a seção de ficção. Localizou a letra F de Flaubert e apanhou o livro que procurava, Madame Bovary. Não foi realmente por sorte. Era um livro que devia estar em todas as bibliotecas do país.

Abriu-o no capítulo nove e localizou a passagem que queria. Lembrava dela claramente. Serviria muito bem ao seu propósito.

Voltou para o carro. Goedel parecia estar se divertindo.

– Precisava de alguma coisa para ler? – Weber perguntou, incrédulo.

– Às vezes tenho dificuldade para dormir – Dieter respondeu.

Goedel riu. Tirou o livro das mãos de Dieter e leu o título.

– Um clássico da literatura mundial – ele disse. – Mesmo assim, acho que é a primeira vez que alguém arromba a porta de uma biblioteca por este livro.

Seguiram para Santa Cecília. Quando chegaram ao castelo, o plano de Dieter estava completamente formado.

Mandou o tenente Hesse preparar Michel, despindo-o completamente e amarrando-o a uma cadeira, na câmara de tortura.

– Mostre a ele o instrumento usado para arrancar as unhas – ele disse: – Deixe na mesa, na frente dele. – Apanhou uma caneta, um vidro de tinta e um bloco de papel de cartas no escritório do segundo andar. Walter Goedel ficou num canto da câmara de tortura.

Dieter olhou para Michel por alguns momentos. O líder da Resistência era um homem alto, com rugas atraentes em volta dos olhos. Tinha uma aparência de garoto, que as mulheres gostam. Agora estava assustado, mas determinado. Pensava num modo de aguentar o máximo possível a tortura, Dieter imaginou.

Dieter pôs a caneta, a tinta e o papel na mesa, perto do instrumento de arrancar unhas, para mostrar que eram alternativas.

– Desamarre as mãos dele – ele disse.

Hesse obedeceu. Michel pareceu aliviado e ao mesmo tempo temendo que aquilo não fosse real. Dieter explicou para Walter Goedel.

– Antes de interrogar os prisioneiros, consigo amostras da letra deles.

– Amostras da letra? Dieter fez que sim com a cabeça, olhando para Michel, que aparentemente tinha entendido as palavras ditas em alemão. Ele parecia esperançoso.

Dieter tirou do bolso Madame Bovary, abriu-o e o pôs na mesa.

– Copie o capítulo nove – ele disse a Michel em francês. Michel hesitou. Parecia um pedido inofensivo. Suspeitou que fosse um truque, Dieter seria capaz, mas não sabia qual podia ser. Dieter esperou.

Os membros da Resistência eram orientados para adiar ao máximo possível a tortura.

Michel provavelmente via aquilo como uma espécie de adiamento. Era pouco provável que fosse inofensivo, mas tinha de ser melhor que arrancar as suas unhas.

– Muito bem – ele disse depois de uma longa pausa. Começou a escrever.

Dieter o observava. A letra de Michel era grande e rebuscada. Duas páginas do livro tomaram seis folhas do papel de carta. Quando Michel virou a página, Dieter o fez parar. Mandou Hans levar Michel de volta para a cela e trazer Gilberte.

Goedel olhou para o que Michel tinha escrito e balançou a cabeça, confuso.

– Não compreendo o que você pretende – ele disse, entregando para Dieter as folhas de papel e voltando para sua cadeira.

Dieter rasgou uma das páginas cuidadosamente, deixando apenas certas palavras.

Gilberte entrou parecendo apavorada, mas com ar de desafio.

– Não Vou dizer nada – ela disse. – Nunca trairei meus amigos. Além disso, não sei nada. Tudo que faço é dirigir os carros.

Dieter mandou que ela sentasse e lhe ofereceu café.

– Café de verdade – ele disse entregando a xícara para ela. Os franceses só podiam ter café adulterado, ou substituto de café.

Ela tomou um gole e agradeceu.

Dieter olhou demoradamente para ela. Era bonita, com cabelos longos, escuros, e olhos pretos, mas havia algo de apático na sua expressão.

– Você é uma bela mulher, Gilberte – ele disse. – Não acredito que seja uma assassina.

– Não, não sou – ela disse, agradecida.

– Uma mulher faz coisas por amor, não faz? Ela ergueu os olhos, surpresa.

– Você compreende.

– Sei tudo a seu respeito. Você está apaixonada por Michel. Ela abaixou a cabeça sem responder.

– Um homem casado, é claro. Isso é uma pena. Mas você o ama. E é por isso que você ajuda a Resistência. Por amor, não por ódio.

Ela balançou a cabeça, assentindo.

– Estou certo? – ele perguntou. – Você deve responder.

– Sim – ela murmurou.

– Mas tem sido mal orientada, minha querida. -Sei que fiz mal...

– Não compreendeu. Você foi mal orientada, não só por violar a lei, mas por amar Michel.

Gilberte olhou para ele, confusa.

– Eu sei que ele é casado, mas...

– Temo que ele não a ame realmente.

– Mas, sim, ele me ama! – Não. Ele ama a mulher. Felicity Clairet, conhecida como Flick. Uma inglesa, nada chique, não muito bonita, alguns anos mais velha que você, mas ele a ama.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Não acredito – ela disse.

– Ele escreve para ela, você sabe. Imagino que mande os mensageiros levarem suas cartas para a Inglaterra. Ele manda cartas de amor, dizendo da saudade que tem dela.

São bastante poéticas, à moda antiga. Eu li algumas.

– Não é possível.

– Ele estava com uma quando prendemos vocês todos. Tentou destruí-la, mas conseguimos salvar alguns pedaços. Dieter tirou do bolso o papel que tinha rasgado e entregou-o para ela. – Essa não é a letra dele? – Sim, é.

– E é uma carta de amor... ou não é? Gilberte leu devagar, movendo os lábios: Penso constantemente em você. A sua lembrança me leva ao desespero. Ah! Perdoe-me! Vou deixá-la! Adeus! Irei para longe, tão longe que nunca mais vai ouvir falar de mim, porém, hoje, não sei que força me impele para você. Pois não se luta contra o céu, não se pode resistir ao sorriso dos anjos, somos levados pelo que é belo, encantador, adorável.

com um soluço, ela jogou longe o papel.

– Sinto muito por contar isso a você – Dieter disse gentilmente. Tirou um lenço branco de linho do bolso do paletó e entregou-o a ela. Gilberte cobriu o rosto com ele.

Estava na hora de virar a conversa, imperceptivelmente para o interrogatório.

– Suponho que Michel esteja morando com você desde que Flick viajou.

– Muito antes disso – ela disse, indignada. – Há seis meses, todas as noites, exceto quando ela estava na cidade.

– Na sua casa? – Tenho um apartamento. Muito pequeno. Mas basta para duas... duas pessoas que se amam – ela continuou a chorar.

Dieter procurou manter o tom de conversa enquanto se aproximava obliquamente do que o interessava.

– Não foi difícil ter Helicóptero morando com vocês também, num lugar pequeno? – Ele não está morando lá. Só foi hoje.

– Mas você deve ter pensado que ele ia ficar.

– Não. Michel arranjou um lugar para ele, um quarto em cima daquela livraria na rua Molière.

Walter Goedel de repente mudou de posição na cadeira: percebeu aonde aquilo ia levar. Dieter cuidadosamente o ignorou e perguntou para Gilberte: – Ele não deixou suas coisas na sua casa quando foram para Chatelle para encontrar o avião? – Não, levou para o quarto. Dieter fez a pergunta-chave: – Inclusive a pequena maleta? -Sim.

– Ah. – Dieter tinha o que queria. O rádio de Helicóptero estava em um quarto em cima da livraria na rua Molière. Terminei com esta vaca burra – ele disse para Hans, em alemão. – Entregue-a para Becker.

O carro de Dieter, o Hispano-Suiza azul, estava estacionado na frente do castelo. com Walter Goedel a seu lado e Hans Hesse no banco de trás, atravessaram velozmente os vilarejos até Reims e logo encontraram a livraria na rua Molière.

Arrombaram a porta e subiram a escada de madeira para o quarto acima da livraria. Tinha só uma esteira coberta com um cobertor áspero. No chão, ao lado da cama improvisada, estava uma garrafa de uísque, uma bolsa com artigos de toalete e a pequena maleta.

Dieter a abriu e mostrou o rádio para Goedel.

– com isto – ele disse triunfante – eu posso me tornar Helicóptero.

De volta a Santa Cecília, resolveram qual mensagem deviam enviar.

– Primeiro, Helicóptero ia querer saber por que os paraquedistas não saltaram – Dieter disse. – Então, ele perguntaria "O que aconteceu?", você concorda? – E ele estaria zangado – Goedel disse.

– Então talvez perguntasse: "Que inferno aconteceu?" Goedel balançou a cabeça.

– Estudei na Inglaterra antes da guerra. Essa frase: "Que inferno", é muito cortês. É um tímido eufemismo para "que diabos". Um jovem, no Exército, jamais a usaria.

– Talvez eu deva dizer: "Que foda foi essa?" – Muito vulgar – Goedel disse. – Ele sabe que a mensagem pode ser decodificada por uma mulher.

– Seu inglês é melhor que o meu. Você escolhe.

– Acho que ele diria: "Que diabo aconteceu?" Expressa sua raiva e é uma forma masculina que não ofende a maioria das mulheres.

– Tudo bem. Então ele quer saber o que deve fazer agora, e pede as novas ordens. O que ele diria? – Provavelmente "mande instruções". Os ingleses não gostam da palavra "ordem", acham-na pouco refinada.

– Muito bem. E pediremos uma resposta rápida, porque Helicóptero estaria impaciente, e nós também estamos.

Chegaram ao castelo e foram para a sala de recepção de rádio, no subsolo. Um operador de meia-idade, chamado Joachim, ligou o aparelho e o sintonizou na frequência de emergência de Helicóptero enquanto Dieter escrevia a mensagem combinada: QUE DIABO ACONTECEU? MANDE INSTRUÇÕES. RESPONDA IMEDIATAMENTE.

Dieter, com esforço, controlou sua impaciência e cuidadosamente mostrou a Joachim como codificar a mensagem, incluindo as marcas de segurança.

– Não vão saber que não é Helicóptero quem está enviando a mensagem? – Goedel perguntou. – Não reconhecem o "toque" individual do remetente, como se fosse sua letra? – Sim – Joachim disse. – Mas ouvi este cara enviando mensagens umas duas vezes, e posso imitá-lo. É um pouco como imitar o sotaque de uma pessoa, como de alguém de Frankfurt, por exemplo.

Mas Goedel pareceu cético: – Você pode fazer uma imitação perfeita depois de ter ouvido duas vezes? – Não, perfeita, não. Mas os agentes geralmente estão sob pressão quando vão ao ar, escondidos em algum lugar e preocupados com a possibilidade de serem apanhados por nós; portanto, pequenas variações são atribuídas à tensão. – Ele começou a transmitir as letras do código Morse.

Dieter sabia que teriam de esperar pelo menos uma hora. Na estação britânica receptora, a mensagem teria de ser decodificada, depois passada para o controle de Helicóptero que, certamente, estaria dormindo. O controlador podia receber a mensagem pelo telefone e compor uma resposta imediatamente, mas mesmo assim a resposta teria de ser posta em código e transmitida, depois decodificada por Joachim.

Dieter e Goedel foram para a cozinha, no andar térreo, onde encontraram um cabo começando a preparar o desjejum e pediram salsichas e café. Goedel estava impaciente para voltar ao quartel-general de Rommel, mas queria ficar e ver o que ia acontecer.

Já era dia quando uma jovem com uniforme da SS foi avisá-los de que a

resposta tinha chegado e Joachim estava acabando de datilografá-la.

Desceram às pressas. Weber já estava lá, com sua mania de se mostrar sempre onde estava a ação. Joachim entregou a mensagem datilografada para ele e cópias carbonos para Dieter e Goedel.

Dieter leu: ABORTARAM SALTO MAS PULARAM EM OUTRO LUGAR. AGUARDE CONTATO DE LEOPARDO.

Weber disse, mal-humorado: – Isso não nos diz grande coisa.

Goedel concordou.

– Que desapontamento.

– Os dois estão enganados! – Dieter disse, jubiloso. Leopardo está na França, e eu tenho um retrato dela! – Tirou do bolso a foto de Flick Clairet, com um gesto largo, e entregou-a a Weber. – Tire um copiador da cama e mande fazer mil cópias. Quero ver essa foto por toda Reims dentro de doze horas. Hans, encha o tanque do meu carro.

– Aonde você vai? – Goedel perguntou.

– A Paris, com a outra foto, para fazer o mesmo lá. Agora eu a peguei!

CAPÍTULO 32

A DESCIDA DE PARAQUEDAS foi perfeita. Os contêineres foram lançados primeiro para não haver possibilidade de um deles cair na cabeça de uma paraquedista, então as Jackdaws foram uma a uma para o alto da rampa e, quando o despachante batia no ombro delas, deslizavam para o espaço.

Flick foi a última. Enquanto ela caía, o Hudson virou para o norte e desapareceu na noite. Ela desejou boa sorte para a tripulação. Era quase o nascer do dia. Por causa da demora da noite, teriam de fazer a última parte da viagem na perigosa luz do dia.

Flick aterrissou perfeitamente, com os joelhos dobrados e os braços ao lado do corpo quando chegou ao solo. Ficou imóvel por um momento. Solo francês, ela pensou, com um arrepio de medo, território inimigo. Agora ela era uma criminosa, uma terrorista, uma espiã. Se a apanhassem, seria executada.

Afastou esse pensamento e levantou. A poucos metros um jumento olhou para ela, à luz da lua, abaixou a cabeça e continuou a pastar. Flick viu três contêineres perto dela. Mais adiante, espalhados no campo, uns doze membros da Resistência, trabalhando em pares, apanhavam os pesados contêineres.

Ela soltou o paraquedas, tirou o capacete e a roupa de voo. Enquanto fazia isso, um jovem correu para ela e disse ofegante, em francês: – Não esperávamos ninguém, só os suprimentos.

– Uma mudança de plano – ela disse. – Não se preocupe. Anton está com vocês? – Anton era o nome de código do líder do circuito Vestryman.

– Está.

– Diga a ele que Leopardo está aqui.

– Ah, você é Leopardo – ele estava impressionado.

– Sou.

– Sou Chevalier. É um grande prazer conhecê-la.

Ela olhou para o céu. Começava a se transformar de negro em cinzento.

– Encontre Anton o mais depressa possível, por favor, Chevalier. Diga a ele que precisamos de transporte para seis pessoas. Não temos tempo a perder.

– Muito bem – ele se afastou correndo.

Ela dobrou o paraquedas e depois saiu à procura das outras Jackdaws. Greta pousara numa árvore, tinha se arranhado quando passou pelos galhos mais altos, mas desceu sem qualquer outro dano e já havia se livrado do paraquedas e descido para o chão.

– Estou muito orgulhosa de mim mesma – Jelly disse –, mas não faria outra vez nem por um milhão de libras! Flick viu que o pessoal da Resistência carregava os contêineres para a extremidade sul do campo, e levou as Jackdaws naquela direção. Lá encontrou a van de uma construtora, uma carroça com cavalo e uma velha limusine Lincoln sem capo e com um tipo de motor a vapor. Não era surpresa: a gasolina só era acessível para as atividades essenciais, e os franceses tentavam todo o tipo de recursos engenhosos para usar seus carros.

Os homens da Resistência tinham carregado a carroça com os contêineres e agora os estavam escondendo debaixo de caixas vazias de vegetais. Mais deles estavam na parte de trás da van. Anton dirigia a operação, um homem magro de quarenta anos com um boné engordurado e uma jaqueta curta de trabalhador, um cigarro francês amarelo na boca. Olhou para elas, atônito.

– Seis mulheres? – ele disse. – Isto é uma roda de costura? Flick sabia que o melhor era ignorar as piadas sobre as mulheres.

– Esta é a operação mais importante que já dirigi – ela disse solenemente – e preciso da sua ajuda.

– É claro.

– Precisamos tomar um trem para Paris.

– Posso levá-las até Chartres. – Ele olhou para o céu, calculando quanto

faltava para o dia nascer, depois apontou para uma casa de fazenda, pouco visível àquela luz. – Vocês podem se esconder num celeiro, por enquanto.

Quando tivermos distribuído contêineres, voltaremos para buscá-las.

– Nada feito – Flick disse, com firmeza. – Precisamos ir já.

– O primeiro trem para Paris sai às dez. Posso levá-las a essa hora.

– Bobagem. Ninguém sabe o horário dos trens. – Era verdade. A combinação dos bombardeios aliados, a sabotagem da Resistência e os erros deliberados cometidos nas vias férreas pelos trabalhadores antinazistas haviam eliminado todos os horários, e a única coisa a fazer era ir para a estação e esperar o primeiro trem. Mas era melhor chegar cedo. – Deixe os contêineres no celeiro e nos leve agora.

– Impossível – ele disse. – Tenho de armazenar os suprimentos antes do nascer do dia.

Os homens pararam de trabalhar para ouvir a discussão.

Flick suspirou. As armas e a munição nos contêineres eram a coisa mais importante do mundo para Anton. Eram a fonte do seu poder e prestígio.

– Isto é mais importante – Flick disse. – Acredite.

– Lamento...

– Anton, escute. Se não fizer isso para mim, eu prometo, nunca mais vai receber um único container da Inglaterra. Você sabe que posso fazer isso, não sabe? Fez-se uma pausa. Anton não queria ceder na frente dos seus homens. Porém, se o suprimento de armas parasse, os homens iriam para outro lugar. Era o único poder que os oficiais ingleses tinham sobre a Resistência francesa.

Mas funcionou. Ele olhou zangado para ela. Lentamente tirou o toco de cigarro da boca, apertou a ponta com dois dedos e o jogou para longe.

– Muito bem – Anton disse. – Entrem na van.

As mulheres ajudaram a tirar os contêineres e entraram. O chão estava sujo de pó de cimento, lama e óleo, mas encontraram pedaços de saco que serviam para não sujar muito a roupa e Dentaram no chão. Anton fechou a porta da van.

Chevalier sentou na direção.

– Então, senhoras – ele disse em inglês. – Lá vamos nós. Flick respondeu em francês: – Sem piadas, por favor, e sem inglês.

– Eles partiram.

Depois de voar oitocentos quilômetros no chão de metal do bombardeiro, as Jackdaws agora viajavam trinta e cinco quilômetros na parte de trás da van de uma construtora. Surpreendentemente, Jelly, a mais gorda, a mais velha, a menos

em forma das seis, foi quem se mostrou mais estoica, fazendo piadas sobre o desconforto e rindo dela mesma quando a van entrou rapidamente numa curva e ela rolou no chão.

Mas quando o sol apareceu e a van entrou na pequena cidade de Chartres, todas ficaram sombrias outra vez.

– Não posso acreditar que estou fazendo isto – Maude disse, e Diana apertou a mão dela.

Flick fazia os planos futuros.

– De agora em diante nos separamos aos pares – ela disse. As equipes tinham sido determinadas na Escola de Aperfeiçoamento. Flick pôs Diana com Maude, pois do contrário Diana podia criar problema, Flick ficou com Ruby, porque queria ter alguém com quem pudesse discutir os problemas que surgissem e Ruby era a mais inteligente das Jackdaws. Infelizmente, isso deixava Greta com Jelly.

– Ainda não sei por que tenho de ir com o estrangeiro Jelly se queixou.

– Isso não é um chá social – Flick disse, irritada. – Você não senta ao lado da sua melhor amiga. É uma operação militar e você faz o que mandam.

Jelly ficou quieta.

– Temos de modificar nossas histórias para explicar a viagem de trem – Flick continuou. – Alguma ideia? Greta disse: – Sou a mulher do major Remmer, um oficial alemão que trabalha em Paris, viajando com minha empregada francesa. Devia ter estado visitando a catedral de Reims. Agora acho que posso dizer que fui visitar a catedral de Chartres.

– Está bom. Diana? – Maude e eu somos secretárias da companhia de eletricidade em Reims. Fomos a Chartres porque... Maude perdeu contato com seu noivo e pensou que ele podia estar aqui. Mas ele não está.

Flick assentiu, satisfeita. Havia milhares de franceses à procura de parentes desaparecidos, especialmente homens jovens que podiam ter sido feridos por um bombardeio, presos pela Gestapo, mandados para os campos de trabalho na Alemanha ou recrutados pela Resistência.

– Eu sou viúva de um corretor da Bolsa, morto em 1940. Fui a Chartres para buscar minha prima órfã e levá-la comigo para Reims – Flick disse.

Uma das grandes vantagens das mulheres como agentes secretos era que podiam se movimentar no país sem atrair suspeitas, mas um homem encontrado fora da sua área de trabalho era suspeito de pertencer à Resistência, especialmente se fosse jovem.

– Procure um lugar tranquilo para nos deixar – Flick disse para Chevalier,

o motorista. Seis mulheres respeitavelmente vestidas, saindo de uma van de construtora, podiam ser notadas, mesmo na França ocupada, onde o povo usava qualquer meio de transporte disponível. – Podemos encontrar a estação sozinhas.

Alguns minutos depois, ele parou a van, saltou e abriu a porta de trás. As Jackdaws desceram numa ruazinha estreita, calçada com lajes de pedra e com casas altas dos dois lados. Por uma abertura entre os telhados, via-se a catedral.

Flick lembrou a elas o plano.

– Vão à estação, comprem passagem só de ida para Paris e tomem o primeiro trem. Cada par deve fingir que não conhece os outros, mas tentaremos sentar perto no trem. Nos reuniremos novamente em Paris, vocês têm o endereço. – Iam a uma casa de cômodos chamada Hotel de Ia Chapelle, onde a proprietária, embora não fosse da Resistência, não fazia perguntas. Se chegassem em tempo, iriam imediatamente para Reims. Caso contrário, podiam passar a noite na casa de cômodos. Flick não gostou de ter de ir a Paris. A cidade estava cheia de homens da Gestapo e dos seus colaboradores, os "Kollabs", mas não havia outro caminho indo de trem.

Só Flick e Greta sabiam a missão verdadeira das Jackdaws. As outras ainda pensavam que iam explodir o túnel de uma estrada de ferro.

– Diana e Maude primeiro, vão, depressa! Jelly e Greta depois, mais devagar. – Elas saíram, parecendo assustadas. Chevalier apertou as mãos de todas, desejou boa sorte e foi embora, voltando para o campo, para pegar o resto dos contêineres. Flick e Ruby saíram da rua estreita.

Os primeiros passos numa cidade francesa eram sempre os piores. Flick tinha a impressão de que todos que via deviam saber quem ela era, como se tivesse um cartaz nas costas dizendo: Agente britânica! Atirem nela! Mas as pessoas passavam como se ela não fosse ninguém especial, e depois de passar sem problemas por um gendarme e alguns oficiais alemães, seu pulso começou a voltar ao normal.

Mas ainda se sentia estranha. Toda sua vida fora respeitável e tinha aprendido a considerar os policiais como seus amigos.

– Detesto estar no lado errado da lei – ela murmurou para Ruby em francês. – Como se tivesse feito alguma coisa má.

Ruby riu baixinho.

– Eu estou acostumada. A polícia sempre foi minha inimiga. Flick lembrou, então, que até a última terça-feira Ruby estava presa por assassinato. Pareciam quatro longos dias atrás.

Chegaram à catedral, no topo da colina, e Flick se emocionou ao vê-la, o

auge da cultura medieval francesa, uma igreja como nenhuma outra. Sentiu saudades do tempo em que podia passar algumas horas visitando a catedral.

Desceram a colina para a estação, um moderno prédio de pedra, da mesma cor da catedral. Entraram no saguão quadrado de mármore bege. Viram a fila na frente da bilheteria. Isso era bom. Significava que os moradores do local esperavam que um trem estivesse para chegar. Greta e Jelly estavam na fila, mas nem sinal de Diana e Maude, que já deviam estar na plataforma.

Ficaram na fila, na frente de um cartaz anti-Resistência mostrando um bandido com uma arma e Stalin atrás dele. Dizia: O ASSASSINO! envolto nas dobras da NOSSA BANDEIRA Essa sou eu, Flick pensou.

Compraram as passagens sem incidente. A caminho da plataforma, tinham de passar pelo ponto de controle da Gestapo e o pulso de Flick acelerou. Greta e Jelly estavam na sua frente, na fila. Seria seu primeiro encontro com o inimigo. Flick rezou para que elas pudessem manter a calma. Diana e Maude já deviam ter passado.

Greta falou em alemão com os homens da Gestapo. Flick ouviu claramente quando ela contou sua história.

– Eu conheço um major Remmer – disse um dos homens, um sargento. – Ele é engenheiro? – Não, ele trabalha na Inteligência – Greta respondeu com calma notável, e Flick pensou que fingir que era uma pessoa diferente fazia parte da natureza dela.

– Você deve gostar de catedrais – ele disse, amavelmente.

– Não tem mais nada para se ver neste buraco.

– Sim.

Ele examinou os documentos de Jelly e começou a falar em francês.

– Viaja por toda a parte com Frau Remmer? – Sim, ela é muito boa para mim – Jelly respondeu. Flick ouviu o tremor na voz dela e sabia que Jelly estava apavorada.

O sargento disse: – Viram o palácio do bispo? Vale a pena ver.

– Sim, vimos. Impressionante – Greta respondeu em francês.

O sargento olhava para Jelly, esperando a resposta. Ela pareceu confusa por um momento, então disse: – A mulher do bispo é muito gentil.

Flick ficou com o coração na mão. Jelly podia falar francês perfeitamente, mas não sabia coisa alguma sobre um país estrangeiro. Não sabia que era só na Igreja da Inglaterra que os bispos podiam casar. A França era católica e os padres eram celibatários. Jelly tinha se traído no primeiro ponto de contato com o inimigo.

O que vai acontecer agora? A Sten de Flick, com o cabo cortado e o silenciador, estava na mala, desmontada em três partes, mas tinha sua Browning automática pessoal na bolsa a tiracolo. Agora, discretamente, abriu o zíper da bolsa para ter acesso rápido à arma e viu Ruby levar a mão direita ao bolso da capa de chuva, onde estava sua pistola.

– Mulher? – o sargento disse para Jelly. – Que mulher? Jelly ficou confusa.

– Você é francesa? – ele perguntou.

– É claro.

Greta entrou rapidamente na conversa.

– Não a mulher do bispo, mas sua governanta – ela disse em francês. Era uma explicação plausível naquela língua, uma esposa era une femme, e uma governanta era une femme de menage.

Jelly compreendeu que tinha cometido um erro.

– Sim, é claro, sua governanta, eu quis dizer – ela disse. Flick prendeu a respiração.

O sargento hesitou por mais um momento, depois deu de ombros e devolveu os papéis.

– Espero que não tenham de esperar muito pelo trem – ele disse em alemão.

Greta e Jelly seguiram em frente, e Flick respirou outra vez.

Ela e Ruby chegaram aos homens da Gestapo, e iam apresentar seus papéis quando dois gendarmes franceses uniformizados furaram a fila. Pararam na barreira, bateram continência para os alemães, mas não apresentaram papéis. O sargento disse apenas: – Vão em frente.

Se eu fosse chefe de segurança aqui, Flick pensou, eu seria mais rigorosa. Qualquer um pode se fazer passar por policial. Mas os alemães tinham um respeito exagerado pela farda. Era parte da razão pela qual deixaram que seu país fosse dominado por psicopatas.

Então chegou sua vez de contar a história para a Gestapo.

– São primas? – o sargento disse, olhando dela para Ruby e para ela outra vez.

– Não há muita semelhança, certo? – Flick disse com um ar de descuido que não sentia. Não havia a menor semelhança. Flick era loura, de olhos verdes e pele clara, e Ruby tinha cabelos e olhos escuros.

– Ela parece uma cigana – ele disse, grosseiramente. Flick fingiu indignação.

– Pois não é. – Para explicar o fato de Ruby ter ficado corada, ela disse: – A mãe dela, mulher do meu tio, é de Nápoles.

Ele deu de ombros e virou para Ruby.

– Como seus pais morreram? – Num trem descarrilado por sabotadores – ela disse.

– A Resistência? – Sim.

– Meus sentimentos, jovem senhora. Eles são uns animais.

– Devolveu os papéis.

– Obrigada, senhor – disse Ruby. Flick apenas inclinou de leve a cabeça. Elas foram em frente.

Não foi uma barreira fácil. Espero que nem todas sejam assim, Flick pensou. Meu coração não aguenta.

Diana e Maude estavam no bar. Flick olhou pela janela e viu que estavam tomando champanhe. Ficou irritada. As notas de mil francos do SOE não eram para isso. Além do mais, Diana devia compreender que precisava estar muito alerta a cada segundo. Mas não podia fazer nada naquele momento.

Greta e Jelly estavam sentadas num banco. Jelly parecia muito quieta, talvez porque sua vida fora salva por alguém que ela considerava um estrangeiro pervertido. Flick se perguntou se a atitude dela ia mudar agora.

Ela e Ruby encontraram outro banco a alguma distância e sentaram para esperar.

Nas horas seguintes, a plataforma encheu de gente. Havia homens de terno que pareciam advogados ou funcionários públicos da cidade, com negócios em Paris, algumas mulheres francesas relativamente bem-vestidas e um ou outro alemão de uniforme. As Jackdaws, com dinheiro e talões de ração para alimento, podiam comprar pain noir e café adulterado no bar.

Eram onze horas quando o trem chegou. Os carros estavam lotados e pouca gente desceu, por isso Flick e Ruby tiveram de viajar de pé. Greta e Jelly também, mas Diana e Maude conseguiram lugares para sentar num compartimento para seis pessoas, com duas mulheres de meia-idade e os dois gendarmes.

Os gendarmes preocupavam Flick. Ela conseguiu ficar num lugar fora do compartimento, de onde podia ver através do vidro. Felizmente, a combinação de uma noite insone com o champanhe fez com que Diana e Maude caíssem no sono assim que o trem saiu da estação.

Passaram lentamente por bosques e campos. Uma hora depois, as duas mulheres francesas desceram, e Flick e Ruby sentaram rapidamente nos lugares

desocupados. Os gendarmes, ambos de vinte e poucos anos, imediatamente começaram a conversar com elas, encantados por ter com quem falar durante a longa viagem.

Chamavam-se Christian e Jean-Marie. Christian era bonito, com cabelo negro ondulado e olhos castanhos. Jean-Marie tinha um rosto astuto, vulpino, com um bigode claro.

Christian, o mais loquaz, estava no banco do meio, e Ruby sentou ao lado dele. Flick sentou numa banqueta de frente para os dois, com Maude dormindo, virada para o outro lado, com a cabeça no ombro de Diana.

Os gendarmes iam a Paris para apanhar um prisioneiro. Não tinha nada a ver com a guerra, eles disseram. Era um homem de Chartres que tinha assassinado a mulher e o enteado, depois fugiu para Paris, onde foi preso pelos flics, a polícia da cidade, e confessou o crime. Eles deviam levá-lo de volta a Chartres para ser julgado.

Christian tirou do bolso interno da túnica as algemas, como para provar para Flick que não estava se gabando.

Na hora seguinte, Flick ficou sabendo tudo que se podia saber sobre Christian. O gendarme esperava que ela retribuísse, por isso Flick teve de enfeitar sua história indo muito além dos fatos básicos inventados a princípio. Extenuou sua imaginação, mas pensou que era um bom treino para enfrentar um interrogatório muito mais hostil.

Passaram por Versalhes e continuaram a lenta viagem, passando por pátios de manobras bombardeados da via férrea, em St. Quentin. Maude acordou. Lembrou de falar francês, mas esqueceu que não devia conhecer Flick.

– Olá, onde estamos, você sabe? – ela disse para Flick.

O gendarme ficou intrigado. Flick tinha dito que ela e Ruby não conheciam as duas mulheres adormecidas, mas Maude falou com ela como se fossem amigas.

Flick ficou calma. Sorrindo, ela disse: – Você não me conhece. Acho que me confundiu com sua amiga, no outro lado. Está dormindo ainda.

Maude olhou para ela como quem diz "não seja tão idiota", mas então viu os gendarmes. Numa pantomima de compreensão, ela demonstrou surpresa, cobriu a boca com a mão, horrorizada, e disse, sem muita convicção: – É claro, tem toda a razão, desculpe.

Porém, Christian não era um homem desconfiado, e sorriu para ela.

– A senhorita dormiu duas horas. Estamos nos arredores de Paris. Mas, como pode ver, o trem está parado.

Maude concedeu a ele seu sorriso mais encantador.

– Quando acha que vamos chegar? – Mademoiselle, está pedindo muito. Sou apenas humano. Só Deus pode prever o futuro.

Maude riu como se ele tivesse dito uma coisa deliciosamente engraçada e Flick relaxou.

Então Diana acordou e disse em voz alta, em inglês: – Bom Deus, minha cabeça dói. Que horas são? Um momento depois ela viu os gendarmes e compreendeu o que acabava de fazer – tarde demais.

– Ela falou em inglês! – Christian disse.

Flick viu Ruby pôr a mão no bolso da capa e segurar a arma.

– Você é britânica! – ele disse para Diana. Olhou para Maude. – Você também! – Olhou em volta e compreendeu. Todas vocês! Flick segurou o pulso de Ruby quando a arma dela estava quase fora do bolso.

Christian viu o gesto, olhou para o que Ruby tinha na mão.

– E estão armadas! – Seu espanto seria cômico se elas não estivessem em perigo de vida.

– Ó, Cristo, isso estragou tudo – Diana disse.

O trem estremeceu e começou a andar outra vez. Christian disse em voz baixa: – Vocês são agentes dos aliados! Flick esperou nervosamente para ver o que ele ia fazer. Se ele apontasse uma arma para elas, Ruby atiraria. Então, teriam de saltar do trem. Com sorte, podiam desaparecer nos bairros pobres ao lado da estrada antes de a Gestapo ser alertada. O trem ganhou velocidade. Ela imaginou se deviam saltar agora, antes que a velocidade aumentasse.

Durante alguns segundos, todos ficaram imóveis. Então Christian sorriu.

– Boa sorte! – ele disse, num murmúrio. – Seu segredo está a salvo conosco! Eram simpatizantes, graças a Deus. Flick relaxou aliviada.

– Obrigada – ela disse.

– Quando vai ser a invasão? – Christian perguntou.

Era ingenuidade dele pensar que alguém que soubesse realmente aquele segredo o revelaria tão casualmente, mas, para mantê-lo motivado, ela disse: – A qualquer dia, agora. Talvez na terça-feira.

– Verdade? Isso é maravilhoso. Viva a França! – Estou tão feliz por vocês estarem do nosso lado! – Flick disse.

– Eu sempre fui contra os alemães – Christian se gabou. No meu trabalho, tenho conseguido prestar alguns bons serviços para a Resistência, de um modo discreto. – Bateu com o dedo no lado do nariz.

Flick não acreditou nem por um segundo. Sem dúvida ele era contra os

alemães, muitos franceses eram, depois de quatro anos de comida escassa, roupas velhas e toques de recolher. Mas se tivesse realmente trabalhado com a Resistência não diria a ninguém – ao contrário, ficaria apavorado se alguém descobrisse.

Mas isso não importava. O importante era que ele podia ver de que lado o vento soprava, e não ia entregar agentes aliados para a Gestapo poucos dias antes da invasão. Havia muita probabilidade de que acabasse sendo punido por isso.

O trem diminuiu a marcha e Flick viu que estavam chegando à Gare d'Orsay. Ela levantou. Christian beijou as mãos dela e disse com voz trêmula: – Você é uma mulher corajosa. Boa sorte! Ela saiu do vagão primeiro. Quando desceu para a plataforma, viu um trabalhador pregando um cartaz. Alguma coisa pareceu familiar. Olhou mais de perto para o cartaz e seu coração parou.

Era uma foto dela.

Nunca vira aquela foto antes e não lembrava de ter sido fotografada de maiô. O fundo era obscuro, como se tivesse sido pintado, portanto não havia nenhuma pista ali. O cartaz dava seu nome, mais um dos nomes que usava às vezes, Françoise Boule e dizia que ela era uma assassina.

O homem terminou o trabalho, pegou o balde de cola e uma pilha de cartazes e se afastou.

Flick compreendeu que sua foto devia estar por toda Paris.

Foi um golpe terrível. Ficou gelada, imóvel, na plataforma. Seu medo era tanto que sentiu vontade de vomitar. Então, se controlou.

Seu primeiro problema era como sair da Gare d'Orsay. Olhou para a plataforma e viu um posto de controle na barreira da bilheteria. Era mais que provável que os oficiais da Gestapo tivessem visto a foto.

Como podia passar por eles? Não era possível só contar uma história. Se eles a reconhecessem, a prenderiam e nenhuma história ia convencer os oficiais alemães do contrário. Será que as Jackdaws podiam passar usando suas armas? Podiam matar os homens no posto de controle, mas devia haver outros na estação, além da polícia francesa, que provavelmente atiraria primeiro e faria perguntas depois. Era muito arriscado.

Não tinha saída. Podia entregar o comando da operação para uma das outras – Ruby, provavelmente – e deixar que passassem pelo controle na sua frente e, finalmente, se entregar. Desse modo, a missão não estaria condenada ao fracasso.

Ela virou para trás. Ruby, Diana e Maude estavam saindo do trem. Christian e Jean-Marie vinham atrás. Então Flick lembrou das algemas que

Christian tinha no bolso e um plano maluco se formou em sua cabeça.

Empurrou Christian para dentro do vagão e subiu atrás dele.

Christian não sabia se era uma brincadeira e sorriu ansioso.

– O que aconteceu? – Escute – ela disse -, tem um cartaz com a minha foto na parede.

Os dois gendarmes olharam para fora. Christian ficou pálido, Jean-Marie disse: – Meu Deus, vocês são mesmo espiãs! – Vocês têm de me salvar – ela disse.

– Como? – Christian perguntou. – A Gestapo...

– Preciso passar por aquele posto de controle.

– Mas eles vão prendê-la.

– Não se eu já estiver presa.

– Como assim? – Ponha as algemas em mim. Finja que me capturou. Me faça passar pelo posto de controle. Se eles o fizerem parar, diga que vai me levar para o oitenta e quatro da avenida Foch. – Era o endereço do quartel-general da Gestapo.

– E depois? – Chame um táxi. Entre nele comigo. Então, quando estivermos longe da estação, tire as algemas e me deixe sair para a rua discretamente. E continue para seu destino.

Christian estava apavorado. Flick via que ele queria de todo coração negar o pedido. Mas não podia, depois de se gabar de ter ajudado a Resistência.

Jean-Marie estava mais calmo.

– Pode dar certo – ele disse. – Não vão suspeitar de dois policiais de uniforme.

Ruby subiu para dentro do vagão.

– Flick! – ela disse. – Aquele cartaz...

– Eu sei. Os gendarmes vão me fazer passar algemada pelo controle e vão me soltar depois. Se alguma coisa sair errada, você fica encarregada da missão – continuou em inglês – esqueça o túnel da estrada de ferro, isso é uma invenção. O alvo verdadeiro é a central telefônica em Santa Cecília. Mas não diga às outras até o último minuto. Agora traga todas para cá, depressa.

Alguns momentos depois, estavam todas dentro do vagão. Flick explicou o plano e depois disse: – Se isto não der certo e eu for presa, seja o que for que fizerem, não atirem. Há muita polícia na estação. Se começarem a atirar, vão perder. A missão vem em primeiro lugar. Devem me abandonar, sair da estação, se reunir no hotel e ir em frente. Ruby estará no comando, sem discussão, não temos tempo. – Voltou-se para Christian: – As algemas.

Ele hesitou.

Flick teve vontade de gritar Anda logo com isso, seu covarde falastrão, mas em vez disto baixou a voz para um murmúrio íntimo e disse: – Obrigada por salvar a minha vida. Nunca Vou esquecer de você, Christian.

Ele tirou as algemas do bolso.

– O resto de vocês vá em frente – Flick disse. Christian algemou o pulso direito de Flick à mão esquerda de Jean-Marie, saíram do trem e marcharam pela plataforma os três, lado a lado, Christian carregando a mala e a bolsa a tiracolo de Flick com a pistola automática dentro dela. Encontraram uma fila do ponto de controle. Jean-Marie disse em voz alta: – Abram caminho. Abram caminho, por favor, senhoras e cavalheiros. Vamos passar. – Foram direto para a frente da fila, como tinham feito em Chartres. Os dois gendarmes bateram continência para os oficiais da Gestapo, mas não pararam.

Porém, o capitão encarregado do controle ergueu os olhos do cartão da identidade que examinava e disse em voz baixa: – Esperem.

Os três ficaram imóveis. Flick sabia que estava muito perto da morte.

O capitão olhou atentamente para Flick.

– Ela é a mulher do cartaz.

Christian parecia assustado demais para falar. Depois de um momento, Jean-Marie respondeu: – Sim, capitão, nós a prendemos em Chartres.

Flick agradeceu aos céus por um deles ter a cabeça fria.

– Bom trabalho – disse o capitão. – Mas aonde vão levá-la? Jean-Marie continuou a responder: – Nossas ordens são para levá-la à avenida Foch.

– Precisam de transporte? – Um veículo da polícia nos espera fora da estação.

O capitão balançou a cabeça, assentindo, mas não os liberou. Continuou a olhar para Flick. Ela começou a pensar que alguma coisa na sua aparência dizia que ela estava só fingindo ser uma prisioneira. Finalmente, ele disse: – Esses britânicos. Mandam meninas lutar por eles. Balançou a cabeça, incrédulo. Jean-Marie, sensatamente, ficou calado.

– Vão em frente – o capitão disse, por fim.

Flick e os gendarmes passaram pelo controle e saíram para a luz do sol.

CAPÍTULO 33

PAUL CHANCELLOR ficou zangado com Percy, violentamente zangado quando soube da mensagem sobre Brian Standish.

– Você me enganou! – Paul gritou para Percy. – Você deliberadamente esperou que eu estivesse longe para mostrar a mensagem a Flick! – É verdade, mas me pareceu melhor...

– Eu estou no comando, você não tem o direito de esconder informação de mim! – Pensei que você abortaria o voo.

– Talvez abortasse, talvez devesse ter abortado.

– Mas teria feito por amor a Flick, não por ser o certo operacionalmente.

com isso Percy tocou o ponto fraco de Paul, pois ele havia comprometido sua posição de líder dormindo com um dos membros da equipe. Ficou mais zangado ainda, mas foi obrigado a controlar a raiva.

Não podiam entrar em contato com o avião de Flick, pois voos sobre o território inimigo tinham de observar silêncio, assim os dois homens passaram a noite no campo de aviação, andando de um lado para outro, fumando e se preocupando com a mulher que ambos amavam de modo diferente. Paul tinha no bolso a escova de dentes francesa que ele e Flick tinham compartilhado na manhã de sexta-feira, depois da noite que passaram juntos. Normalmente ele não era supersticioso, mas tocava constantemente na escova como se estivesse tocando em Flick, certificando-se de que ela estava bem.

Quando o avião voltou e o piloto contou das suspeitas de Flick em Chantelle e da sua decisão de pousar perto de Chartres, Paul quase chorou de alívio.

Minutos depois, Percy recebeu um telefonema do quartel-general do SOE em Londres e ficou sabendo da mensagem de Brian Standish perguntando o que tinha dado errado. Paul resolveu responder enviando a mensagem enviada por Flick e trazida pelo piloto. No caso de Brian estar ainda em liberdade, dizia que as Jackdaws tinham descido e entrariam em contato com ele, mas sem nenhuma outra informação por causa da possibilidade de Brian estar nas mãos da Gestapo.

Mas ninguém sabia ainda o que tinha acontecido. A incerteza era insuportável para Paul. De qualquer modo, Flick precisava ir a Reims. Ele precisava saber se ela estava entrando numa armadilha da Gestapo. Certamente devia haver um modo de verificar se as transmissões de Brian eram genuínas.

Os sinais traziam os símbolos de segurança normais. Percy verificou duas vezes. Mas a Gestapo sabia sobre os símbolos de segurança e podiam facilmente ter torturado Brian para dar essa informação. Havia métodos mais sutis de verificação, Percy disse, mas dependiam das moças na estação receptora. Paul

resolveu ir até lá.

A princípio, Percy resistiu. Era perigoso para as operadoras descer para as unidades dos sinais, ele disse. Perturbavam a normalidade do serviço para centenas de agentes. Paul ignorou esse aviso. Então a chefe da estação disse que teria prazer se Paul marcasse uma hora para a visita, dentro de duas ou três semanas. Não, Paul disse, eu estava pensando em daqui a duas ou três horas. Insistiu delicadamente, mas com firmeza, usando a ameaça da ira de Monty como último recurso. E assim ele foi a Grendon Underwood.

Quando era pequeno, na escola dominical, Paul ficou intrigado com um problema teológico. Notou que em Arlington, Virgínia, onde morava com os pais, a maioria das crianças da sua idade ia para a cama na mesma hora, às sete e meia. Isso significava que diziam as preces da noite simultaneamente. com todas aquelas vozes subindo para o céu, como Deus ia ouvir o que ele, Paul, estava dizendo? Não ficou satisfeito com a resposta do pastor, de que Deus podia fazer qualquer coisa. O pequeno Paul sabia que o pastor estava sendo evasivo. A questão o preocupou durante anos.

Se ele pudesse ter visto Grendon Underwood, teria compreendido.

Como Deus, o Executivo de Operações Especiais tinha de ouvir inúmeras mensagens, e geralmente acontecia que vinte ou mais delas chegavam ao mesmo tempo. Agentes secretos, nos seus esconderijos, estavam todos enviando suas mensagens em Morse simultaneamente, como as crianças de nove anos ajoelhadas ao lado da cama às sete e meia da noite. SOE ouvia todas.

Grendon Underwood era outra casa grande no campo, desocupada pelos proprietários e requisitada pelo Exército. Oficialmente chamada de Estação 53a, era um posto de escuta. No seu extenso terreno havia antenas de rádio agrupadas em grandes arcos como as orelhas de Deus, ouvindo as mensagens que vinham de toda a parte entre o ártico do Norte da Noruega até o Sul da Espanha. Quatrocentas operadoras de rádio e peritas em códigos, a maioria jovens do FANY, trabalhavam na grande casa e moravam em casas pré-fabricadas, erigidas às pressas no terreno da mansão.

Paul andou pela casa, conduzido pela supervisora Jean Bevins, uma mulher gorda, de óculos. No começo ela ficou apavorada com a visita do homem importante que representava Montgomery, mas Paul sorriu e falou suavemente fazendo-a ficar à vontade. Ela o levou à sala de transmissão, onde uma centena de jovens, sentadas em fileiras, trabalhavam com fones de ouvido, blocos de notas e lápis. Um quadro grande mostrava os codinomes dos agentes e suas horas de transmissão – conhecidas como "skeds" e sempre pronunciadas ao

modo americano -, e a frequência que eles usariam. A atmosfera era de intensa concentração, o único som que se ouvia era o das batidas do código Morse quando uma operadora dizia ao agente que ela estava recebendo a mensagem alto e claro.

Jean apresentou Paul a Lucy Briggs, uma jovem bonita e loura, com sotaque de Yorkshire tão acentuado que ele teve de concentrar para entender.

– Helicóptero? – ela disse. – Sim, conheço Helicóptero... ele é novo. Transmite às 20 horas e recebe às 23. Nenhum problema por enquanto.

Ela nunca pronunciava o H aspirado. Quando Paul percebeu isso, ficou mais fácil interpretar o sotaque.

– Como assim? – ele perguntou. – Que tipo de problemas vocês encontram? – Bem, alguns deles não sintonizam bem o transmissor e temos de procurar a frequência. Então o sinal pode ser fraco, e não podemos ouvir bem as letras, e nos preocupamos com a possibilidade de estarmos confundindo traços com pontos: a letra B é muito parecida com o D, por exemplo. E o tom é sempre ruim naqueles pequenos rádios de maleta, por causa do tamanho.

– Vocês reconheceriam a "batida" dele? Ela pareceu duvidar.

– Ele só transmitiu três vezes. Na quarta-feira, estava um pouco nervoso, provavelmente porque era a primeira vez, mas sua transmissão estava firme, como se soubesse que tinha muito tempo. Fiquei satisfeita, achei que ele devia estar se sentindo razoavelmente a salvo. Nós nos preocupamos com eles, sabe. Estamos aqui sentadas, confortavelmente aquecidas, e eles estão em algum lugar atrás das linhas inimigas evitando a maldita Gestapo.

– E a segunda transmissão? – Foi na quinta-feira, e ele estava com pressa. Quando estão com pressa, pode ser difícil entender o que dizem, sabe, aquilo seriam dois pontos juntos, ou um traço curto? Fosse de onde fosse que ele estava transmitindo, queria sair de lá depressa.

– E depois? – Na sexta-feira ele não transmitiu. Mas não me preocupei. Eles só transmitem quando precisam. É muito perigoso. Então ele entrou no ar no sábado de madrugada, um pouco antes do nascer do sol. Era uma mensagem de emergência, mas ele não parecia em pânico; na verdade, lembro de ter pensado, ele está tomando o jeito da coisa. Sabe, era um sinal forte, o ritmo regular, todas as letras claras.

– Podia ser alguém usando seu transmissor, dessa vez? Ela pensou por um momento.

– Parecia ele... mas podia ser qualquer pessoa, eu suponho. E se era um alemão fingindo ser ele, poderiam parecer corteses e firmes, não seriam eles,

porque não tinham nada a temer.

Paul tinha a impressão de estar andando numa sopa grossa. Cada pergunta que fazia tinha duas respostas. Queria algo definido. Tinha de lutar contra o pânico cada vez que lembrava a terrível possibilidade de perder Flick, menos de uma semana depois de ela ter entrado na sua vida como uma dádiva dos deuses.

Jean tinha desaparecido, e voltou agora com um maço de papéis na mão gorducha.

– Eu trouxe a decodificação dos três sinais recebidos de Helicóptero – ela disse. Aquela eficiência discreta o agradou.

Paul examinou a primeira folha.

SINAL DE CHAMADA HLCP (HELICÓPTERO) CÓDIGO DE SEGURANÇA PRESENTE MAIO 30 1944 MENSAGEM DIZ: CHEGUEI BEM PONTO ENCONTRO CRIPTA NÃO SEGURO PONTO APANHADO PELA GGESTAPO MAS CONSEGUI ESCAPAR FUTUROS ENCONTROS NO CAFÉ DE LA GARE CÂMBIO – Ele não sabe soletrar – Paul comentou.

– Não é ele – Jean disse. – Eles sempre cometem erros no código Morse. Mandamos o decodificador deixar os erros da decodificação para o caso de ter algum significado.

A segunda transmissão de Brian, dando a força do circuito Bellinger, era mais longa.

SINAL DE CHAMADA HLCP (HELICÓPTERO) CÓDIGO DE SEGURANÇA PRESENTE MAIO 31 1944 MENSAGEM DIZ: AGENTES ACTIV NOMERO CINCO COMO SEGUE PONTO KEN FOUETT MONET QUE ESTA FERIO PONTO CONDESSA OK PONTO CHEVAL AJUDA OCASIONALE PONTO BOURGEOISE AINDA NO ATIVA PONTO CODNOME MEU SALVADOR CHARENTON PONTO Paul ergueu os olhos. Este está muito pior.

– Eu disse que na segunda vez ele estava com pressa, Lucy observou.

Havia mais da segunda mensagem, um relato detalhado do incidente na catedral. Paul passou para a terceira: SINAL DE CHAMADA HLCP (HELICÓPTERO) CÓDIGO DE SEGURANÇA PRESENTE JUNHO 2 1944 MENSAGEM DIZ: QUE DIABO ACONTECEU PERGUNTA MANDE INSTRUÇÕES PONTO RESPONDA IMMEDIAMENTE CÂMBIO.

– Ele está melhorando – Paul disse. – Só um erro.

– Pensei que ele estava mais relaxado no sábado – Lucy disse.

– Isso, ou o sinal, foi enviado por outra pessoa. – De repente Paul viu um modo de verificar se era "Brian" ou um homem da Gestapo fazendo se passar

por ele. Se desse certo, pelo menos daria a ele a certeza – Lucy, você comete erros na transmissão? – Raramente. – Olhou ansiosa para sua supervisora. – Se uma moça nova for um pouco descuidada, o agente fica furioso e reclama com razão. Nunca deve haver um erro... os agentes já têm muitos problemas onde estão.

Paul virou para Jean.

– Se eu escrever uma mensagem, você pode codificar exatamente como está escrita? Seria uma espécie de teste.

– É claro.

Paul consultou o relógio. Eram sete e meia da noite.

– Ele deve transmitir às oito. Pode enviar a mensagem, então? – Sim – disse a supervisora. – Quando ele chamar, pediremos que espere para receber uma mensagem de emergência imediatamente depois da transmissão. Paul sentou, pensou por um momento, e escreveu num bloco: DÊ SUAS ARMAS COMO HOMEM AUTOMÁTICAS COMO MINHAS STENS TAMBÉM MUNIÇÃO QTOS TIROS CADA MAIS GREDANES RESPODNA IMEDIATAMENTE Ele olhou para o que tinha escrito por um momento. Não era um pedido razoável, num tom de autoridade, e parecia descuidadamente codificado e transmitido. Mostrou para Jean. Ela franziu a testa.

– Uma mensagem horrível. Eu teria vergonha de mandar isso.

– Qual acha que será a reação de um agente? Ela riu sem humor.

– Mandaria uma resposta furiosa com algumas palavras feias nela.

– Por favor, codifique-a exatamente como está e mande-a para Helicóptero.

Ela ficou preocupada.

– Se é o que quer.

– Sim, por favor.

– É claro – ela saiu com a mensagem.

Paul saiu à procura de comida. A cantina funcionava vinte e quatro horas por dia, como a estação, mas o café não tinha gosto e não tinham nada para comer a não ser sanduíches velhos e bolo seco.

Alguns minutos depois das oito horas, a supervisora entrou na cantina.

– Helicóptero entrou no ar para dizer que ainda não tem notícia de Leopardo. Estamos enviando a mensagem de emergência agora.

– Obrigado. – Brian, ou o homem da Gestapo que se fazia passar por ele, levaria pelo menos uma hora para decodificar a mensagem, compor a resposta, codificar e transmiti-la. Paul olhou para seu prato, pensando como os britânicos

tinham coragem de chamar aquilo de sanduíche. Dois pedaços de pão branco lambuzado de margarina e uma fatia fina de presunto.

Sem mostarda.

CAPÍTULO 34

A ÁREA DE PROSTITUIÇÃO de Paris era um lugar de ruas estreitas e sujas numa colina baixa, atrás da rua de Ia Chapelle, não muito longe da Gare du Nord. No centro ficava "La Charbo", a rua de Ia Charbonnière. No lado norte da rua, ficava o convento de Ia Chapelle, como uma estátua de mármore num depósito de lixo. O convento era formado por uma pequena igreja e uma casa onde oito freiras dedicavam a vida a ajudar os mais miseráveis dos parisienses. Faziam sopa para os velhos, convenciam mulheres deprimidas a desistir do suicídio, tiravam bêbados das sarjetas e ensinavam os filhos das prostitutas a ler e escrever. Perto do convento ficava o Hotel de La Chapelle.

O hotel não era exatamente um bordel, pois nenhuma prostituta morava nele, mas quando não estava lotado, a proprietária alugava quartos por hora para mulheres exageradamente pintadas, com vestidos de noite baratos, que chegavam com gordos homens de negócios franceses, furtivos soldados alemães ou jovens ingênuos bêbados demais para ver aonde iam.

Flick entrou no hotel com uma imensa sensação de alívio. Os gendarmes a tinham deixado a mais de um quilômetro de distância. No caminho, ela viu mais duas cópias da sua foto de Procurada. Christian dera para ela seu lenço, um quadrado limpo de algodão vermelho com bolinhas brancas, para esconder os cabelos louros, mas ela sabia que, se olhassem atentamente, a reconheceriam. Não podia fazer nada mais que olhar para o chão e cruzar os dedos. Foi a caminhada mais longa da sua vida.

A proprietária era uma mulher gorda, amistosa, com um robe de seda cor-de-rosa sobre um corpete com barbatanas. Flick já havia estado no hotel antes, mas a proprietária aparentemente não lembrou dela. Flick a chamou de "madame", mas ela disse: – Me chame de Régine. – Aceitou o dinheiro de Flick e deu a ela a chave de um quarto, sem fazer perguntas.

Flick ia subir para o quarto quando olhou pela janela e viu Diana e Maude chegando num tipo estranho de táxi, um sofá com rodas ligado a uma bicicleta. Seu acidente com os gendarmes aparentemente não as tinha abalado e as duas

desceram do veículo rindo, felizes.

– Meu Deus, que lixo – disse Diana quando entrou no hotel. – Talvez a gente possa comer fora.

Os restaurantes de Paris continuaram a funcionar durante a Ocupação, mas inevitavelmente grande parte dos fregueses era de oficiais alemães, e os agentes os evitavam sempre que era possível.

– Nem pense nisso – Flick disse, zangada. – Vamos ficar aqui muito quietas por algumas horas, depois iremos para a Gare de l'Est assim que o sol nascer.

Maude olhou acusadoramente para Diana.

– Você prometeu me levar ao Ritz. Flick se controlou.

– Em que mundo você vive? – sibilou para Maude.

– Tudo bem, fica fria.

– Ninguém sai daqui, entenderam? – Sim, sim.

– Uma de nós vai comprar comida mais tarde. Eu tenho de ficar escondida agora. Diana, você senta aqui e espera as outras, enquanto Maude verifica o quarto de vocês.

Avise-me quando todas tiverem chegado.

Subindo a escada, Flick passou por uma mulher negra com vestido vermelho muito justo e notou o cabelo farto e liso dela.

– Espere – Flick disse. – Quer me vender sua peruca? – Você pode comprar uma ali na esquina, benzinho. – Ela olhou Flick de alto a baixo, supondo que fosse uma prostituta amadora. – Mas, francamente, eu diria que você precisa de mais que uma peruca.

– Estou com pressa.

A mulher tirou a peruca, mostrando o cabelo crespo e negro, cortado rente.

– Não posso trabalhar sem ela.

Flick tirou uma nota de mil francos do bolso. – Compre outra.

A mulher olhou para ela com outros olhos, vendo que Flick tinha muito dinheiro para ser uma prostituta. com um erguer de ombros, aceitou o dinheiro e entregou a peruca.

– Obrigada – disse Flick.

A mulher hesitou. Sem dúvida estava imaginando quantas outras notas iguais àquela Flick tinha no bolso.

– Eu vou com mulheres também – ela disse. Estendeu a mão e tocou de leve no seio de Flick com as pontas dos dedos.

– Não, obrigada.

– Talvez você e seu namorado... – Não.

A mulher olhou para a nota de mil francos.

– Bem, acho que esta é minha noite de folga. Boa sorte, benzinho.

– Obrigada – Flick disse. – Vou precisar.

Ela encontrou o quarto, pôs a mala na cama e tirou o casaco. Havia um espelho pequeno acima do lavatório. Flick lavou as mãos, depois olhou para seu rosto por um momento.

Penteou o cabelo louro curto para trás e prendeu-o com um grampo. Depois pôs a peruca e a ajustou. Era um pouco grande, mas não ia cair. O cabelo preto alterou radicalmente sua aparência. Porém, as sobrancelhas claras agora pareciam estranhas. Com o lápis de maquiagem, ela as escureceu. Assim era muito melhor. Não só parecia morena, mas também mais formidável que a moça doce de maio. Tinha o mesmo nariz reto e o queixo forte, mas isso parecia uma semelhança familiar entre irmãs em tudo o mais diferentes.

Em seguida, apanhou seus documentos de identidade do bolso do casaco. com muito cuidado, retocou a foto, usando o lápis de maquiagem para escurecer o cabelo e as sobrancelhas. Quando terminou, olhou atentamente para a foto. Não achava que alguém ia perceber a alteração, a não ser que a esfregasse com força para tirar as marcas do lápis. Tirou a peruca, os sapatos e deitou na cama. Há duas noites não dormia, por ter passado a noite de quinta para sexta fazendo amor com Paul, e a noite de sexta no chão de metal de um bombardeiro Hudson. Agora, fechou os olhos e adormeceu em poucos segundos.

Acordou com uma batida na porta. Viu, surpresa, que começava a escurecer. Tinha dormido várias horas. Foi até a porta.

– Quem é? – ela perguntou.

– Ruby.

Flick a fez entrar. – Está tudo bem? – Não tenho certeza.

Flick fechou a cortina, depois acendeu a luz.

– O que aconteceu? – Todas estão registradas no hotel. Mas não sei onde estão Diana e Maude. Não estão no quarto.

– Onde você procurou? – No escritório da proprietária, na igrejinha ao lado, no bar, no outro lado da rua.

– Ó, Cristo – Flick disse, desalentada. – As cretinas, elas saíram.

– Aonde podem ter ido? – Maude queria ir ao Ritz. Ruby não podia acreditar. – Não podem ser tão burras.

– Maude pode.

– Mas pensei que Diana tivesse mais juízo.

– Diana está apaixonada – Flick disse. – Acho que fará qualquer coisa que Maude pedir. E ela quer impressionar sua amada, levá-la aos lugares elegantes, mostrar que conhece o mundo da alta sociedade.

– Dizem que o amor é cego.

– Neste caso, o amor é suicida. Não posso acreditar, mas aposto que é lá que elas estão. Será bem feito se acabarem mortas.

– O que fazemos? – Vamos ao Ritz e as tiramos de lá, se não for tarde demais. Flick pôs a peruca.

– Eu estava imaginando por que suas sobrancelhas tinham ficado escuras – Ruby disse. – Deu certo, você parece outra pessoa.

– Ótimo. Pegue sua arma.

No saguão, Régine entregou a Flick um envelope endereçado com a letra de Diana. Flick o abriu e leu: – Vamos para um hotel melhor. Encontramos vocês na Gare de l'Est às 5 horas da manhã. Não se preocupem.

Mostrou o bilhete a Ruby, depois o rasgou. Estava mais zangada consigo mesma. Conhecia Diana a vida toda, não era surpresa que ela fosse tola e irresponsável.

Por que a tinha levado? Porque não tinha ninguém mais, era a resposta.

Saíram da casa de cômodos. Flick não queria usar o metrô, pois sabia que a Gestapo tinha postos de controle em algumas estações e fazia revistas ocasionais nos trens.

O Ritz ficava na praça Vendôme, a meia hora do La Charbo. O sol acabava de se pôr, e a noite chegava rapidamente. Tinham de prestar atenção à hora; o toque de recolher era às onze horas.

Flick calculou quanto tempo o pessoal do Ritz precisaria para informar à Gestapo sobre Diana e Maude. Certamente iam perceber que havia alguma coisa estranha com elas. Seus papéis diziam que eram secretárias em Reims, então o que estavam fazendo no Ritz? Estavam vestidas respeitavelmente, segundo os padrões da França ocupada, mas certamente não pareciam clientes típicos do Ritz, mulheres de diplomatas ou amantes dos oficiais alemães. O gerente do hotel podia não fazer nada, especialmente se fosse antinazista, mas a Gestapo tinha informantes em todos os grandes hotéis e restaurantes da cidade, que eram pagos para informar sobre estranhos com histórias implausíveis. Esse tipo de detalhe era insistentemente citado nos cursos de treinamento do pessoal do SOE, mas o curso era de três meses, e Diana e Maude tiveram apenas dois dias.

Flick apressou o passo.

CAPÍTULO 35

DIETER ESTAVA EXAUSTO. Mandar imprimir e distribuir mil cartazes em meio dia tinha exigido toda sua força de persuasão e intimidação. Foi paciente e persistente quando possível, e teve acessos de raiva furiosa quando necessário. Além disso, não tinha dormido na noite anterior. Seus nervos estavam à flor da pele, estava com dor de cabeça e de péssimo humor.

Mas uma sensação de paz o envolveu assim que entrou no grande prédio de apartamentos na Porte de Ia Muette, que dava para o Bois de Boulogne. O trabalho que estava fazendo para Rommel exigia que viajasse por todo o Norte da França, por isso precisava ter uma base em Paris, e conseguira esse apartamento por meio de ameaças e suborno. Mas valia a pena. Ele amava os painéis de mogno escuro, as cortinas pesadas, os tetos altos, a prata do século XVIII no aparador. Andou pelo apartamento arejado e pouco iluminado, renovando o conhecimento com suas posses favoritas: uma pequena escultura de uma mão, de Rodin, o pastel de uma dançarina calçando uma sapatilha, de Degas, a primeira edição de O conde de Monte Cristo. Sentou ao piano Steinway de meia cauda e tocou uma lânguida versão do "Ain’t Misbehavin": Ninguém com quem conversar, completamente só...

Antes da guerra, o apartamento e grande parte dos móveis pertenciam a um engenheiro de Lvon, que tinha feito fortuna fabricando pequenos aparelhos elétricos, aspiradores, rádios e campainhas para portas. Dieter soube disso por uma vizinha, uma viúva rica cujo marido fora um importante fascista francês nos anos 30. O engenheiro era um homem vulgar, ela disse, tinha contratado pessoas para escolher o papel de parede e as antiguidades. Para ele, o único propósito dos objetos de arte era impressionar os amigos da sua mulher. Ele fora para a América, onde tudo era vulgar, a viúva disse. Ela estava feliz pelo apartamento ter agora um inquilino que sabia apreciar os objetos de arte.

Dieter tirou o paletó e a camisa e lavou a fuligem de Paris do rosto e do pescoço. Vestiu uma camisa limpa, pôs abotoaduras de ouro nos punhos franceses e escolheu uma gravata cinza-prateada. Enquanto dava o nó na gravata, ligou o rádio. As notícias da Itália não eram boas. Diziam que os alemães defendiam ferozmente a retaguarda. Dieter concluiu que Roma devia cair nos próximos dias.

Mas a Itália não era a França.

Agora tinha de esperar que alguém encontrasse Felicity Clairet. Não tinha certeza se ela passaria por Paris, é claro, mas era sem dúvida o lugar mais provável, depois de Reims, onde poderia ser vista. De qualquer modo, não podia fazer mais nada. Desejou ter trazido Stephanie de Reims. Mas precisava que ela ficasse na casa da rua du Bois. Havia uma chance de que outros agentes aliados descessem de paraquedas e fossem para lá. Era importante levá-los gentilmente para a armadilha. Dieter deixara instruções para que nem Michel nem o Dr. Bouler fossem torturados na sua ausência. Ainda ia precisar deles.

Havia uma garrafa de Dom Pérignon na geladeira. Ele a abriu e serviu a bebida numa flûte de cristal. Então, de bem com a vida, sentou à sua mesa para ler a correspondência.

Havia uma carta da sua mulher, Waltraud.

Meu adorado Dieter, Sinto tanto não estarmos juntos no dia em que você completa quarenta anos.

Dieter tinha esquecido o aniversário. Olhou a data no seu relógio de mesa Cartier. Três de junho. Fazia quarenta anos hoje. Serviu outra taça de champanhe para comemorar.

No envelope da mulher havia duas outras cartas. Sua filha de sete anos, Margarete, que chamavam de Mausi, tinha feito um desenho dele de uniforme na frente da Torre Eiffel. No desenho, ele era mais alto que a torre, era assim que as crianças viam os pais. Seu filho, Rudi, de dez anos, tinha escrito uma carta de adulto, com letras cuidadosamente redondas, com tinta azul-escura.

Meu querido papa, Vou bem na escola, embora a sala de aula do Dr. Richter tenha sido bombardeada. Felizmente, foi à noite, e a escola estava vazia.

Dieter fechou os olhos. Não podia suportar a ideia de bombas caindo na cidade onde seus filhos moravam. Praguejou contra os assassinos da RAF, mesmo sabendo que as bombas alemãs tinham sido lançadas contra crianças de escolas britânicas.

Olhou para o telefone sobre a mesa, pensando em ligar para casa. Era difícil conseguir a ligação. O sistema telefônico francês estava sobrecarregado e o tráfego militar tinha prioridade, por isso podia ter de esperar horas para fazer uma ligação pessoal. Mesmo assim, resolveu tentar. Sentiu, de repente, vontade de ouvir as vozes dos filhos e ter certeza de que ainda estavam vivos.

Estendeu a mão, mas o telefone tocou antes que ele pudesse tocá-lo. Atendeu.

– Major Franck falando.

– Tenente Hesse. O pulso de Dieter acelerou.

– Encontrou Felicity Clairet? – Não. Mas uma coisa quase tão boa.

CAPÍTULO 36

FLICK TINHA ESTADO no Ritz uma vez, quando estudava em Paris, antes da guerra. Ela e uma amiga, de chapéu, luvas e meias, passaram pela porta como se fizessem aquilo todos os dias. Andaram sob as galerias de lojas do hotel, rindo dos preços absurdos das echarpes, das canetas e dos perfumes. Sentaram no saguão, fingindo que esperavam alguém, e criticaram as roupas das mulheres que chegavam para o chá. Não tinham ousado pedir nem um copo com água. Naquele tempo, Flick economizava cada centavo para os lugares mais baratos na Comédie Française.

Desde o começo da Ocupação, ouvira dizer que os proprietários tentavam fazer com que o hotel continuasse a funcionar o mais normalmente possível, embora muitos quartos tivessem sido tomados permanentemente pelos nazistas mais importantes. Ela não tinha luvas nem meias hoje, mas tinha empoado o rosto e sua boina estava num ângulo elegante, e esperava que alguns dos clientes do tempo de guerra fossem obrigados a usar desses recursos.

Veículos militares cinzentos e limusines pretas alinhavam-se na frente do hotel, na praça Vendôme. Na fachada do prédio, seis flâmulas nazistas vermelhas tremulavam ao vento. O porteiro, de cartola e calça vermelha, olhou desconfiado para Flick e Ruby.

– Não podem entrar – ele disse.

Flick estava com um tailleur azul-claro muito amassado, e Ruby com um vestido azul-marinho e capa de chuva de homem. Não estavam vestidas para jantar no Ritz. Flick tentou imitar a arrogância de uma mulher francesa lidando com um inferior irritante. com o nariz no ar, ela disse: – Qual o problema? – Esta entrada é reservada para os oficiais graduados, madame. Nem os coronéis alemães podem entrar por aqui. Devem ir à rua Cambon, ao lado, e usar a porta dos fundos.

– Como queira – Flick disse com um ar de cansada cortesia, mas na verdade satisfeita por ele não ter dito que estavam malvestidas. Ela e Ruby foram para a rua Cambon, e encontraram a entrada dos fundos.

O saguão era feericamente iluminado, e os bares, um de cada lado, cheios

de homens vestidos a rigor ou de uniforme. O burburinho das conversas estalava e zumbia com as consoantes da língua alemã, não com as vogais lânguidas do francês. Flick teve a impressão de ter entrado na fortaleza do inimigo.

Foi ao balcão de recepção. Um recepcionista com botões de metal no paletó olhou desdenhosamente para ela. Convencido de que Flick não era alemã nem uma francesa rica, ele disse secamente: – O que é? – Verifique se mademoiselle Legrand está no quarto Flick disse, com ar superior. Supôs que Diana devia estar usando o nome falso dos seus papéis. Simone Legrand. – Combinei encontrar com ela.

Ele recuou.

– Posso dizer quem quer saber? – Madame Martigny. Sou sua empregada.

– Muito bem. De fato, mademoiselle está na sala de jantar, nos fundos, com sua companheira. Talvez você queira falar com o garçom.

Flick e Ruby atravessaram o saguão e entraram no restaurante. Era um quadro da vida elegante: toalhas de mesa brancas, talheres de prata, velas e garçons de preto deslizando pela sala com os pratos. Ninguém pensaria que havia fome em Paris. Flick sentiu o cheiro de café de verdade.

Parando na porta, logo viu Diana e Maude, numa mesa pequena, na outra extremidade da sala. Viu Diana tirar a garrafa de vinho de um balde brilhante ao lado da mesa e servir seu copo e o de Maude. Flick teve vontade de estrangulá-la.

Virou para ir até a mesa, mas o maitre ficou na sua frente. Olhando acintosamente para sua roupa barata, ele disse: – Sim, madame? – Boa-noite – Flick disse. – Preciso falar com aquela senhora.

Ele não se moveu. Era um homem pequeno, com ar preocupado, mas não permitia que o intimidassem.

– Talvez eu possa dar a ela seu recado.

– Infelizmente, não, é muito pessoal.

– Então vou dizer que a senhora está aqui. Seu nome? Flick olhou para Diana, mas Diana não ergueu os olhos.

– Sou madame Martigny – ela disse, cedendo. – Diga que preciso falar com ela imediatamente.

– Muito bem. Se madame quiser esperar aqui.

Flick rilhou os dentes, frustrada. Quando o homem caminhou para a mesa de Diana e Maude, Flick teve vontade de passar correndo na frente dele. Então viu um jovem com o uniforme preto de major da SS numa mesa próxima, olhando para ela. Seus olhos se encontraram e Flick desviou o olhar, sentindo o

medo subir à garganta. Ele estaria apenas interessado na discussão com o maitre. Estaria tentando lembrar onde a vira antes, tendo visto o cartaz, mas não conseguindo ainda fazer a conexão? Ou simplesmente a achava atraente? Fosse qual fosse o caso, Flick pensou, seria perigoso para ela criar um problema.

Cada segundo que ficava ali era perigoso. Resistiu à tentação de dar meia-volta e fugir.

O maitre falou com Diana, depois virou e chamou Flick com um gesto.

Flick disse a Ruby: – Acho melhor você esperar aqui, uma pessoa chama menos a atenção que duas. – Então, atravessou a sala rapidamente para a mesa de Diana.

Nem Diana nem Maude tiveram a decência de parecer culpadas, Flick observou furiosa. Maude parecia satisfeita com ela mesma, Diana, imperiosa. Flick pôs as mãos na beirada da mesa e inclinou para a frente.

– Isto é terrivelmente perigoso – ela disse em voz baixa. Levantem-se agora e saiam comigo. Pagaremos a conta na saída.

Ela estava sendo tão enérgica quanto sabia ser, mas elas estavam vivendo num mundo de fantasias.

– Seja razoável, Flick – Diana disse.

Flick estava furiosa. Como Diana podia ser tão arrogantemente idiota? – Sua vaca estúpida – ela disse. – Não percebeu que podem ser mortas? Viu imediatamente que cometera um erro com aquelas palavras, e Diana disse com ar superior: – A vida é minha. Tenho direito de me arriscar...

– Você está pondo em perigo todas nós e toda a missão. Agora, levante dessa cadeira! – Escute... – Flick ouviu uma comoção atrás dela. Diana parou de falar e olhou.

Flick virou para trás e deixou escapar uma exclamação abafada.

De pé na entrada, estava o oficial bem-vestido que tinha visto na praça de Santa Cecília. Ela o reconheceu imediatamente. Um homem alto, com terno escuro elegante e com um lenço branco no bolso superior do paletó.

Ela virou rapidamente, com o coração disparado, rezando para que ele não a tivesse visto. com a peruca preta possivelmente ele não a reconheceria ao primeiro olhar.

Lembrou o nome dele, Dieter Franck. Sua foto estava no arquivo de Percy Thwaite. Era um ex-detetive da polícia. Lembrou o que estava escrito atrás da foto: "Uma estrela do Serviço de Inteligência de Rommel, este oficial é considerado um interrogador hábil e um torturador impiedoso." Pela segunda vez naquela semana, Flick estava bastante perto para atirar nele.

Flick não acreditava em coincidências. Havia uma razão para ele estar ali ao mesmo tempo que ela.

Logo descobriu qual era a razão. Olhou outra vez, e o viu atravessar o restaurante na sua direção, com quatro homens da Gestapo atrás. O maitre também estava com eles, parecendo em pânico.

Com o rosto virado para o lado, Flick começou a andar.

Franck foi direto para a mesa de Diana.

A sala, de repente, ficou quieta. Os clientes interromperam o que diziam, os garçons pararam de servir os vegetais, o encarregado das bebidas ficou imóvel, com uma jarra de clarete na mão.

Flick chegou à porta, onde Ruby a esperava. Ruby murmurou: – Ele vai prendê-las. Sua mão se moveu para a arma.

Os olhos de Flick outra vez se encontraram com os do major da SS.

– Deixe a arma no bolso – ela murmurou. – Não podemos fazer nada. Podemos enfrentá-lo e aos quatro homens da Gestapo, mas estamos rodeadas de oficiais alemães. Mesmo que matemos os cinco, seremos dominadas pelos outros.

Franck estava interrogando Diana e Maude. Flick não podia ouvir o que eles diziam. A voz de Diana tinha o tom de orgulhosa indiferença que ela usava quando estava agindo errado. Maude estava a ponto de chorar.

Franck devia ter pedido os papéis delas, porque as duas simultaneamente apanharam as bolsas, do chão, ao lado das cadeiras. Franck mudou de posição, de modo a ficar de um lado de Diana e um pouco atrás, olhando por cima do ombro dela, e de repente Flick percebeu o que ia acontecer.

Maude tirou da bolsa seus papéis de identidade, mas Diana tirou uma arma. Um tiro ecoou e um dos infelizes homens da Gestapo dobrou o corpo para a frente e caiu. O restaurante entrou em erupção. Mulheres gritavam, homens se abaixavam, procurando proteção. Um segundo tiro e outro homem da Gestapo gritou. Algumas pessoas correram para a saída.

A arma de Diana estava apontada para outro homem da Gestapo. Flick, de repente, lembrou: Diana no bosque em Somersholme, sentada no chão, fumando, com coelhos mortos em volta dela. Lembrou o que tinha dito para Diana: "Você é uma matadora." Estava certa.

Mas Diana não disparou o terceiro tiro.

Dieter Franck manteve a calma. Segurou o braço direito de Diana com as duas mãos e bateu os pulsos dela na mesa. Ela gritou de dor e a arma caiu da sua mão. Ele a puxou para fora da cadeira, a atirou de rosto no tapete e caiu em cima

com os dois joelhos nas costas dela. Puxou as mãos de Diana para trás e a algemou, ignorando os gritos de dor quando virou brutalmente seus pulsos. Ele levantou.

– Vamos dar o fora daqui – Flick disse a Ruby.

A porta estava cheia de gente, homens e mulheres em pânico, tentando passar ao mesmo tempo. Antes que Flick pudesse se mover, o jovem major da SS que estava olhando para ela antes levantou de um salto e segurou o seu braço.

– Espere um momento – ele disse em francês. Flick procurou se livrar, em pânico.

– Tire as mãos de mim! Ele apertou mais o braço dela.

– Você aparentemente conhece aquelas duas mulheres, ele disse.

– Não, não conheço – ela tentou se afastar dele. Ele a puxou com força. – Acho melhor ficar aqui e responder a algumas perguntas.

Ouviu-se outro tiro. Algumas mulheres gritaram, mas ninguém sabia de onde o tiro tinha vindo. O rosto do oficial da SS se contraiu em agonia. Quando ele caiu, Flick viu Ruby, atrás dele, guardando a pistola no bolso da capa.

As duas abriram caminho à força no meio da multidão na porta, empurrando-a vigorosamente, e saíram para o saguão. Conseguiram correr sem chamar atenção porque todo mundo estava correndo.

Havia carros enfileirados na rua Cambon, alguns deles com motoristas. A maioria dos motoristas corria para o hotel para ver o que estava acontecendo. Flick escolheu um Mercedes seda 230 preto, com o estepe atrás da mala. Olhou para dentro e viu a chave na ignição.

– Entre! – ela disse para Ruby. Sentou à direção e deu a partida. O grande motor roncou, tomando vida. Ela engatou a primeira, virou a direção e acelerou para longe do Ritz. O carro era pesado e lento, mas estável, fazia as curvas como um trem.

Quando estavam a várias quadras do hotel, Flick examinou sua posição. Tinha perdido um terço da equipe, incluindo a melhor atiradora. Pensou se convinha abandonar a missão, mas imediatamente resolveu prosseguir. Não seria fácil, teria de explicar por que só quatro faxineiras se apresentariam no castelo, em vez das seis de costume, mas podia inventar uma desculpa. Significava que talvez fossem interrogadas com maior atenção, mas estava decidida a enfrentar o risco.

Deixou o carro na rua de La Chapelle. Ela e Ruby, no momento, estavam fora de perigo. Andaram rapidamente para a casa de cômodos. Ruby foi buscar Greta e Jelly e as levou ao quarto de Flick. Ela contou o que tinha acontecido.

– Diana e Maude serão interrogadas imediatamente – ela disse. – Dieter Franck é um interrogador capaz e cruel, por isso devemos supor que elas contarão tudo que ele quer saber, incluindo o endereço deste hotel. Isso quer dizer que a Gestapo pode chegar a qualquer momento. Temos de sair agora.

Jelly estava chorando. – Pobre Maude – ela disse. – Ela era uma vaca idiota, mas não merecia ser torturada.

Greta foi mais prática. – Para onde vamos? – Vamos nos esconder no convento aqui ao lado. Elas aceitam qualquer pessoa. Já escondi prisioneiros de guerra que conseguiram escapar no convento. Elas nos deixarão ficar até o nascer do dia.

– E depois? – Vamos para a estação, conforme planejado. Diana vai dizer a Dieter Franck nossos nomes verdadeiros, nossos codinomes e nossas falsas identidades. Ele vai espalhar um alerta para qualquer pessoa que viaje com qualquer um desses nomes. Felizmente, tenho outros papéis de reserva para todas nós, com as mesmas fotos, mas identidades diferentes. A Gestapo não tem fotografias de vocês três, e eu mudei minha aparência, por isso nos postos de controle os guardas não terão como nos reconhecer. Porém, para uma maior segurança, não iremos para a estação logo cedo. Esperaremos até mais ou menos às dez horas, quando a estação deve estar cheia.

– Diana vai também contar qual é a nossa missão – Ruby disse.

– Ela vai dizer que vamos explodir um túnel de uma ferrovia em Maries. Felizmente, essa não é nossa verdadeira missão. É uma história que inventei por segurança.

Jelly olhou para ela com admiração. – Flick, você pensa em tudo – ela disse.

– Sim – Flick disse. – Por isso ainda estou viva.

CAPÍTULO 37

PAUL, SENTADO na pequena cantina em Grendon Underwood, há mais de uma hora pensava ansiosamente em Flick. Começava a acreditar que Brian Standish estava comprometido.

O incidente na catedral, o fato de Chatelle estar às escuras e a correção pouco natural da terceira mensagem, tudo apontava na mesma direção.

Pelo plano original, Flick teria sido recebida em Chatelle por um comitê

do circuito Bollinger. Michel a levaria para um esconderijo por algumas horas, em seguida arranjaria transporte para Santa Cecília. Depois que entrassem no castelo e explodissem a central telefônica, ele as levaria de volta a Chatelle para pegarem o avião. Tudo isso fora mudado, mas Flick ainda ia precisar de transporte e de um esconderijo quando chegasse a Reims, e estaria contando com a ajuda do circuito Bollinger. Entretanto, se Brian estava comprometido, sobraria ainda alguém do circuito? A casa segura era ainda segura? Michel estaria também nas mãos da Gestapo? Finalmente, Lucy Briggs entrou na cantina e disse: – Jean me pediu para dizer que a resposta de Helicóptero está sendo decifrada agora. Quer vir comigo? Ele a acompanhou até a saleta – antes um armário para sapatos, ele imaginou – que servia de escritório para Jean Bevins. Jean tinha uma folha de papel na mão. Parecia aborrecida.

– Não posso compreender isto – ela disse. Paul leu rapidamente: SINAL DE CHAMADA HLCP (HELICÓPTERO) CÓDIGO DE SEGURANÇA PRESENTE JUNHO 3 1944 A MENSAGEM DIZ: DUAS STENS com SEIS PENTES CADA PONTO UM RIFLE LEE ENFELD com DEZ PENTES PONTO SEIS COLT AUTOMÁTICAS com APROXIMADAMENTE CEM TIROS PONTO NENHUMA GRANADA CÂMBIO Paul olhou para a mensagem decodificada com desalento, como querendo que as palavras se transformassem em algo menos horrível, mas, é claro, continuaram na mesma.

– Eu esperava que ele ficasse furioso – Jean disse. – Ele não se queixa nem um pouco, apenas responde obedientemente.

– Exato – Paul disse. – Isso é porque não é ele. – Aquela mensagem não vinha de um agente de campo apressado, que acabava de receber dos superiores um pedido inesperado e não razoável. A resposta foi feita por um oficial da Gestapo desesperado para manter a aparência de calma normalidade. O único erro de ortografia era Enfeld em lugar de Enfield, e até isso sugeria um alemão, pois feld era campo [field], em alemão.

Não havia mais dúvida, Flick corria um perigo terrível. Paul massageou as têmporas com a mão direita. Agora só havia uma coisa a fazer. A operação estava desmoronando e ele tinha de salvá-la e a Flick.

Olhou para Jean e viu compaixão nos olhos dela.

– Posso usar seu telefone? – ele perguntou.

– É claro.

Ele ligou para a rua Baker. Percy estava à sua mesa.

– Aqui fala Paul. Estou convencido de que Brian foi capturado. Seu rádio está sendo operado pela Gestapo. – Ouviu a exclamação abafada de Jean Bevins

atrás dele.

– Ora, diabos – Percy disse. – E sem o rádio, não temos como avisar Flick.

– Sim, temos – Paul disse.

– Como? – Arranje um avião. Vou a Reims... esta noite.



O OITAVO DIA
Domingo, 4 de junho de 1944

CAPÍTULO 38

A AVENIDA FOCH parecia ter sido construída para os mais ricos do mundo. Uma rua larga, que ia do Arco do Triunfo ao Bois de Boulogne, tinha jardins ornamentais dos dois lados, flanqueados por ruas internas que davam acesso a casas palacianas. O número 34 era uma residência elegante, com uma larga escadaria que levava aos cinco andares de salas encantadoras. A Gestapo a tinha transformado numa casa de tortura.

Dieter, numa sala de estar perfeitamente proporcional, olhou por um momento para a decoração intrincada do teto, depois fechou os olhos, preparando-se para o interrogatório. Tinha de aguçar a mente e ao mesmo tempo entorpecer os sentidos.

Alguns homens gostavam de torturar prisioneiros. O sargento Becker, de Reims, era um deles. Sorriam quando a vítima gritava, tinham ereções enquanto infligiam ferimentos, e orgasmos durante os espasmos de agonia das vítimas. Mas não eram bons interrogadores, pois focalizavam a dor e não a informação. Os melhores torturadores eram homens como Dieter, que detestavam de todo o coração o processo.

Agora ele se imaginou fechando as portas da própria alma, trancando suas emoções em armários. Pensou nas duas mulheres como peças de maquinaria que forneceriam informações logo que ele descobrisse como ligá-las. Sentiu o frio tão conhecido envolvê-lo como um cobertor de neve, e sabia que estava pronto.

– Traga a mais velha – ele disse.

O tenente Hesse foi buscá-la.

Ele a observou atentamente quando entrou e sentou na cadeira. Tinha o cabelo curto, ombros largos e vestia um terninho de corte masculino. A mão direita pendia flácida e ela segurava o antebraço inchado com a mão esquerda. Dieter tinha quebrado seu pulso. Ela obviamente sentia dor, seu rosto estava

pálido e brilhante de suor, mas os lábios cerrados numa linha de determinação.

Dieter falou com ela em francês: – Tudo que acontece nesta sala está sob seu controle – ele disse. – As decisões que você tomar, as coisas que disser, podem causar dor insuportável ou trazer alívio. Depende inteiramente de você.

Ela não disse nada. Estava assustada, mas não em pânico. Ia ser difícil abatê-la, Dieter percebeu.

– Para começar – ele disse –, diga-me onde fica, em Londres, o quartel-general do Executivo de Operações Especiais.

– Rua Regente, oitenta e um. Ele assentiu com um gesto.

– Deixe-me explicar uma coisa. Sei que o SOE ensina os agentes a não ficarem calados durante um interrogatório, mas a dar respostas falsas, difíceis de verificar. Porque eu sei disso, vou fazer algumas perguntas cujas respostas já conheço. Desse modo saberei se está mentindo ou não. Onde, em Londres, fica o quartel-general? – Carlton House Terrace.

Ele levantou, foi até ela e a esbofeteou com toda a força. Ela gritou de dor. Seu rosto ficou vermelho. Era sempre bom começar com um tapa no rosto. A dor era mínima, mas o golpe era uma demonstração humilhante da impotência do prisioneiro, exauria sua coragem inicial. Mas ela olhou desafiadoramente para ele. – É assim que os oficiais alemães tratam as senhoras? A prisioneira tinha um ar altivo e falava o francês das classes altas. Era uma espécie de aristocrata, ele imaginou.

– Senhoras? – ele disse com desdém. – Você acaba de matar dois policiais que estavam cumprindo seu dever. A jovem mulher de Specht é agora viúva e os pais de Rolfe perderam o único filho. Você não é um soldado de uniforme, não tem desculpa. Respondendo à sua pergunta... não, não é assim que tratamos as senhoras, é assim que tratamos os assassinos.

Ela desviou a vista. Dieter marcou um ponto com essa observação. Começava a solapar as bases morais da mulher.

– Diga-me mais uma coisa. Conhece bem Flick Clairet? Ela arregalou os olhos numa involuntária expressão de surpresa. Isso dizia a ele que estava no caminho certo. Aquelas duas eram parte da equipe da major Clairet. Ele a tinha abalado outra vez. Mas ela se recompôs e disse: – Não conheço ninguém com esse nome.

Ele estendeu o braço e bateu na mão direita dela. Com um grito de dor, perdendo o apoio do pulso quebrado, ela se curvou para a frente. Ele segurou a mão direita dela e puxou. Diana gritou: – Por que estavam jantando no Ritz, pelo amor de Deus?, ele disse, soltando a mão dela.

Ela parou de gritar. Ele repetiu a pergunta. Ela respirou e disse: – Eu gosto da comida de lá.

Ela era mais resistente que Dieter tinha pensado. – Leve-a embora – ele disse –, traga a outra.

A mulher mais jovem era bonita. Não tinha oferecido resistência à prisão, por isso estava ainda apresentável, o vestido e a maquiagem intactos. Parecia muito mais assustada que a companheira. Ele fez a mesma pergunta que havia feito à mais velha: – Por que estavam jantando no Ritz? – Eu sempre quis ir ao Ritz – ela respondeu. Ele mal podia acreditar no que ouvia.

– Não pensou que podia ser perigoso? – Pensei que Diana tomaria conta de mim. Então o nome da outra é Diana.

– Qual o seu nome? – Maude.

Estava fácil demais.

– E o que está fazendo na França, Maude? – Devíamos explodir uma coisa.

– O quê? – Não lembro. Tinha algo a ver com uma estrada de ferro. Dieter começou a imaginar se ela procurava enganá-lo.

– Há quanto tempo conhece Felicity Clairet? – ele tentou.

– Quer dizer Flick? Há poucos dias. Ela é muito mandona. – Lembrou, então. – Mas estava certa, não devíamos ter ido ao Ritz. – Ela começou a chorar. – Eu não tive intenção de fazer nada errado. Só queria me divertir e conhecer lugares, isso era tudo que eu queria.

– Qual o nome de código da sua equipe? – As Mélroas – ela disse em inglês.

Dieter franziu a testa. A mensagem de Helicóptero referia-se a elas como Jackdaws, Gralhas.

– Tem certeza? – Tenho. É por causa de um poema, "O melro de Reims", eu acho. Não, "A gralha de Reims", é isso.

Se ela não era completamente idiota, estava fazendo uma boa imitação.

– Onde acha que Flick está agora? Maude pensou por um longo momento, e depois disse: – Na verdade, eu não sei.

Dieter suspirou, frustrado. Uma prisioneira era difícil, a outra muito idiota para saber qualquer coisa útil. Aquilo ia demorar mais do que tinha imaginado. Devia haver um meio de apressar o processo. Ele estava curioso para saber sobre o relacionamento das duas. Por que a mulher mais velha, dominante e masculinizada, arriscava a vida para levar a outra, bonitinha, de cabeça vazia, para jantar no Ritz? Talvez eu tenha a mente suja, ele pensou. Mesmo assim...

– Leve-a embora – ele disse em alemão. – Ponha-a junto com a outra, certifique-se de que a cela tenha alguma abertura para se ver dentro.

Quando as duas estavam na cela, o tenente Hesse levou Dieter a um pequeno quarto no sótão. Ele olhou pela pequena abertura, para a cela ao lado. As duas mulheres estavam sentadas lado a lado na beirada da cama estreita. Maude chorava e Diana a consolava. Dieter olhou atentamente. O pulso direito de Diana, quebrado, estava no colo. com a mão esquerda, ela acariciava a cabeça de Maude. Falava em voz baixa e Dieter não podia ouvir. O quanto aquele relacionamento era íntimo? Seriam camaradas de armas, amigas do peito... ou mais? Diana se inclinou para a frente e beijou a testa de Maude. Isso não significava grande coisa. Então Diana levantou o queixo de Maude com a ponta do dedo, virou o rosto dela para o seu e a beijou nos lábios. Era um gesto de conforto, mas certamente íntimo demais para uma simples amiga.

Finalmente, Diana lambeu com a ponta da língua as lágrimas de Maude. Dieter, então, teve certeza. Não eram preliminares para sexo – ninguém faria sexo naquelas circunstâncias –, mas era o tipo de consolo que se oferece somente a uma amante, não a uma simples amiga. Diana e Maude eram lésbicas. E isso resolvia o problema.

– Traga a mais velha outra vez – ele disse, voltando para a sala de interrogatório. Quando Diana foi levada pela segunda vez, ele mandou que fosse amarrada à cadeira.

– Prepare a aparelhagem elétrica – ele disse. Esperou, impaciente, enquanto a máquina de choque elétrico era levada num carrinho e ligada à tomada na parede. Cada minuto que passava levava Flick Clairet para mais longe dele.

Quando tudo estava pronto, ele a segurou pelos cabelos com a mão esquerda. Mantendo a cabeça dela imóvel, prendeu dois clipes ao lábio inferior de Diana.

Ligou a máquina. Diana gritou. Ele a deixou ligada por dez segundos.

Quando os soluços começaram a diminuir, ele disse: – Isso foi menos que a metade da força. – Era verdade. Dieter raramente usava a força total. Só quando a tortura demorava demais e o prisioneiro desmaiava a todo momento era usada toda a força para penetrar na consciência que desaparecia. E a essa altura geralmente era tarde demais, pois a loucura começava a se instalar. Mas Diana não sabia disso.

– Não outra vez – ela pediu. – Por favor, por favor, não outra vez.

– Está disposta a responder às minhas perguntas? Ela gemeu, mas não

disse que sim.

– Traga a outra – Dieter disse.

Ouviu uma exclamação abafada de Diana. O tenente Hesse entrou com Maude e a amarrou a outra cadeira.

– O que você quer? – Maude perguntou. Diana disse: – Não diga nada, é melhor.

Maude vestia uma blusa leve de verão. Tinha o corpo bem feito e seios fartos. Dieter rasgou a blusa, fazendo voar para longe os botões.

– Por favor! – Maude disse. – Eu digo qualquer coisa! Sob a blusa ela vestia uma combinação de algodão com renda. Ele puxou pelo decote e a rasgou. Maude gritou. Dieter deu um passo atrás e olhou para ela. Os seios de Maude eram redondos e firmes. Uma parte de sua mente notou o quanto eram bonitos. Diana devia amá-los, ele pensou. Tirou os clipes da boca de Diana e cuidadosamente os prendeu em cada um dos mamilos rosados de Maude. Voltou para a máquina e pôs a mão no controle.

– Tudo bem – Diana disse em voz baixa. – Eu conto tudo.

DIETER MANDOU GUARDAR o túnel da ferrovia de Maries. Se as Jackdaws chegassem até lá veriam que era quase impossível entrar nele. Tinha certeza de que Flick não alcançaria seu objetivo. Mas isso era secundário. Sua ambição maior era capturar e interrogar Flick. Já eram duas horas da manhã de domingo. Terça-feira seria lua cheia. A invasão podia estar perto. Mas nessas poucas horas Dieter podia quebrar a espinha dorsal da Resistência francesa, se tivesse Flick na câmara de tortura. Tudo que precisava era uma lista de nomes e de endereços que ela sabia de cor. A Gestapo em todas as cidades da França podia entrar em ação, com milhares de homens treinados. Não eram os mais brilhantes, mas sabiam como prender as pessoas. Dentro de poucas horas podia capturar milhares de circuitos da Resistência. Em vez da revolta maciça que sem dúvida os aliados esperavam que os ajudasse na invasão, os alemães teriam calma e ordem para organizar sua reação e empurrar os invasores para o mar.

Mandou uma equipe da Gestapo dar uma batida no Hotel de Ia Chapelle, mas isso foi uma formalidade: tinha certeza de que Flick e as outras três teriam saído do hotel logo depois da prisão das suas companheiras. Onde Flick estaria agora? Reims era o ponto natural da descida de paraquedas para um ataque a Maries, e por isso as Jackdaws tinham planejado anteriormente saltar perto da cidade. Dieter pensou que provavelmente Flick ainda passaria por Reims. Era o caminho das estradas de ferro que iam para Maries e ela devia ter algum tipo de ajuda dos membros restantes do circuito Bollinger. Dieter apostava que Flick

estava indo de Paris para Reims.

Mandou que todos os postos de controle da Gestapo recebessem detalhes das identidades falsas usadas por Flick e sua equipe. Porém, isso também era mera formalidade. Ou elas tinham identidades alternativas ou encontrariam um meio de evitar os postos de controle.

Ligou para Reims, tirou Weber da cama e explicou a situação. Pela primeira vez, Weber não fez nenhuma objeção. Concordou em mandar dois homens da Gestapo para vigiar a casa de Michel na cidade, outros dois para vigiar o apartamento de Gilberte e mais dois para a casa da rua du Bois para proteger Stephanie.

Finalmente, quando a dor de cabeça começou, Dieter telefonou para Stephanie.

– Os terroristas britânicos estão a caminho de Reims – ele disse. – Estou mandando dois homens para proteger você.

Ela estava mais calma que nunca.

– Obrigada.

– Mas é importante que você continue a comparecer ao local do encontro. – Com sorte, Flick não suspeitaria até que ponto Dieter havia penetrado no circuito Bollinger e iria direto para seus braços. – Lembre, mudamos o local. Não é mais a cripta da catedral, agora é o Café de La Gare. Se alguém aparecer, apenas leve para a casa, como fez com Helicóptero. Lá a Gestapo pode se encarregar deles.

– Tudo bem.

– Tem certeza? Minimizei o risco para você, mas ainda é perigoso.

– Tenho certeza. Você parece que está com uma das suas dores de cabeça.

– Está começando.

– Tem o remédio? – Está com Hans.

– Sinto não estar aí para cuidar de você. Ele também sentia. – Eu queria voltar para Reims esta noite, mas acho que não vai dar.

– Não se atreva. Eu estou bem. Tome a injeção e vá para a cama. Volte para cá amanhã.

Dieter sabia que ela estava certa. Ia ser difícil voltar para seu apartamento, a menos de um quilômetro de onde estava. Não podia viajar para Reims antes de se recobrar da tensão do interrogatório.

– Tudo bem – ele disse. – Vou dormir algumas horas e sair daqui de manhã.

– Feliz aniversário.

– Você lembrou! Eu esqueci completamente.
– Tenho uma coisa para você.
– Um presente? – Mais que isso... uma ação.
Ele sorriu, apesar da dor de cabeça.
– Isso é ótimo.
– Dou amanhã.
– Mal posso esperar.
– Eu o amo.
As palavras eu também a amo chegaram aos lábios dele, mas Dieter hesitou, relutando por hábito antigo, e então ouviu Stephanie desligar.

CAPÍTULO 39

NAS PRIMEIRAS HORAS da manhã de domingo, Paul Chancellor desceu de paraquedas numa plantação de batatas perto do vilarejo de Laroque, a oeste de Reims, sem a vantagem – ou o risco – de um comitê de recepção.

A descida provocou uma dor violenta no joelho ferido. Cerrando os dentes, ficou imóvel no chão, esperando a dor passar. Quando fosse velho, diria que uma pontada significava chuva – se chegasse a ficar velho.

Depois de cinco minutos, conseguiu ficar de pé e se livrar do paraquedas. Encontrou a estrada, orientando-se pelas estrelas, e começou a andar, mas o progresso era lento porque ele mancava bastante.

Sua identidade, arranjada às pressas por Percy Thwaite, era a de um professor de Epernay, poucos quilômetros a oeste. Estava viajando de carona para Reims para visitar seu pai doente. Percy deu a ele todos os papéis necessários, alguns deles falsificados apressadamente na noite anterior e levados a Tempsford de motocicleta. A claudicação combinava bem com a história. Um veterano ferido podia muito bem ser professor, ao passo que um jovem ativo podia ser mandado para um campo de trabalho na Alemanha.

Chegar ali era a parte mais simples. Agora precisava encontrar Flick. O único modo de entrar em contato com ela era por meio do circuito Bellinger, e Paul esperava que uma parte do circuito estivesse intacto e que Brian fosse o único membro preso pela Gestapo. Como todo agente novo saltando de paraquedas para ir a Reims, ele entraria em contato com mademoiselle Lemas. Só precisava ser especialmente cauteloso.

Logo depois da primeira luz do dia, ouviu o motor de um veiculo. Saiu do meio da estrada para o campo e se escondeu atrás de um vinhedo. Quando o ruído se aproximou, viu que era um trator. Era bastante seguro. – A Gestapo nunca viajava de trator. Voltou para a estrada e pediu uma carona.

Um garoto de uns quinze anos dirigia o trator e puxava um reboque cheio de alcachofras. Ele fez um sinal com a cabeça para a perna de Paul.

– Ferimento de guerra? – Sim – Paul disse. O mais provável para um soldado francês ter sido ferido era durante a Batalha da França, por isso acrescentou: – Seda, mil novecentos e quarenta.

– Eu era muito novo – o garoto disse, pesaroso.

– Sorte sua.

– Mas espere até os aliados voltarem. Então vai ver alguma ação. – Olhou de soslaio para Paul. – Não posso dizer mais nada. Mas espere para ver.

Paul pensou fortemente. O garoto seria membro do circuito Bollinger? – Mas nossa gente tem as armas e a munição que precisam? – Se o garoto soubesse de alguma coisa, saberia que os aliados tinham lançado toneladas de armamento nos últimos meses.

– Usaremos as armas que pudermos encontrar.

Estaria sendo discreto? Não, Paul pensou. O garoto parecia vago. Estava fantasiando. Paul não disse mais nada.

O garoto o deixou na periferia de Reims, e ele entrou mancando na cidade. O ponto de encontro tinha mudado, da cripta da catedral para o Café de Ia Gare, mas a hora era a mesma, três horas da tarde. Paul tinha ainda algumas horas de espera.

Entrou no café para tomar o desjejum e fazer um reconhecimento. Pediu café puro. O garçom idoso ergueu as sobrancelhas e Paul percebeu que tinha cometido um erro. Rapidamente, tentou corrigir: – Não precisava dizer "puro", eu suponho – ele disse. Provavelmente vocês não têm nenhum leite.

O garçom sorriu, tranquilizado.

– Infelizmente, não. – Foi embora.

Paul respirou aliviado. Há oito meses tinha estado na França como agente secreto e esquecera a tensão constante de fingir que era outra pessoa.

Passou a manhã cochilando entre um e outro serviço religioso da catedral e voltou ao café à uma e meia, para almoçar. O lugar esvaziou mais ou menos às duas e meia, e ele ficou tomando café adulterado. Dois homens entraram às duas e quarenta e cinco e pediram cerveja. Paul olhou atentamente para eles. Sua roupa era velha, muito usada, e falavam sobre uvas em francês coloquial. Eram

eruditos discutindo a florada dos vinhedos, um período crítico que acabava de passar. Não achou que podiam ser agentes da Gestapo.

Exatamente às três horas, entrou uma mulher alta e atraente, com um vestido leve de verão, de algodão verde, discreto e elegante, e chapéu de palha. Calçava um sapato marrom e outro preto. Devia ser Bourgeoise.

Paul ficou um pouco surpreso. Esperava uma mulher mais velha, mas provavelmente era uma suposição errada. Flick nunca tinha dito como ela era.

Mesmo assim, ainda não estava pronto para confiar nela. Levantou e saiu do café.

Andou na calçada até a estação de trens e parou na entrada, vigiando o café. Paul não chamava a atenção. Como sempre, havia muita gente na estação esperando a chegada de amigos.

Vigiou a clientela do café. Uma mulher passou com uma criança que queria doce, e quando chegaram ao café, a mãe cedeu e entrou com o filho. Os dois peritos em uvas saíram. Um gendarme entrou e saiu imediatamente com um pacote de cigarros na mão.

Paul começava a acreditar que não era uma armadilha da Gestapo. Não via ninguém que parecesse remotamente perigoso. Mudar o local do encontro os tinha despistado.

Só uma coisa o intrigava. Quando Brian Standish foi apanhado na catedral, quem o salvou foi um amigo de Bourgeoise, Charenton. Onde ele estava hoje? Se estava de vigia na catedral, por que não ali no café também? Mas a circunstância não significava necessariamente perigo. E podia haver centenas de explicações simples.

A mãe e a criança saíram do café. Então, às três e meia, Bourgeoise saiu. Andou pela calçada, para longe da estação. Paul a seguiu no outro lado da rua. Ela foi até um pequeno carro preto italiano, que os franceses chamavam de Simca Cinq. Paul atravessou a rua. Ela entrou no carro e ligou o motor.

Estava na hora de Paul se decidir. Não podia ter certeza de que era seguro, mas tinha usado o máximo possível da precaução, menos não comparecendo ao encontro. Em algum ponto, era preciso se arriscar. Do contrário teria sido melhor ficar em casa.

Foi até o carro e abriu a porta no lado do passageiro.

Ela olhou friamente para ele.

– Senhor? – ela disse.

– Reze por mim.

– Eu rezo pela paz.

Paul entrou no carro. Inventando um nome de código, disse: – Eu sou Danton. Ela deu a partida.

– Por que não falou comigo no café? – ela perguntou. – Eu o vi assim que entrei. Me fez esperar lá meia hora. É perigoso.

– Eu queria ter certeza de que não era uma armadilha. Ela olhou para ele.

– Soube do que aconteceu com Helicóptero? – Sim. Onde está seu amigo que o salvou, Charentoa? Ela seguiu para o sul, velozmente.

– Ele trabalha hoje.

– No domingo? O que ele faz? – Bombeiro. Está de plantão.

Isso explicava. Paul foi direto para o objetivo real da sua visita.

– Onde está Helicóptero? Ela balançou a cabeça.

– Não tenho ideia. Minha casa é um ponto isolado do circuito. Eu encontro as pessoas e as passo para Monet. Não devo saber coisa alguma.

– Monet está bem? – Sim. Ele me telefonou na quinta-feira à tarde, para saber de Charenton.

– Não telefonou mais? – Não. Mas isso é comum.

– Quando foi a última vez que o viu? – Pessoalmente? Eu nunca o vi.

– Tem notícias de Leopardo? -Não.

Paul ficou pensativo enquanto o carro atravessava os subúrbios. Na verdade Bourgeoise não tinha informação para ele. Teria de passar ao elo seguinte da cadeia.

Ela parou num pátio na frente de uma casa alta.

– Entre e descanse um pouco – ela disse.

Ele saiu do carro. Tudo parecia em ordem. Bourgeoise estava no lugar certo, deu todos os sinais certos e ninguém a tinha seguido. Por outro lado, não dera nenhuma informação útil e ele ainda não sabia até onde o circuito Bellinger fora penetrado, nem quanto perigo Flick corria. Quando Bourgeoise foi na frente dele e abriu a porta com a chave, ele tocou na escova de dentes no bolso da camisa. – Era de fabricação francesa, por isso tinham permitido que trouxesse com ele. Agora, um impulso se apoderava dele. Enquanto Bourgeoise entrava na casa, ele tirou a escova do bolso e a jogou no chão, bem na frente da porta.

Ele entrou atrás dela.

– A casa é grande – ele disse. Tinha papel de parede escuro e antigo, e móveis pesados, completamente diferentes da dona. – Há muito tempo mora aqui? – Herdei há uns três ou quatro anos. Gostaria de redecorar, mas não se consegue os materiais. – Abriu uma porta e ficou de lado, dando passagem para ele. – Venha para a cozinha.

Paul entrou e viu dois homens de uniforme. Os dois empunhavam pistolas automáticas. As duas apontadas para ele.

CAPÍTULO 40 .

O PNEU DO CARRO DE DIETER estourou na estrada RN3, entre Paris e Meaux. Um prego torto estava enfiado no pneu. A demora o irritou e ele andou de um lado para outro na estrada, inquieto, mas o tenente Hesse levantou o carro com o macaco e trocou o pneu com calma eficiência, e em poucos minutos estavam outra vez a caminho.

Dieter havia dormido até tarde, sob a influência da injeção de morfina dada por Hans nas primeiras horas da manhã, e agora ele olhava com impaciência a feia paisagem industrial a leste de Paris, gradualmente se transformando em campos cultivados. Ele queria estar em Reims. Tinha feito uma armadilha para Flick Clairet e precisava estar lá quando ela fosse apanhada.

O grande Hispano-Suiza voava na estrada reta flanqueada por choupos – uma estrada provavelmente construída pelos romanos. No começo da guerra, Dieter pensava que o Terceiro Reich seria como o Império Romano, uma hegemonia pan-europeia que traria paz e prosperidade sem precedentes a todos os seus súditos. Agora não tinha tanta certeza.

Preocupava-se com a amante. Stephanie corria perigo e ele era o responsável. A vida de todos estava em risco agora, ele pensou. Os métodos da guerra moderna levavam toda a população para a linha de frente. O melhor meio para proteger Stephanie – e a si mesmo e à sua família na Alemanha – era derrotar a invasão. Mas em certos momentos ele se amaldiçoava por envolver tanto sua amada na missão. Estava fazendo um jogo arriscado e usando Stephanie numa posição perigosa.

Os soldados da Resistência não faziam prisioneiros. Sempre em perigo de vida, não tinham escrúpulos em matar os franceses que colaboravam com o inimigo.

Sentia um aperto no peito e dificuldade para respirar à ideia de que Stephanie podia ser morta. Não podia imaginar a vida sem ela. A perspectiva era sombria e ele compreendeu que estava apaixonado por ela. Sempre tinha dito a si mesmo que ela era apenas uma bela cortesã e ele a estava usando do modo que os homens sempre usaram essas mulheres. Agora via que estava se enganando. E

desejou mais ardentemente já estar em Reims, ao lado dela.

Era domingo de tarde, por isso tinha pouco tráfego na estrada e eles viajavam rapidamente.

O segundo pneu estourou quando estavam a menos de uma hora de Reims. Dieter teve vontade de gritar de frustração. Outro prego torto. Os pneus do tempo de guerra seriam de má qualidade, ele pensou. Ou o povo francês deliberadamente deixava pregos nas estradas, sabendo que nove veículos em dez eram das forças de ocupação? O carro não tinha outro estepe, e o pneu teria de ser consertado para que pudessem continuar a viagem. Deixaram o carro e seguiram a pé. Depois de mais ou menos dois quilômetros, chegaram a uma fazenda. Uma família grande estava sentada em volta dos restos do almoço substancial de domingo. Na mesa havia queijo e morangos e várias garrafas de vinho vazias. Os habitantes do campo eram os únicos franceses bem alimentados. Dieter obrigou o fazendeiro a atrelar seu cavalo na carroça e levá-los até a cidade próxima.

Na praça da cidade havia uma única bomba de gasolina na calçada, no lado de fora de uma casa de conserto de rodas, com uma tabuleta na porta que dizia "Fechado". Eles bateram na porta e acordaram um garagista mal-humorado da sua sesta de domingo. O mecânico ligou o motor de um caminhão antigo e saiu com Hans a seu lado.

Dieter sentou na sala de estar do mecânico, observado por três crianças pequenas vestidas com farrapos. A mulher do mecânico, cansada e com cabelo sujo, trabalhava na cozinha, mas não ofereceu nem um copo com água para ele.

Dieter pensou outra vez em Stephanie. Havia um telefone no corredor. Ele foi até a porta da cozinha.

– Posso dar um telefonema? – perguntou delicadamente. Pago a ligação.

O olhar da mulher era hostil.

– Para onde? – Reims. – Ela fez um gesto afirmativo e anotou a hora olhando para o relógio sobre a lareira.

Dieter foi atendido pela telefonista e deu o número da casa da rua du Bois. Foi atendido imediatamente por uma voz baixa e rouca dizendo o número com um sotaque provinciano. Imediatamente alerta, Dieter disse em francês: – Aqui fala Pierre Charenton.

A voz no outro lado da linha mudou para a de Stephanie.

– Meu querido.

Dieter compreendeu que ela tinha atendido o telefone com a voz que usava para imitar mademoiselle Lemas, como precaução.

– Está tudo bem? – ele perguntou.

– Capturei outro agente inimigo para você – ela disse, com voz insinuante.

Dieter sentiu a boca seca.

– Meu Deus... bom trabalho! Como aconteceu? – Eu o apanhei no Café de La Gare e o trouxe para cá.

Dieter fechou os olhos. Se alguma coisa tivesse saído errada, se ela tivesse feito o agente suspeitar da armadilha, podia estar morta agora.

– E depois? – Seus homens o amarraram.

Ela tinha dito "o", logo o agente não era Flick. Dieter ficou desapontado. Mas sua estratégia tinha funcionado. Esse homem era o segundo agente aliado que caía na armadilha.

– Como ele é? – Jovem, manca de uma perna e não tem metade da orelha.

– O que vocês fizeram com ele? – Está aqui na cozinha, no chão. Eu ia ligar para Santa Cecília para que venham buscá-lo.

– Não faça isso. Tranque o homem no porão. Quero falar com ele antes de Weber.

– Onde você está? – Num vilarejo. Um pneu estourou.

– Venha depressa.

– Devo estar com você dentro de uma ou duas horas.

– Tudo bem.

– Como você está? – Ótima.

Dieter queria uma resposta séria.

– Mas, de verdade, como está se sentindo? – Como estou me sentindo! – Uma pausa. – Você geralmente não pergunta isso.

Dieter hesitou. – Geralmente não peço a você para capturar terroristas. A voz dela se abrandou.

– Sinto-me bem. Não se preocupe comigo.

Então Dieter disse uma coisa que não tinha planejado. – O que vamos fazer depois da guerra? Um silêncio de surpresa no outro lado da linha.

– É claro que a guerra pode continuar por mais dez anos, mas, por outro lado, pode acabar em duas semanas, e então, o que vamos fazer? – Dieter disse.

Ela se refez da surpresa, mas havia uma ternura incomum na sua voz quando disse: – O que você gostaria de fazer? – Não sei – ele respondeu, mas isso não o satisfez, e depois de um momento disse afinal. – Não quero perder você.

– Oh.

Dieter esperou que ela dissesse alguma coisa.

– No que está pensando? – ele perguntou.

Stephanie não disse nada. Dieter ouviu um som estranho e compreendeu que ela estava chorando. Ele também estava comovido. Viu a mulher do mecânico olhando para ele, ainda marcando o tempo da ligação. Ele engoliu em seco e virou de costas, não querendo que uma estranha visse que estava comovido.

Ele disse: – Então, vamos conversar mais. Logo estarei com você.

– Eu o amo – ela disse.

Dieter olhou para a mulher do mecânico. Ela não tirava os olhos dele. Para o diabo com ela, ele pensou.

– Eu também amo você – ele disse. Então, desligou.

CAPÍTULO 41

AS JACKDAWS LEVARAM quase um dia inteiro para ir de Paris a Reims.

Passaram por todos os postos de controle, sem incidentes. As novas identidades falsas funcionaram tão bem quanto as antigas, e ninguém notou que a fotografia de Flick fora retocada com lápis de sobrancelha.

Mas o trem parou várias vezes durante uma hora inteira no meio do nada. Flick fervia de impaciência enquanto os minutos preciosos se escoavam inutilmente. Ela via a razão para as paradas: metade da linha fora destruída por bombardeiros da Força Aérea dos Estados Unidos e da RAF. Quando o trem retomava vida e se movia para a frente, elas olhavam pela janela e viam as equipes de reparos de emergência cortando trilhos retorcidos, retirando vagões-dormitórios destruídos e instalando novos trilhos. Seu único consolo era que a demora seria muito mais irritante para Rommel, tentando dispor seus homens para repelir a invasão.

Sentia no peito algo como um nó frio e inerte, e a cada minuto voltava o pensamento para Diana e Maude. com certeza já tinham sido interrogadas, provavelmente torturadas, possivelmente mortas. Flick conhecia Diana desde que se lembrava. Teria de contar para o irmão dela, William, o que tinha acontecido. A mãe de Flick ia ficar quase tão chocada quanto William. Ela tinha ajudado a criar Diana.

Começaram a ver os vinhedos, depois os armazéns de champanhe ao

longo dos trilhos, e finalmente chegaram a Reims, alguns minutos depois das quatro horas da tarde de domingo. Como Flick temia, era tarde demais para realizar a missão naquela mesma noite. Isso significava outras vinte e quatro horas de tensão em território ocupado. Também trazia um problema mais específico. Onde as Jackdaws iam passar a noite? Reims não era Paris. Não havia áreas de prostituição com casas de cômodos de má fama, onde os proprietários faziam poucas perguntas, e Flick não sabia de nenhum convento onde as freiras escondiam qualquer pessoa que pedisse refúgio. Não havia ruas estreitas e escuras onde os desprotegidos da sorte dormiam atrás de latas de lixo, ignorados pela polícia.

Flick conhecia três esconderijos possíveis. A casa de Michel, na cidade, o apartamento de Gilberte e a casa de mademoiselle Lemas na rua du Bois. Infelizmente, os três podiam estar sendo vigiados, dependendo do quanto a Gestapo tinha penetrado no circuito Bollinger. Se Dieter Franck estava encarregado da investigação, Flick temia o pior. Não podia fazer nada além de procurar.

– Devemos nos separar outra vez aos pares – ela disse. Quatro mulheres juntas chamam muito a atenção. Ruby e eu iremos primeiro. Greta e Jelly nos acompanharão a cem metros de distância.

Foram até a casa de Michel, não muito longe da estação. Era a casa de Flick também, mas sempre pensava nela como a casa de Michel. Tinha bastante espaço para quatro mulheres. Mas a Gestapo certamente conhecia o lugar. Seria de admirar se nenhum dos homens capturados no último domingo tivesse revelado o endereço, sob tortura.

A casa ficava numa rua movimentada com várias lojas. Andando na calçada, Flick olhava disfarçadamente para dentro dos carros parados, enquanto Ruby verificava as casas e as lojas. A casa de Michel era um prédio alto, numa fileira de elegantes prédios do século XVIII. Tinha um pequeno pátio na frente com uma árvore de magnólia. Tudo estava quieto, sem nenhum movimento nas janelas. Os degraus da frente estavam empoeirados.

Na primeira passagem pela rua, elas não viram nada suspeito. Nenhum trabalhador perfurando a rua, ninguém sentado nas mesas ao ar livre do bar Chez Regis, ninguém encostado num poste lendo jornal.

Voltaram no outro lado da rua. Em frente à padaria, viram um Citroën com tração dianteira, preto, com dois homens dentro, fumando e parecendo entediados.

Flick ficou tensa. Estava com a peruca negra, por isso tinha certeza de

que não a reconheceriam como a jovem da foto do cartaz, mas mesmo assim seu pulso bateu mais forte, e passou por eles apressadamente. Andando na calçada, a todo momento esperava ouvir um grito, mas não aconteceu, e finalmente ela virou a esquina e respirou.

Diminuiu o passo. Seus temores eram justificados. Não podia usar a casa de Michel. Não tinha entrada pelos fundos, uma vez que era parte de um conjunto, sem passagem atrás. As Jackdaws não podiam entrar sem serem vistas pelos homens da Gestapo.

Pensou nas outras duas possibilidades. Michel devia estar ainda no apartamento de Gilberte, a menos que tivesse sido capturado. O prédio tinha entrada pelos fundos. Mas era um apartamento pequeno, e quatro pessoas passando a noite, além de ser extremamente desconfortável, podiam despertar a atenção de outras pessoas do prédio.

O lugar óbvio para passar a noite era a casa na rua du Bois. Flick estivera lá duas vezes. Era uma casa grande com muitos quartos. Mademoiselle Lemas era de confiança e sempre disposta a aceitar hóspedes inesperados. Há anos ela abrigava agentes britânicos, pilotos de aviões derrubados pelo inimigo e prisioneiros de guerra fugitivos. E ela devia saber o que tinha acontecido com Brian Standish.

A casa ficava a dois ou três quilômetros do Centro da cidade. As quatro mulheres começaram a andar, duas a duas, ainda a cem metros de distância.

Chegaram depois de meia hora. A rua du Bois era uma rua quieta de subúrbio: uma equipe de vigilância teria dificuldade para se esconder. Viram apenas um carro estacionado, um impecável Peugeot 201, lento demais para ser da Gestapo. O carro estava vazio.

Flick e Ruby passaram primeiro pela frente da casa de mademoiselle Lemas. Parecia em ordem. O Simca Cinq estava no pátio, o que era incomum, porque ela sempre o deixava na garagem. Flick diminuiu o passo e espiou disfarçadamente para dentro da janela. Não viu ninguém. Mademoiselle Lemas usava aquela sala raramente. Era uma sala de visitas à moda antiga, com o piano imaculadamente limpo, as almofadas sempre afofadas, a porta sempre fechada, a não ser para visitas formais. Seus hóspedes secretos sempre ficavam na cozinha, nos fundos da casa, onde não podiam ser vistos por quem passava na rua.

Quando Flick passou pela porta, viu alguma coisa no chão. Uma escova com cabo de madeira. Sem parar, ela abaixou e pegou a escova.

– Você precisa escovar os dentes? – Ruby perguntou.

– Parece a escova de Paul – ela quase pensou que fosse a de Paul, embora

houvesse centenas delas na França, talvez milhares.

– Você acha que ele pode estar aqui? – Talvez.

– Por que ele viria? – Não sei. Para nos avisar do perigo, talvez.

Deram a volta no quarteirão. Antes de se aproximar da casa outra vez, esperaram que Greta e Jelly as alcançassem.

– Desta vez vamos juntas – ela disse. – Greta e Jelly, batam na porta da frente.

– Graças aos deuses. Meus pés estão me matando – Jelly disse.

– Ruby e eu vamos pelos fundos, só por precaução. Não digam nada sobre nós, apenas esperem nossa volta.

Andaram pela rua outra vez, todas juntas. Flick e Ruby entraram no pátio, passaram pelo Simca Cinq e foram para os fundos da casa. A cozinha ocupava quase toda a largura de trás da casa, com duas janelas e uma porta no meio. Flick esperou até ouvir o som metálico da campainha da porta, então arriscou uma olhada pela janela.

Seu coração parou.

Havia três pessoas na cozinha, dois homens de uniforme e uma mulher alta com farto cabelo ruivo, que definitivamente não era mademoiselle Lemas.

Numa gelada fração de segundo, Flick notou que os três deram as costas para a janela, olhando intrigados na direção da porta da frente.

Então ela se abaixou outra vez.

Pensou rapidamente. Os homens obviamente eram oficiais da Gestapo. A mulher devia ser uma traidora francesa, fazendo-se passar por mademoiselle Lemas. Havia algo vagamente familiar no vestido verde, elegante, de verão.

Flick compreendeu que a casa segura fora traída. Era agora uma armadilha para agentes aliados. O pobre Brian Standish devia ter caído direto na armadilha. Flick imaginou se ele ainda estaria vivo.

com fria determinação, Flick empunhou a pistola. Ruby fez o mesmo.

– Três pessoas – ela disse para Ruby em voz baixa. – Dois homens e uma mulher. – Respirou profundamente. Estava na hora de ser agressiva. – Vamos matar os homens – ela disse. Certo? Ruby assentiu inclinando a cabeça.

Flick agradeceu aos céus pelo sangue-frio de Ruby.

– Prefiro deixar a mulher viva para interrogatório, mas a mataremos se ela tentar escapar.

– Entendido.

– Os homens estão no lado esquerdo da cozinha. A mulher provavelmente vai até a porta. Você fica com esta janela, eu com a outra. Aponte para o homem

que estiver mais perto de você. Atire quando eu atirar.

Ela foi abaixada até a outra janela. Sua respiração estava acelerada e sua cabeça batia como um martelo, mas a mente estava clara como se estivesse jogando xadrez. Não tinha experiência em atirar através de vidro. Resolveu dar três tiros em rápida sucessão, um para quebrar o vidro, o segundo para matar o homem e o terceiro para ter certeza de que o tinha acertado. Destravou a pistola e a segurou apontada para cima. Então, levantou e olhou pela janela.

Os dois homens estavam de frente para a porta que dava para o corredor. Ambos empunhavam pistolas. Flick baixou a arma e apontou para o que estava mais perto dela.

A mulher não estava na cozinha, mas quando Flick olhou outra vez, ela tinha voltado, segurando a porta da cozinha aberta. Greta e Jelly estavam na frente dela, sem suspeitar de nada até verem os homens da Gestapo. Alguma coisa foi dita – Flick não podia ouvir – , então Greta e Jelly levantaram as mãos.

A falsa mademoiselle Lemas entrou na cozinha atrás delas. Vendo-a de frente, Flick teve a impressão de já ter visto aquela mulher antes. Então lembrou. A mulher estava na praça em Santa Cecília, no último domingo, com Dieter Franck. Flick tinha pensado que ela era amante do oficial. Ao que parecia, era mais que isso.

Um momento depois, a mulher viu o rosto de Flick na janela. Abriu a boca, arregalou os olhos e levantou a mão para apontar o que estava vendo. Os dois homens começaram a virar para a janela.

Flick apertou o gatilho. O estampido da arma pareceu simultâneo com o barulho dos vidros quebrando. Segurando a arma apontada com firmeza, Flick atirou mais duas vezes.

Um segundo depois, Ruby atirou.

Os dois homens caíram.

Flick abriu a porta dos fundos e entrou.

A mulher já tinha virado e tentava correr para a porta da frente. Flick ergueu a arma tarde demais. Numa fração de segundo, a mulher estava no corredor, fora da vista de Flick. Então Jelly, com rapidez surpreendente, se atirou contra a porta. Houve um ruído de corpos caindo e de móveis sendo quebrados.

Flick atravessou a cozinha e olhou. Jelly jogara a mulher no chão. Tinha também quebrado as pernas delicadas de uma mesa em forma de rim, despedaçado um vaso chinês que estava em cima da mesa e espalhado por todo lado a folhagem seca que estava no vaso. A mulher lutava para levantar, Flick apontou a pistola para ela, mas não atirou. Jelly, com uma reação extremamente

rápida, segurou a mulher pelos cabelos e bateu a cabeça dela no chão, até a francesa parar de lutar.

A mulher calçava sapatos de cores diferentes, um preto e outro marrom.

Flick virou e olhou para os dois homens da Gestapo no chão da cozinha. Os dois estavam imóveis. Ela apanhou as armas deles e pôs no bolso. Armas de fogo deixadas soltas podiam ser usadas pelo inimigo.

No momento, as quatro Jackdaws estavam seguras.

Flick funcionava à base de adrenalina. Ia chegar a hora, ela sabia, em que ia pensar no homem que acabara de matar. O fim de uma vida era um momento terrível. A solenidade do fato podia ser adiada, mas certamente voltaria. Horas ou dias mais tarde, Flick ia pensar no jovem de uniforme que podia ter deixado uma mulher, que agora estava sozinha, e crianças sem pai. Mas naquele momento ela podia afastar esse pensamento e pensar somente na missão.

– Jelly, fique com a arma apontada para a mulher – ela disse. – Greta, procure alguma corda e a amarre a uma cadeira. Ruby, vá lá em cima e certifique-se que não há mais ninguém na casa. Eu vou verificar o porão.

Desceu a escada para o porão. Lá, no chão sujo, viu um homem amarrado e amordaçado. A mordaça cobria quase todo o rosto, mas Flick viu a orelha cortada por um tiro.

Tirou a mordaça da boca dele, abaixou e o beijou longa e apaixonadamente.

– A melhor recepção de boas-vindas que já tive – ele sorriu.

– Estou com sua escova de dentes.

– Foi a última reação de desconfiança, porque eu não tinha certeza da mulher de cabelos ruivos.

– Só aumentou um pouco mais minhas suspeitas.

– Graças a Deus.

Ela tirou a pequena faca afiada da lapela e começou a cortar as cordas que o prendiam.

– Como você chegou até aqui? – Desci de paraquedas à noite passada.

– Para quê? – O rádio de Brian está definitivamente sendo operado pela Gestapo. Eu quis avisar você.

Ela jogou os braços ao redor dele, em uma manifestação de carinho.

– Estou feliz por você estar aqui. Ele a abraçou e beijou.

– Nesse caso, estou feliz por ter vindo. Eles subiram a escada.

– Veja quem eu encontrei no porão – Flick disse.

As outras mulheres esperavam instruções. Ela pensou por um momento.

Cinco minutos tinham passado desde os tiros. Os vizinhos deviam ter ouvido, mas poucos cidadãos franceses tinham pressa de chamar a polícia naqueles dias, com medo de ter de responder a perguntas nos escritórios da Gestapo. Mesmo assim, ela não ia correr riscos desnecessários. Tinham de sair dali o mais depressa possível.

Olhou, então, para a falsa mademoiselle Lemas, agora amarrada a uma cadeira da cozinha. Sabia o que devia fazer, e seu coração apertou.

– Qual o seu nome? – perguntou.

– Stephanie Vinson.

– Você é amante de Dieter Franck.

A mulher, pálida como um lençol, olhou desafiadoramente para ela, e Flick pensou no quanto ela era bonita.

– Ele salvou a minha vida.

Então foi assim que Franck ganhou a lealdade dela, Flick pensou. Não fazia diferença, um traidor era um traidor, fosse qual fosse o motivo.

– Você trouxe Helicóptero a esta casa para ser capturado. Ela não disse nada.

– Helicóptero está vivo ou morto? – Eu não sei.

Flick apontou para Paul.

– Você o trouxe para cá também. Teria ajudado a Gestapo a capturar todos nós – disse, indignada, pensando no perigo para Paul.

Stephanie baixou os olhos.

Flick foi para trás da cadeira e tirou a arma do bolso.

– Você é francesa, mas colaborou com a Gestapo. Podia ter matado a todos nós.

Os outros, prevendo o que estava para acontecer, recuaram, saindo da linha de fogo.

Stephanie não podia ver a arma, mas sentiu o que estava acontecendo. Murmurou: – O que vai fazer comigo? – Se eu deixar você aqui – Flick disse –, vai dizer a Dieter Franck quantos somos, descrever todos nós e ajudá-lo a nos capturar, para sermos torturados e mortos... não vai? Ela não respondeu.

Flick apontou a arma para a nuca de Stephanie. – Tem alguma desculpa por ajudar o inimigo? – Eu fiz o que tinha de fazer. Não é o que todos fazem? – Exatamente – Flick disse e apertou o gatilho duas vezes. O estampido da arma ecoou no espaço fechado. Sangue e mais alguma coisa espirrou no rosto da mulher e na parte de baixo do vestido verde elegante, e ela caiu para a frente.

Jelly se encolheu e Greta olhou para o outro lado. Até Paul ficou pálido.

Só Ruby estava impassível.

Ficaram em silêncio por um momento. Então, Flick disse: – Vamos sair daqui.

CAPÍTULO 42

ERAM SEIS HORAS DA TARDE quando Dieter estacionou o carro na frente da casa da rua du Bois. Seu carro azul-celeste estava coberto de poeira e de insetos mortos depois da longa jornada. Quando ele desceu, a noite deslizou detrás de uma nuvem e cobriu de sombra a rua do subúrbio. Dieter sentiu um arrepio.

Tirou os óculos de motorista – estava dirigindo com a capota arriada – e passou a mão no cabelo.

– Espere aqui por mim, Hans, por favor – ele disse. Queria ficar sozinho com Stephanie.

Quando abriu o portão e entrou no jardim, notou que o Simca Cinq de mademoiselle Lemas tinha desaparecido. A garagem estava vazia e a porta aberta. Stephanie estaria usando o carro? Mas aonde ela podia ter ido? Devia estar à espera dele, guardada por dois homens da Gestapo.

Ele seguiu pela passagem do jardim e puxou a corda da campainha. O som morreu, deixando a casa estranhamente silenciosa. Dieter olhou pela janela da sala da frente, mas aquela sala estava sempre vazia. Ele tocou outra vez. Nada. Abaixou um pouco para olhar através da caixa de correspondência, na porta, mas não podia ver muita coisa, uma parte da escada, um quadro com a cena de uma montanha suíça e a porta da cozinha, meio aberta. Nenhum movimento.

Olhou para a casa vizinha e viu um rosto se afastar rapidamente da janela e uma cortina voltando ao lugar.

Foi para o lado da casa, atravessou o pátio e o jardim dos fundos. Duas janelas estavam quebradas e a porta dos fundos aberta. O medo apertou seu coração. O que tinha acontecido ali? – Stephanie? – ele chamou. Nenhuma resposta. Dieter entrou na cozinha.

A princípio ele não entendeu o que estava vendo. Uma coisa amarrada na cadeira da cozinha, com barbante comum, doméstico. Parecia o corpo de uma mulher com alguma coisa nojenta em cima. Depois de um momento, sua experiência de policial disse que a coisa nojenta era uma cabeça humana abatida

por um tiro. Então viu os sapatos diferentes da mulher morta, um preto, outro marrom, e compreendeu que era Stephanie. com um rugido de angústia, Dieter cobriu os olhos com as mãos e ajoelhou lentamente, soluçando.

Depois de um minuto, ele tirou as mãos dos olhos e se obrigou a olhar outra vez. O detetive nele notou o sangue na saia do vestido e concluiu que o tiro devia ter partido de trás dela. Talvez misericordioso, ela não teria sofrido o terror de saber que ia morrer. Dois tiros, ele pensou. Eram os orifícios de saída da bala que faziam com que o belo rosto estivesse tão terrivelmente deformado, destruindo os olhos e o nariz, deixando os lábios sensuais manchados de sangue, mas intactos. Se não fosse pelos sapatos, ele não a teria reconhecido. Seus olhos se encheram de lágrimas até Stephanie se tornar um vulto vago na cadeira.

O sentimento de perda era como um ferimento. Dieter jamais tinha sentido um choque como aquele, a certeza de que ela estava morta. Ela não olharia mais para ele com aquele ar orgulhoso, nunca mais faria todas as cabeças se voltarem quando entrava num restaurante, ele jamais a veria calçar as meias finas nas pernas perfeitas. Seu estilo e seu espírito, seus medos e seus desejos, tudo cancelado, eliminado, terminado. Dieter sentiu como se ele tivesse levado o tiro e perdido uma parte de si mesmo. Murmurou o nome dela: pelo menos tinha isso. Então, ouviu uma voz atrás dele. Dieter gritou, sobressaltado.

A voz outra vez, um rosnado mudo, mas humano. Levantou de um salto e virou para trás, enxugando os olhos. Pela primeira vez ele viu os dois homens no chão. Os dois de uniforme. Os homens da Gestapo, guarda-costas de Stephanie. Não conseguiram protegê-la, mas pelo menos tinham dado a vida tentando.

Ou um deles pelo menos.

Um estava imóvel, mas o outro tentava falar. Era um jovem de dezenove ou vinte anos, com cabelos escuros e um pequeno bigode. O boné do uniforme estava no chão ao lado da sua cabeça.

Dieter atravessou a cozinha e ajoelhou ao lado dele. Viu os orifícios de saída das balas no peito. O tiro fora dado por trás. Ele estava numa poça de sangue. Virou a cabeça e moveu os lábios. Dieter aproximou o ouvido da boca do homem.

– Água – o soldado murmurou.

Ele estava morrendo de hemorragia. Sempre pediam água quase no fim, Dieter sabia – tinha visto no deserto. Encontrou uma xícara, encheu com água da torneira e a levou aos lábios do homem. Ele tomou e a água escorreu por seu queixo para a túnica ensanguentada.

Dieter sabia que devia telefonar para o médico, mas precisava saber o que

tinha acontecido. Se demorasse, o homem podia morrer sem dizer o que sabia. Dieter hesitou só um momento. O homem era dispensável. Ele o interrogaria primeiro, depois chamaria o médico.

– Quem foi? – ele disse, inclinando-se outra vez para ouvir o murmúrio do homem agonizante.

– Quatro mulheres – o homem disse com voz rouca e abafada.

– As Jackdaws – Dieter disse, com amargura.

– Duas na frente... duas nos fundos.

Dieter compreendeu. Podia visualizar o curso dos acontecimentos. Stephanie atendendo a porta da frente. Os homens da Gestapo preparados, olhando para o vestíbulo. As terroristas chegaram furtivamente nas janelas da cozinha e atiraram nos homens pelas costas. E então...

– Quem matou Stephanie? – Água...

Controlando com esforço a impaciência, Dieter foi até a pia, encheu outra vez a xícara e a levou aos lábios do homem. Mais uma vez, ele tomou toda a água e suspirou aliviado, um suspiro que acabou com um gemido terrível.

– Quem matou Stephanie? – Dieter repetiu.

– A pequena – o homem da Gestapo disse.

– Flick – Dieter disse, e seu coração se encheu de raiva e desejo de vingança.

O homem murmurou: – Lamento, major...

– Como aconteceu? – Rápido... foi muito rápido.

– Conte.

– Eles a amarraram... disseram que ela era uma traidora... arma atrás da cabeça... e foram embora.

– Traidora? – Dieter disse. O homem balançou a cabeça, assentindo. Dieter conteve um soluço de dor.

– Ela nunca atirou em ninguém pelas costas – ele disse num murmúrio doloroso.

O homem da Gestapo não ouviu. Seus lábios estavam imóveis e ele não respirava mais.

Dieter estendeu a mão direita e fechou os olhos dele com as pontas dos dedos.

– Descanse em paz – ele disse.

Então, de costas para o corpo da mulher que amara, foi para o telefone.

CAPÍTULO 43

FOI DIFÍCIL ACOMODAR TODOS no Simca Cinq. Ruby e Jelly sentaram no banco de trás, e Flick no colo de Greta. Em circunstâncias comuns, elas teriam achado graça naquele arranjo, mas não estavam dispostas a se divertir. Acabavam de matar três pessoas, e tinham chegado muito perto de serem capturadas pela Gestapo. Agora estavam atentas, superalertas, prontas para reagir rapidamente a qualquer coisa. A única coisa que tinham na mente era sobrevivência.

Flick indicou para Paul o caminho para a rua paralela à do apartamento de Gilberte. Flick lembrou de quando esteve ali com o marido ferido, exatamente há sete dias. Disse para Paul ir até o fim da passagem.

– Esperem aqui – ela disse. – Vou verificar.

– Ande depressa – Jelly disse -, pelo amor de Deus.

– Tanto quanto possível. – Flick saiu do carro e correu pela viela, passou por trás da fábrica e chegou à porta. Atravessou o jardim rapidamente e entrou pela porta dos fundos do prédio. O vestíbulo estava vazio, e tudo quieto. Ela subiu silenciosamente a escada para o sótão.

Parou na frente do apartamento de Gilberte. O que viu a apavorou. A porta estava aberta. Fora arrombada e pendia de uma dobradiça. Apurou o ouvido, mas não ouviu nada, e alguma coisa dizia que o arrombamento tinha acontecido há alguns dias. Cautelosamente, entrou no apartamento.

Tinham revistado tudo. Na pequena sala de estar, as almofadas estavam desarrumadas e o armário da cozinha, no canto, aberto. Flick olhou para dentro do quarto e viu a mesma cena. As gavetas da cômoda abertas, a porta do guarda-roupa também e alguém tinha deitado na cama com sapatos sujos.

Foi até a janela e olhou para a rua. Viu, no outro lado da rua, o Citroën com tração dianteira, preto, com dois homens no banco da frente.

Má notícia, Flick pensou, desanimada. Alguém tinha falado e Dieter Franck aproveitou o máximo possível a informação. Seguira a pista que o tinha levado primeiro a mademoiselle Lemas, depois a Brian Standish e, finalmente, a Gilberte. E Michel? Estaria preso? Tudo isso parecia muito provável.

Ela pensou em Dieter Franck. Na primeira vez que Flick viu a curta biografia dele atrás da foto, na ficha do MI6, sentiu um arrepio na espinha. Foi pouco o medo que sentiu então, ela sabia agora. Ele era esperto e persistente. Quase a apanhou em La Chatelle, tinha espalhado cartazes com seu rosto por

toda Paris, capturado e interrogado seus companheiros um depois do outro.

Flick o tinha visto duas vezes só por alguns momentos. Procurou lembrar do rosto dele. Tinha inteligência e energia no olhar, ela pensou, além de determinação que podia facilmente se transformar em crueldade. Tinha certeza de que ele continuava a seguir sua pista. Resolveu ser mais vigilante ainda.

Olhou para o céu. Ela tinha cerca de três horas antes da noite.

Desceu rapidamente a escada e atravessou o jardim de volta ao Simca Cinq na passagem dos fundos do prédio.

– Nada feito – ela disse, assim que entrou no carro. – O apartamento foi revistado e a Gestapo está vigiando a frente.

– Diabos – Paul disse. – Para onde vamos agora? – Sei de mais um lugar que podemos tentar – Flick disse. Vamos para a cidade.

Flick se perguntou quanto tempo mais podiam usar o Simca Cinq cujo motor de 500cc se esforçava para transportar a carga extra. Supondo que os corpos da rua du Bois tinham sido encontrados na última hora, de quanto tempo precisavam para alertar a polícia e os homens da Gestapo, em Reims, para que procurassem o carro de mademoiselle Lemas? Dieter não tinha meios para entrar em contato com os homens que já estavam na rua, mas na primeira mudança de turno todos seriam informados. E Flick não sabia a que horas começava o turno da noite dos vigilantes. Concluiu que quase não tinha mais tempo.

– Vá para a estação – ela disse. – Deixaremos o carro lá.

– Boa ideia – Paul disse. – Talvez assim pensem que saímos da cidade.

Flick vigiava as ruas à procura de carros Mercedes do Exército ou Citroëns pretos da Gestapo. Prendeu a respiração quando passaram por dois gendarmes que patrulhavam as ruas. Mas chegaram ao Centro da cidade sem incidentes. Paul estacionou perto da estação, e eles desceram e se afastaram rapidamente do veículo incriminador.

– Tenho de fazer isto sozinha – Flick disse. – Acho melhor vocês irem para a catedral, esperar por mim lá.

– Todos os meus pecados foram perdoados várias vezes, depois de passar tanto tempo na igreja hoje – Paul disse.

– Pode rezar por um lugar para passar a noite – Flick disse e saiu rapidamente.

Voltou à rua da casa de Michel. Entrou no bar Chez Regis, a cem metros da casa. O proprietário, Alexandre Régis, estava atrás do balcão, fumando. Cumprimentou com uma leve inclinação da cabeça, mas não disse nada.

Flick entrou pela porta marcada "Toaletes". Andou por uma curta

passagem e abriu o que parecia uma porta de armário. Levava a uma escada íngreme. No topo da escada havia uma porta pesada com uma janelinha na parte de cima. Flick bateu e ficou onde seu rosto pudesse ser visto de dentro. Um momento depois, Mémé Régis, a mãe do proprietário, abriu a porta.

Flick entrou numa sala grande, cujas janelas estavam fechadas com cortinas de blackout. Era precariamente decorada com esteiras no chão, paredes pintadas de marrom e várias lâmpadas nuas pendentes do teto. Numa das extremidades da sala havia uma roleta. Em volta de uma grande mesa circular um grupo de homens jogava cartas. Havia um bar num dos cantos. Era um clube de jogo ilegal.

Michel gostava de jogar pôquer com altos cacifes e gostava da companhia de gente estranha, por isso ocasionalmente ele ia à casa de jogo. Flick nunca jogava, mas às vezes assistia ao jogo durante uma hora. Michel dizia que ela dava sorte. Era um bom lugar para se esconder da Gestapo, e Flick esperava encontrá-lo ali, mas ficou desapontada.

– Muito obrigada, Mémé – ela disse para a mãe de Alexandre.

– É bom vê-la. Como vai você? – Bem, viu meu marido? – Ah, o encantador Michel. Não esta noite, infelizmente. Os jogadores não sabiam que Michel era da Resistência.

Flick foi para o bar, sentou numa banqueta e sorriu para a garçonete, uma mulher de meia-idade, com batom vermelho vivo. Era Yvette Régis, mulher de Alexandre. - Você tem scotch? – É claro – Yvette disse. – Para os que podem pagar. Apanhou uma garrafa de Dewar's White Label e serviu uma dose.

Flick disse: – Estou procurando Michel.

– Há mais ou menos uma semana não o vejo – Yvette disse.

– Droga – Flick tomou um gole do scotch. – Vou esperar um pouco, para o caso de ele aparecer.

CAPÍTULO 44

DIETER ESTAVA DESESPERADO. Flick era esperta demais. Conseguiu fugir da sua armadilha. Ela devia estar em algum lugar da cidade de Reims, mas ele não tinha meios para encontrá-la.

Não tinha mais nenhum membro da Resistência para ser seguido, na esperança de que ela entrasse em contato com ele. Todos estavam presos. Dieter

tinha a casa de Michel e o apartamento de Gilberte sob vigilância, mas estava certo de que Flick era muito astuciosa para deixar que os homens comuns da Gestapo a vissem. Os cartazes com a foto dela estavam por toda a cidade, mas ela devia ter mudado a aparência, tingido o cabelo ou coisa assim, pois ninguém a tinha visto até agora. Ela levara a melhor em todos os seus passos.

Ele precisava de um golpe de gênio. E descobriu – ele pensou.

Parou no lado da rua, montado na bicicleta. Estava no Centro da cidade, na frente do teatro. Usava uma boina, óculos de motorista, vestia uma suéter de algodão, e a bainha da calça estava dentro da meia. Dieter estava irreconhecível. Ninguém suspeitaria dele. A Gestapo nunca andava de bicicleta.

Olhou para oeste, apertando os olhos contra o sol poente. Esperava um Citroën preto. Consultou o relógio: alguns minutos mais.

No outro lado da rua, Hans estava sentado em um Peugeot velho, quase no fim da sua vida útil. O motor estava ligado. Dieter não queria correr o risco de o motor não pegar quando chegasse a hora. Hans também estava disfarçado, com óculos escuros e um boné, terno barato e sapatos gastos, como um cidadão francês. Nunca tinha feito nada parecido antes, mas aceitou as ordens com impassível estoicismo.

Dieter também nunca tinha feito aquilo. Não tinha ideia se ia funcionar ou não. Tudo podia dar errado e tudo podia acontecer.

O plano de Dieter era desesperador, mas o que tinha a perder? Terça-feira seria noite de lua cheia. Tinha certeza de que os aliados estavam para invadir a França.

Flick era o grande prêmio. Valia correr o risco.

Ganhar a guerra não era mais o que ocupava sua mente. Seu futuro estava destruído. Pouco se importava com quem ia governar a Europa. Pensava constantemente em Flick Clairet. Flick arruinou sua vida quando matou Stephanie. Ele queria encontrar Flick, capturá-la e levá-la para o porão do castelo. Lá, iria saborear a satisfação da vingança. Pensava constantemente em como a torturaria: as barras de ferro quebrando os ossos pequenos, a máquina de choque elétrico no máximo da potência, as injeções que a deixariam indefesa, com ânsias de vômito, o banho de gelo que provocaria convulsões de frio, congelando as pontas dos dedos. Destruir a Resistência e repelir os invasores era apenas parte da punição que reservava para Flick. Mas, antes, precisava encontrá-la. Viu ao longe o Citroën preto.

Olhou atentamente. Seria o que esperava? Era um modelo duas portas, que sempre usavam para transportar prisioneiros. Tentou olhar para dentro do

carro. Pensou ter visto quatro pessoas. Era o carro que ele esperava. Chegou mais perto e reconheceu o belo rosto de Michel no banco traseiro, guardado por um homem da Gestapo uniformizado. Dieter ficou tenso.

Dieter ficou satisfeito por ter dado ordens para que Michel não fosse torturado enquanto ele estivesse fora da cidade. Seu plano não teria sido possível de outro modo.

Quando o Citroën emparelhou com Dieter, Hans rapidamente saiu com o velho Peugeot. O carro entrou na rua, lançou-se adiante e bateu na frente do Citroën.

Depois do barulho de metal amassado e de vidros quebrados, os dois homens da Gestapo saltaram do Citroën e começaram a gritar com Hans em péssimo francês – aparentemente 390 sem notar que o companheiro deles no banco de trás parecia ter batido a cabeça e estava inconsciente ao lado do prisioneiro.

Aquele era o momento crítico, Dieter pensou, com os nervos tensos. Michel morderia a isca? Olhou para a cena no meio da rua.

Michel levou um longo momento para perceber a oportunidade. Dieter quase pensou que ele não ia notar. Mas, então, ele pareceu acordar. Estendeu o braço, abriu a porta da frente com as mãos amarradas, empurrou para baixo o banco e saiu do carro.

Olhou para os homens da Gestapo ainda discutindo com Hans, de costas para ele. Virou e se afastou rapidamente. Seu rosto dizia que ele mal podia acreditar em tanta sorte.

O coração de Dieter saltou triunfante. Seu plano estava funcionando.

Ele seguiu Michel.

Hans seguiu Dieter, a pé.

Dieter pedalou por alguns metros, alcançou Michel, desceu da bicicleta e começou a empurrá-la na calçada. Michel virou a primeira esquina, mancando um pouco por causa do ferimento, mas movendo-se rapidamente, com as duas mãos na frente do corpo, procurando esconder as cordas. Dieter o seguiu discretamente, às vezes andando, às vezes pedalando, evitando ser visto por Michel sempre que possível, escondendo-se atrás de veículos. Michel ocasionalmente olhava para trás, mas não tentou sistematicamente se livrar de um perseguidor. Não tinha ideia de estar sendo enganado.

Depois de alguns minutos, Hans passou na frente de Dieter, conforme combinado, e Dieter seguiu atrás dele. Em seguida trocaram de posição outra vez.

Para onde Michel iria? Era essencial para o plano de Dieter que Michel o levasse a outros membros da Resistência, para outra vez descobrir a pista de Flick.

Para surpresa de Dieter, Michel foi para sua casa, perto da catedral. Certamente ele devia suspeitar que sua casa estava sendo vigiada? Mesmo assim, ele entrou na rua. Mas em vez ir para sua antiga casa, entrou em um bar do outro lado da chamado Chez Regis.

Dieter encostou sua bicicleta no muro do prédio vizinho, a loja abandonada com uma tabuleta desbotada que dizia Charcuterie. Esperou alguns minutos, só no caso de Michel sair imediatamente. Quando viu que ele não ia sair logo, resolveu entrar.

Ele só queria se certificar de que Michel ainda estava lá confiando nos óculos e na boina para esconder sua identidade. Compraria um maço de cigarros como pretexto e sairia outra vez. Mas Michel não estava em lugar algum. Intrigado, Dieter hesitou.

O homem do bar disse: – Sim, senhor? – Cerveja – Dieter disse. – Chope. – Esperava que, se mantivesse a conversa no mínimo, o homem não notaria o leve sotaque alemão e o aceitaria como um ciclista com sede.

– É para já.

– Onde é o banheiro? O homem apontou para uma porta no canto. Dieter entrou. Michel não estava no banheiro. Dieter arriscou uma olhada no banheiro das senhoras. Vazio. Abriu o que parecia a porta de um armário e viu uma escada. Subiu. No topo da escada, viu uma porta pesada com uma janelinha. Bateu na porta, mas ninguém atendeu. Ele escutou por um momento. Não ouvia nada, mas a porta era grossa. Estava certo de que havia alguém no outro lado, olhando para ele pela abertura, constatando que ele não era cliente da casa. Tentou agir como se tivesse entrado no lugar errado a caminho do banheiro. Cocou a cabeça, deu de ombros e desceu a escada.

Nenhum sinal de uma entrada nos fundos. Michel estava ali, Dieter tinha certeza, na sala trancada. Mas o que ele podia fazer? Levou o copo de cerveja para uma mesa para que o homem do bar não começasse a conversar. A cerveja era aguada e sem gosto. Mesmo na Alemanha, a qualidade da cerveja tinha caído com a guerra. Dieter se obrigou a tomá-la toda, e saiu.

Hans estava no outro lado da rua, olhando a vitrine de uma livraria. Dieter atravessou a rua.

– Ele está numa espécie de sala particular, lá em cima disse para Hans. – Pode estar com outros membros da Resistência. Por outro lado, pode ser um

bordel ou coisa parecida, e não quero prendê-lo antes que nos leve a alguém que valha a pena.

Hans balançou a cabeça afirmativamente, compreendendo o dilema.

Dieter tomou uma decisão. Era cedo demais para prender novamente Michel.

– Quando ele sair, vou atrás dele. Assim que estivermos fora de vista, você pode dar uma batida no lugar.

– Sozinho? Dieter apontou para os dois homens da Gestapo no Citroën, que vigiavam a casa de Michel.

– Peça ajuda a eles.

– Tudo bem.

– Tente fazer com que pareça uma ação contra o vício, prenda as prostitutas, se houver. Não mencione a Resistência.

– Tudo bem.

– Até então, nós esperamos.

CAPÍTULO 45

FLICK ESTAVA PESSIMISTA, até o momento em que Michel entrou na sala.

Sentada no bar do pequeno cassino improvisado, falando sobre trivialidades com Yvette, olhando indiferente para os homens concentrados nas cartas, nos dados e na roleta. Ninguém prestava muita atenção a ela, eram jogadores sérios e não se deixavam distrair por um rosto bonito.

Se não encontrasse Michel, teria um sério problema. As outras Jackdaws estavam na catedral, mas não podiam ficar lá a noite toda. Podiam dormir ao ar livre – sobreviveriam ao tempo, em junho -, mas podiam ser facilmente apanhadas pela Gestapo.

Também precisavam de transporte. Se não conseguissem um carro ou uma van, com o circuito Bollinger, teriam de roubar um. Mas então seriam obrigadas a desempenhar a missão usando um veículo procurado pela polícia. Era mais um perigo para uma incumbência já tão perigosa.

Havia outra razão para seu desânimo. A imagem de Stephanie Vinson não saía da sua mente. Foi a primeira vez que Flick matou um cativo amarrado e indefeso, e a primeira vez que matava uma mulher.

Qualquer morte a perturbava profundamente. O homem da Gestapo, que

matara alguns minutos antes de Stephanie, era um combatente e empunhava uma arma, mas mesmo assim parecia terrível para ela ter posto fim à vida dele. O mesmo tinha acontecido com os outros homens que tinha matado. Dois policiais da milícia, em Paris, o coronel da Gestapo, em Lille, e um traidor francês, em Rouen. Mas Stephanie foi a pior. Flick encostou a arma na nuca da mulher e a executou. Exatamente como ensinava nos cursos de treinamento do SOE. Stephanie merecia, é claro – Flick não tinha dúvida. Mas, e quanto a ela, Flick? Que tipo de pessoa era capaz de matar a sangue-frio uma prisioneira indefesa? Teria se tornado um carrasco frio? Acabou de tomar o scotch, mas declinou o oferecimento de uma segunda dose, com medo de ficar sentimental. Então Michel entrou.

O alívio de Flick foi enorme. Michel conhecia todos os lugares da cidade. Poderia ajudá-la. De repente a missão parecia possível outra vez.

com afeição, olhou para o homem magro com a jaqueta amarrotada, o rosto bonito, os olhos sorridentes. Sempre ia gostar dele, Flick pensou. Sentiu uma tristeza dolorosa lembrando o amor apaixonado que tivera por Michel. Isso nunca mais voltaria, Flick tinha certeza.

Quando ele se aproximou, Flick viu que ele não parecia estar bem. O rosto mostrava ter adquirido novas rugas. Seu coração se encheu de compaixão. Via o cansaço e o medo no rosto dele, e Michel parecia ter cinquenta anos e não trinta e cinco, ela pensou, ansiosa.

Mas sua maior ansiedade foi lembrar que teria de dizer a ele que o casamento estava acabado. Flick sentiu medo. Sentiu a ironia da situação: acabava de matar um homem da Gestapo e uma traidora francesa, e estava em missão secreta em um território ocupado, e o que mais temia era magoar os sentimentos do marido.

Foi enorme a alegria de Michel ao vê-la.

– Flick! – ele exclamou. – Eu sabia que você chegaria aqui! – Atravessou a sala, ainda mancando por causa do ferimento a bala.

Ela disse em voz baixa: – Eu estava com medo de que você tivesse sido capturado pela Gestapo.

– Eu fui! – ele virou de costas para a sala e mostrou a corda grossa que amarrava seus pulsos.

Flick tirou a faca pequena da lapela e discretamente as cortou. Os jogadores não viram. Ela guardou a faca.

Mémé Régis viu Michel quando ele estava guardando as cordas no bolso da calça. Ela o abraçou e beijou nos dois lados do rosto. Flick o viu flertar com a

velha mulher, falando com ma voz de "vamos para a cama", dando a ela o benefício do seu sorriso sexy. Então Mémé voltou ao trabalho de servir drinques para os jogadores, e Michel contou para Flick como tinha escapado. Ela teve medo que ele quisesse beijá-la apaixonadamente, e não sabia o que podia fazer, mas Michel estava muito concentrado nas próprias aventuras para ser romântico.

– Eu tive muita sorte – ele terminou. Sentou numa banqueta, esfregando os pulsos, e pediu uma cerveja.

– Sorte demais, talvez – Flick disse.

– Como assim? – Pode ter sido um truque.

Michel ficou indignado, sem dúvida com a insinuação de que tinha sido ingênuo.

– Acho que não – ele disse.

– Pode ter sido seguido até aqui? – Não – ele disse com firmeza. – Eu verifiquei, é claro. Flick ficou preocupada, mas deixou passar.

– Então Brian Standish está morto e três outros estão presos: mademoiselle Lemas, Gilberte e o Dr. Bouler.

– O resto está morto. Os alemães liberaram os corpos dos que foram mortos no ataque de domingo. E os sobreviventes, Gaston, Geneviève e Bertrand, foram fuzilados na praça de Santa Cecília.

– Bom Deus.

Ficaram em silêncio por um momento. Flick sentia o peso das vidas perdidas e do sofrimento infligido por causa da missão.

A cerveja de Michel chegou. Ele tomou a metade de um gole e enxugou os lábios.

– Suponho que você tenha voltado para outra tentativa de ataque ao castelo.

Flick inclinou a cabeça, assentindo.

– Mas, por segurança, a história é que vamos explodir um túnel da estrada de ferro em Maries.

– Uma boa ideia, de qualquer modo devemos fazer isso.

– Não agora. Duas da minha equipe foram capturadas em Paris e devem ter falado. Devem ter contado essa história, não tinham ideia da missão verdadeira – e os alemães com certeza dobraram a guarda no túnel. Deixaremos isso para a RAF e nos concentraremos em Santa Cecília.

– O que posso fazer? – Precisamos de um lugar para passar a noite. Michel pensou por um momento.

– A adega de Joseph Laperrière.

Laperrière era fabricante de champanhe. A tia de Michel, Antoinette, tinha sido secretária dele.

– Ele é um de nós? – Simpatizante. – Michel sorriu com amargura. – Todo mundo é simpatizante agora. Todos pensam que a invasão está próxima. – Olhou para ela interrogativamente. – Imagino que estejam certos...

– Sim – ela disse. Não deu mais nenhuma informação. Que tamanho tem a adega? Somos cinco.

– É grande, pode acomodar cinco pessoas.

– Ótimo. Outra coisa de que preciso é um veículo para amanhã.

– Para levá-las a Santa Cecília? – E mais adiante, para encontrar o avião que virá nos apanhar, se ainda estivermos vivas.

– Sabe que não pode usar a área de Chatelle, não sabe? A Gestapo já descobriu, foi onde me prenderam.

– Sim, sei. O avião vai para Laroque. Eu dei instruções.

– A plantação de batatas. Ótimo.

– E o veículo? – Philippe Moulier tem uma van. Ele entrega carne para todas as bases alemãs. Segunda-feira é seu dia de folga.

– Lembro dele, Philippe é a favor dos nazistas.

– Ele era. E há anos vem ganhando dinheiro deles. Agora está apavorado, temendo que, se a invasão tiver sucesso, depois que os alemães forem embora, o tratem como colaborador. Está desesperado para nos ajudar, para provar que não é um traidor. Vai nos emprestar a van.

– Leve-a para a adega amanhã, às dez horas da noite.

Ele tocou no rosto dela.

– Não podemos passar a noite juntos? – Michel disse, com antigo sorriso encantador, como sempre.

Flick sentiu uma emoção familiar, mas não tão forte quanto antigamente. Houve um tempo em que aquele sorriso a excitava. Agora, era como a lembrança de um desejo.

Queria contar a verdade, pois detestava não ser completamente honesta. Mas isso podia prejudicar a missão. Precisava da cooperação de Michel. Ou seria apenas um pretexto? Talvez não tivesse coragem.

– Não – ela disse. – Não podemos passar a noite juntos. Michel ficou desapontado.

– É por causa de Gilberte? Ela assentiu com um gesto, mas não podia mentir, e se surpreendeu dizendo: – Bem, em parte.

– Qual é a outra parte? – Na verdade não quero discutir isso no meio de

uma missão importante.

Michel pareceu vulnerável, quase assustado.

– Você encontrou outra pessoa? Flick não podia magoá-lo.

– Não – ela mentiu. Michel olhou para ela.

– Ótimo – ele disse, depois de algum tempo. – Fico feliz com isso.

Naquele momento Flick se detestou. Michel terminou a cerveja e levantou. – A adega de Laperrière fica no caminho de Ia Carrière. Trinta minutos a pé.

– Conheço a rua.

– Acho melhor eu falar com Moulier sobre a van. – Abraçou Flick e a beijou nos lábios.

Flick se sentiu horrível. Ela não podia recusar o beijo depois de dizer que não tinha outra pessoa, mas beijar Michel parecia uma deslealdade com Paul. Fechou os olhos e esperou Passivamente que ele a soltasse do abraço.

Michel notou a falta de entusiasmo. Olhou pensativamente para ela, por um momento.

– Vejo você às dez horas da manhã – ele disse, e se foi. Flick resolveu esperar cinco minutos para sair. Pediu outro scotch para Yvette.

Enquanto tomava o drinque, uma luz vermelha começou a piscar acima da porta.

Ninguém falou, mas todos na sala se moveram ao mesmo tempo. O crupiê parou a roleta e a virou de cabeça para baixo, de modo a parecer um tampo de mesa comum. Os homens que jogavam cartas apanharam o dinheiro e vestiram os paletós. Yvette apanhou os copos de cima do bar e os jogou na pia. Mémé Régis apagou as luzes, deixando a sala iluminada somente pela luz vermelha acima da porta.

Flick pegou a bolsa do chão e segurou a arma.

– O que está acontecendo? – perguntou para Yvette.

– Batida policial – ela disse.

Flick praguejou. Que falta de sorte ser presa por jogo ilegal.

– Alexandre, lá embaixo, nos avisou – Yvette explicou. Vá embora, depressa! – Apontou para o outro lado da sala.

Flick olhou e viu Mémé Régis entrando no que parecia um armário. Mémé afastou alguns casacos velhos dependurados, revelando no fundo do armário uma porta, que ela abriu rapidamente. Os jogadores começaram a sair por ali. Talvez, Flick pensou, fosse possível fugir.

A luz vermelha apagou e começaram a bater na porta de entrada da sala.

Flick atravessou a sala no escuro e entrou no armário com os outros. O assoalho era cerca de uns trinta centímetros mais baixo do que tinha calculado, e ela pensou que devia ser o apartamento em cima da loja vizinha. Todos desceram a escada e foram dar na charcuterie abandonada, com um balcão de mármore manchado e caixas de vidro vazias. A persiana da janela da frente estava fechada de modo que não se via nada da rua.

Saíram todos pela porta dos fundos para um pátio sujo, cercado por um muro alto. Uma porta no muro dava para uma passagem estreita que levava à rua mais próxima. Quando chegaram à rua, os homens se separaram.

Flick começou a andar rapidamente, e logo estava sozinha. Ofegante, ela se orientou e seguiu para a catedral, onde as outras Jackdaws esperavam.

– Meu Deus – ela murmurou -, foi por pouco.

Retomando o fôlego, ela começou a ver a batida no clube de jogo sob uma luz diferente. Aconteceu alguns minutos depois da saída de Michel. Flick não acreditava em coincidência.

Quanto mais pensava, mais se convencia de que fosse quem fosse que estava batendo na porta estava à sua procura. Sabia que um pequeno grupo de homens jogava com cacifes altos naquela sala antes da guerra. A polícia local certamente também sabia. Por que, de repente, teriam decidido fechar o clube? Se não era a polícia, devia ser a Gestapo, e eles não estavam interessados em jogadores. Estavam atrás de comunistas, judeus, homossexuais... e espiões.

A história da fuga de Michel pareceu suspeita desde o começo, mas ela em parte se tranquilizou com a insistência dele em garantir que não fora seguido. Mas agora pensava diferente. A fuga dele devia ter sido planejada, como a "salvação" de Brian Standish. Ela viu o cérebro astuto de Dieter Franck em tudo aquilo. Alguém tinha seguido Michel até o café, deduzido a existência de uma sala secreta no andar superior e esperado encontrar Flick.

Nesse caso, Michel ainda estava sendo vigiado. Se ele continuasse a ser descuidado, seria seguido até a casa de Philippe Moulier naquela noite, e de manhã, dirigindo a van, seria seguido até o porão da adega de champanhe, onde as Jackdaws estariam escondidas.

E que diabo, Flick pensou, vou fazer agora?



O NONO DIA
Segunda-feira, 5 de junho de 1944

CAPÍTULO 46

A DOR DE CABEÇA DE DIETER começou logo depois da meia-noite e, no quarto do hotel Frankfort, ele olhou para a cama que nunca mais ia partilhar com Stephanie. Sentiu que, se pudesse chorar, a dor desapareceria, mas nenhuma lágrima chegou aos seus olhos. Aplicou a injeção de morfina e adormeceu sobre a colcha da cama.

O telefone o acordou antes do nascer do dia. Era Walter Goedel, o ajudante de ordens de Rommel. Ainda sonolento, Dieter perguntou: – A invasão começou? – Não hoje – Goedel respondeu. – O tempo não está bom no canal da Mancha.

Dieter sentou na cama e balançou a cabeça para clarear as ideias.

– O que é, então? – A Resistência evidentemente esperava alguma coisa. Nesta noite houve um recrudescimento dos atos de sabotagem em todo o Norte da França. – A voz de Goedel, sempre fria, estava gelada. – Era sua tarefa evitar isso. O que está fazendo na cama? Apanhado de surpresa, Dieter procurou recuperar a pose natural.

– Estou na pista de uma das líderes mais importantes da Resistência – ele disse, tentando não parecer que ele estava se desculpando pelo seu fracasso. – Eu quase a peguei à noite passada. Vou prendê-la hoje. Não se preocupe... amanhã cedo estaremos prendendo centenas de terroristas. Eu prometo. Imediatamente se arrependeu do tom de súplica das duas últimas palavras. Goedel não se abalou.

– Depois de amanhã, provavelmente, será tarde demais.

– Eu sei... – Dieter parou. A linha ficou muda. Goedel tinha desligado.

Segurando o telefone contra o ombro, Dieter olhou para o relógio. Eram quatro horas. Levantou da cama.

A dor de cabeça tinha desaparecido, mas ele estava nauseado por causa da morfina ou do telefonema desagradável. Tomou três aspirinas com um copo de

água e começou a fazer a barba. Enquanto ensaboava o rosto, pensava nos eventos da noite anterior, perguntando se teria feito todo o possível.

Deixando o tenente Hesse no lado de fora do Chez Regis, seguira Michel Clairet até a casa de Philippe Moulier, fornecedor de carne fresca aos restaurantes e cozinhas do Exército alemão. Tinha uma loja na frente, com a residência em cima e um pátio ao lado. Dieter vigiou a casa durante uma hora, mas ninguém saiu.

Convencido de que Michel pretendia passar a noite ali, Dieter procurou um bar e telefonou para Hans Hesse. Hans arranjou uma motocicleta e juntou-se a ele no lado de fora da casa de Moulier às dez horas. O tenente contou a Dieter a história da sala inexplicavelmente vazia em cima do Chez Régis.

– Devem ter um sistema de alarme – Dieter imaginou. – O homem do bar aciona o alarme se aparecer alguém.

– Acha que a Resistência estava usando o local? – Provavelmente. Creio que o Partido Comunista costumava se reunir lá e a Resistência tomou o lugar dele.

– Mas como fugiram a noite passada? – Um alçapão debaixo de um tapete, alguma coisa assim...os comunistas deviam estar preparados para qualquer problema. Prenderam o homem do bar? – Prendemos todos que estavam lá. Estão no castelo, agora. Dieter, então, deixou Hans vigiando a casa de Moulier e foi para Santa Cecília. Interrogou o apavorado proprietário, Alexandre Régis, e em poucos minutos ficou sabendo que sua suspeita estava errada. O lugar não era esconderijo da Resistência nem local de reunião dos comunistas, mas um clube ilegal de jogo. Mesmo assim, Alexandre confirmou que Michel Clairet estivera lá naquela noite. E, ele disse, tinha se encontrado com a mulher.

Era outro desapontamento para Dieter ter chegado tão perto. Tinha capturado os membros da Resistência, um depois do outro, mas Flick continuava a enganá-lo.

Terminou de fazer a barba, enxugou o rosto e telefonou para o castelo, pedindo um carro com motorista e dois homens da Gestapo. Vestiu-se e foi à cozinha do hotel para apanhar uma dúzia de croissants quentes, que enrolou em um guardanapo de linho. Então saiu para o frio do começo da manhã. As torres da catedral estavam prateadas com a luz do alvorecer. Um dos Citroën velozes da Gestapo o esperava.

Deu ao motorista o endereço de Moulier. Encontrou Hans vigiando, na entrada de um armazém, a cinquenta metros da casa. Ninguém tinha entrado ou

saído a noite toda, Hans disse, portanto Michel devia ainda estar lá dentro. Dieter mandou o motorista esperar depois da próxima esquina e ficou ao lado de Hans, os dois comendo os croissants e vendo o sol subir acima dos telhados da cidade.

Foi uma longa espera. Dieter tentava controlar a impaciência, à medida que os minutos e as horas passavam sem que nada acontecesse. A perda de Stephanie pesava no seu coração, mas tinha se restabelecido do choque inicial e recuperado o interesse na guerra. Pensou nas forças aliadas reunidas em algum lugar do Sul ou do Leste da Inglaterra, navios cheios de homens e de tanques, ávidos para transformar as cidadezinhas quietas da costa do Norte da França em campos de batalha. Pensou nos sabotadores franceses – armados até os dentes, graças aos lançamentos de paraquedas de armas, munição e explosivos – prontos para atacar por trás os defensores alemães, apunhalá-los pelas costas e impedir fatalmente que pudesse manobrar seu exército. Sentiu-se tolo e parado na frente de uma porta, em Reims, esperando que um terrorista amador acabasse de tomar seu desjejum. Hoje, talvez ele seria levado ao coração da Resistência, tudo que tinha era esperança.

Passava das nove horas quando a porta da frente abriu.

– Até que enfim – Dieter respirou. Saiu do meio da calçada para não ser visto. Hans apagou o cigarro.

Michel saiu do prédio acompanhado por um garoto de uns dezessete anos que, Dieter supôs, podia ser um filho de Moulier. O garoto abriu o cadeado com a chave e depois o portão do pátio, onde Dieter viu uma van preta e limpa com letras brancas no lado que diziam *Moulier & Fils – Viandes*. Michel entrou na van.

Dieter se entusiasmou. Michel estava tomando emprestada uma van de entrega. Tinha de ser para as Jackdaws.

– Vamos! – ele disse.

Hans correu para a motocicleta, estacionada no meio-fio e de costas para a rua, e fingiu examinar o motor. Dieter correu para a esquina, fez sinal para o motorista da Gestapo para ligar o motor, e depois continuou a vigiar Michel.

Michel saiu do pátio e seguiu pela rua.

Hans ligou a moto e o seguiu. Dieter entrou no carro e mandou o motorista seguir Hans.

Rumaram para o leste. Dieter, no banco do passageiro do Citroën preto da Gestapo, olhava ansioso para a frente. A van de Moulier era fácil de seguir, com teto alto e uma entrada para ar em cima, como uma chaminé. Aquela pequena entrada de ar vai me levar a Flick, Dieter pensou, com otimismo.

A van diminuiu a marcha no caminho de La Carrière e parou no pátio de uma casa de champanhe chamada Laperrière. Hans passou direto e virou na primeira esquina, e o motorista de Dieter o seguiu. Pararam e Dieter saltou do carro.

– Acho que as Jackdaws passaram a noite aqui – Dieter disse.

– Devemos dar uma batida, então? – Hans disse, com avidez. Dieter pensou por um momento. Era o mesmo dilema da véspera, no lado de fora do café. Flick podia estar lá dentro. Mas, se ele fosse muito apressado, podia fazer com que a utilidade de Michel como isca fosse prematuramente terminada.

– Ainda não – ele disse. Michel era sua última esperança. Era muito cedo para perder aquela arma – Vamos esperar.

Dieter e Hans foram até o fim da rua e ficaram vigiando a asa de Laperrière. Era uma casa alta e elegante, com um pátio cheio de barris vazios e um prédio industrial baixo, com telhado plano. Dieter calculou que a adega devia ficar debaixo daquele telhado. A van de Moulier estava estacionada no pátio.

O pulso de Dieter estava disparado. A qualquer momento agora, Michel ia aparecer com Flick e as outras Jackdaws, ele calculou. Entrariam na van, prontas para se dirigir ao alvo, e Dieter e a Gestapo os prenderiam.

Enquanto vigiavam, Michel saiu do prédio baixo. Parecia preocupado e parou no pátio, indeciso, olhando em volta, perplexo. Hans disse: – O que há com ele? O coração de Dieter apertou. – Alguma coisa que ele não esperava. – Certamente Flick não tinha fugido outra vez.

Depois de um momento, Michel subiu os poucos degraus da frente da casa e bateu na porta. Uma empregada com touca branca o fez entrar.

Ele saiu outra vez alguns minutos depois. Ainda parecia intrigado, mas não mais hesitante. Foi até a van, entrou e fez a volta.

Dieter praguejou. Aparentemente as Jackdaws não estavam ali. Michel parecia tão surpreso quanto Dieter, mas isso não servia de consolo.

Dieter precisava descobrir o que tinha acontecido ali.

– Faremos o mesmo que na noite passada – disse para Hans –, só que desta vez você segue Michel e eu dou a batida na casa.

Hans ligou o motor da moto.

Dieter viu Michel se afastar com a van, acompanhado por Hans a uma distância discreta. Quando desapareceram, ele chamou os três homens da Gestapo e caminhou rapidamente para a casa de Laperrière.

Apontou para dois dos homens.

– Revistem a casa. Certifiquem-se de que ninguém saia. Virou para o

terceiro homem e disse: – Você e eu revistaremos a fábrica de vinhos. – Foi direto para o prédio baixo.

No andar térreo havia uma grande prensa de uvas e três enormes toneis. A prensa estava imaculadamente limpa. Faltavam três ou quatro meses para a colheita. Viram só um velho limpando o chão. Dieter encontrou a escada e desceu. No subsolo frio, havia mais atividade, garrafas eram tiradas de uma prateleira e viradas por homens de camisas azuis. Pararam e olharam para os intrusos.

Dieter e o homem da Gestapo revistaram uma sala depois da outra, cheias de garrafas de champanhe, milhares delas, algumas enfileiradas contra as paredes, outras de lado, com os gargalos para baixo em armações especiais em forma de A. Mas não havia nenhuma mulher. Em uma alcova, no fim do último túnel, Dieter encontrou migalhas de pão, cigarros fumados e uma fivela de cabelo. Seus piores temores estavam assim confirmados. As Jackdaws tinham passado a noite ali. Mas haviam escapado.

Procurou em volta alguma coisa para descarregar a raiva. Os homens que trabalhavam ali provavelmente não sabiam coisa alguma sobre as Jackdaws, mas o dono devia ter dado permissão para que elas se escondessem na sua casa. Ele sofreria por isso. Dieter voltou ao andar térreo, atravessou o pátio e foi para a casa. Um homem da Gestapo abriu a porta.

– Estão todos na sala da frente – ele disse.

Dieter entrou numa sala grande e graciosa, com móveis elegantes mas velhos, cortinas pesadas que há anos não eram limpas, um tapete muito usado, uma longa mesa de jantar com doze cadeiras. Os criados, apavorados, estavam de pé numa extremidade da sala: a empregada que abriu a porta, um homem idoso, que parecia mordomo com seu terno preto puído, e uma mulher gorda de avental, que devia ser a cozinheira. Um homem da Gestapo apontava uma pistola para eles. Na cabeceira da mesa estava uma mulher magra, de uns cinquenta anos, cabelo grisalho, com um vestido de verão de seda amarelo-claro. Sua expressão era de calma superioridade.

Dieter perguntou em voz baixa para o homem da Gestapo: – Onde está o marido? – Ele saiu às oito horas. Eles não sabem para onde foi. É esperado para o almoço.

Dieter olhou furioso para a mulher.

– Madame Laperrière? Ela inclinou a cabeça gravemente, assentindo, mas não se dignou a responder.

Dieter resolveu abalar aquela dignidade. Alguns oficiais alemães tratavam

com deferência os franceses da classe alta, mas Dieter achava que eles eram idiotas. Não ia dar a ela a satisfação de atravessar a sala para conversar.

– Tragam a mulher até aqui – ele disse.

Um dos homens falou com ela. Lentamente, a mulher levantou e se aproximou de Dieter.

– O que você quer? – ela perguntou.

– Um grupo de terroristas da Inglaterra escapou ontem depois de matar dois oficiais alemães e uma civil francesa.

– Lamento ouvir isso – disse madame Laperrière.

– Eles amarraram a mulher e atiraram na sua nuca à queima-roupa – ele continuou. – O cérebro dela espirrou no vestido.

Ela fechou os olhos e virou a cabeça. Dieter continuou: – A noite passada, seu marido abrigou esses terroristas na adega. Sabe de algum motivo pelo qual ele não deva ser enforcado? Atrás dele, a empregada começou a chorar. Madame Laperrière estava chocada. Ficou muito pálida e sentou de repente.

– Não, por favor – ela murmurou.

– Pode ajudar seu marido – Dieter disse – dizendo o que sabe.

– Não sei nada – ela disse em voz baixa. – Eles chegaram depois do jantar e saíram antes do dia nascer. Eu não os vi.

– Como foram embora? Seu marido arranjou um carro para eles? Ela balançou a cabeça.

– Não temos gasolina.

– Então, como entregam o champanhe que fabricam? – Nossos fregueses vêm até nós.

Dieter não acreditou. Tinha certeza de que Flick precisava de transporte. Por isso Michel pedira emprestada a van de Philippe Moulier e a levou até ali. Mas, quando chegou, Flick e as Jackdaws tinham ido embora. Deviam ter encontrado meios alternativos de transporte e resolveram seguir caminho. Sem dúvida, Flick tinha deixado uma mensagem explicando a situação e dizendo a Michel onde deviam se encontrar.

– Está querendo que eu acredite que eles saíram daqui a pé? – Dieter disse: – Não – ela respondeu. – Estou dizendo que não sei. Quando acordei, já tinham ido embora.

Dieter achou que ela mentia, mas conseguir a verdade levaria tempo e paciência, e ele estava quase sem nenhum dos dois.

– Prenda todos – ele disse, e a frustração dava um tom isolente à sua voz.

O telefone tocou no corredor. Dieter saiu da sala de jantar e atendeu.

Uma voz com sotaque alemão disse: – Quero falar com o major Franck.

– Está falando.

– Aqui fala o tenente Hesse, major.

– Hans, o que aconteceu? – Estou na estação. Michel estacionou a van e comprou passagem para Maries. O trem está para sair.

Exatamente como Dieter tinha pensado. As Jackdaws tinham seguido viagem e deixaram instruções para Michel juntar-se a elas. Planejavam ainda explodir o túnel da ferrovia. Frustrado, Dieter teve de admitir que Flick continuava um passo na sua frente. Mas não conseguira ainda escapar completamente. Ele continuava na pista dela. Logo a apanharia.

– Tome o trem, depressa – ele disse para Hans, e desligou. Dieter voltou para a sala de jantar.

– Telefonem para o castelo e peçam transporte – ele disse para os homens da Gestapo. – Entreguem todos os prisioneiros ao Becker para o interrogatório. Diga para ele começar com a madame. – Apontou para o motorista. – Você pode me levar a Maries.

CAPÍTULO 47

NO CAFÉ DE LA GARE, perto da estação da estrada de ferro, Flick e Paul tomaram café adulterado e comeram pão preto e salsicha com pouca ou nenhuma carne. Ruby, Jelly e Greta sentaram em outra mesa, como se não os conhecessem. Flick vigiava atentamente a rua.

Sabia que Michel corria enorme perigo. Tinha pensado em avisá-lo. Podia ir à casa de Moulier, mas seria o mesmo que se entregar à Gestapo, que devia estar seguindo Michel na esperança de que ele os levasse até ela. Até mesmo telefonar para Moulier arriscava trair seu esconderijo para as escutas da Gestapo na central telefônica. De fato, ela decidiu, a melhor coisa que podia fazer para ajudar Michel era não entrar em contato com ele diretamente. Se sua teoria estivesse certa, Dieter Franck deixaria Michel solto até Flick ser apanhada.

Então, deixou uma mensagem para Michel, com madame Laperrière.

Michel, Tenho certeza de que você está sendo vigiado. Deram uma batida no lugar em que estivemos na noite passada, depois que você saiu. Provavelmente está sendo seguido esta manhã.

Sairemos antes de você chegar e procuraremos passar despercebidas no

Centro da cidade. Estacione a van perto da estação e deixe a chave debaixo do banco do motorista. Tome um trem para Maries. Despiste os seus seguidores e volte.

Tenha cuidado – por favor! Flick Agora, queime isto.

Teoricamente parecia bom, mas ela esperou a manhã inteira numa tensão febril para saber se tinha funcionado.

Então, às onze horas, ela viu uma van estacionar perto da entrada da estação. Flick prendeu a respiração. No lado da van, em letras brancas, estava escrito *Moulier & Fils – Viandes*.

Michel desceu da van e ela respirou outra vez.

Ele foi para a estação. Estava seguindo o plano dela.

Flick olhou em volta para ver se avistava quem o seguia, mas era impossível. O movimento na estação era constante, pessoas a pé, de bicicleta e de carro, e qualquer uma delas podia ser a que estava seguindo Michel.

Ela continuou no bar, fingindo tomar o amargo substituto do café, observando a van e tentando descobrir se estava sendo vigiada. Observou as pessoas e os veículos que chegavam e partiam, fora da estação, mas não viu ninguém que pudesse estar vigiando a van. Depois de quinze minutos, ela fez um sinal para Paul. Levantaram, apanharam suas malas e saíram.

Flick abriu a porta da van e sentou atrás da direção. Paul sentou ao lado dela. Flick estava com o coração na boca. Se era uma armadilha da Gestapo, aquele era o momento em que seria presa. Procurou debaixo do banco e encontrou a chave. Ligou o motor.

Olhou em volta. Ninguém parecia ter notado sua presença.

Ruby, Jelly e Greta saíram do café. Flick virou a cabeça rapidamente para indicar que deviam entrar atrás.

Olhou para trás. A van tinha prateleiras, armários e bandejas de gelo para manter a temperatura baixa. Tudo parecia ter sido bem lavado, mas um leve cheiro de carne crua persistia.

As portas de trás se abriram. As outras três mulheres jogaram as malas para dentro e entraram. Ruby fechou as portas.

Rick engatou a primeira e a van saiu.

– Conseguimos! – Jelly disse. – Graças aos deuses.

Flick sorriu. A parte mais difícil ainda estava para vir.

Flick saiu da cidade pela estrada que levava a Santa Cecília. Estava atenta para ver se via carros da polícia e da Gestapo, no momento sentia-se mais ou menos segura. O letreiro na van anunciava sua legitimidade. E não era incomum

uma mulher dirigir um veículo como aquele quando tantos homens franceses estavam nos campos de trabalho da Alemanha – ou tinham fugido para se juntar aos maquis, a fim de evitar que fossem enviados para os campos.

Chegaram a Santa Cecília um pouco depois do meio-dia. Flick notou a quietude miraculosa que sempre envolvia as ruas francesas ao meio-dia, quando todos voltavam a atenção para a primeira refeição importante do dia. Ela foi para o prédio de Antoinette. Duas portas altas de madeira, entreabertas, levavam para o pátio interno.

Paul saltou e abriu as portas, Flick entrou e Paul fechou as portas atrás dela. Agora a van, com seu letreiro, não podia ser vista da rua.

– Venham quando eu assobiar – Flick disse e saltou da van. Foi até a porta de Antoinette enquanto as outras esperavam.

Da última vez que tinha batido naquela porta, oito dias e uma vida inteira atrás, a tia de Michel tinha hesitado em atender, nervosa por causa do tiroteio na praça, mas agora ela atendeu imediatamente. Abriu a porta, uma mulher magra, de meia-idade, com um elegante e velho vestido de algodão amarelo. Olhou para Flick por um momento, como se não a conhecesse. Flick estava ainda com a peruca preta. Então, ela a reconheceu.

– Você! – ela disse, como uma expressão de pânico. – O que você quer? Flick assobiou para as outras e empurrou Antoinette para dentro.

– Não se preocupe – ela disse. – Vamos amarrar você para que os alemães pensem que nós a obrigamos a nos receber.

– O que é isso? – Antoinette perguntou, com voz trêmula.

– Explico num momento. Está sozinha? – Estou.

– Ótimo.

As outras entraram e Ruby fechou a porta do apartamento. Foram para a cozinha. Uma refeição estava na mesa: pão preto, salada de cenoura em tiras, um pedaço de queijo, uma garrafa de vinho sem rótulo. Antoinette perguntou outra vez: – O que é isso? – Sente – Flick disse. – Termine seu almoço.

Antoinette sentou.

– Não posso comer – ela disse.

– É muito simples – Flick disse. – Você e suas senhoras não vão limpar o castelo esta noite... nós vamos. Antoinette ficou confusa.

– Como assim? – Vamos mandar recados para todas as mulheres que devem trabalhar esta noite, dizendo para vir aqui e falar com você antes de irem para o trabalho. Quando chegarem, nós as amarramos. Então vamos para o castelo no lugar delas.

– Não podem fazer isso sem os passes.

– Sim, podemos.

– Como?... – Antoinette perguntou, atônita. – Você roubou meu passe! No último domingo pensei que tinha perdido. Tive um problema enorme com os alemães! – Desculpe se lhe causei problemas.

– Mas isso vai ser pior, vocês vão explodir o castelo! Antoinette começou a gemer e a balançar o corpo. – Vão me culpar, você sabe como eles são. Nós todas seremos torturadas.

Flick rangeu os dentes. Sabia que Antoinette podia estar certa. A Gestapo mataria facilmente as verdadeiras faxineiras para o caso de terem algo a ver com aquele engano.

– Vamos fazer todo o possível para que vocês pareçam inocentes – ela disse. – Vocês serão as nossas vítimas, tanto quanto os alemães. – Mesmo assim sempre havia o risco, Flick sabia.

– Não vão acreditar em nós – Antoinette gemeu. – Podemos ser mortas.

Flick endureceu o coração.

– Sim – ela disse. – Por isso chamamos isso de guerra.

CAPÍTULO 48

MARIES ERA UMA CIDADE PEQUENA, a leste de Reims, onde a estrada de ferro começava na longa subida para as montanhas a caminho de Frankfurt, Stuttgart e Nuremberg.

Pelo túnel, logo depois da cidade, passavam constantemente filas de suprimentos das fazendas para as forças alemãs de ocupação. A destruição do túnel deixaria Rommel sem munição.

Maries parecia uma cidade da Bavária, com casas de madeira pintadas de cores vivas. A prefeitura ficava na praça arborizada, na frente da estação de trens. O chefe da Gestapo local tinha ocupado o grande escritório do prefeito, e agora examinava um mapa, com Dieter Franck e o capitão Bern, encarregado da guarda militar do túnel.

– Tenho vinte homens em cada extremidade do túnel e outro grupo patrulhando constantemente as montanhas – disse Bem. – A Resistência vai precisar de uma grande força para dominá-los.

Dieter franziu a testa, intrigado. Segundo a confissão da lésbica que ele

tinha interrogado, Diana Colefield, Flick tinha começado com uma equipe de seis mulheres, incluindo ela mesma, e devia estar agora com quatro. Porém, podia ter se juntado a outro grupo, ou feito contato com mais circuitos da Resistência francesa na região de Maries.

– Eles têm muita gente – ele disse. – Os franceses pensam que a invasão é iminente.

– Mas é difícil esconder uma grande força. Até agora, não vimos nada suspeito.

Bern era baixo e usava óculos com lentes grossas, e talvez por isso estava naquele lugar atrasado e não com uma unidade de combate, mas Dieter teve a impressão de que era um jovem oficial inteligente e eficiente. Dieter estava disposto a considerar seriamente a opinião dele.

– Qual a vulnerabilidade do túnel a explosivos? – Dieter perguntou.

– O túnel foi aberto na rocha sólida. É claro que pode ser destruído, mas eles precisariam de uma grande quantidade de dinamite.

– Eles têm bastante dinamite.

– Mas precisam trazer para cá, sem que ninguém veja.

– Tem razão – Dieter se voltou para o chefe da Gestapo.

– Tem recebido relatórios de veículos estranhos, ou de um grupo de pessoas recentemente chegado à cidade? – Nenhum. Só tem um hotel na cidade, e no momento está sem hóspedes. Meus homens visitaram os bares e restaurantes na hora do almoço, como fazem todos os dias, e não viram nada fora do comum.

O capitão Bern disse, hesitante: – Seria possível, major, que o relatório que recebeu sobre um ataque ao túnel fosse algum tipo de fraude? Uma diversão, por assim dizer, para desviar sua atenção do alvo verdadeiro? Dieter já começava a pensar nessa possibilidade. Sabia, por amarga experiência, que Flick Clairet era mestre em fabricar enganos. Ela o teria logrado outra vez? Era uma ideia humilhante demais. – Eu mesmo interroguei a informante e tenho certeza de que ela disse a verdade – Dieter respondeu, tentando desesperadamente disfarçar a raiva. – Mas você pode estar certo. É possível que ela tenha sido deliberadamente mal informada, como medida de precaução.

– Um trem está chegando – Bern disse, inclinando a cabeça para o lado.

Dieter franziu a testa. Não ouvia nada.

– Minha audição é muito boa – o homem disse, com um sorriso. – Sem dúvida para compensar minha visão deficiente.

Dieter tinha verificado que o único trem que saiu de Reims para Maries,

naquele dia, era o das onze horas, portanto Michel o tenente Hesse deviam estar nele.

O chefe da Gestapo foi até a janela.

– Este é um trem rumo a oeste – ele disse. – Acho que disse que seu homem está indo para oeste? Dieter fez que sim com a cabeça.

– Na verdade, dois trens estão chegando, um de cada lado – Bern disse.

O chefe da Gestapo olhou para o outro lado.

– Tem razão. Aqui estão eles.

Os três homens saíram para a praça. O motorista de Dieter, encostado no capo do Citroën, ficou em posição de sentido e jogou fora o cigarro. Ao lado dele estava um motociclista da Gestapo, pronto para reiniciar a vigilância de Michel.

Foram para a mesma entrada.

– Há outra saída? – Dieter perguntou para o homem da Gestapo.

-Não. Esperaram.

– Ouviu as últimas notícias? – o capitão Bem perguntou.

– Não. Quais são? – Dieter disse.

– Roma caiu. – Meu Deus! – O Exército dos Estados Unidos entrou ontem, às sete horas da noite, na praça Venezia.

Como o oficial mais graduado, Dieter considerava seu dever manter o moral alto. – São más notícias, mas não inesperadas – ele disse. – Porém, a Itália não é a França. Se tentarem nos invadir, terão uma grande surpresa. – Esperava estar certo.

O trem rumo a oeste chegou primeiro. Enquanto os passageiros descarregavam suas malas e desciam para a plataforma, o trem rumo a leste parou na estação. Um pequeno grupo de pessoas esperava na entrada da estação. Dieter observou todos disfarçadamente, imaginando se a Resistência local estaria esperando Michel. Não viu nada suspeito.

Havia um ponto de controle da Gestapo perto da barreira da bilheteria. O chefe da Gestapo sentou à mesa do posto ao lado do seu subalterno. O capitão Bern, encostado numa coluna, ao lado, procurava passar despercebido. Dieter voltou para o carro e sentou, vigiando a estação.

O que devia fazer se o capitão Bern estivesse certo e o túnel fosse uma diversão? A perspectiva era desanimadora. Teria de considerar as alternativas. Quais outros alvos militares ficavam próximo de Reims? O castelo de Santa Cecília era um alvo óbvio, mas a Resistência tentara destruí-lo, sem resultado, havia apenas uma semana. Certamente não tentariam outra vez tão cedo? Havia

um campo militar ao norte da cidade, alguns pátios de manobras de trens entre Reims e Paris...

Não era esse o melhor modo de descobrir. Adivinhação não levava a lugar algum. Ele precisava de informação.

Podia interrogar Michel imediatamente, assim que ele descesse do trem, arrancar suas unhas, uma a uma até ele falar, mas Michel saberia a verdade? Ele podia contar alguma história inventada, acreditando que era genuína, como tinha acontecido com Diana. O melhor era segui-lo até ele se encontrar com Flick. Ela sabia qual era o alvo verdadeiro. Era a única que valia a pena interrogar agora.

Dieter esperou, impacientemente, enquanto os papéis eram atentamente verificados e os passageiros passavam lentamente pelo posto de controle. Um apito soou e o trem rumo a oeste saiu da estação. Mais passageiros desembarcaram, dez, vinte, trinta. O trem rumo a leste saiu.

Então Hesse apareceu, deixando a estação.

Dieter disse: – Que diabo?...

Hans olhou em volta, viu o Citroën na praça e correu para ele.

Dieter pulou fora do carro. – O que aconteceu? Onde ele está? – Hans perguntou.

– Como assim, onde ele está? – Dieter disse, zangado. – Você o estava seguindo! – Eu segui. Ele desceu do trem. Eu o perdi de vista na fila para o posto de controle. Depois de algum tempo fiquei preocupado e furei a fila, mas ele já tinha desaparecido.

– Ele pode ter voltado para o trem? – Não. Eu o segui até a plataforma.

– Pode ter tomado o outro trem. Hans abriu a boca.

– Eu o perdi de vista mais ou menos quando passávamos pelo fim da plataforma de Reims...

– É isso – Dieter disse. – Diabos! Ele está voltando para Reims. Michel é um chamariz. Essa viagem foi uma diversão. – Ficou furioso por ter caído naquele truque simples.

– O que faremos agora? – Alcançamos o trem e você pode segui-lo outra vez. Ainda acho que ele nos levará a Flick Clairet. Entre no carro e vamos!

CAPÍTULO 49

FLICK MAL PODIA ACREDITAR que tinha chegado até ali. Quatro das seis

Jackdaws conseguiram não ser capturadas, a despeito de um adversário brilhante e de alguma sorte adversa, e agora estavam na cozinha de Antoinette, a poucos passos da praça de Santa Cecília, bem debaixo do nariz da Gestapo. Dentro de dez minutos estariam caminhando para os portões do castelo.

Antoinette e quatro faxineiras verdadeiras estavam amarradas nas cadeiras da cozinha. Paul amordaçou todas, menos Antoinette. Cada faxineira tinha chegado com um pequeno cesto de compras ou uma sacola de lona com comida e bebida – pão, batatas frias, frutas e um frasco com vinho ou café adulterado – para o descanso das 9h30, pois não tinham permissão para usar a cantina alemã. Agora as Jackdaws estavam esvaziando apressadamente as bolsas e os cestos, e enchendo com o que precisavam levar para o castelo: lanternas elétricas, armas, munição e explosivos plásticos amarelos em bastões de 250 gramas cada um. As malas das Jackdaws, onde todo esse material estivera até então, pareceriam estranhas nas mãos de faxineiras indo para o trabalho.

Flick logo percebeu que as sacolas das faxineiras não tinham espaço suficiente. Sua arma era uma metralhadora Sten, com silenciador, desmontada em três partes de mais ou menos trinta centímetros cada uma. Jelly tinha dezesseis detonadores numa lata à prova de choque, uma bomba incendiária, termita e um bloco químico que produzia oxigênio para atear fogo em lugares fechados, como abrigos subterrâneos.

Para carregar as sacolas com o material, precisavam escondê-lo com os embrulhos de comida das faxineiras. Não havia espaço suficiente. – Droga – Flick disse, nervosa. – Antoinette, você tem algumas sacolas grandes? – Como assim? – Sacolas, sacolas grandes, como sacolas de compras, você deve ter alguma.

– Tem uma na despensa, que uso para comprar legumes. Flick encontrou uma cesta barata, retangular, de vime trançado.

– É perfeita – ela disse. – Tem mais alguma igual? – Não, por que eu teria duas? Flick precisava de quatro.

Bateram na porta. Flick foi atender. Uma mulher com um macacão estampado e rede no cabelo estava ali. A última faxineira.

– Boa-noite – Flick disse.

A mulher hesitou, surpresa por ver uma estranha.

– Antoinette está? Recebi um recado... Flick sorriu, tranquilizando-a: – Na cozinha. Por favor, entre.

A mulher entrou na cozinha e parou com um grito abafado.

– Não se preocupe, Françoise – Antoinette disse. – Estamos amarradas

para que os alemães saibam que não os ajudamos.

Flick apanhou a sacola da mulher. Era de corda trançada, ótima para levar pão e uma garrafa, mas não adiantava para ela.

Aquele pequeno detalhe aparecia para atrapalhar, minutos antes do clímax da missão. Não podiam ir sem resolver o problema. Obrigou-se a pensar com calma, e então disse a Antoinette: – Onde comprou este cesto? – Na lojinha no outro lado da rua. Dá para ver da janela. As janelas estavam abertas para a noite quente, mas as persianas fechadas. Flick abriu um pouco a persiana e olhou para a rua do castelo. No outro lado, viu uma loja que vendia velas, lenha, vassouras e pregadores de roupa.

– Vá até lá e compre mais três cestas, depressa – ela disse a Ruby.

Ruby foi para a porta.

– Se puder, de formatos e cores diferentes. – Flick tinha medo de que as cestas chamassem a atenção se fossem iguais.

– Certo.

Paul amarrou a última faxineira na cadeira e a amordaçou. Fez isso como quem se desculpa, com muito charme, e ela não resistiu.

Flick deu os passes para Jelly e Greta. Ela os tinha guardado até o último momento, porque se fossem encontrados por quem capturasse uma Jackdaw, indicaria o objetivo da missão. com o passe de Ruby na mão, foi até a janela.

Ruby voltava da loja carregando três cestos de compras diferentes. Flick ficou aliviada. Consultou o relógio: faltam dois minutos para as sete.

Então, o desastre se abateu sobre elas.

Quando Ruby ia atravessar a rua, foi parada por um homem com roupas estilo militar. Camisa azul com bolsos abotoados, gravata azul-escura, uma boina e calça escura para dentro das botas altas. Flick reconheceu o uniforme da milícia de segurança que fazia o trabalho sujo do regime.

– Oh, não! – ela exclamou.

Como a Gestapo, a milícia era formada por homens muito brutos e pouco inteligentes para entrar para a polícia comum. Seus oficiais eram versões da classe alta do mesmo tipo, patriotas esnobes que falavam da glória da França e mandavam seus subordinados prender crianças judias escondidas nos porões.

Paul foi até a janela e olhou por cima do ombro de Flick.

– Diabos, é um maldito miliciano – ele disse.

Flick pensou depressa. Seria um encontro casual ou parte de um plano organizado de segurança para capturar as Jackdaws? Os milicianos eram intrometidos infames, entusiasmados com o poder de perturbar os seus

concidadãos. Paravam as Pessoas de cuja aparência não gostavam, examinavam seus papeis detalhadamente e inventavam pretextos para prendê-las, seria o caso de Ruby? Flick esperava que sim. Se a polícia estivesse parando todos que passavam nas ruas de Santa Cecília, as *jackdaws* podiam nunca chegar aos portões do castelo.

O policial começou a interrogar Ruby agressivamente. Flick não podia ouvir bem o que ele dizia, mas deu para ouvir as palavras, "vira-lata" e "negra", e imaginou se o homem estava acusando Ruby de ser cigana. Ruby tirou os papéis do bolso. O homem os examinou e continuou a fazer perguntas sem os devolver.

Paul tirou a pistola do cinto.

– Guarde isso – Flick ordenou.

– Não vai deixar que ele a prenda? – Sim, vou – Flick disse friamente. – Se tivermos um incidente agora é o fim... a missão está acabada, aconteça o que acontecer. A vida de Ruby não é tão importante quanto destruir a central telefônica. Guarde essa maldita arma.

Paul guardou a arma no cinto.

A conversa entre Ruby e o miliciano esquentou. Flick viu, temerosa, Ruby passar as cestas para a mão esquerda e enfiar a direita no bolso da capa de chuva. O homem segurou o ombro direito dela decidido, obviamente procurando detê-la.

Ruby agiu rapidamente. Deixou cair as cestas. Sua mão direita saiu do bolso segurando uma faca. Deu um passo para a frente, brandiu a faca à altura dos quadris com força, e a lâmina atravessou a camisa do homem bem abaixo das costelas, virada na direção do coração.

Flick disse: – Oh, merda.

O homem deu um grito que logo se transformou num gargarejo horrível. Ruby retirou a faca e o atacou outra vez, agora de lado. Ele lançou a cabeça para trás e abriu a boca num grito silencioso de pânico.

Flick já estava pensando no que fazer. Se pudesse tirar o corpo da rua rapidamente, podiam sair dessa. Será que alguém tinha visto? Sua visão era parcial por causa da persiana. Abriu-a mais e se inclinou para fora. À esquerda, a rua do castelo estava deserta, a não ser por um caminhão estacionado e um cão dormindo na frente de uma porta. Olhando para o outro lado, viu três jovens com uniformes da polícia, dois homens e uma mulher. Tinha de ser pessoal da Gestapo, do castelo.

O miliciano caiu, com o sangue saindo da boca. Antes que Flick tivesse tempo de gritar um aviso, os dois homens da Gestapo correram e seguraram

Ruby.

Flick pôs a cabeça para dentro da janela e fechou as persianas.

Ruby estava perdida.

Ela continuou a olhar por uma pequena abertura entre as lâminas da persiana. Um dos homens da Gestapo bateu a mão direita de Ruby na parede até ela deixar cair a faca. A mulher se inclinou sobre o miliciano, levantou a cabeça dele, perguntou alguma coisa, ele respondeu, e então ela falou com os dois homens. Houve uma curta troca nervosa de palavras. A mulher correu para a loja e saiu com o lojista de avental branco. Ele se inclinou, olhou para o miliciano e ergueu o corpo outra vez, com um ar de nojo – fosse por causa dos ferimentos ou por causa do uniforme odiado. A mulher correu na direção do castelo, talvez para pedir ajuda, e os dois homens levaram Ruby na mesma direção.

– Paul – Flick disse –, vá apanhar os cestos que Ruby derrubou.

Paul não hesitou.

– Sim, senhora – ele saiu.

Flick o viu sair da casa e atravessar a rua. O que o dono da loja ia pensar? O homem olhou para Paul e disse alguma coisa. Paul não respondeu, se inclinou, apanhou rapidamente as três cestas e voltou para a casa.

O dono da loja olhou para ele, e Flick podia ver o que ele estava pensando. Primeiro chocado pela aparente indiferença dele, depois intrigado e procurando as possíveis razões, em seguida começando a compreender.

– Vamos depressa – Flick disse, quando Paul entrou na cozinha. – Ponham o material nas cestas e vamos embora, agora– Quero passar por aquele posto de controle enquanto os guardas ainda estão entusiasmados com a prisão de Ruby.

Arrumou num cesto uma lanterna grande, sua Sten desmontável, seus pentes de balas .32 e sua parte de explosivos. A pistola e a faca estavam nos bolsos. Cobriu as armas com um pano e com uma fatia de vegetal em conserva embrulhada em papel impermeável.

– E se os guardas no portão revistarem os cestos? – Jelly perguntou.

– Então estaremos mortas – Flick disse. – Tentaremos levar o maior número de inimigos conosco. Não deixem que os nazistas as capturem vivas.

– Ó, meus deuses – Jelly disse, mas verificou o pente da sua pistola automática e o encaixou com um estalo firme.

O sino da igreja, na praça, badalou, marcando sete horas. , Estavam prontas.

Flick disse para Paul: – Certamente alguém vai notar que somos só três

em vez das seis de sempre. Antoinette é a supervisora, por isso podem resolver perguntar a ela qual o problema. Se aparecer alguém por aqui você terá de matar.

– Tudo bem.

Flick beijou Paul na boca, brevemente, mas com ardor, e saiu com Greta e Jelly.

No outro lado da rua, o dono da loja olhava para o miliciano que agonizava na calçada. Ergueu os olhos para as três mulheres e desviou a vista. Flick imaginou que ele já estava ensaiando as respostas às perguntas: "Não vi nada. Ninguém esteve aqui." As três Jackdaws restantes caminharam para a praça. Flick andava depressa, querendo chegar ao castelo o mais depressa possível. Via os portões à sua frente, na outra extremidade da praça. Ruby e seus dois captores acabavam de passar por eles. Bem, Flick pensou, pelo menos Ruby está lá dentro.

As Jackdaws chegaram ao fim da rua e caminharam para a praça. A vitrine do Café dos Esportes, quebrada no tiroteio da semana anterior, estava coberta com tábuas.

Dois guardas do castelo atravessaram correndo a praça, sem dúvida para atender o miliciano ferido. Não notaram o pequeno grupo de faxineiras que se afastava para dar passagem.

Flick chegou aos portões. Esse era o momento realmente perigoso.

Só tinha um guarda. Ele olhava para os companheiros que corriam na praça. Olhou para o passe de Flick e fez sinal para ela entrar. Ela entrou, depois parou, esperando as outras.

Greta veio em seguida, e o guarda fez a mesma coisa. Ele estava mais interessado no que acontecia na rua do castelo.

Flick pensou que estavam livres, mas depois de verificar o passe de Jelly, ele olhou para o cesto.

– Tem alguma coisa com um cheiro bom – ele disse. Flick prendeu a respiração.

– É linguiça para meu almoço – Jelly disse. – Pode sentir o cheiro do alho.

Ele fez sinal para ela entrar e olhou outra vez para a praça. As três Jackdaws seguiram pelo curto caminho de entrada, subiram os degraus e finalmente entraram no castelo.

CAPÍTULO 50

DIETER PASSOU A TARDE seguindo o trem de Michel, parando em todas as calmas cidadezinhas, para o caso de ele desembarcar. Tinha certeza de estar perdendo tempo, e que Michel era um chamariz, mas não tinha alternativa. Michel era sua única pista. Ele estava desesperado.

Michel ficou no trem todo o caminho de volta para Reims.

com uma sinistra sensação de fracasso e desgraça, Dieter esperava no carro, ao lado de um prédio bombardeado, perto da estação de Reims. Onde tinha errado? Parecia que tinha feito todo o possível, mas nada deu certo.

E se seguir Michel não o levasse a parte alguma? Chegaria o momento em que Dieter teria de diminuir suas perdas e interrogar o homem. Mas quanto tempo tinha ainda? A noite ia ser de lua cheia, mas o canal da Mancha estava outra vez encapelado. Os aliados podiam adiar a invasão, ou resolver arriscar com aquele tempo mesmo. Dentro de poucas horas, seria tarde demais.

Michel chegara à estação naquela manhã em uma van emprestada de Philippe Moulier, o fornecedor de carne, e Dieter olhou em volta à procura dela. Mas não encontrou. Imaginou que fora deixada ali para Flick Clairet. Agora ela podia estar em qualquer lugar num raio de 200 quilômetros. Ele praguejou por não ter mandado alguém vigiar a van.

Procurou se distrair, pensando em como interrogaria Michel. O ponto fraco do homem provavelmente era Gilberte. Naquele momento Gilberte estava em uma cela, no castelo, imaginando o que ia acontecer com ela. Ficaria viva até Dieter ter certeza de que não precisava mais dela, então seria executada, ou mandada para um campo na Alemanha. Como podia usá-la para fazer com que Michel falasse rapidamente? Pensando nos campos da Alemanha, Dieter teve uma ideia. Inclinando-se para a frente, disse ao motorista: – Quando a Gestapo manda prisioneiros para a Alemanha, eles vão de trem, não vão? – Sim, senhor.

– É verdade que vocês os levam numa espécie de vagões geralmente usados para transportar gado? – Vagões de gado, sim, senhor, é bom demais para esse lixo, comunistas e judeus e tudo o mais.

– Onde são embarcados? – Aqui mesmo em Reims. O trem para Paris para aqui.

– E de quanto em quanto tempo passa um trem desses? – Um, quase todos os dias. Sai de Paris no fim da tarde e para aqui mais ou menos às oito horas da noite, quando está no horário.

Antes de elaborar mais a ideia, Dieter viu Michel sair da estação. Dez metros atrás dele, no meio da multidão, estava Hans Hesse. Aproximavam-se de Dieter pelo outro lado da rua.

O motorista de Dieter ligou o motor.

Dieter virou no banco para ver Michel e Hans.

Passaram por ele. Então, para surpresa de Dieter, Michel entrou na rua estreita ao lado do Café de La Gare.

Hans apressou o passo e virou a esquina menos de um minuto depois.

Dieter ficou intrigado. Michel estava tentando despistar seu seguidor? Hans reapareceu da rua estreita e olhou para um lado e para outro, parecendo preocupado. Não havia muita gente na calçada, apenas alguns viajantes que entravam e saíam da estação, e os últimos trabalhadores do Centro da cidade voltando para casa. Ele praguejou e voltou para a rua estreita.

Dieter gemeu alto. Hans tinha perdido Michel.

Aquele era o pior golpe para Dieter desde a batalha de Alam Halfa, quando informações erradas da Inteligência levaram Rommel à derrota. Foi o ponto crítico da guerra no Norte da África. Dieter rezou para que este não fosse o ponto crítico da guerra na Europa.

Olhando desanimado para a entrada do beco, viu Michel sair do café.

Dieter se animou. Michel tinha despistado Hans, mas não percebeu que alguém mais o seguia. Nem tudo estava perdido.

Michel atravessou correndo a rua e voltou para onde tinha saído – na direção do carro de Dieter.

Dieter pensou depressa. Se tentasse seguir Michel, mantendo a vigilância, ele também teria de correr, e isso mostraria que estava seguindo o homem. Não daria certo, a vigilância tinha acabado. Estava na hora de prender Michel.

Michel correu pela calçada, empurrando os outros pedestres. Corria desajeitadamente por causa do ferimento, mas com rapidez, e logo se aproximou do carro de Dieter.

Dieter tomou uma decisão.

Abriu a porta do carro.

Quando Michel ia passar por ele, Dieter saiu, diminuindo a largura da calçada com a porta aberta do carro. Michel procurou desviar do obstáculo. Dieter estendeu a perna. Michel tropeçou no pé estendido e voou no ar. Um homem grande caiu pesadamente na calçada.

Dieter sacou a pistola e destravou.

Michel ficou deitado por um segundo, atordoado. Então, ainda meio

tonto, tentou ajoelhar.

Dieter encostou o cano da arma na cabeça dele.

– Não levante – ele disse em francês.

O motorista tirou uma algema da mala, prendeu-a nos pulsos de Michel e o jogou no banco traseiro do carro. Hans reapareceu, parecendo desanimado.

– O que aconteceu? – Ele entrou pela porta dos fundos do Café de La Gare e saiu pela frente – Dieter explicou.

Hans ficou aliviado.

– E agora? – Venha comigo à estação. – Dieter voltou para o motorista. – Você tem uma arma? – Tenho, senhor.

– Não perca o homem de vista. Se ele tentar escapar, atire nas pernas dele.

– Sim, senhor.

Dieter e Hans andaram rapidamente para a estação. Dieter agarrou a camisa de um funcionário uniformizado da via férrea e disse: – Eu quero ver o chefe da estação imediatamente.

– Eu o levo ao escritório dele – o homem disse, mal-humorado.

O chefe da estação estava com um paletó preto e colete com calça listrada, um uniforme elegante e antigo, puído nos cotovelos e nos joelhos. Não tirava o chapéu-coco nem no escritório. A visita de um alemão poderoso o assustou.

– O que posso fazer pelo senhor? – perguntou, com um sorriso nervoso.

– Está esperando um trem com prisioneiros, de Paris, esta noite? – Sim, às oito horas, como sempre.

– Quando chegar, faça com que fique na estação até segunda ordem. Quero embarcar um prisioneiro especial.

– Muito bem. Posso ver a autorização escrita...

– É claro. Vou tratar disso. Vocês fazem alguma coisa com os prisioneiros enquanto o trem está aqui? – Às vezes lavamos os carros com mangueiras. São usados vagões de gado, compreende, por isso não têm banheiros, e francamente ficam extremamente desagradáveis, sem querer criticar...

– Não lave os vagões esta noite, compreendeu? – É claro.

– Fazem mais alguma coisa? O homem hesitou. – Na verdade, não.

Ele era culpado de alguma coisa, Dieter percebeu.

– Ora, vamos, homem, diga logo, não vou puni-lo.

– As vezes os ferroviários ficam com pena dos prisioneiros e dão água a eles. Não é permitido, estritamente falando, mas...

– Esta noite ninguém vai dar água.

– Entendido.

Dieter voltou-se para Hans.

– Quero que leve Michel Clairet para a delegacia de polícia e o ponha numa cela, depois volte para cá e certifique-se de que minhas ordens foram cumpridas.

– É claro, major.

Dieter apanhou o telefone do chefe da estação.

– Ligue para o castelo de Santa Cecília. – Quando a ligação foi feita, ele mandou chamar Weber. – Há uma mulher numa das celas chamada Gilberte.

– Eu sei – Weber disse. – Bonita mulher.

Dieter se perguntou por que Weber parecia tão satisfeito.

– Quer, por favor, mandá-la de carro para a estação de trem de Reims? O tenente Hesse está aqui, ele se encarregará dela.

– Muito bem – disse Weber. – Espere na linha um momento, está bem? – Ele afastou o telefone da boca e falou com alguém na sala, dando ordens para que Gilberte fosse mandada para a estação. Dieter esperou impaciente. Weber voltou para o telefone. – Já providenciei.

– Obrigado...

– Não desligue. Tenho novidades para você. Por isso ele parecia satisfeito.

– Diga – Dieter disse.

– Capturei um agente aliado.

– O quê? – Dieter disse. Era um golpe de sorte. – Quando? – Há poucos minutos.

– Onde, pelo amor de Deus? – Bem aqui em Santa Cecília.

– Como aconteceu? – Ela atacou um miliciano, e três dos meus jovens brilhantes foram testemunhas. Tiveram a presença de espírito de capturar a culpada, que estava armada com um Colt automático.

– Você disse "culpada?" O agente é uma mulher? – Sim.

– Isso resolvia tudo. As Jackdaws estavam em Santa Cecília. O castelo era o alvo.

– Weber, escute – Dieter disse. Acho que ela faz parte da equipe de sabotadoras que pretende atacar o castelo.

– Já tentaram antes – Weber disse. – Demos uma surra neles. Com esforço, Dieter controlou a impaciência. – Sem dúvida. Por isso podem ser em maior número desta vez. Posso sugerir um alerta de segurança? Dobre a guarda, reviste o castelo e interrogue qualquer pessoa não alemã no prédio.

– Já dei ordens nesse sentido.

Dieter não tinha certeza de que Weber já havia pensado em um alerta de segurança, mas não importava, desde que ele fizesse isso agora.

Dieter pensou em revogar suas ordens sobre Gilberte e Michel, mas resolveu o contrário. Podia precisar interrogar Michel antes do fim da noite.

– Volto imediatamente para Santa Cecília – ele disse a Weber.

– Como quiser – Weber disse, casualmente, insinuando que podia tomar conta das coisas perfeitamente sem sua ajuda.

– Preciso interrogar a nova prisioneira.

– Eu já comecei. O sargento Becker a está amaciando.

– Pelo amor de Deus! Quero a prisioneira capaz de falar.

– É claro.

– Por favor, Weber, isto é muito importante para cometermos erros. Por favor, procure controlar Becker até eu chegar aí.

– Muito bem, Franck. Providenciarei para que ele não se exceda.

– Obrigado. Estarei aí o mais depressa possível – Dieter desligou.

CAPÍTULO 51

FLICK PAROU NA ENTRADA do grande vestíbulo do castelo. Seu pulso estava a mil e sentia um frio de medo no peito. Estavam na toca do leão. Se fosse capturada, nada poderia salvá-la.

Examinou o lugar rapidamente. Mesas telefônicas instaladas em filas perfeitas, estranhamente modernas contrastando com a grandiosidade desbotada das paredes rosa e verde e dos querubins gorduchos pintados no teto. Cabos enfeixados se estendiam no assoalho de mármore branco e preto como cordas estendidas no convés de um navio.

Havia um zumbido das vozes de quarenta operadoras. As mais próximas olharam para as recém-chegadas. Flick viu uma moça falar com a vizinha e apontar para elas. As telefonistas eram todas de Reims e dos distritos próximos, muitas de Santa Cecília, portanto deviam conhecer as faxineiras habituais e saberiam que as Jackdaws eram estranhas. Mas Flick contava com a quase certeza de que não diriam nada para os alemães.

Orientou-se rapidamente, lembrando do desenho de Antoinette. A ala oeste bombardeada, à esquerda, não era usada. Ela virou para a direita e levou Greta e Jelly para as duas portas da ala leste.

Uma sala dava para outra, todas as salas enormes de recepção estavam cheias de mesas telefônicas e estantes, com equipamentos que zumbiam e

estalavam quando os números eram discados. Flick não sabia se as faxineiras normalmente cumprimentavam as telefonistas ou se passavam em silêncio. Os franceses gostavam de dizer bom-dia, mas aquele lugar era dirigido por militares alemães. Ela se contentou em sorrir vagamente e evitar contato visual.

Na terceira sala, encontrou uma supervisora uniformizada sentada a uma mesa. Flick a ignorou, mas a mulher perguntou: – Onde está Antoinette? Flick respondeu sem diminuir o passo: – Ela já vem. – Ouviu o tremor de medo na própria voz e esperou que a supervisora não tivesse ouvido.

A mulher olhou para o relógio, que marcava sete e cinco.

– Estão atrasadas.

– Desculpe, madame, vamos começar imediatamente. Flick andou apressada para a próxima sala. Escutou por um momento, com o coração na boca, esperando ser chamada com um grito, mas ninguém gritou. Ela respirou aliviada e continuou a andar com Greta e Jelly atrás.

No fim da ala oeste, uma escada levava aos escritórios ou ao porão. As Jackdaws pretendiam ir para o porão, mas primeiro tinham de preparar as coisas.

Viraram para a esquerda e entraram na área de serviço. Seguindo a informação de Antoinette, encontraram uma sala pequena onde era guardado o material de limpeza: esfregões, baldes, vassouras e latas de lixo, além dos macacões marrons que as faxineiras tinham de usar quando trabalhavam. Flick fechou a porta.

– Até aqui, tudo bem – disse Jelly.

– Estou morrendo de medo – Greta disse, pálida e tremendo. – Não sei se posso continuar.

Flick olhou para ela com um sorriso calmo.

– Você vai ficar bem – ela disse. – Vamos acabar com isso. Ponham seu material nesses baldes.

Jelly começou a passar os explosivos para um balde e depois de um momento de hesitação Greta fez o mesmo. Flick armou sua metralhadora Sten sem o cabo de rifle, o que reduzia trinta centímetros no tamanho, para ser mais fácil de esconder. Instalou o silenciador e regulou a arma para um tiro de cada vez. Quando usava o silenciador, o tambor tinha de ser recarregado manualmente antes de cada tiro.

Pôs a arma debaixo do cinto de couro. Então, vestiu o macacão por cima. Deixou-o desabotoado para ter acesso mais rápido. As outras duas também vestiram os macacões, esconderam as armas e a munição nos bolsos.

Estavam quase prontas para o porão. Porém, lá era área de segurança

máxima, com um guarda na porta, e era proibida a entrada de empregados franceses – os alemães faziam a limpeza. Antes de entrar, as Jackdaws iam criar uma pequena confusão.

Estavam quase saindo da sala, quando a porta abriu e um oficial alemão apareceu.

– Passes! – ele rosnou.

Flick ficou tensa. Estava esperando algum tipo de alerta de segurança. A Gestapo devia ter calculado que Ruby era uma agente aliada – ninguém mais estaria armada com uma pistola automática e uma faca letal, e fazia sentido que tomassem precauções extras no castelo. Entretanto, tinha esperado que a Gestapo não agisse tão rapidamente, interferindo com a missão. Essa esperança estava morta. Provavelmente estavam revistando todo o pessoal francês que trabalhava no prédio.

– Depressa! – o homem disse, impaciente. Era tenente da Gestapo, Flick viu pelas divisas na camisa do uniforme. Tirou o passe do bolso. Ele o examinou atentamente, comparando a foto com o rosto dela, e o devolveu. Fez o mesmo com Jelly e Greta. – Preciso revistar vocês – ele disse, olhando no balde de Jelly.

Atrás dele, Flick tirou a Sten debaixo do macacão desabotoado.

O oficial olhou intrigado para a lata à prova de choque no balde de Jelly.

Flick destravou sua arma.

O oficial desatarraxou a tampa da lata. Atônito, olhou para os detonadores.

Flick atirou nas costas dele.

A arma não era completamente silenciosa. O supressor de ruído não era eficiente, e o tiro explodiu surdamente, como um livro caindo no chão.

O tenente da Gestapo estremeceu e caiu. Flick ejetou a cápsula da bala, puxou para trás a trava e atirou outra vez, agora na cabeça, para ter certeza.

Ela recarregou o pente e pôs a arma de novo debaixo do macacão. Jelly arrastou o corpo para perto da parede e o jogou para trás da porta, onde não seria visto por quem olhasse casualmente para dentro da sala.

– Vamos sair daqui – disse Flick.

Jelly saiu. Greta ficou parada, muito pálida, olhando para o oficial morto.

– Greta – Flick disse –, temos um trabalho a fazer. Vamos.

Finalmente, Greta inclinou a cabeça assentindo, pegou o esfregão e o balde e passou pela porta, como um robô.

Foram do quarto do material de limpeza para a cantina, onde só estavam duas mulheres de uniforme tomando café e fumando. Falando francês em voz

baixa, Flick disse: – Vocês sabem o que têm de fazer. Jelly começou a esfregar o chão. Greta hesitou.

– Não me desaponte agora – Flick disse.

Greta outra vez fez um gesto afirmativo, respirou fundo e endireitou o corpo. – Estou pronta – ela disse.

Flick entrou na cozinha, com Greta atrás.

As caixas dos fusíveis ficavam num armário fora da cozinha, ao lado de um grande forno elétrico, segundo Antoinette. Um jovem alemão estava ao fogão da cozinha. com um sorriso atraente, Flick disse: – O que você tem para oferecer a uma moça faminta? Ele sorriu. Atrás dele, Greta tirou do balde um alicate grande com cabo de borracha e abriu a porta do armário dos fusíveis.

O CÉU ESTAVA parcialmente encoberto e o sol desapareceu quando Dieter Franck entrou na pitoresca praça de Santa Cecília . As nuvens tinham o mesmo tom cinza do telhado da igreja.

Ele notou quatro guardas no portão do castelo, em vez dos dois de sempre. Embora estivesse num carro da Gestapo, o sargento examinou cuidadosamente seu passe e o do motorista antes de abrir os portões de ferro batido e dar ordem para entrar. Dieter ficou satisfeito. Weber tinha levado a sério a necessidade de segurança extra.

Uma brisa fria soprava quando ele desceu do carro e caminhou para os degraus de entrada. Passando pelo vestíbulo e vendo as fileiras de telefonistas nas mesas, pensou na agente secreta capturada por Weber. As Jackdaws eram uma equipe só de mulheres. Pensou que podiam tentar entrar no castelo disfarçadas de telefonistas. Seria possível? Quando passou pela ala leste, falou com a supervisora alemã: – Alguma dessas mulheres começou a trabalhar há poucos dias? – Não, major – ela disse. – Uma moça nova começou há três semanas, e foi a última.

Isso era suficiente para eliminar sua teoria. Ele continuou a andar. No fim da ala leste, ele desceu a escada. A porta para o porão dessa ala estava aberta, como sempre, mas havia dois soldados, em lugar de um, no lado de dentro. Weber tinha dobrado a guarda. O cabo bateu continência e o sargento pediu o passe de Dieter.

Dieter notou que o cabo ficou atrás do sargento, enquanto este verificava seu passe.

– Desse modo – Dieter disse – é muito fácil para alguém dominar os dois. Cabo, você deve ficar ao lado e a dois metros de distância para ter uma boa mira

de tiro, se o sargento for atacado.

– Sim, senhor.

Dieter entrou no corredor do porão. Ouvia o ronco do gerador a óleo diesel que fornecia eletricidade para o sistema telefônico. Passou pelas portas das salas de equipamento e entrou na sala de entrevistas. Esperava encontrar a nova prisioneira, mas a sala estava vazia.

Intrigado, ele fechou a porta. Então, sua pergunta foi respondida. Da câmara interna veio um grito longo de pura agonia. Dieter abriu a porta violentamente.

Becker manejava a máquina de choque elétrico, com Weber sentado numa cadeira, ao lado. Uma mulher jovem estava na mesa de cirurgia com os pulsos e os tornozelos presos com correias e a cabeça presa no imobilizador. Os fios da máquina, entre seus pés, subiam para dentro do vestido azul.

– Olá, Franck – Weber disse. – Junte-se a nós, por favor. Becker inventou uma coisa nova. Mostre a ele, sargento.

Becker enfiou a mão por baixo do vestido da mulher e retirou um cilindro de ebonite de uns quinze centímetros de comprimento e três de diâmetro. O cilindro era circundado por duas argolas de metal, distanciadas uma da outra uns dois centímetros. Dois fios da máquina de eletrochoque estavam ligados às argolas.

Dieter estava acostumado com tortura, mas aquela caricatura demoníaca do ato sexual o encheu de repulsa e ele estremeceu, enojado.

– Ela ainda não disse nada, mas estamos só começando, Weber disse. – Dê outro choque, sargento.

Becker empurrou o vestido da mulher e inseriu o cilindro na vagina dela. Pegou um rolo de fita isolante, rasgou um pedaço e firmou o cilindro para não cair.

– Aumente a voltagem desta vez – Weber disse. Becker voltou para a máquina.

Então as luzes se apagaram.

DE TRÁS DO FORNO SAIU um clarão azul e soou um estampido, como um tiro. As luzes apagaram, um cheiro de material isolante queimado se espalhou no ar. O motor da geladeira parou com um gemido. O jovem cozinheiro disse em alemão: – O que está acontecendo? Flick saiu correndo pela porta e atravessou a cantina com Jelly e Greta atrás. Seguiram por um corredor curto e passaram pela sala do material de limpeza. No topo da escada, Flick Parou. Sacou a

metralhadora e a escondeu debaixo da aba do casaco.

– O porão está completamente às escuras? – ela perguntou.

– Cortei todos os cabos, incluindo os fios do sistema de iluminação de emergência – Greta garantiu.

– Vamos, então.

Desceram correndo a escada. A luz do dia que vinha das janelas do andar térreo diminuía rapidamente à medida que desciam, e a entrada do porão estava quase às escuras.

Dois soldados montavam guarda no lado de fora da porta. Um deles, um jovem cabo com um rifle, sorriu e disse: – Não se preocupem, senhoras, é só uma falta de energia. Flick atirou no peito dele, depois virou a arma e atirou no sargento.

As três Jackdaws passaram pela porta. Flick empunhava a arma na mão direita com a lanterna na esquerda. Ouvia o zumbido das máquinas e várias vozes gritando perguntas em alemão em salas distantes.

Ela ligou a lanterna elétrica por um segundo. Estava num corredor largo com teto baixo. Bem adiante, portas se abriam. Ela desligou a lanterna. Um momento depois, viu a chama de um fósforo na outra extremidade do corredor. Cerca de trinta segundos tinham passado desde que Greta cortara os cabos. Não demoraria para os alemães se refazerem do choque e encontrar as lanternas. Tinha só um minuto, talvez menos, para desaparecer dali.

Tentou a porta mais próxima. Estava aberta. Virou a luz da lanterna para dentro. Era um laboratório de fotografia, com as fotos dependuradas para secar e um homem de branco procurando se orientar na sala.

Ela bateu a porta, atravessou o corredor com dois passos e tentou a porta na frente da primeira. Estava trancada. Pela posição da sala, na frente do castelo, debaixo de um canto do estacionamento, calculou que devia conter os tanques de combustível.

Seguiu pelo corredor e abriu a porta seguinte. O ronco das máquinas ficou mais forte. Acendeu a lanterna mais uma vez por uma fração de segundo, o suficiente para ver um gerador de eletricidade – devia ser o fornecimento independente do sistema de energia para a central telefônica –, então ela disse em voz baixa: – Arrastem os corpos para cá.

Jelly e Greta puxaram os guardas mortos para dentro. Flick voltou para a entrada do porão e fechou a porta de aço. Agora o corredor estava completamente às escuras.

Depois de pensar por um segundo, fechou as três trancas pesadas da

porta. Isso daria a elas mais alguns segundos preciosos.

Ela voltou para a sala do gerador, fechou a porta e ligou a lanterna.

Jelly e Greta, depois de empurrar os corpos para trás da porta, estavam ofegantes.

– Tudo feito – Greta murmurou.

Havia um conjunto enorme de canos e cabos na sala, mas eram todos marcados com código de cores com a eficiência alemã e Flick sabia quais eram quais: canos de ar fresco eram amarelos, linhas de combustível, marrons, canos de água, verdes, e linhas de força, listrados de vermelho e preto. Dirigiu a luz da lanterna para a linha marrom de abastecimento do gerador.

– Mais tarde, se tivermos tempo, quero que abram um buraco naquilo com os explosivos.

– Fácil – Jelly disse.

– Agora, ponha a mão no meu ombro e me siga. Greta, você segue Jelly do mesmo modo. Certo? – Certo.

Flick desligou a lanterna e abriu a porta. Agora tinham de explorar às cegas o porão. com a mão na parede, para se guiar, começaram a andar, cada vez mais para dentro.

Um vozerio confuso indicava que vários homens caminhavam às cegas no corredor.

Uma voz autoritária disse em alemão: – Quem fechou a porta principal? Ouviu Greta responder, mas com voz masculina.

– Parece que está empenada.

O alemão praguejou. Um momento depois, ouviram uma tranca sendo aberta.

Flick chegou à outra porta. Abriu e iluminou com a lanterna outra vez. Viu dois cofres enormes de madeira, do tamanho e com a forma de lajes mortuárias.

– Sala das baterias – Greta murmurou. – Vá para a porta seguinte.

O alemão disse: – Isso é uma lanterna? Traga-a para cá.

– Estou indo – Greta disse, com sua voz de homem, em alemão, mas as três Jackdaws seguiram na direção oposta.

Flick chegou à sala seguinte, levou as duas para dentro e fechou a porta antes de acender a lanterna. Era uma câmara estreita e comprida, com prateleiras cheias de equipamento nas duas paredes. Na extremidade próxima delas havia um gabinete, que provavelmente continha grandes folhas desenhadas. Na outra extremidade, a luz da lanterna mostrou uma pequena mesa. Três homens

estavam sentados jogando cartas. Aparentemente tinham ficado no mesmo lugar durante o minuto mais ou menos em que as luzes apagaram. Agora, resolveram se mover.

Quando levantaram, Flick ergueu a arma. Jelly fez o mesmo, rapidamente. Flick atirou em um deles. A pistola de Jelly acertou outro. O terceiro homem procurou se abrigar, mas a lanterna de Flick o seguiu. Flick e Jelly atiraram ao mesmo tempo, e ele caiu.

Flick recusava-se a pensar nos homens mortos como gente. Não havia tempo para sentimentalismo. Ela girou a lanterna pela sala. O que viu alegrou seu coração. Era, sem dúvida, a sala que estava procurando.

A um metro de uma parede longa havia duas estantes do chão até o teto, com milhares de terminais em fileiras ordenadas. Do mundo lá de fora, os cabos telefônicos entravam pela parede ligando-se à parte traseira dos terminais na estante mais próxima. Na extremidade da sala, cabos semelhantes iam da parte de trás dos terminais para as mesas telefônicas lá em cima. Na frente da instalação, uma complicada rede de fios ligava os terminais da estante mais próxima com as mais distantes. Flick olhou para Greta.

– Então? Greta examinava fascinada o equipamento, à luz de sua lanterna.

– Isto é o MDF, a principal rede distribuidora – ela disse. – Mas é um pouco diferente das nossas da Grã-Bretanha.

Flick olhou para ela surpresa. Há poucos minutos, Greta tinha dito que estava assustada demais para continuar. Agora parecia indiferente à morte de três homens.

Ao longo da parede, mais estantes de equipamento brilhavam à luz de tubos de vácuo.

– E no outro lado? – Flick perguntou.

Greta girou a lanterna.

– São os amplificadores e os condutores de circuito para as linhas de longa distância.

– Ótimo – Flick disse. – Mostre a Jelly onde deve pôr as cargas.

As três começaram a trabalhar. Greta abriu os papéis impermeáveis que envolviam os explosivos enquanto Flick cortava vários pedaços de pavio. Queimavam até um centímetro por segundo.

– Isso nos dará exatamente cinco segundos para sair daqui – Flick disse.

Jelly armou a sequência: pavio, detonador e ignição.

Flick segurou a lanterna enquanto Greta modelava as cargas nos pontos vulneráveis e Jelly enfiava a ignição nos explosivos macios.

Trabalharam rapidamente. Em cinco minutos todo o equipamento estava coberto de cargas como uma erupção na pele. Os pavios levavam a uma fonte comum, onde eram trançados, para que uma ignição servisse a todos.

Jelly tirou da cesta uma bomba de termita, uma lata preta com tamanho e formato mais ou menos de uma lata de sopa, com óxido de alumínio em pó e óxido de ferro. Queimava com calor intenso e chamas altas. Retirou a tampa, revelando dois estopins, e a pôs no chão, ao lado da MDF. – Em algum lugar aqui – Greta disse – há milhares de fichas mostrando como os circuitos são conectados. Precisamos queimar tudo. Então a equipe de reparos levará duas semanas, em vez de dois dias, para religar os cabos. Flick abriu o armário e encontrou quatro conjuntos de fichas com grandes diagramas, ordenadamente organizadas por classificadores de arquivo.

– É isto que estamos procurando? Greta examinou as fichas à luz da lanterna.

– Isso mesmo. Jelly disse: – Espalhe tudo em volta da bomba de termita. Vão queimar em poucos segundos.

Flick jogou as fichas no chão, em desordem.

Jelly pôs o pacote gerador de oxigênio no chão na extremidade da sala. – Isso fará com que o fogo fique mais forte – ela disse. Geralmente só queimamos as armações de madeira e os isolantes em volta dos cabos, mas com isto os cabos de cobre deverão derreter.

Tudo estava pronto.

Flick girou a lanterna pela sala. As paredes externas eram antigas, de tijolos, mas as internas entre as salas eram de madeira leve. A explosão destruiria as divisórias e o fogo se espalharia rapidamente pelo resto do porão.

Cinco minutos haviam passado desde que a luz foi cortada.

Jelly tirou um isqueiro do bolso.

– Vocês duas, tratem de sair do prédio – Flick disse. – Jelly, no caminho, vá até a sala do gerador e instale explosivos na linha de abastecimento de combustível, aquela que mostrei.

– Entendido.

– Nos encontramos na casa de Antoinette.

Greta disse, ansiosa: – Aonde você vai? – Encontrar Ruby. Jelly avisou: – Você tem cinco minutos.

Flick assentiu, inclinando a cabeça. Jelly acendeu o estopim.

QUANDO DIETER PASSOU do porão escuro para a meia-luz da escada, notou que os guardas não estavam na entrada. Sem dúvida tinham ido buscar ajuda,

mas a falta de disciplina o irritou. Deviam ter ficado nos seus postos.

Talvez tivessem sido removidos à força. Teriam sido afastados sob a mira de uma arma? O castelo já estava sob ataque? Subiu correndo a escada. No térreo, não viu sinal de batalha. As telefonistas continuavam a trabalhar. O sistema telefônico ficava em um circuito separado do resto da eletricidade do prédio e ainda entrava bastante luz pelas janelas para que vissem as mesas. Ele atravessou correndo a cantina, a caminho para os fundos do prédio, onde ficavam as oficinas de manutenção, mas olhou a cozinha e viu três soldados de macacão, olhando para uma caixa de fusíveis.

– Há um corte de força no porão – Dieter disse.

– Eu sei – disse um dos homens. Tinha divisa de sargento na camisa. – Todos os fios foram cortados.

Dieter ergueu a voz.

– Então, apanhe suas ferramentas e ligue-a de novo, seu idiota! – ele disse. – Não fique aí parado coçando a cabeça.

O sargento se assustou. – Sim, senhor – ele disse.

Um jovem cozinheiro, preocupado, disse: – Acho que é o forno elétrico, senhor.

– O que aconteceu? – Dieter rosnou.

– Bem, major, estavam limpando atrás do forno, e houve um estouro...

– Quem? Quem estava limpando? – Eu não sei, senhor.

– Um soldado, alguém que você conhece? – Não, senhor... só uma faxineira.

Dieter não sabia o que pensar. Evidentemente o castelo estava sendo atacado. Mas onde estava o inimigo? Saiu da cozinha, foi para a escada e subiu para os escritórios no andar superior.

Quando chegou a uma curva da escada, alguma coisa chamou sua atenção. Uma mulher alta, com macacão de faxineira, subia a escada, vindo do porão, carregando um esfregão e um balde.

Dieter parou, olhando para ela, a mente disparada. Ela não devia estar ali. Só alemães podiam entrar no porão. É claro que qualquer coisa podia ter acontecido na confusão da falta de luz. Mas o cozinheiro achava que uma faxineira era responsável pelo curto-circuito. Lembrou da breve conversa com a supervisora das telefonistas.

Nenhuma delas era nova no emprego mas ele não tinha perguntado sobre as faxineiras francesas. Ele desceu a escada e encontrou-a no térreo.

– Por que você estava no porão? – perguntou em francês.

– Fui limpar, mas as luzes estavam apagadas.

Dieter ficou intrigado. Ela falava francês com um sotaque que ele não conseguia identificar.

– Vocês não podem entrar lá – ele disse.

– Sim, o soldado me disse, eles mesmos fazem a limpeza. Eu não sabia.

O sotaque não era inglês, Dieter pensou. Mas de onde era? – Há quanto tempo você trabalha aqui? – Só há uma semana, e sempre limpei lá em cima, até hoje. A história era plausível, mas Dieter não estava satisfeito.

– Venha comigo. – Segurou o braço dela com firmeza. A mulher não resistiu e eles atravessaram a cozinha.

Dieter falou com o cozinheiro: – Reconhece esta mulher? – Sim, senhor. Era ela quem estava limpando atrás do forno. Dieter olhou para ela.

– Isso é verdade? – Sim, senhor. Sinto muito se estraguei alguma coisa. Dieter reconheceu o sotaque.

– Você é alemã – ele disse.

– Não, senhor.

– Sua traidora suja! – Olhou para o cozinheiro. – Segure essa mulher e venha comigo. Ela vai me contar tudo.

Flick abriu a porta marcada "Sala de Entrevistas", entrou, fechou a porta e girou a luz da lanterna pela sala.

Viu uma mesa de pinho com cinzeiros, várias cadeiras e uma mesa de aço. A sala estava vazia.

Ficou intrigada. Tinha localizado as celas da prisão naquele corredor e espiou para dentro de todas elas com a lanterna. Todas estavam vazias. Os prisioneiros capturados pela Gestapo durante os últimos oito dias, incluindo Gilberte, deviam ter sido removidos para algum outro lugar... ou foram mortos. Mas Ruby devia estar ali.

Então viu, à esquerda, uma porta que devia dar para uma câmara interna.

Ela desligou a lanterna, abriu a porta, entrou, fechou a porta e ligou a lanterna.

Viu Ruby imediatamente. Estava deitada na mesa que parecia uma mesa cirúrgica. Correias especialmente desenhadas prendiam seus pulsos e seus tornozelos e impossibilitavam o movimento da cabeça. O fio de uma máquina de choque elétrico passava entre seus pés e subia debaixo da saia. com uma exclamação de horror, Flick imediatamente compreendeu o que tinham feito com Ruby.

Aproximou-se da mesa.

– Ruby, pode me ouvir? Ruby gemeu. O coração de Flick deu um pulo. Ela ainda estava viva.

– Vou soltar você – ela disse. Pôs a Sten na mesa. Ruby tentava falar, mas tudo que conseguia era gemer.

– Flick – ela disse, finalmente.

– O que é? – Atrás de você.

Flick pulou para o lado. Uma coisa pesada passou raspando por sua orelha e atingiu o ombro esquerdo com força. Ela gritou de dor, deixou cair a lanterna e caiu no chão. Rolou para lado, movendo-se o mais depressa possível para que seu assaltante não pudesse atingi-la outra vez.

Tinha ficado tão chocada ao ver Ruby que não iluminou com a lanterna a sala toda. Alguém estava de tocaia no escuro, esperando uma oportunidade, e a tinha atacado de surpresa.

Seu braço esquerdo estava momentaneamente imobilizado. com a mão direita, procurou a lanterna no chão. Antes de encontrá-la, ouviu um estalo e as luzes acenderam.

Ela piscou os olhos e viu duas pessoas. Uma, um homem atarracado, com cabeça redonda e cabelo muito curto. Atrás dele estava Ruby. No escuro, Ruby tinha apanhado o que parecia uma barra de aço, e a ergueu acima da cabeça, pronta para o golpe. Assim que a luz voltou Ruby viu o homem, virou e desceu a barra com toda a força na cabeça dele. Foi um golpe violento. O homem caiu e ficou imóvel. Flick levantou. Voltava a sentir o braço. Apanhou a metralhadora Sten.

Ruby estava ajoelhada ao lado do corpo do homem.

– Conheça o sargento Becker – ela disse.

– Você está bem? – Flick perguntou.

– Estou em agonia sangrenta, mas vou me vingar deste maldito filho da mãe. – Agarrou a frente da túnica do uniforme de Becker, o fez ficar de pé, e então, com esforço, o empurrou para a mesa cirúrgica.

Ele gemeu.

– Ele está voltando a si. – Flick disse. – Vou acabar com ele.

– Quero só dez segundos. – Ruby endireitou os membros do homem, prendeu os pulsos e os tornozelos, depois imobilizou a cabeça. Finalmente, apanhou o terminal cilíndrico da máquina de eletrochoque e enfiou na boca dele. Becker engasgou, com ânsia de vômito, mas não podia mover a cabeça. Ela pegou um rolo de fita isolante, rasgou uma tira com os dentes e prendeu o cilindro para que não saísse da boca. Então foi até a máquina e acionou o

interruptor.

Ouviram um zumbido surdo. O homem na mesa soltou um grito estrangulado. O corpo preso se crispou em convulsões. Ruby olhou para ele por um momento e disse: – Vamos embora.

Saíram, deixando o sargento Becker se contorcendo na mesa, gritando como um porco no matadouro.

Flick consultou o relógio. Dois minutos desde que Jelly acendera os pavios.

Passaram pela sala de entrevistas e saíram num corredor. Não havia mais confusão. Viram apenas três soldados na entrada conversando calmamente. Flick andou rapidamente para eles com Ruby atrás.

O instinto de Flick mandava passar direto pelos soldados, contando com um ar confiante, mas então olhou para a porta e viu a figura alta de Dieter Franck se aproximando, acompanhado por duas ou três pessoas que ela não podia ver claramente. Parou de repente. Ruby colidiu com ela. Flick virou para a porta mais próxima, onde estava escrito "Sala de Rádio". Ela abriu a porta. A sala estava vazia. Elas entraram.

Flick deixou a porta um pouco aberta. Ouviu o major Franck vociferar em alemão: – Capitão, onde estão os dois homens que deviam estar guardando esta entrada? – Eu não sei, major. Eu estava justamente perguntando... Flick tirou o silenciador da Sten e regulou para fogo rápido.

Tinha usado só quatro balas, sobravam vinte e oito no pente.

– Sargento, você e este cabo ficam de guarda. Capitão, vá ao escritório do major Weber e diga que o major Franck recomenda que se faça uma revista no porão imediatamente. Vá, depressa! Um momento depois, os passos de Franck passaram pela sala de rádio. Flick esperou, escutando. Uma porta bateu. Ela espiou o corredor. Franck tinha desaparecido.

– Vamos – ela disse para Ruby. Saíram da sala de rádio e caminharam para a porta principal.

O cabo disse em francês: – O que estão fazendo aqui? Flick tinha a resposta preparada. – Minha amiga Valerie é nova neste trabalho e veio ao lugar errado na confusão do blackout. O cabo hesitou. – Ainda está claro lá em cima, como ela podia se perder? Ruby disse: – Sinto muito, senhor. Pensei que devia limpar aqui e ninguém me impediu de entrar.

O sargento disse em alemão: – Devemos impedir que entrem, não deixe que fiquem aqui dentro, cabo. – Com um sorriso, fez sinal de que elas podiam passar.

DIETER AMARROU A prisioneira numa cadeira e mandou embora o cozinheiro que a tinha escoltado até ali. Olhou para a mulher por um momento, tentando calcular quanto tempo ele tinha. Uma agente fora presa na rua, fora do castelo. Outra, se era uma agente, fora capturada subindo a escada do porão. Será que as outras tinham entrado e saído? Estariam esperando em algum lugar para entrar? Ou estariam dentro do prédio naquele momento? Era frustrante não saber o que estava acontecendo. Mas ele tinha dado ordens para revistar o porão. A única outra coisa que podia fazer era interrogar a prisioneira.

Dieter começou com um tradicional tapa no rosto, inesperado e desmoralizador. A mulher deixou escapar uma exclamação abafada de choque e de dor.

– Onde estão suas amigas? – ele perguntou.

O rosto da mulher ficou vermelho. Ele observou a expressão dela. O que viu o deixou intrigado. A mulher parecia feliz.

– Você está no porão do castelo – ele disse. – Depois daquela porta fica a câmara de tortura. No outro lado, além daquela divisória, fica o mecanismo dos telefones. Estamos no fim de um túnel, num beco sem saída, no *cul-de-sac*, como dizem os franceses. Se suas amigas planejam explodir o prédio, você e eu certamente morreremos nesta sala.

A expressão dela não mudou. Talvez o castelo não estivesse para explodir, Dieter pensou. Mas, então, qual era a missão? – Você é alemã – ele disse. – Por que está ajudando os inimigos do seu país? Finalmente ela falou: – Vou contar pra você – Greta disse em alemão, com sotaque de Hamburgo. – Há muitos anos tive um amante. O nome dele era Manfred. – Olhou para longe, lembrando. – Seus nazistas o prenderam e o mandaram para um campo. Acho que ele morreu lá, nunca tive notícias. – Fez uma pausa. Dieter esperou. Depois de um momento, ela continuou: – Quando eles o tiraram de mim, jurei me vingar, e é isso. – Sorriu, feliz. – Seu regime fedorento está quase no fim. E eu ajudei a destruí-lo.

Havia algo errado. Ela falava como se a coisa já estivesse feita. Além disso, o curto-circuito tinha acabado. Será que o blackout já tinha servido a seu objetivo? Aquela mulher não demonstrava medo. Mas podia ser porque não se importava com a morte? – Por que seu amante foi preso? – Disseram que ele era um pervertido.

– De que tipo? – Ele era homossexual.

– Mas era seu amante? – Era.

Dieter hesitou, e então olhou atentamente para ela. A mulher era alta e tinha ombros largos, e debaixo da maquiagem tinha o nariz e o queixo masculinos...

– Você é homem? – ele disse, atônito. Ela apenas sorriu.

Uma suspeita terrível o assaltou. – Por que está me contando isso? – perguntou. – Está tentando me manter ocupado enquanto suas amigas fogem? Está sacrificando sua vida para garantir o sucesso da missão?...

Seu raciocínio foi interrompido por um leve ruído. Parecia um grito estrangulado. Pensando bem, Dieter percebeu que já o tinha ouvido umas duas ou três vezes, e o ignorara. O som Parecia vir da sala ao lado. Dieter levantou de um salto e foi para a câmara de tortura, onde esperava ver a outra agente na mesa, e ficou chocado. Dieter encontrou outra pessoa. Era um homem, ele viu imediatamente, mas a princípio não o reconheceu, porque o homem estava com o rosto distorcido – a mandíbula deslocada, os dentes quebrados, as faces manchadas de sangue e de vômito. Então ele reconheceu a figura atarracada do sargento Becker. Os fios da máquina de eletrochoque estavam diretamente ligados à boca de Becker. Dieter compreendeu que o terminal da máquina estava dentro da boca do homem, preso com fita isolante. Becker ainda estava vivo, com convulsões e emitindo sons horríveis. Dieter ficou horrorizado. Desligou a máquina. Becker parou de se contorcer. Dieter pegou o fio e puxou-o com força. O terminal saiu da boca de Becker e Dieter o jogou no chão.

Inclinou-se sobre a mesa.

– Becker! – ele disse. – Pode me ouvir? O que aconteceu aqui? Ali não havia resposta.

NO ANDAR SUPERIOR TUDO ESTAVA normal. Flick e Ruby passaram calmamente pelas fileiras de telefonistas, todas ocupadas nas suas mesas, murmurando nos microfones presos na cabeça, ligando pinos nos soquetes, conectando os que tomavam as decisões em Berlim, Paris e na Normandia. Flick consultou o relógio. Dentro de dois minutos exatamente aquelas conexões seriam destruídas, e a máquina militar desmoronaria, espalhando componentes isolados, incapazes de funcionar juntos. Agora, Flick pensou, se ao menos pudermos sair... Saíram do prédio sem incidentes. Em poucos segundos estariam na praça da cidade. Estavam quase lá. Mas no pátio encontraram Jelly, voltando para o castelo. – Onde está Greta? – ela perguntou. – Ela saiu com você! – Flick respondeu.

– Eu parei para pôr uma carga na linha do diesel do gerador, como você

mandou. Greta foi na frente. Mas não chegou à casa de Antoinette. Acabo de encontrar Paul, e ele não a viu. Voltei para procurá-la. – Jelly tinha um saco de papel na mão.

– Eu disse ao guarda no portão que saí para comprar meu jantar.

Flick ficou consternada. – Greta deve estar lá dentro... diabos! – Vou voltar e procurá-la – Jelly disse, decidida. – Ela me salvou da Gestapo, em Chartres, portanto devo uma a ela. Flick olhou o relógio. – Temos menos de dois minutos. Vamos! Voltaram correndo para o castelo. As telefonistas olharam para elas quando passaram pela sala. Flick começava a pensar. Para salvar uma da equipe, estaria sacrificando mais duas e ela mesma? Quando chegou à escada, parou. Os dois soldados que as tinham deixado sair do porão com uma piada não as deixariam entrar outra vez. – Como antes – ela disse às outras em voz baixa. – Aproximem-se dos guardas inocentemente, e no último momento atirem neles.

Ouviram uma voz lá de cima.

– O que está acontecendo aqui? Flick ficou imóvel. Olhou para trás. Na escada, descendo do último andar, viu quatro homens. Um major de uniforme apontava uma pistola para ela. Flick o reconheceu. Major Weber. Era a equipe de busca pedida por Dieter Franck. Apareceu exatamente no momento errado. Flick se censurou por ter tomado a decisão errada. Agora quatro estariam perdidas em lugar de uma.

– Vocês, mulheres, parecem conspiradoras – Weber disse.

– O que quer conosco? – Flick perguntou. – Somos as faxineiras.

– Talvez sejam – ele disse. – Mas há uma equipe de mulheres agentes inimigas no distrito.

Flick fingiu alívio. – Oh, ótimo – ela disse. – Se está procurando agentes inimigas, estamos a salvo. Tive medo de que não estivesse satisfeito com nosso trabalho. – Deu uma risada forçada e Ruby fez o mesmo. Ambas soaram falsamente. Weber disse: – Levantem as mãos.

Quando ergueu a mão, Flick consultou o relógio no pulso. Faltavam trinta segundos.

– Desçam a escada – Weber disse.

Relutante, Flick começou a descer. Ruby e Jelly foram atrás e os quatro homens as seguiram. Ela desceu o mais devagar possível, contando os segundos.

Parou no fim da escada. Vinte segundos.

– Vocês outra vez? – disse um dos guardas.

– Pergunte ao seu major – Flick disse.

– Andando – disse Weber.

– Eu pensei que não podíamos ir ao porão.

– Apenas andem! Cinco segundos. Passaram pela porta do porão. Ouviram uma explosão tremenda.

Na extremidade do corredor, as divisórias da câmara de equipamentos explodiram para fora. Mais explosões. As chamas cresciam sobre os escombros. Flick foi derrubada.

Ergueu-se apoiada num joelho, tirou a metralhadora do macacão. Os guardas do porão, Weber e os três homens também tinham caído. Flick puxou o gatilho. Dos seis alemães, só Weber manteve a presença de espírito. Enquanto Flick atirava, Weber disparou a pistola. Ao lado de Flick, Jelly, lutando para se levantar, deu um grito e caiu. Então Flick atingiu Weber no peito e ele caiu. Flick esvaziou o pente nos seis corpos no chão. Ejetou o pente vazio, tirou outro do bolso e recarregou a arma.

Ruby abaixou-se perto de Jelly, procurando o pulso, e depois de um momento, olhou para cima. – Morta – ela disse.

Flick olhou para a outra extremidade do corredor, onde Greta estava. As chamas saíam da câmara de equipamento, mas a parede na sala de entrevistas parecia intacta. Ela correu para o inferno de fogo.

DIETER SE VIU DEITADO no chão, sem saber como tinha ido parar lá. Ouviu o rugido das chamas e sentiu cheiro de fumaça. Levantou-se com dificuldade e olhou para dentro da sala de entrevistas. Viu imediatamente que as paredes de tijolos da câmara de tortura tinham salvado sua vida. As divisórias entre a sala de entrevistas e a câmara de equipamentos tinham desaparecido. Os poucos móveis na sala de entrevistas tinham sido atirados contra a parede. O mesmo aconteceu com a prisioneira, que estava no chão ainda amarrada na cadeira, o pescoço quebrado num ângulo horrível, e ela – ou ele – estava morta. A câmara de equipamentos estava em chamas e o fogo se alastrava rapidamente.

Dieter compreendeu que tinha poucos segundos para sair dali. A porta da sala de entrevistas se abriu, e Flick Clairet apareceu, empunhando uma metralhadora automática.

A peruca preta estava meio de lado, deixando ver o cabelo louro. Corada, respirando com dificuldade, com olhar selvagem, Flick estava muito bonita. Se ele tivesse uma arma naquele momento, a teria destruído de pura raiva. Ela seria um troféu sem preço se capturada viva, mas Dieter estava tão furioso e humilhado com o sucesso dela e o próprio fracasso que não teria se controlado.

Mas quem tinha a arma era Flick.

Ela não viu Dieter logo que chegou, mas olhou para o corpo da companheira. Dieter pôs a mão dentro do paletó. Então Flick ergueu os olhos e encontrou os dele. Ele viu que ela o reconheceu. Flick sabia quem ele era. Dieter viu um brilho de triunfo nos olhos dela. Mas viu também a sede de vingança, e ela levantou a Sten e atirou. Dieter recuou e entrou na câmara de tortura quando as salas lançaram para longe fragmentos da parede. Ele tirou sua pistola automática Walther P38 de dentro do casaco, destravou e apontou para a porta, esperando que Flick entrasse. Ela não apareceu. Dieter esperou alguns segundos e arriscou olhar.

Flick tinha desaparecido.

Ele atravessou correndo a sala de entrevista em chamas, abriu a porta e saiu para o corredor. Flick e outra mulher estavam correndo para a outra extremidade. Quando ele ergueu a arma, elas saltaram por cima de um grupo de corpos uniformizados no chão. Ele apontou para Flick e então sentiu uma dor lancinante e um calor intenso no braço. Deu um grito e deixou cair a arma. Viu que seu braço estava em chamas. Tirou o casaco. Quando olhou outra vez, as mulheres tinham desaparecido. Dieter empunhou a pistola e foi atrás delas. Enquanto corria, sentiu o cheiro de combustível. Devia haver um vazamento – ou talvez um cano furado pelas sabotadoras. A qualquer momento agora, o porão todo explodiria como uma bomba gigantesca. Mas ele ainda tinha de capturar Flick. Ele correu e começou a subir a escada.

NA CÂMARA DE TORTURA, o uniforme do sargento Becker começou a ficar chamuscado. O calor e a fumaça o fizeram recobrar a consciência, e ele gritou pedindo ajuda, mas ninguém ouviu.

Ele procurou se livrar das tiras de couro que o prendiam, como tantas das suas vítimas haviam tentado no passado, mas, do mesmo modo que elas, ele também não podia se libertar.

Alguns momentos depois, sua roupa pegou fogo, e ele começou a gritar.

FLICK VIU DIETER subindo a escada com a arma na mão. Pensou que, se parasse para atirar nele, Dieter poderia atirar primeiro. Resolveu correr e não enfrentar uma luta. Alguém tinha ativado o alarme contra fogo e a sirene soava em todo o castelo quando ela e Ruby atravessaram correndo as salas das mesas telefônicas. Todas as telefonistas deixaram seus postos e se amontoavam nas portas, de modo que Flick se viu presa no meio da multidão. Era difícil para Dieter atirar nela ou Ruby, mas as outras mulheres atrasavam sua fuga. Flick empurrava-as com os braços e as pernas para abrir caminho. Chegaram à entrada

e desceram os degraus. Na praça, Flick viu a van de carnes de Moulier encostada nos portões do castelo, com o motor ligado e as portas de trás abertas. Paul estava ao lado, olhando ansiosamente para as grades de ferro. Flick pensou que ele era a melhor coisa que já tinha visto na vida. Mas quando as mulheres saíram do prédio, dois guardas as orientavam para o vinhedo no lado oeste do pátio, para longe dos carros estacionados. Flick e Ruby ignoraram as instruções e os gestos dos guardas e correram para os portões. Quando os soldados viram a metralhadora de Flick, sacaram as armas.

Um rifle apareceu nas mãos de Paul. Ele apontou para as grades. Dois tiros ecoaram e os dois guardas caíram.

Paul abriu os portões.

Flick correu para a saída com as balas zunindo acima de sua cabeça, atingindo a van. Dieter estava atirando.

Paul saltou para o banco da frente da van. Flick e Ruby praticamente se atiraram na parte de trás.

Quando a van saiu, Flick viu Dieter virar para o estacionamento onde seu carro azul-celeste esperava. Naquele momento, no porão, o fogo chegou aos tanques de combustível. Ouviram uma explosão abafada como de um terremoto. O estacionamento entrou em erupção, cascalho e terra e pedaços de concreto voando em todas as direções. Metade dos carros estacionados em volta da velha fonte foi atingida. Pedras enormes e pedaços de argamassa choveram em cima dos outros. Dieter foi jogado para trás, em cima dos degraus. A bomba de gasolina subiu no ar e uma chama saltou do chão, do buraco em que ela tinha estado. Vários carros se incendiaram e os tanques de gasolina começaram a explodir, um a um. A van saiu da praça e Flick não viu mais nada.

Paul seguiu a toda a velocidade para a cidade. Flick e Ruby eram sacudidas no chão de metal da van. Aos poucos Flick compreendeu que a missão estava cumprida. Mal podia acreditar. Pensou em Greta e Jelly, mortas, e em Diana e Maude, ambas mortas ou morrendo em algum campo de concentração, e não podia se sentir feliz. Tudo que sentia era uma satisfação selvagem, lembrando a câmara de equipamento em chamas e da explosão do estacionamento.

Olhou para Ruby. Ruby sorriu para ela.

– Nós conseguimos – ela disse.

Flick assentiu com uma inclinação de cabeça. Ruby passou os braços em volta de Flick e a apertou com força.

– Sim – Flick disse. – Nós conseguimos.

O ÚLTIMO DIA Terça-feira, 6 de junho de 1944 Dieter se levantou. Embora todo machucado, podia andar. O castelo estava em chamas, e o estacionamento, destruído. As mulheres gritavam em pânico. Ele olhou para a carnificina a sua volta. As Jackdaws tinham completado sua missão. Mas ela não tinha acabado ainda. Elas estavam ainda na França. E se ele pudesse capturar e interrogar Flick, podia ainda transformar a derrota em vitória. Em algum momento, nessa noite, ela devia estar planejando o encontro com um avião pequeno num campo não muito distante de Reims. Dieter tinha de descobrir onde e quando.

E sabia quem ia contar.

O marido dela.

CAPÍTULO 52

DIETER ESTAVA NA plataforma da estação de trens de Reims. Ferroviários e soldados alemães o viam ali, esperando pacientemente sob as luzes fortes. O trem de prisioneiros estava atrasado algumas horas, mas ia chegar, tinham garantido. Dieter precisava esperar. Era sua única e última cartada. Seu coração estava cheio de raiva. Fora humilhado e derrotado por uma mulher. Se ela fosse alemã, Dieter teria se orgulhado dela. Ele a teria considerado brilhante e corajosa. Mas era uma inimiga e o tinha vencido em todos os momentos. Matou Stephanie, destruiu o castelo e escapou. Mas ele ia capturá-la. E, quando isso acontecesse, ela sofreria torturas piores do que podia imaginar – então falaria.

Todos falavam.

O trem entrou na estação alguns minutos depois da meia-noite. Dieter sentiu o fedor antes mesmo de o trem parar. Era como o cheiro do terreiro de uma fazenda, mas nojentamente humano. Os vagões eram muitos e variados, nenhum feito para transportar passageiros: vagões de carga, vagões de gado, até um vagão-correio com as janelas estreitas quebradas.

Todos repletos de gente. Os vagões de gado tinham os lados altos de madeira com aberturas que permitiam olhar os animais. Os prisioneiros enfiavam os braços nas aberturas, com as mãos abertas, as palmas voltadas para cima, implorando. Imploravam para sair, imploravam alguma coisa para comer, mas, acima de tudo, pediam água. Os guardas olhavam impassíveis. As instruções de Dieter era para que nenhum alívio fosse concedido aos prisioneiros em Reims naquela noite.

Dois cabos da Waffen SS o acompanhavam, guardas do castelo, os dois bons atiradores. Ele os tinha tirado das ruínas de Santa Cecília, usando sua autoridade de major. – Tragam Michel Clairet – Dieter disse aos guardas. Michel estava preso na sala sem janelas, onde o chefe da estação guardava o dinheiro. Os cabos saíram da plataforma e logo voltaram com Michel entre eles. As mãos dele estavam amarradas nas costas, e seus tornozelos também, para que não pudesse fugir. Michel não sabia o que tinha acontecido em Santa Cecília. Tudo que sabia era que fora capturado pela segunda vez naquela semana. Pouco restava da sua personalidade de bucaneiro. Tentava, em vão, manter um ar de desafio para alimentar o próprio moral. Estava mancando muito mais, suas roupas estavam sujas e o rosto abatido. Michel parecia derrotado.

Dieter segurou o braço dele e o levou para perto do trem. Em princípio, Michel não compreendeu o que via, e seu rosto só mostrava incompreensão e medo. Então, quando viu as mãos que imploravam e ouviu as vozes angustiadas, cambaleou como se tivesse levado um golpe, e Dieter teve de segurá-lo para não cair.

Dieter disse: – Preciso de algumas informações. Michel balançou a cabeça.

– Pode me pôr no trem – ele disse. – Prefiro eles a você. Dieter ficou chocado com o insulto e surpreso com a coragem de Michel. – Diga-me onde o avião das Jackdaws vai pousar e quando.

Michel olhou para ele.

– Você não as capturou – ele disse, sentindo voltar a esperança. – Elas explodiram o castelo, não foi? Elas conseguiram. – Inclinou a cabeça para trás e deu um grito de alegria: – Bom trabalho, Flick! Dieter o fez andar ao lado do trem, lentamente, mostrando os prisioneiros e a escala do seu sofrimento. – O avião – ele disse outra vez. Michel disse: – No campo perto de La Chatelle, às três da manhã.

Dieter tinha quase certeza de que a informação era falsa. Flick devia ter pousado em La Chatelle setenta e duas horas atrás, mas abortou o pouso porque suspeitou de uma armadilha da Gestapo. Dieter sabia que havia um outro lugar para emergência, porque Gaston tinha dito, mas Gaston só sabia o nome de código, Champ d'Or, não onde ficava. Porém Michel devia saber o local exato.

– Você está mentindo – Dieter disse.

– Então me ponha no trem – Michel retrucou. Dieter balançou a cabeça.

– Essa não é a escolha. Nada é tão fácil.

Viu incompreensão e uma sombra de medo nos olhos de Michel.

Dieter o levou de volta e parou perto do vagão das mulheres. Vozes femininas imploravam em francês e em alemão, algumas pedindo piedade a Deus, outras pedindo aos homens para pensar em suas mães e irmãs, algumas poucas oferecendo favores sexuais. Michel abaixou a cabeça, recusando-se a olhar para o vagão.

Dieter fez sinal para dois vultos que se escondiam nas sombras. Michel ergueu os olhos e seu rosto se encheu de um medo terrível.

Hans Hesse saiu das sombras, escoltando uma jovem. Ela devia ter sido bonita, mas agora seu rosto estava branco, o cabelo pendia em mechas oleosas e os lábios estavam feridos. Ela parecia fraca, andando com dificuldade.

Era Gilberte.

Michel deixou escapar uma exclamação abafada.

Dieter repetiu a pergunta: – Onde o avião vai pousar, e quando? Michel não disse nada.

– Ponham a mulher no trem – Dieter disse. Michel gemeu. Um guarda abriu a porta do vagão de gado. Enquanto dois outros ameaçavam as mulheres com baionetas, o guarda empurrou Gilberte para dentro do vagão.

– Não! – ela gritou. – Por favor, não! O guarda ia fechar a porta, mas Dieter disse: – Espere. – Olhou para Michel. As lágrimas desciam pelo rosto dele.

– Por favor, Michel – Gilberte disse. – Eu imploro! Michel assentiu com um movimento da cabeça. – Tudo bem – ele disse. – Não minta outra vez – Dieter avisou.

– Deixem ela ir.

– A hora e o lugar.

– A plantação de batatas a leste de Laroque, às duas da manhã.

Dieter olhou para o relógio. Era meia-noite e quinze. – Venha e me mostre – ele disse.

A CINCO QUILÔMETROS DE Laroque, o vilarejo de L'Epine dormia. O luar claro iluminava a grande igreja. Atrás da igreja, a van de carnes de Moulier estava parada, escondida perto do celeiro. Na sombra de um arco, as duas Jackdaws sobreviventes esperavam.

– O que você mais deseja agora? – Ruby perguntou.

– Um bife – Paul disse. Flick disse: – Uma cama macia com lençóis limpos. E você? – Ver Jim.

Flick lembrou que Ruby tivera um caso breve com o instrutor de tiro.

– Eu pensei... – Não terminou a frase.

– Você pensou que era só uma aventura passageira? – Ruby perguntou.

Flick fez que sim com a cabeça, embaraçada.

– Jim também pensou – Ruby disse. – Mas eu tenho outros planos.

Paul riu baixinho.

– Aposto que vai conseguir o que quer.

– E vocês dois? – Ruby perguntou.

– Eu sou solteiro – Paul disse. Olhou para Flick.

Ela balançou a cabeça. – Eu pretendia pedir o divórcio a Michel... mas como, no meio de uma operação? – Então esperaremos o fim da guerra para nos casar – disse Paul. Sou paciente.

Típico de um homem, Flick pensou. Ele insere o casamento na conversa como se fosse um pequeno detalhe, no mesmo nível de uma licença para cachorro. Isso é romance? Mas, na verdade, ficou satisfeita. Era a segunda vez que ele mencionava casamento. Quem precisava de romance, ela pensou.

Consultou o relógio. Uma e meia.

– Está na hora – ela disse.

DIETER PEDIRA UMA limusine Mercedes que estava fora do terreno do castelo e sobrevivera à explosão. O carro agora estava estacionado na borda do vinhedo, perto da plantação de batatas em Laroque, camuflado com parreiras arrancadas do solo. Michel e Gilberte estavam no banco de trás, mãos e pés amarrados, guardados por Hans.

Dieter tinha também a companhia de dois cabos, ambos armados com rifles. Dieter e os atiradores olhavam para a plantação de batatas. Viam claramente à luz da lua.

– As terroristas estarão aqui dentro de poucos minutos, Dieter disse. – Temos a vantagem da surpresa. Elas não têm ideia de que estamos aqui. Mas, lembrem-se, eu as quero vivas, especialmente a líder, a menor. Vocês devem atirar para ferir, não para matar.

Um dos atiradores disse: – Não podemos garantir isso. Este campo deve ter trezentos metros de largura. Digamos que o inimigo esteja a cento e cinquenta metros de nós. A essa distância, ninguém pode ter certeza de acertar nas pernas de um homem que está correndo.

– Não estarão correndo – Dieter disse. – Esperam um avião. Terão de fazer uma fila, apontando lanternas para guiar o piloto para o pouso. Isso significa que ficarão imóveis por vários minutos.

– No meio do campo? – Sim.

O homem balançou a cabeça, assentindo. – Então podemos fazer isso. – Olhou para cima. – A não ser que a lua se esconda atrás de uma nuvem.

– Nesse caso, ligaremos os faróis do carro no momento exato. – O Mercedes tinha faróis enormes, do tamanho de travessas de mesa.

O outro atirador disse: – Escutem.

– Ficaram em silêncio. Um carro se aproximava. Todos se ajoelharam. Apesar do luar, não seriam vistos entre os vinhedos escuros, desde que mantivessem as cabeças abaixadas.

Uma van apareceu, vinda do vilarejo, com as luzes apagadas. Parou na frente do portão da plantação de batatas. Uma mulher saltou e abriu o portão. A van parou e o motor foi desligado. Mais duas pessoas desceram, outra mulher e um homem. – Quietos agora – Dieter murmurou.

De repente, o silêncio foi quebrado por uma buzina de carro incrivelmente alta.

Dieter saltou e praguejou. Vinha de trás dele.

– Jesus! – ele explodiu. Era o Mercedes. Ele levantou de um salto e correu para a janela aberta do lado do motorista. Viu imediatamente o que tinha acontecido. Michel tinha se inclinado para a frente, por cima do banco do motorista, e antes que Hans tivesse tempo de impedir, apertou a buzina com as duas mãos amarradas. Hans, no banco do passageiro, agora tentava apontar a arma, mas Gilberte entrou em ação e deitou em cima dele, impedindo seus movimentos. Hans procurava empurrá-la para longe.

Dieter estendeu o braço e empurrou Michel, mas ele resistiu, e Dieter, inclinado para dentro do carro, com as duas mãos para a frente, não podia fazer muita força. A buzina continuava a soar seu aviso ensurdecedor, que os agentes da Resistência não podiam deixar de ouvir.

Dieter tentou apanhar sua arma. Michel encontrou o botão e acendeu os faróis do carro. Dieter olhou para cima. Os atiradores estavam horrivelmente expostos pela luz dos faróis. Os dois ficaram de pé, mas antes de terem tempo de fugir da luz uma metralhadora foi disparada do campo. Um deles deu um grito, deixou cair o rifle, pôs a mão na barriga e caiu em cima do capô do Mercedes. Então, o outro foi atingido na cabeça. Dieter sentiu uma dor aguda no braço esquerdo e soltou um grito.

Então alguém atirou dentro do carro, e Michel gritou. Hans tinha finalmente afastado Gilberte e sacado a pistola. Ele atirou outra vez, e Michel caiu para a frente, mas com a mão ainda na buzina e o corpo agora sobre a mão. Hans atirou pela terceira vez, inutilmente, e a bala bateu no corpo do homem

morto. Gilberte gritou e se atirou para cima de Hans novamente, agarrando o braço que segurava a arma com as mãos amarradas. Dieter estava com a arma na mão, mas não podia atirar em Gilberte com medo de ferir Hans. Ouviu-se um quarto tiro. Era a arma de Hans outra vez, mas agora apontada para cima, e a bala atingiu seu queixo. Hans gorgolejou horrivelmente, o sangue jorrou de sua boca, e ele tombou contra a porta do carro, os olhos parados e sem vida.

Dieter fez pontaria e atirou na cabeça de Gilberte.

Ele estendeu o braço direito e empurrou o corpo de Michel tirando-o de cima da direção.

A buzina parou de tocar.

Dieter desligou os faróis.

Olhou para o campo.

A van ainda estava lá, mas as Jackdaws tinham desaparecido.

Ele escutou atentamente. Nenhum movimento.

Dieter estava sozinho.

FLICK SE ARRASTOU NO meio do vinhedo, na direção do carro e Dieter Franck. O luar, tão necessário para voos clandestinos sobre território ocupado, agora era seu inimigo. Ela queria que uma nuvem escondesse a lua, mas por enquanto o céu estava claro. Ela seguiu perto do vinhedo, mas assim mesmo lançando uma sombra claramente visível. Tinha dado instruções para que Paul e Ruby ficassem atrás, escondidos na beira do campo, perto da van. Três pessoas faziam três vezes mais barulho, e ela não queria que um companheiro traísse sua presença.

Arrastava-se com os ouvidos atentos ao ruído de um motor. Precisava localizar os inimigos e matá-los antes da chegada do avião. As Jackdaws não podiam ficar no meio do campo com lanternas enquanto houvesse homens armados no vinhedo, prontos para atirar nelas. E se não fizessem sinal com as lanternas, o avião voltaria para a Inglaterra sem pousar. Era uma ideia insuportável.

Ela estava mais para dentro do vinhedo que o carro de Dieter Franck, estacionado ao lado das vinhas. Flick estava cinco fileiras de parreiras atrás dele. Ia se aproximar do inimigo por trás. A metralhadora automática estava na sua mão direita, pronta para atirar. Flick chegou à altura do carro. Franck estava camuflado com a vegetação, mas quando ela espiou por cima das fileiras de vinhas, viu o luar refletido no vidro traseiro. Os galhos das vinhas se cruzavam, formando uma rede, mas ela conseguiu se arrastar sob eles. Enfiou a cabeça

entre os galhos e olhou para cima e para baixo na próxima aleia. Vazia. Passou pelo espaço aberto e fez a mesma coisa. Com extrema cautela se aproximou do carro, mas não viu ninguém. Quando estava a duas fileiras do carro, conseguiu ver as rodas e o solo em volta. Pensou ter visto dois corpos de uniforme, imóveis. Quantos eram eles? Era uma longa limusine Mercedes, com espaço para até seis pessoas.

Flick chegou mais perto. Nada se movia. Estavam todos mortos? Ou um ou dois tinham sobrevivido e estavam escondidos ali perto, esperando para atacar? Finalmente, ela se arrastou até o carro.

As portas estavam abertas e o interior parecia cheio de corpos. Olhou na frente e reconheceu Michel. Conteve um soluço de dor. Ele não fora um bom marido, mas ela o escolhera, e agora estava morto, com três orifícios de bala na camisa azul de cambraia. Flick imaginou que tinha sido ele quem tocara a buzina. Nesse caso, morreu para salvar sua vida. Não tinha tempo para pensar nessas coisas agora, pensaria mais tarde, se vivesse.

Ao lado de Michel, estava um homem que ela não conhecia, morto com um tiro na garganta. Usava o uniforme de tenente. Havia mais corpos na parte de trás. Flick olhou pela porta aberta. Um corpo de mulher. Inclinou-se para dentro para ver melhor. com uma exclamação abafada, reconheceu Gilberte, e ela parecia estar olhando para Flick. Só depois de um horrível momento, Flick se deu conta de que os olhos não viam e que Gilberte estava morta, com um tiro na cabeça. Inclinou-se sobre Gilberte para ver o quarto corpo. O corpo se ergueu do chão do carro num movimento rápido. Antes que Flick tivesse tempo de gritar, o homem a agarrou pelos cabelos e encostou o cano de uma arma no seu pescoço.

Era Dieter Franck.

– Largue a arma – ele disse em francês.

Flick segurava a metralhadora na mão direita, mas apontada para cima, e antes que pudesse abaixá-la ele podia atirar nela. Não tinha escolha, e deixou a arma cair.

A metralhadora estava destravada e ela esperava que o impacto com o chão a fizesse disparar, mas a Sten caiu sem nenhum ruído.

– Recue.

Quando ela deu um passo para trás, ele a seguiu, saindo do carro, sempre com a arma no seu pescoço. Dieter endireitou o corpo.

– Você é tão pequena – ele disse, olhando para ela de alto a baixo. – E fez tamanho estrago.

Ela viu sangue na manga do terno dele e calculou que o tinha atingido

com a Sten. – Não só para mim – ele disse. – Aquela central telefônica é realmente tão importante quanto você imaginou que fosse.

Flick recuperou a voz. – Ótimo.

– Não fique tão satisfeita. Agora você vai causar estrago na Resistência.

Flick desejou não ter sido tão rigorosa quando ordenou que Paul e Ruby ficassem lá atrás. Agora, não havia chance de virem em sua ajuda.

Dieter passou a arma para o ombro dela.

– Não quero matar você, mas ficaria feliz em feri-la seriamente. Quero que você possa falar, é claro. Vai me dar todos os nomes e endereços que tem na cabeça.

Flick pensou no comprimido suicida na capa da sua caneta-tinteiro. Teria oportunidade de tomá-lo? – É uma pena que tenha destruído o local de interrogatório em Santa Cecília – ele continuou. – Terei de levá-la a Paris. Tenho o mesmo equipamento lá.

Flick pensou com horror na mesa cirúrgica e na máquina de eletrochoque.

– Gostaria de saber o que vai fazer você falar – ele disse. Dor pura acaba com a resistência de quase todos, é claro, mas acho que você deve suportar a dor por um tempo inconvenientemente longo. – Levantou o braço esquerdo. O ferimento aparentemente o incomodou, e ele fez uma careta, mas continuou impassível. Tocou no rosto dela. – A perda da sua beleza, talvez. Imagine este rosto bonito desfigurado, o nariz quebrado, os lábios partidos, um olho arrancado, as orelhas cortadas.

Flick sentiu náuseas, mas não demonstrou.

– Não? – A mão dele desceu, acariciou o pescoço dela, depois tocou num seio. – Humilhação sexual, então. Ficar nua na frente de muita gente, bolinada por um grupo de bêbados, obrigada a realizar atos grosseiros com animais...

– E qual de nós ficará mais humilhado com isso? – ela perguntou desafiadoramente. – Eu, a vítima indefesa... ou você, o verdadeiro perpetrador da obscenidade? Dieter retirou a mão. – Mas, por outro lado, temos torturas que destroem para sempre a capacidade da mulher para ter filhos.

Flick pensou em Paul e instintivamente se encolheu.

– Ah – ele disse com satisfação. – Acho que encontrei a chave para abrir você.

Flick compreendeu que fora tolice sua falar com ele. Agora tinha dado a informação que podia ser usada para vencer sua resistência.

– Vamos direto para Paris – ele disse. – Chegaremos de madrugada. Ao meio-dia, mais ou menos, você estará me pedindo para parar com a tortura e

ouvir todos os segredos que você guarda. Amanhã à noite prenderemos todos os membros da Resistência do Norte da França.

Flick estava gelada de medo. Franck não estava só se vangloriando. Ele podia fazer aquilo.

– Acho que você pode viajar na mala do carro – ele disse. – Não é completamente sem ar, e não vai sufocar. Mas vou pôr os corpos do seu marido e da amante dele junto com você. Algumas horas de solavancos com gente morta devem pôr você num bom estado de espírito para o que eu quero.

Flick estremeceu de horror. Não pôde evitar.

Com a pistola encostada no ombro dela, ele pôs a outra mão no bolso. Movimentou o braço cautelosamente. O ferimento era doloroso, mas não o incapacitava. Ele tirou um par de algemas.

– Dê-me suas mãos – ele disse. Flick ficou imóvel.

– Posso algemá-la ou inutilizar seus braços com um tiro em cada ombro.

Sem poder fazer nada, ela estendeu as mãos.

Ele fechou a algema no seu pulso esquerdo. Flick moveu o braço direito para ele. Então fez seu último e desesperado movimento.

Deu um golpe de lado com a mão esquerda e afastou a arma do ombro. Ao mesmo tempo, usou a mão direita para tirar a pequena faca da lapela da jaqueta.

Ele se encolheu e recuou, mas tarde demais. Ela se atirou para a frente e apontou a faca diretamente para o olho esquerdo dele. Dieter virou a cabeça, mas a faca já tinha entrado, e Flick se adiantou mais, apertando o corpo contra o dele, aprofundando mais a faca. Sangue e fluido jorraram do ferimento. Franck gritou em agonia e atirou, mas para o ar. Ele cambaleou para trás, mas ela o seguiu, sempre empurrando a faca com a palma da mão. A arma não tinha punho, e ela continuou a empurrar até os sete centímetros e meio da lâmina desaparecerem na cabeça dele. Dieter caiu para trás. Flick caiu em cima, com os joelhos no peito de Dieter, e sentiu as costelas sendo quebradas. Ele deixou cair a arma e ergueu as mãos, tentando alcançar a faca, mas estava muito enterrada. Flick apanhou a arma. Era uma Walther P38. Levantou, segurou a pistola com as duas mãos e apontou para Franck. Então, ele ficou imóvel.

Ela ouviu passos, e Paul apareceu correndo.

– Flick! Você está bem? Ela fez que sim com a cabeça.

Estava ainda apontando a Walther para Dieter Franck.

– Acho que isso não é necessário – Paul disse, suavemente. Depois de um momento, afastou as mãos dela, tirou a arma e travou-a.

Ruby apareceu.

– Ouçam – ela exclamou. – Ouçam! Flick ouviu o motor de um Hudson.

– Vamos embora – Paul disse.

Correram para o campo para orientar o avião que os levaria para casa.

ATRAVESSARAM O canal da Mancha com ventos fortes e chuva intermitente. Durante uma breve estiagem, o navegador foi à cabine de passageiros e disse: – Acho que vocês vão querer dar uma espiada lá para fora.

Flick, Ruby e Paul cochilavam. O chão era duro, mas estavam exaustos. Flick estava nos braços de Paul e não queria se mexer.

O navegador insistiu: – Acho bom olhar agora, antes que outra nuvem cubra tudo.

A curiosidade superou o cansaço de Flick. Ela levantou e foi até a pequena janela retangular. Ruby fez o mesmo. O piloto, amavelmente, inclinou um pouco o avião para um lado.

O canal da Mancha estava encapelado, e soprava um vento forte, mas era lua cheia e ela podia ver claramente. Mal podia acreditar. Logo abaixo do avião estava um grande navio de guerra repleto de canhões. Ao lado dele, um pequeno transatlântico, a pintura refletindo o branco do luar. Atrás deles, um velho e enferrujado navio a vapor levantava e baixava sobre as ondas. Além e atrás deles, havia cargueiros, transportes de tropas, velhos e usados petroleiros e grandes barcos de fundo chato para desembarque na praia. Até onde os olhos alcançavam, o canal estava cheio de embarcações.

O piloto inclinou a outra asa do avião e ela olhou para o outro lado. A mesma coisa.

– Paul, veja isto! – ela exclamou. Ele foi até a janela.

– Minha nossa! – ele disse. – Nunca em toda a vida vi tantos navios! – É a invasão! – Flick disse.

– Dê uma espiada na frente – disse o navegador.

Flick foi para a frente e olhou por cima do ombro do piloto. As embarcações se espalhavam no mar como um tapete, por milhas e milhas, até onde ela podia ver. Ouviu a voz incrédula de Paul. – Eu não sabia que existiam tantos malditos navios no mundo inteiro! – Quantos você calcula? – Ruby disse. O navegador disse: – Ouvi dizer cinco mil.

– Espantoso – Flick disse.

– Eu daria tudo para tomar parte nisso, vocês não?, – o navegador disse.

Flick olhou para Paul e para Ruby, e os três sorriram.

– Oh, nós tomamos – ela disse. – Nós fazemos parte disso, pode estar certo.



UM ANO DEPOIS
Quarta-feira, 6 de junho de 1945

CAPÍTULO 53

A RUA DE LONDRES CHAMADA Whitehall era ladeada por prédios grandiosos, que simbolizavam a magnificência do Império Britânico no passado, cem anos atrás. Dentro desses prédios, muitas das salas com janelas compridas eram subdivididas por divisórias, formando escritórios oficiais de baixa patente e salas de reunião para grupos importantes. Como um subcomitê de um subcomitê, o grupo Medalhas deliberava sobre homenagens a combatentes de Ações Clandestinas numa sala sem janelas, de cinco metros quadrados, com uma vasta e fria lareira que ocupava metade de uma parede.

Simon Fortescue, do MI6, presidia a reunião, num terno listrado, camisa listrada e gravata listrada. O Executivo de Operações Especiais, SOE, estava representado por John Graves, do Ministério da Economia de Guerra, que teoricamente supervisionara o SOE durante a guerra. Como os outros funcionários públicos do comitê, Graves vestia o uniforme de Whitehall, paletó preto e calça cinza listrada. O bispo de Malborough vestia camisa clerical roxa, sem dúvida para dar a dimensão moral da função de honrar homens por matar outros homens. O coronel Algernon "Nobby" Clarke, da Inteligência, era o único membro do comitê que tinha visto ação durante a guerra.

O chá foi servido pela secretária do comitê e um prato de biscoitos passado enquanto os homens deliberavam.

A manhã ia em meio quando abordaram o caso das Jackdaws de Reims. John Graves disse: – A equipe era formada por seis mulheres, e só duas voltaram. Mas destruíram a central telefônica em Santa Cecília, que era também o quartel-general da Gestapo.

– Mulheres? – o bispo perguntou. – Você disse seis mulheres? – Sim.

– Incrível. – Seu tom era de desaprovação. – Por que mulheres? – A central telefônica era fortemente guardada, mas elas entraram se fazendo passar

por faxineiras.

– Compreendo.

Nobby Clarke, que tinha passado grande parte da manhã fumando um cigarro depois do outro, em silêncio, agora disse: – Depois da libertação de Paris, interroguei um tal major Goedel, que foi ajudante de campo de Rommel. Ele disse que tinham sido praticamente paralisados pela interrupção das comunicações no dia D. Ele achava que foi um fator significativo no sucesso da invasão. Eu não tinha ideia de que as responsáveis fossem umas poucas mulheres. Acho que estamos falando sobre a Cruz Militar, não estamos? – Talvez – disse Fortescue afetadamente. – Entretanto, houve problemas disciplinares com esse grupo. Foi registrada oficialmente uma queixa contra a líder, major Clairet, por ter insultado um oficial da Guarda.

– Insultado? – perguntou o bispo. – Como? – Houve uma briga num bar, e ela o mandou se foder, com perdão da palavra, bispo.

– Incrível. Ela não parece o tipo de pessoa que deva ser considerada uma heroína pelas gerações futuras.

– Exatamente. Nesse caso, uma condecoração menor que a Cruz Militar... talvez o MBE, um membro da Ordem do Império Britânico.

Nobby Clarke falou outra vez: – Eu discordo – ele disse suavemente. – Afinal, se essa mulher fosse uma covarde, não seria capaz de explodir uma central telefônica bem debaixo do nariz da Gestapo.

Fortescue se irritou. Não costumava encontrar oposição. Detestava gente que não se intimidava com ele. Olhou em volta.

– O consenso da reunião parece não concordar com sua opinião.

Clarke franziu a testa.

– Suponho que posso apresentar uma recomendação da minoria – ele disse com obstinada paciência.

– Sem dúvida – disse Fortescue. – Embora eu duvide que adiante muito.

Clarke deu uma tragada no cigarro, pensativamente.

– Por que não? – O ministro ficará a par de um ou dois indivíduos da nossa lista. Em casos como esse, ele seguirá as suas próprias inclinações, independentemente de nossas recomendações.

Em todos os outros casos, ele seguirá nossa sugestão, uma vez que não está pessoalmente interessado. Se o comitê não for unânime, ele aceitará a recomendação da maioria.

– Compreendo – disse Clarke. – Mesmo assim, eu gostaria que fosse registrado o fato de que discordo do comitê e recomendo a Cruz Militar para a

major Clairet.

Fortescue olhou para a secretária, a única mulher na sala. – Por favor, registre isso, senhorita Gregory.

– Muito bem – ela disse, em voz baixa. Clarke apagou o cigarro e acendeu outro. E esse foi o fim da conversa.

FRAU WALTRAUD FRANCK chegou feliz em casa. Tinha conseguido comprar um pescoço de carneiro. Era a primeira vez que via carne em meses. Foi a pé de sua casa no subúrbio para o Centro bombardeado de Colônia, e passou a manhã toda na fila do açougue. Também conseguiu dar um sorriso forçado quando o açougueiro, Herr Beckmann, passou a mão no seu traseiro, pois se tivesse reclamado ele diria que já tinha "vendido tudo" quando chegasse sua vez. Mas ela podia suportar as mãos irrequietas de Beckmann. Teria carne por três dias com aquele pescoço de carneiro.

– Já cheguei! – ela cantarolou quando entrou em casa. Os filhos estavam na escola, mas Dieter estava em casa. Ela guardou a carne preciosa na despensa. Guardaria para a noite, quando as crianças estivessem ali. Para o almoço, ela e Dieter tomariam sopa de repolho com pão preto. Entrou na sala de estar.

– Olá, querido – ela disse alegremente.

Seu marido estava sentado, imóvel, na frente da janela. Uma venda de pirata preta cobria um olho. Estava com um dos seus belos ternos, mas a roupa pendia folgada do corpo magro, e sem gravata. Ela tentava vestir bem o marido todas as manhãs, mas nunca conseguia dar o nó na gravata. Dieter tinha uma expressão vaga, e um fio de saliva escorria de sua boca aberta. Ele não respondeu ao cumprimento da mulher.

Ela estava acostumada. – Adivinhe – ela disse. – Comprei um pescoço de carneiro! Dieter virou para ela o olho bom. – Quem é você? – ele perguntou. Ela se inclinou e o beijou. – Teremos carne assada esta noite, no jantar. Não é uma sorte? NAQUELA TARDE, FLICK e Paul se casaram numa pequena igreja, em Chelsea. Foi uma cerimônia simples. Tinha acabado a guerra na Europa e Hitler estava morto, mas os japoneses defendiam ferozmente Okinawa, e a austeridade do tempo de guerra continuava a limitar o estilo de vida dos londrinos. Flick e Paul estavam de uniforme. Era difícil encontrar tecido para vestido de noiva, e Flick, como viúva, não queria vestir branco.

Percy Thwaite levou Flick até o altar. Ruby era senhora de honra. Não podia ser dama de honra, porque já era casada com Jim, o instrutor de tiro da Escola de Aperfeiçoamento, sentado na segunda fila. O pai de Paul, general Chancellor, era o padrinho. Continuava com um cargo em Londres, e Flick já o

conhecia muito bem. Ele tinha fama de ogro no Exército dos Estados Unidos, mas ela sabia que era muito querido. Na igreja estavam também mademoiselle Jeanne Lemas. Ela fora levada para o campo de concentração em Ravensbrück com a jovem Marie; Marie morreu lá, mas de algum modo Jeanne Lemas sobreviveu, e Percy Thwaite fizera o impossível para levá-la a Londres para o casamento. Ela estava na terceira fila, com um chapéu pequeno.

O Dr. Claude Bouler também sobreviveu, mas Diana e Maude tinham morrido em Ravensbrück. Antes de morrer, Diana foi uma líder no campo, segundo mademoiselle Lemas.

Usando a fraqueza dos alemães para mostrar deferência pela aristocracia, ela destemidamente enfrentava o comandante do campo, queixando-se das condições dos prisioneiros e exigindo melhor tratamento para todos. Não conseguiu muita coisa, mas sua coragem e otimismo serviram para elevar o moral dos prisioneiros famintos, e vários sobreviventes afirmavam que graças a ela tinham mantido a vontade de viver.

A cerimônia foi breve. Quando terminou, e Flick e Paul eram marido e mulher, eles simplesmente saíram e ficaram na frente da igreja para receber os cumprimentos. A mãe de Paul estava presente também. De algum modo, o general tinha conseguido para sua mulher uma passagem num hidroavião transatlântico. Ela chegara na véspera, tarde da noite, e agora era a primeira vez que se encontrava com Flick. Ela a examinou de alto a baixo, evidentemente se perguntando se aquela mulher era bastante boa para se casar com seu maravilhoso filho. Flick não gostou. Mas pensou que isso era natural numa mãe orgulhosa e beijou calorosamente o rosto da senhora Chancellor.

Iam morar em Boston. Paul pretendia dirigir seu plano educacional. Flick planejava terminar seu doutorado e depois ensinar cultura francesa aos jovens americanos. A viagem transatlântica de cinco dias seria sua lua de mel.

A mãe de Flick estava presente, com um chapéu comprado em 1938. Ela chorou, embora fosse o segundo casamento da filha a que ela assistia. A última pessoa do pequeno grupo a beijar Flick foi seu irmão, Mark. Faltava apenas mais uma coisa para fazer com que a felicidade de Flick fosse perfeita. Ainda abraçando Mark, ela se voltou para a mãe, que por cinco anos não falava com ele. – Veja, mamãe – ela disse. – Aqui está Mark. Mark ficou apavorado. A mãe hesitou por um momento. Então abriu os braços e disse: – Olá, Mark.

– Oh, mãe – ele disse e a abraçou.

Depois disso, saíram todos para a luz do sol.

FIM



DA HISTÓRIA OFICIAL

"Normalmente, mulheres não organizavam sabotagem; mas Pearl Witherington, uma espiã britânica treinada, dirigiu um maquis ativo de uns dois mil homens em Berry, com bravura e distinção depois que a Gestapo prendeu o organizador do movimento. Ela foi intensamente recomendada para a Cruz Militar, para a qual as mulheres eram inelegíveis; e recebeu em lugar dela uma MBE civil, que devolveu, alegando não ter feito “nada civil." FOOT, M.R.D (1919-2012) SOE na França (HMSO, Londres, 1966)

AGRADECIMENTOS

Para informação e orientação sobre o Executivo de Operações Especiais, SOE, agradeço a M.R.D. Foot; sobre o Terceiro Reich, a Richard Overy; sobre a história do sistema telefônico, a Bernard Green; sobre armas, a Candice DeLong e David Raymond. Pela ajuda na pesquisa em geral, sou grato, como sempre, a Dan Starer, da Research for Writers, na cidade de Nova York, Dstarer@bellatlantic.net; e a Rachel Flagg. Recebi muita ajuda valiosa dos meus editores: Phyllis Grann e Neil Nyren, em Nova York; Imogen Tate, em Londres; Jean Rosenthal, em Paris; e Helmut Pesch, em Colônia; e dos meus agentes, Al Zuckerman e Amy Berkower. Vários membros da família leram as primeiras provas e fizeram críticas construtivas, especialmente John Evans, Barbara Follett, Emanuele Follett, Jann Turner e Kim Turner.

Fonte do arquivo .rtf



Escaneado e corrigido por Edith Suli e Josué Matias Jr.

Formatação .ePub



2013